



**UFAM**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MATHEUS MENDONÇA AZEVEDO

**TEMPOS DESARTICULADOS? ACELERAÇÃO, NOSTALGIA E  
EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DO TEMPO EM ZYGMUNT  
BAUMAN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de Pesquisa:** Cultura e Representações.

**Orientador:** Prof. Dr. Glauber Cícero Ferreira Biazo.

Manaus, Amazonas - Janeiro de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MATHEUS MENDONÇA AZEVEDO

**TEMPOS DESARTICULADOS? ACELERAÇÃO, NOSTALGIA E  
EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DO TEMPO EM ZYGMUNT  
BAUMAN**

MANAUS, AM - 2024

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A994t Azevedo, Matheus Mendonca  
Tempos Desarticulados? Aceleração, Nostalgia e Experiências  
Contemporâneas do Tempo em Zygmunt Bauman / Matheus  
Mendonca Azevedo . 2024  
164 f.: 31 cm.

Orientador: Glauber Cícero Ferreira Biazó  
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Tempo Histórico. 2. Zygmunt Bauman. 3. Experiências do  
Tempo. 4. Nostalgia. 5. Aceleração. I. Biazó, Glauber Cícero  
Ferreira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

[...] Encaro problemas profundos como um banho frio - entrando rapidamente e saindo rapidamente. Que assim não possamos chegar à profundidade, *descer* o suficiente, é uma superstição dos que temem a água, dos inimigos da água fria; eles falam sem a experiência. Oh! o frio intenso torna veloz! - E pergunto de passagem: uma coisa permanece de fato incompreendida e não conhecida por ser apenas em voo tocada, avistada e relampejada? É preciso absolutamente ficar sobre ela? chocá-la como a um ovo? *Diu noctuque incubando* [incubando-a dia e noite], como falou Newton de si mesmo? Pelo menos existem verdades de particular timidez e melindre, que não podem ser apanhadas senão de repente - que é preciso *surpreender* ou deixar de lado...

(Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*).

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para a frente do que já vivi até agora. Tenho muito mais passado do que futuro.  
(Mário de Andrade - O valioso tempo dos maduros)

O meu País de sonho e de ansiedade,  
Não sei se esta quimera que me assombra,  
É feita de mentira ou de verdade!  
Quero voltar! Não sei por onde vim...  
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra  
Por entre tanta sombra igual a mim!  
(Florbela Espanca - Nostalgia)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais – José e Maria – que, como tantos outros homônimos e anônimos, nunca mediram esforços em trabalhar, educar os filhos e sobreviver neste mundo. A vocês devo muito mais que a minha mera existência; fruto de uma dívida que jamais será expressa em palavras. Também sou profundamente grato à alegria e companhia diária de minha irmã Letícia, a quem amo profundamente.

Ao professor e orientador Glauber Cícero Ferreira Biazo, que sempre foi solícito, humano, exemplar e compreensível em todo o período em que trabalhamos em conjunto. Sua leitura impecável e o tratamento do trabalho, ao longo desses anos, foram fontes de inspiração e me permitiram ter um norteamento intelectual bastante proveitoso.

Sou profundamente grato à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo apoio financeiro sem o qual a presente pesquisa jamais poderia ter sido concebida, pensada, reformulada ou concluída. Realizar pesquisa no Brasil é uma tarefa árdua e excruciante, por isso agradecimento ao incentivo das bolsas de pós-graduação é fundamental para que a pesquisa possa ser realizada em alguma medida.

Sou profundamente grato às brilhantes observações, críticas e sugestões da banca de qualificação, composta pelo Prof. Dr. Sinval Carlos Mello Gonçalves e pelo Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior, que foram fundamentais para a continuidade e o estabelecimento de eixos para o presente trabalho de pesquisa. Deste modo, sou imensamente grato ao Prof. Dr. Evandro dos Santos pela impecável leitura, arguição e leitura do texto de dissertação. Também reitero o agradecimento ao retorno do Prof. Sinval para a minha banca de defesa, na qual pontuou brilhantes e indispensáveis observações acerca do trabalho de pesquisa.

Ao meu querido amigo Paulo Henrique Saboia, que sempre esteve comigo desde que dei início à minha vida na universidade, mesmo com as distâncias espaciais que a vida impôs, nunca perdemos de vista o valor e o significado da palavra amizade. Também à Kerolayne Souza por ter sempre sido amável comigo e ser uma amiga exemplar, além de sempre ter me recebido tão bem em sua casa. Também sou grato aos

amigos de Manacapuru, em especial ao Silva e ao Gadelha que me ajudaram, ainda que sem saber disso, em muitos momentos cruciais durante esse processo - e eu sei que vocês compreendem, em grande medida, as minhas ausências.

Aos amigos e colegas do PPGH-UFAM. Sou grato ao Francisco Adriano Macêdo pela amizade e exemplo intelectual, que foi uma amizade que acabei tecendo em meio a zonas cinzentas de sentido durante o mestrado. Agradeço também ao querido Hélio Dantas pela conversa, conselhos preciosos e observações intelectuais impecáveis ao longo do tempo em que a pós-graduação permitiu que nos conhecêssemos. Sou grato à querida e importante amizade de Deborah Vilhena, que me nutriu de forças e esperanças em momentos cruciais para que pudesse manter a serenidade de prosseguir.

Aos amigos de longa data de graduação em História, que, apesar dos distanciamentos e aproximações por conta da vida ao longo dos anos, jamais os esqueci. Agradeço especialmente ao Marcos Alvarenga e ao Avelino Silva, que me encheram de forças sem mesmo saber em diversos momentos dessa trajetória e que são pessoas muito importantes para mim. Eu também não posso esquecer de mencionar a gratidão que sinto aos camaradas Marcos Lucas e Lucas Moura, pelas histórias vividas desde os tempos de graduação.

Agradeço à importante amiga Michele Pires pelas trocas, diálogos, impressões e pela sensibilidade na partilha de saber e experiência. Sou grato à Dhyene pelo apoio e a vibração sincera com as minhas ideias e conquistas. E também agradeço ao Roger, César e Isabel pela companhia e conversas sempre proveitosas.

Agradeço às amigas Roberta e Monize que foram amigas importantes que atenuaram, direta ou indiretamente, o peso da minha rotina durante uma parte do mestrado. Sou grato à Maysa pela amizade e sobretudo pelo olhar arguto sobre o mundo, com quem muito pude aprender, observar e admirar. Agradeço também à querida amiga Raylane, com quem pude travar intensos e profundos diálogos intelectuais, fazendo-me refletir muito sobre minhas próprias questões de pesquisa.

Por fim, agradeço a todos e todas que atravessaram o meu caminho durante esse processo, que constitui um desafio não só pessoal mas também existencial em muitos aspectos.

## **RESUMO:**

O presente trabalho de dissertação procura discutir e problematizar o problema da aceleração, da nostalgia e das experiências de tempo no presente a partir do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O objetivo central da pesquisa visa compreender de que maneira aceleração e nostalgia estão articuladas temporalmente, ao serem vislumbradas a partir do trabalho de Bauman, buscando elaborar em grande medida as principais tensões temporais que podem advir. Deste modo, buscamos compreender de que maneira passado, presente e futuro são articulados e relacionados a partir do programa sociológico baumaniano tendo a noção de “liquidez” como central em nosso foco de análise. Para isso, o diálogo com Reinhart Koselleck, historiadores e intelectuais que se debruçaram sobre o problema do tempo e da aceleração na contemporaneidade, se faz uma estratégia metodológica imprescindível. Além disso, para retomar a relação entre aceleração e nostalgia, procuramos discutir de que modo um tópico está ligado ao outro, privilegiando na análise da noção de “retrotopia”, formulada por Bauman, algumas tensões relativas à experiência do tempo e à interface entre passado e presente. Nosso principal resultado, portanto, é de que a partir de Bauman é possível identificar uma relação entre aceleração (liquidez) e nostalgia (retrotopia) em diversos aspectos. Buscamos, com isso, contribuir de algum modo para as discussões em Teoria da História, na historiografia, no diálogo interdisciplinar e nos debates sobre os sentidos do Tempo Histórico contemporâneo.

**Palavras-chave:** Tempo Histórico, Zygmunt Bauman, Experiências do Tempo, Nostalgia, Aceleração.

## **ABSTRACT:**

This dissertation seeks to discuss and problematize the problem of acceleration, nostalgia and experiences of time in the present based on the Polish sociologist Zygmunt Bauman. The central objective of the research aims to understand how acceleration and nostalgia are temporally articulated, when glimpsed from Bauman's work, seeking to elaborate to a large extent the main temporal tensions that may arise. In this way, we seek to understand how the past, present and future are articulated and related based on the Baumannian sociological program, with the notion of “liquidity” as central to our analytical focus. To this end, the dialogue with Reinhart Koselleck, historians and intellectuals who have studied the problem of time and acceleration in contemporary times becomes an essential methodological strategy. Furthermore, to return to the relationship between acceleration and nostalgia, we seek to discuss how one topic is linked to the other, privileging in the analysis of the notion of “retrotopia”, formulated by Bauman, some tensions related to the experience of time and the interface between past and present. Our main result, therefore, is that from Bauman it is possible to identify a relationship between acceleration (liquidity) and nostalgia (retrotopia) in several aspects. We seek, with this, to contribute in some way to discussions in History Theory, historiography, interdisciplinary dialogue and debates about the meanings of contemporary Historical Time.

**Keywords:** Historical Time, Zygmunt Bauman, Experiences of Time, Nostalgia, Acceleration.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - “Tempo, tempo, tempo...”: O problema do Tempo Histórico e as historicidades contemporâneas.</b>	<b>15</b>
1.1 A estrutura temporal da Modernidade em Reinhart Koselleck: o tempo histórico	15
1.1.1 A questão do Tempo Histórico: aceleração e estratos de tempos	19
1.1.2 Espaço de experiência e horizonte de expectativas: as categorias meta-históricas	22
1.2 As temporalidades no ‘presente histórico contemporâneo’: as experiências contemporâneas do tempo	24
1.2.1 Três diagnósticos de tempo no século XXI	29
1.2.1.1 François Hartog: Presentismo e Regimes de Historicidade	29
1.2.1.3 Aleida Assmann: entre excessos de passado e escassez de futuro	32
1.2.1.4 A Teoria Crítica da Aceleração Social de Hartmut Rosa	33
<b>CAPÍTULO 2 - O “derretimento” da temporalidade: Bauman e a metáfora dos “líquidos”</b>	<b>38</b>
2.1 Da “Pós-Modernidade” à “Modernidade Líquida”: questões, definições e impasses	38
2.2 A “liquidez” como expressão de “aceleração”	49
2.3 A transformação histórica do capitalismo: fordismo e pós-fordismo	61
<b>CAPÍTULO 3 - Um romance com a fantasia? Utopia, “retrotopia” e nostalgia em Bauman.</b>	<b>71</b>
3.1 História, Utopia, Nostalgia e Memória.	71
3.1.1 “Curto-circuito histórico”: do conceito utopia e sua temporalização.	71
3.1.2 “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”: uma “gênese” conceitual da nostalgia	74
3.1.3 A nostalgia: o encantamento de um afeto histórico.	78
3.1.4 “Minha memória é como um monte de lixo”: memória e nostalgia	82
3.2 Utopia, “retrotopia” e nostalgia em Zygmunt Bauman.	90
3.2.1 A questão das utopias em Bauman.	90
3.2.2 “Retrotopia”: a original abordagem de Bauman sobre a nostalgia.	94
3.2.3 A nostalgia e o passado: um olhar crítico-historiográfico sobre Bauman	102
3.2.4 “Um mundo que mudasse com menor rapidez...”	107
<b>CAPÍTULO 4 - Em mundos fragmentados: as experiências do tempo presente em Zygmunt Bauman.</b>	<b>113</b>
4.1 Projeto de Vida: identidades sólidas “para a vida toda”?	114
4.1.2 A flexibilização da vida e a erosão do sujeito	118
4.2 Temporalidades despedaçadas: as experiências de tempo em Zygmunt Bauman.	123



4.2.1 A não-linearidade dos tempos: a “falta de coesão” como elemento de descontinuidade no presente “líquido”.	129
4.2.2 Episódios de vivência e a experiência acelerada de tempo.	135
4.2.3 Um presente repleto de instantes sucessivos.	139
4.2.4 Bauman e a Multiplicidade dos Tempos Históricos em perspectiva	143
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>148</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>153</b>

## INTRODUÇÃO

O tempo como problema histórico e social levanta complexas questões para a ciência da história. Na realidade, a pergunta sobre o tempo é fundamental, seja de um ponto de vista histórico, social ou filosófico: “O que é o tempo, então?”, questionou-se Santo Agostinho, ao que sua tentativa de resposta esvaiu-se no próprio tempo: “se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei”<sup>1</sup>. A partir disso, tal questão foi atravessada historicamente por inúmeras tentativas de resposta, malgrado a pertinência que esse problema revelou na história do pensamento, o mesmo ainda nos incomoda fortemente e permanece ativo, convidando a reflexões sobre seus sentidos e formas de experiência.

O objetivo da presente dissertação é examinar as experiências de tempo contemporâneas a partir da tomada de algumas obras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman como objeto de análise. Mais detidamente, à luz dos estudos em Teoria da História, pretendemos esmiuçar a questão que coloca em que medida passado e futuro, aceleração e nostalgia, enquanto experiências específicas de tempo da Modernidade, estão articuladas a partir da tomada do sociólogo polonês como fonte privilegiada. A partir da problematização de uma série de conceitos, alegorias e metáforas de Bauman, pretendemos discutir de que modo uma parte da produção do autor pode ser compreendida como uma análise das temporalidades do presente.

Nos estudos em Teoria da História, desenhando influências de questões teóricas que são traçadas desde Reinhart Koselleck, a pesquisa procura discutir de que modo algumas questões estão presentes em Bauman e, a partir disso, podem ser passíveis de problematização teórica. A relevância do estudo reside, assim, em tentar demonstrar as capilaridades, tensões, limites ou possibilidades dos esquemas, formulações e abordagens de Bauman sobre a modernidade, sociedade e a temporalidade, que é o ponto nevrálgico da pesquisa.

---

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. Confissões; tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi. - 2ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 319.

Nesse sentido, alguns diagnósticos de tempo estão presentes atualmente nas discussões teóricas da historiografia. O “regime de historicidade presentista”, esboçado por François Hartog, é certamente um dos mais famosos nesse sentido, ao discutir as relações entre passado, presente e futuro e suas tensões a cada grande período histórico, denominado de “regime de historicidade”. Hans Ulrich Gumbrecht e o “amplo presente”, apesar de guardar similaridades com o diagnóstico de presente com Hartog, diverge na concepção sobre aceleração e segue uma rota própria em sua interpretação. Similar ao diagnóstico de Hartog, há o de Aleida Assmann, que discute a partir da transformação da memória a mudança no regime da experiência de tempo moderna, assinalando uma nova configuração temporal para o presente, pautada no passado e na memória.

É importante para a pesquisa se situar num conjunto de reflexões teóricas e historiográficas que tomem o tempo como questão nevrálgica<sup>2</sup>. Embora com divergências e convergências em níveis distintos, o que há de comum nessas abordagens é a influência teórica de Reinhart Koselleck. O historiador alemão traçou as questões fundamentais, de um ponto de vista teórico e historiográfico, dos elementos das transformações temporais da Modernidade. As ferramentas teóricas e o procedimento analítico oriundo do pensamento de Koselleck são centrais, para a presente pesquisa, pois permitem-nos pensar na historicidade do tempo.

Tais elementos teóricos se desdobram de um par de categorias como “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, de um lado, e, de outro, uma sistematização da complexidade temporal, a saber, da assim chamada “multiplicidade de tempos históricos”, ou, como prefere Koselleck, dos “estratos de tempo”.

---

<sup>2</sup> Referências importantes nesse sentido se constituem a partir de: HUNT, Lynn. *Measuring time, making history*. The Natalie Zemon Davis Annual Lecture Series at Central European University, Budapest, 2008. KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006. ASSMANN, Aleida. *Conclusion: A Creed That Has Lost its Believers? Reconfiguring the Concepts of Time and History*. In: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new approaches to presentism*. Bloomsbury Academic, London, 2019. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987; FAZIO VENGOA, Hugo. *La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos*. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010. HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed., 2019.

A partir dessas categorias, pretendemos lançar as bases da questão que irá percorrer a dissertação, a saber: de que maneira os fenômenos de aceleração e nostalgia estão ou podem ser articulados a partir de Zygmunt Bauman? Para tanto, uma de nossas questões norteadoras no presente trabalho busca discutir se a metáfora dos “líquidos” pode ser compreendida como uma tentativa de Bauman traduzir, em alguma medida, em seus textos, a tendência de uma experiência acelerada do tempo.

Segundo Koselleck, a experiência de aceleração faz parte atualmente de uma experiência cotidiana básica. Uma questão que se delinea a partir disso seria exatamente como compreender de que modo na produção de Bauman a aceleração ou a experiência acelerada de tempo pode ser vislumbrada ou se manifesta. A ideia de aceleração esboçada por Koselleck influenciou de modo decisivo nos diagnósticos de tempo que desenham, pelo menos, desde os anos 1980 um cenário no qual o “presente” seria a dimensão fundamentalmente imprescindível para se pensar a experiência de tempo acelerada, que caracterizaria os dias atuais. Lorenz ainda ressalta que diagnósticos que sublinham a aceleração como problema de temporalidade, tais como o de Hartmut Rosa, delinham o problema da aceleração como algo central para se pensar as experiências de tempo.

A interdisciplinaridade, nesse sentido, é um elemento fulcral ao se tratar de tais questões teóricas relativas aos estudos sobre o tempo. Todos os estudos citados acima, possuem, em maior ou menor grau, uma relação entre si no que tange ao gesto intelectual de avaliar o estatuto temporal do presente histórico. A pesquisa que aqui se desenha, tem como objetivo analisar uma parte da produção de Zygmunt Bauman tanto em diálogo com essas perspectiva teóricas e na historiografia, quanto a possibilidade de analisar historicamente - sob tais prismas - as questões temporais que podem emergir da leitura de Bauman enquanto fonte. Tendo em vista esse elemento interdisciplinar, decidimos focar, nessa pesquisa, na investigação de algumas noções de um autor bastante polêmico, problemático e, paradoxalmente, conhecido: Zygmunt Bauman. A partir da análise de algumas obras, como se verá adiante, tentaremos responder que articulações podem ser possíveis entre duas noções presentes na produção sociológica de Bauman: a de “liquefação” ou “liquidez”, de um lado, e, “retrotopia”, de outro.

Quais as razões e sentidos das escolhas da pesquisa? Em primeiro lugar, podemos dizer que existem pouquíssimos trabalhos que tentaram articular teoricamente

no interior das brechas que Bauman abre para se pensar o problema das temporalidades do tempo presente. Depois, a partir de nossas questões norteadoras centrais, acreditamos que seja possível extrair, da problematização das noções Bauman, caminhos proveitosos para endossar reflexões intelectuais no âmbito da Teoria da História e da História da Historiografia. Por isso, decidimos enfrentar o árduo desafio de mergulhar na liquidez do presente que Bauman sugere enquanto metafórica para a própria modernidade bem como para o capitalismo.

Além disso, em sua última empreitada antes de seu falecimento, em 2017, que abre margem para o questionamento sobre o estatuto do passado diante da “liquidez” tardo-moderna, traduzido no neologismo “retro topia”, ou o fenômeno nostálgico, Bauman sinaliza importantes questões acerca do passado no interior de seu programa sociológico. A questão central que justifica ambas as categorias numa possibilidade analítica está na ampla bibliografia sobre o tema que será explorada na dissertação, indicando a relação entre modernidade, aceleração e nostalgia em momentos especificamente históricos.

Em termos teóricos, chamaremos isso como um processo de “temporalização da nostalgia”. Assim como Koselleck demonstrou que a utopia foi “temporalizada”, apresentaremos uma discussão historiográfica nesse sentido em relação à nostalgia, que guarda tanto a característica da saudade espacial (como no caso dos estrangeiros), ou num imbricado e complexo saudosismo frequentemente de um passado não experimentado e, portanto, inacessível à memória.

Discutir a nostalgia é, ao mesmo tempo, abrir o debate sobre uma experiência fundamental da modernidade e, por conseguinte, da abertura de pontas para a discussão sobre os sentidos e significados do Tempo Histórico no presente e de suas possíveis experiências de tempo. A nostalgia, como sentimento e uma emoção histórica, está situada diante de uma relação de desenraizamento, deslocamento e perda de sentido espaço-temporal. Nesse sentido, trata-se de delinear o problema dos passados que se fazem presente como experiência de tempo, balizando a nostalgia como questão histórica e teórica.

Por outro lado, com efeito, devemos lembrar que “os historiadores são em geral pouco interessados pelo fenômeno da nostalgia”.<sup>3</sup> Nesse sentido, buscando contrariar tal desinteresse historiográfico e assumindo os riscos e responsabilidades de se tomar a nostalgia como problema teórico para se pensar o Tempo Histórico contemporâneo em suas múltiplas manifestações, a presente pesquisa procura tomar como fonte privilegiada de análise e reflexão a abordagem de Bauman e a sua relação, dentro de programa sociológico, com a nostalgia.

Existem alguns trabalhos que já discutiram as questões de temporalidade, aceleração e nostalgia em Bauman de forma tangenciada ou específica. Tais pesquisas foram produzidas fora do campo da historiografia e também são oriundas de pesquisadoras e pesquisadores do Norte Global. Nesse sentido, abre-se uma lacuna de que, de algum modo, este trabalho de pesquisa procura infiltrar lançando questões e problemas que possam ir para além da tomada de Bauman como objeto de análise específico, mas que permitam novas reflexões diante do quadro e questões que serão discutidas. Nessa perspectiva, constitui elemento central da pesquisa discutir o problema da aceleração enquanto experiência contemporânea de tempo, a partir da leitura de Bauman, porém considerando a nostalgia como fenômeno e problema meta-histórico à ela relacionada. Tal questão nasce da observação de alguns autores e autoras, tais como Pierre Nora, Frederic Jameson, Aleida Assmann, Andreas Huyssen ou Svetlana Boym qual seja, pensar não só a proficuidade da relação entre passado, mas também e, sobretudo, a maneira como as temporalidades se reconfiguram ou podem se manifestar socialmente na experiência.

Como manifestação social, a nostalgia leva a um neologismo específico no programa sociológico de Zygmunt Bauman: “retrotopia”. A partir da concepção segundo a qual a utopia de tipo futurista já não mais desenha horizontes “estáveis” de confiança e segurança em algum futuro imaginado, Bauman sinaliza, com isso, que a “era da nostalgia” engendra toda sorte de utopias voltadas ao passado, que se manifestam em sonhos restaurativos, discursos conservadores e o anseio por comunidade em um mundo hiper individualizado. Para Bauman, dessa forma, os sonhos

---

<sup>3</sup> FREIXO, A. de L.; ABREU, M. S. de; DA MATA, S. A nostalgia como problema meta-histórico: uma introdução. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 139.

“retrotópicos” possuem um caráter de resposta a um mundo “fragmentado” em múltiplos pedaços e sentidos.

Ora, é questão fundamental deste trabalho abordar que a noção de “fragmentação” possui uma relação central com a concepção baumaniana de temporalidade, conferindo matizes específicos à experiência de aceleração no cerne de sua filosofia social da “liquidez”. Dessa maneira, buscamos responder à questão fundamental desta pesquisa: como podemos analisar a interação entre aceleração e nostalgia, enquanto experiências temporais, por meio da interpretação de Zygmunt Bauman?

Para responder a essa questão, tomaremos as obras de Zygmunt Bauman intituladas “*A sociedade individualizada*”, “*Modernidade Líquida*”, “*Vida Líquida*”, “*Tempos Líquidos*”, “*Sociedade para consumo*” e “*Retrotopia*” como fontes privilegiadas de leitura. Com isso, optamos por essa abordagem e tais escolhas de fontes devido ao diálogo estabelecido com os comentadores de Bauman, os quais concordam que uma série de obras do autor podem ser interpretadas a partir do período em que ele desenvolve uma sociologia destinada ao público em geral, não restrita exclusivamente ao meio acadêmico. Além disso, a dissertação está composta por quatro capítulos nos quais, cada um, a seu turno, procura discutir os contornos de nossa questão geral. O primeiro capítulo busca apresentar, em linhas gerais, as dimensões teóricas e historiográficas que giram em torno do problema do tempo na historiografia e, mais ainda, de algumas abordagens importantes para a consolidação da reflexão do tempo como problema para o presente trabalho de dissertação.

No segundo capítulo, discutimos a trajetória intelectual de Bauman e alguns de seus percursos, privilegiando o problema da “fase líquida” de seu pensamento. Buscamos problematizar os sentidos da metáfora da “liquidez” para a presente pesquisa, tomando como recurso metodológico o diálogo com algumas pesquisas a respeito do tempo em Bauman, mas, sobretudo, de seus principais estudiosos e comentadores. Neste capítulo procuramos responder à seguinte questão: a metáfora da liquidez pode ser compreendida, de algum modo, como uma forma de expressão da aceleração contemporânea?

No terceiro capítulo procuramos nos concentrar no problema da nostalgia. Num primeiro momento do capítulo, discutimos a importância histórico-semântica do conceito de utopia a partir de Koselleck, em virtude de sua temporalização, buscando evidenciar como nostalgia e utopia estão articuladas - não só a partir do pensamento baumaniano, como veremos - mas de forma histórica. Assim, buscamos discutir as principais dimensões e problemas que a nostalgia implica à historiografia e aos historiadores e historiadoras em geral.

Na segunda parte do terceiro capítulo, tomamos efetivamente a discussão sobre os sentidos da utopia, da nostalgia e da noção de “retrotopia” formulada por Bauman. Neste ponto, nosso argumento se divide em duas questões centrais. A primeira delas trata de desmembrar os sentidos da utopia e da “retrotopia” para o autor, buscando compreender suas dimensões mais ou menos específicas e seu caráter social. A segunda questão procura discutir se, de alguma forma, há uma relação entre aceleração e nostalgia no interior do léxico baumaniano e, mais ainda, procuramos evidenciar as polêmicas relações de Bauman com a nostalgia em diálogo com um de seus principais estudiosos e comentadores.

Já no quarto e último capítulo procuramos expor de forma teórica as principais linhas de força que foram traçadas, como resultado da pesquisa, sobre os sentidos da experiência de tempo em Bauman e como ela se apresenta de maneira bastante difusa, mas não condensada, ao longo das obras analisadas. compreender a vida “líquida” como a experiência de se viver fragmentado, num espaço de experiência fugidivo, sem a coerência temporal e narrativa da modernidade Clássica. Corolário disso será avaliar como o neoliberalismo (sob o signo da “liquidez”, em Bauman, apontado no primeiro capítulo) engendra essa experiência de tempo fragmentada, seriada e episódica.

Nosso argumento central, ao fim do trabalho, concatenando as discussões ao longo da pesquisa, será o de que existe uma relação entre experiência e expectativa que pode ser vislumbrada a partir da leitura de Bauman, sem esgotar ou, por outro lado, encerrar de forma alguma as questões aqui apresentadas, mas muito pelo contrário disso. A partir do diálogo com o historiador brasileiro Rodrigo Turin, tentaremos mostrar que Bauman sinaliza que a questão do “tempo líquido” é justamente o caráter altamente volátil da vida cotidiana, o que o faz ser estreitamente associado à incerteza,



risco e medo no horizonte de expectativa<sup>4</sup>. Esse horizonte de expectativa, como lembra Paulo Arantes, é de outra ordem, pois as expectativas contemporâneas estão em estado decrescente. Se as “expectativas” de nosso presente histórico são decrescentes, obtusas e tempestuosas, carregadas de incerteza e medo, que lugar ocuparia a experiência para a forja de uma expectativa nesses moldes?

## **CAPÍTULO 1 - “Tempo, tempo, tempo...”: O problema do Tempo Histórico e as historicidades contemporâneas.**

### **1.1 A estrutura temporal da Modernidade em Reinhart Koselleck: o tempo histórico**

O tempo como problema histórico e na historiografia está intimamente ligado à Modernidade e, nas reflexões de Reinhart Koselleck, são elementos decisivamente indissociáveis e fonte de importantes reflexões teóricas. É por meio da investigação minuciosa sobre a transformação semântica de conceitos fundamentais, políticos e sociais que esse historiador destrincha os fios, sempre envoltos num complexo emaranhado de disputas, da espinhosa questão sobre o tempo histórico. Ademais, os diagnósticos a respeito do conceito de modernidade geralmente vêm acompanhados de um debate ligado à transformação das estruturas e das experiências temporais. A maior parte da literatura atesta a importância fundamental que a experiência de tempo possui para qualquer tentativa de compreensão do tecido social, econômico e histórico. A

---

<sup>4</sup> Em recente trabalho, o historiador brasileiro Rodrigo Turin indicou algumas relações importantes que podem ser tecidas entre a aceleração e a semântica neoliberal. A similaridade dos termos que Turin trabalha são espantosamente próximas das que Bauman gravita. Apesar de Turin não utilizar Bauman em sua análise, acreditamos que o trabalho de pesquisa deste historiador pode fundamentar nosso argumento ao fim da dissertação. Ver: TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. 1ª. ed. Dansk: Zazie Edições, 2019.

modernidade, então, em termos históricos, problematizada como um amplo processo de mudança e de experiências tidas como inéditas.

O nome Koselleck, estreitamente associado à História dos Conceitos, evoca também a questão dos tempos históricos e da Modernidade com uma veemência implacável na historiografia recente<sup>5</sup>. As reflexões acerca das temporalidades impulsionaram diversos trabalhos que questionam, apropriam, disputam e tomam de empréstimo tais categorias de análise deixadas. É fundamental na teoria de o fato de que as experiências de tempo mudaram profundamente entre os séculos XVIII e XIX europeus, onde a desnaturalização da experiência histórica do tempo influenciou a semântica político-social, e palavras como democracia, progresso, ideologia ganharam status de conceitos altamente mobilizadores, ou seja, foram “temporalizados”.

A grande questão da história moderna está centrada em como, em cada presente, as sociedades humanas puseram em relação o passado e o futuro, isto é, a construção social e histórica dessas mesmas dimensões temporais. Este é o ponto nevrálgico da interpretação koselleckiana, calcada numa leitura da história moderna a partir das dinâmicas temporais, ou seja, das relações entre as dimensões de passado, presente e futuro.

Essa faixa de tempo entre os séculos XVIII e XIX, periodizada entre 1750-1850, denominada de “*Sattelzeit*”, seria melhor definida, portanto, como de um período onde é possível observar o florescimento da modernidade através da transformação da relação com o tempo e com o conceito de História<sup>6</sup>. É neste período que os conceitos

---

<sup>5</sup> Alguns trabalhos podem ser consultados a esse respeito: PALTÍ, Elías José. Koselleck y la idea de *Sattelzeit*. Un debate sobre modernidad y temporalidad. *Ayer* 53/2004 (1): 63-74.; MARRAMAO, Giacomo. Neu-Zeit. Modernidad y experiencia del tiempo. In: *Revista Anthropos – Huellas del conocimiento*. Nº 223, 2009.; OLSEN, Niklas. History in the Plural: an introduction to work of Reinhart Koselleck. Berghahn Books, 2012.; RÜSEN, Jörn. The horizon of history moved by modernity: after and beyond Koselleck. December, 2021, Vol. 60, Issue 4, p. 74-81.; ZAMMITO, John. Koselleck’s philosophy of historical time(s) and the practice of history. *History and Theory* 43 (February 2004), 124-135.; JORDHEIM, Helge. Against Periodization: Koselleck’s Theory of Multiple Temporalities. *History and Theory*, 51, 2012, 151–171; HELLERMA, Juhan. Koselleck on Modernity, *Historik*, and Layers of Time. *History and Theory* 59, no. 2 (June 2020), 188-209.

<sup>6</sup> A ideia central que subjaz o conceito de “*Sattelzeit*” está num eixo de compreensão epistemológica baseada na transformação estrutural dos conceitos políticos e sociais utilizados pela burguesia europeia. Por conseguinte, conforme sugere George Araújo, este seria o “momento-chave não só para a história europeia, mas também para a própria história mundial por ter implicado uma radical alteração da consciência histórica da época, modificando suas interpretações do passado e suas expectativas com relação ao futuro” (ARAÚJO, 2014). Compartilhando dessa perspectiva e referenciais, outro pensador bastante fundamental nos estudos sobre o tempo, Hans Ulrich Gumbrecht, também entende que um período cronológico que atravessa os séculos XVIII e XIX pode ser alocado a um amplo processo de transformações que construíram as concepções basilares da modernidade, relacionada ao que o autor

fundamentais foram temporalizados para a apreensão do novo tempo, construídos para representar, e, também, construir a noção de “mundo moderno”. O conceito de história, por exemplo, começaria a congregar todas as histórias plurais precedentes em um único bloco semântico tornando-se um singular-coletivo.

Também o aparecimento de conceitos de movimento em outros conceitos políticos e sociais passam a ser uma marca singular da modernidade, ao lado da experiência do “sempre novo”. Disso desprende-se que estes conceitos começam a possuir um coeficiente temporal que faz emergir a experiência da passagem do tempo dotada de um caráter qualitativo, que será expresso pelo conceito de progresso. Em Koselleck, a Modernidade é tida como uma forma inédita de se experimentar e se relacionar com o decurso do tempo, resguardada a observação de que “todas as histórias que ocorrem, independente de quando e onde, são sempre novas para os envolvidos e os afetados”<sup>7</sup>.

A qualidade que o tempo adquire está associada, também, à profunda transformação histórica e semântica que sofre o próprio conceito de História. A tese fundamental de que o antigo *topos* de Cícero que apregoava a história como mestra da vida (*Historia Magistra Vitae*), foi paulatinamente abandonada pela nova experiência do tempo “novo”, porque o futuro se manifestava como “aberto” e necessitava de um conceito de história que congregasse, num único verbete, todas as outras “histórias”, transformando-se num singular-coletivo: História.

Isso é importante porque é pela transformação do conceito de História que Koselleck conclui que aconteceu uma profunda transformação na experiência de tempo. Com efeito, “por volta de 1780, o conceito de história [*Geschichte*], que até então se referia apenas ao acontecido, absorve o conceito correspondente à narrativa histórica [*Historie*]. Daí em diante, a linguagem corrente passa a comportar um único termo tanto para a realidade experimentada quanto para o seu conhecimento científico: a ‘história’ [*Geschichte*]”<sup>8</sup>.

---

denomina como “cronótopo” do tempo histórico. Com isso, ele também associa a visão de Koselleck estabelecendo um diálogo com Michel Foucault, a respeito da formação das *epistemes* modernas, o qual evidenciou um “corte epistemológico” no século XVIII que, segundo Gumbrecht, embora trate-se de uma perspectiva mais radicalizada, opera nas mesmas bases de epistemológicas de Koselleck (GUMBRECHT, 1998).

<sup>7</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 214.

<sup>8</sup> Idem, p. 29.

De acordo com Koselleck, a partir do século XVIII, na Europa, se constitui, de um modo geral, uma nova forma não só de medir o tempo, mas vivenciá-lo, configurando-se, assim, a experiência de se estar inserido no tempo, como se a história estivesse a favor dos homens. Essa configuração temporal possui uma singularidade que a distingue dos conceitos de eras precedentes, pois o “novo tempo” já “não é um conceito que olha para trás: surge no presente e aponta para um futuro aberto”<sup>9</sup>.

Nessa modalidade em que passa a operar a própria temporalidade, o historiador não é mais alheio às transformações temporais que se desdobram com implicações elementares para a história e a historiografia, o historiador atua temporalmente. O estudo das temporalidades, seja de um futuro passado, passados futuros, presentes passados ou passados presentes, é o eixo que atua como força centrífuga concatenando as condições de possibilidade de todas as experiências e expectativas dispostas no olhar sobre as fontes<sup>10</sup>.

Disso depreende-se que estudos que procuram fazer um balanço sobre as temporalidades, operacionalizam o próprio fazer historiográfico, na paciente arte da tessitura de vozes que encontram-se dessincronizadas do coro temporal, já que todas as dimensões do tempo histórico estão contidas em um presente específico, este “nosso” presente. O estudo sobre os vários tempos é central para a historiografia e para o conhecimento histórico, pois é por meio do esclarecimento das próprias questões temporais que se pode viabilizar a cientificidade da história, escancarando as suas condições de possibilidade. É nesse sentido que arriscaremos, cientes dos perigos, uma interpretação de Bauman nesta pesquisa em articulação aos estudos sobre as

---

<sup>9</sup> Idem, p. 300.

<sup>10</sup> O tempo histórico traz a premissa de que os eventos não são “repetíveis”, ocorrendo uma relatividade geral da historicidade, pois todos os fenômenos da realidade são passíveis de transformação histórica. Nesse contexto, eles tornam-se incomparáveis por qualidades conceituais meta-históricas. Concomitantemente, o tempo, ao tornar-se agente de mudança, surge a impressão de que nenhum momento especificamente inscrito na história pode ser visto como uma repetição dos anteriores. Por essa razão, cada dimensão temporal entra em uma relação contínua com as demais. O que é o futuro passado? Futuro passado quer dizer as representações temporais e históricas no futuro de determinado passado, que pode muito bem ser um presente bastante específico. É notório lembrar do exemplo do próprio Koselleck sobre a representação artística do passado no presente, isto é, dos usos futuros daquele passado (KOSELLECK, 2006). Conforme Koselleck, existem passados presentes e futuros presentes, que correspondem a um presente presente. Depois, tendo em vista que todos os presentes se estendem para frente e para trás, há o presente passado dotado de seus passados passados e futuros passados. Por último, é preciso elencar um presente futuro com seu passado futuro e seu futuro futuro. Portanto, “com a ajuda dessas categorias, todas as determinações temporais históricas podem ser suficientemente circunscritas, sem a necessidade de emaranhar na indefinição de conceitos como história contemporânea ou história do presente” (KOSELLECK, 2014, p. 232).

temporalidades e historicidades contemporâneas, suas formas de figurar a experiência e de manifestação no cotidiano.

### 1.1.1 A questão do Tempo Histórico: aceleração e estratos de tempos

Se existe uma experiência temporal histórica, inerente ao mundo, que seja distinta dos ritmos temporais determinados pela natureza, essa, sem dúvida, seria a experiência da aceleração, em virtude da qual o tempo histórico se qualifica como tempo específico produzido pelo ser humano<sup>11</sup>

O tempo histórico é aquele que se diferencia do tempo que pode ser mensurado pelo calendário, pelos relógios, pelo Sol, o movimento dos astros e a repetitividade das estações, por exemplo. Esta modalidade histórica do tempo é abarcada pela destruição da cronologia natural, pois, com a Modernidade, a mensuração do tempo pela natureza torna-se gradualmente inviável, já que tempo e história passam a uma articulação mútua, na qual tanto o tempo é historicizado quanto a história é temporalizada. Além disso, ao tematizar uma teoria dos tempos históricos, Koselleck não está indicando uma teoria das “periodizações” em história<sup>12</sup> ou uma abordagem definida por um só tema, questão, período ou método<sup>13</sup>. Este não derivaria, portanto, da cronologia ou do tempo da natureza, mas:

O tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições, têm formas próprias de ação e consecução que lhes são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio<sup>14</sup>.

Niklas Olsen sublinhou que a tentativa de tematizar a teoria dos tempos históricos em Koselleck pode ser desdobrada em dois planos. O primeiro deles se encontra na investigação sobre as condições de possibilidade de se realizar um esboço

<sup>11</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 171.

<sup>12</sup> Cf. JORDHEIM, Helge. Against Periodization: Koselleck’s Theory of Multiple Temporalities. 2012, History and Theory, 51, 151–171.

<sup>13</sup> OLSEN, Niklas. History in the Plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck. Berghahn Books, 2012, p. 220.

<sup>14</sup> KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 14.

teórico capaz de apreender a complexidade do tempo histórico para descortinar as estruturas temporais da existência humana para poder determinar, teoricamente, o que a história é e como ela se desenrola. As relações entre passado, presente e futuro precisam ser articuladas em uma necessidade teórica que coordene as dimensões de suas possibilidades de articulação histórica, quer dizer, em que medida os tempos estão relacionados entre si. Já o segundo plano teórico de Koselleck vai em direção para demonstrar – via historiografia –, como múltiplos tempos coexistem em suas variedades e como a temporalidade não obedece uma lógica causal ou sequencial de ação ou sofrimento. Mas, apesar desses dois pontos serem ligados um ao outro, eles não esgotam a complexidade da teoria da história proposta por Koselleck. Compreender a gestação da Modernidade e sua história é essencial, visto que aí se congrega, historicamente, a formação deste tempo histórico que é interpretado como novo e nunca antes experimentado<sup>15</sup>.

Essa experiência do tempo histórico como tempo novo, assim, pode ser desdobrada em quatro elementos que estão inextricavelmente articulados: temporalização, aceleração, secularização e progresso. A primeira característica dessa experiência histórica do tempo que marca a Modernidade vem a ser a identificação da relação entre história e tempo que, com a transformação do próprio conceito de História, uma nova experiência de tempo seria modelada. O ponto principal da experiência de temporalização é a noção de que os tempos fazem parte da própria história, no qual o tempo é qualificado como algo específico a ser produzido pelo sujeito que é histórico, tratando a história como processo singular de eventos individuais e não-repetíveis.

Em segundo lugar, visto que "a pergunta referente à aceleração está inserida na pergunta mais ampla sobre o que seria o tempo histórico"<sup>16</sup>, a historicidade do tempo é articulada ao processo de aceleração que passa a ser entendido como uma experiência moderna por excelência. O terceiro elemento, a secularização, implica em transformar tanto o tempo quanto a história em algo a ser realizado neste mundo, tendo em vista que, com o gradual declínio da ação de Deus sobre o tempo, algo que foi fortalecido pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa, a agência humana precisa resolver os

---

<sup>15</sup> OLSEN, Niklas. *History in the Plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck*. Berghahn Books, 2012, p. 224.

<sup>16</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 152. De acordo com Koselleck, "o Iluminismo transformou os objetivos, esperados ou temidos, do fim do mundo, que irromper em prazos abreviados, em um conceito de expectativa puramente intraterrestre" (Ibidem, p. 152).

dilemas da existência neste próprio tempo terreno<sup>17</sup>. O ideal de progresso, e este é o quarto elemento constitutivo aqui, concatena a diferenciação entre as dimensões de tempo ao apontar para o sentido da realização histórica em um futuro aberto. Por isso a concepção temporalizada da história repousa sobre a disciplina da ciência histórica e a ideia de progresso.

As Filosofias da História, como as de Voltaire, Bossuet e Herder, por exemplo, constituem a corporificação intelectual que traduz esse modo de enxergar o tempo na modernidade, vale dizer, do qual o passado é diferente do futuro e o próprio fluxo do tempo levaria ao aperfeiçoamento natural de todas as instâncias do real, atribuindo a toda a história corrente um sentido teleológico. O tempo historicizado se torna a ferramenta que forja e carrega o progresso histórico por meio da razão. Assim, a formulação da ideia de progresso, calcado em bases racionais, foi fundamental na construção dessas estruturas temporais. Com isso, é indissociável a relação entre progresso e razão na filosofia do esclarecimento, a qual constroi os fundamentos dessa racionalidade progressivamente linear, projetando um futuro incomensurável.<sup>18</sup> Na próxima seção veremos quais as ferramentas de análise e estudo do tempo histórico propostas por Koselleck, tão essenciais para a presente pesquisa que defende, que procura compreender as dimensões temporais no pensamento de Bauman.

---

<sup>17</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 176. A secularização está ligada à experiência de aceleração em pontos específicos. A experiência temporal cristã, herdada da Idade Média, possuía uma expectativa do fim do mundo e do Juízo Final que nunca chegava efetivamente. Como o Cristo nunca retornava na previsão outrora estabelecida pelas profecias, essas expectativas sobre o tempo do fim eram sempre adiadas e, conseqüentemente, fortalecidas pela fé cristã. Os tempos precisavam ser, assim, constantemente abreviados, e em prazos sempre cada vez mais curtos, para que os filhos de Deus pudessem se arrepender a tempo. Com o advento de um complexo processo de racionalização e secularização, esse tempo foi fortemente abalado. A experiência de aceleração, então constituinte da própria Modernidade, passa a ser uma reminiscência deste outro estrato temporal, oriundo da cristandade do medievo. A secularização atravessa, portanto, de uma fase eclesiástico-jurídica para uma político-jurídica até culminar na concepção histórico-filosófica que alimentará as entranhas do Iluminismo. A temporalização realiza uma substituição em termos das noções de aquém e além para, assim, passado e futuro. Esta secularização da temporalidade fez com que a aceleração se tornasse autônoma no *Sattelzeit*; isso engendrou, portanto, a formação de uma experiência de aceleração singular na modernidade, segundo a qual tudo parece ser novo a todo instante, inclusive o próprio tempo moderno (*Neuzeit*). No entanto, é importante sublinhar, não se trata apenas de mera secularização, porque “por mais que as expectativas apocalípticas (na forma de esperanças milenares) tenham influído no novo conceito de aceleração, o núcleo da experiência, ao qual novas expectativas apelavam, não podia mais ser deduzido do apocalipse” (KOSELLECK, 2014, p. 160). Sobre essa discussão, além do próprio Koselleck, consultar: MARRAMAO, Giacomo. Poder e Secularização: as categorias do tempo. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

<sup>18</sup> Cf. CASSIRER, Ernst. A Filosofia do Iluminismo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

### **1.1.2 Espaço de experiência e horizonte de expectativas: as categorias meta-históricas**

Duas categorias conceituais podem ser consideradas como centrais na análise do tempo histórico. Trata-se, aqui, das categorias meta-históricas, isto é, de alcance antropológico, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. A primeira, “espaço de experiência”, é todo o amplo passado que se vê manifesto enquanto experiência histórica, cultural e social em um determinado presente. A outra categoria diz respeito ao futuro e é denominada como “horizonte de expectativa”, a qual corresponde, assim, à presença do futuro no decurso temporal do presente.

Tanto experiência como expectativa são centrais no pensamento do autor para a forja histórica da Modernidade que se caracteriza fundamentalmente pela constituição do moderno conceito de história e que, e isto é fundamental, pluraliza as experiências temporais em várias direções e sentidos. Ao mesmo tempo, Koselleck procura enfatizar que o que permite compreender o significado de modernidade como sendo algo diferente dos tempos anteriores é a assimetria entre a experiência e a expectativa, ao passo em que esta última foi associada ao ideal do progresso. Isso significa que tanto o passado quanto o futuro já não podiam mais ser interpretados como dimensões que, “naturalmente”, levariam um ao outro, passando pelo presente em uma trajetória linear padronizada, homogênea e vazia<sup>19</sup>.

O déficit de experiência fornecido pelo passado no século XVIII foi capaz de aumentar demasiadamente as expectativas do futuro, fomentando exponencialmente as ideias de progresso que atuaram como motores ideológicos do século XIX. No entanto, a definição de modernidade nos termos de Koselleck, ou de processos históricos e culturais transformados em conceitos, só podem ser reduzidos a “um denominador diacrônico comum, a um conceito que enfeixe estruturas comuns, depois de decorrido certo tempo”<sup>20</sup>.

A definição koselleckiana de experiência, portanto, segue uma lógica na qual a coloca como parte de experiências vividas, coletadas ou não, lembradas ou não, pela própria historiografia e memória. Pois “na experiência se fundem tanto a elaboração

---

<sup>19</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 96.

<sup>20</sup> KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006. p. 269.



racional, quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento”<sup>21</sup>, sendo a própria dimensão da experiência o passado histórico atualizado, por isso se manifestariam metaforicamente por meio de um “espaço de experiências” que vem de trás e está em derredor.

As experiências do passado já estão inscritas na temporalidade, mas, por outro lado, as manifestações da presença do futuro histórico-temporal, neste caso, são colocadas como expectativas, tendo em vista a pertinente observação de “a presença do passado é diferente da presença do futuro”<sup>22</sup>. Portanto, passados se manifestam na experiência e os futuros são encarnados pelas expectativas e cada presente histórico específico constroi modalidades singulares de relacionar expectativas e experiências. Com isso, é preciso sublinhar que se trata, evidentemente, de uma relação mútua, mas não necessariamente dependente uma da outra nos aspectos conceituais.

Experiências e expectativas são conceitos histórico-antropológicos que concernem a uma realidade meta-histórica. Nesse sentido, a tese fundamental do tempo de sela (*Sattelzeit*) sinaliza o processo de temporalização de vários conceitos fundamentais a partir dos quais foi possível para Koselleck vislumbrar a assimetria, entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. A experiência “pré-moderna” já não dava conta de dialogar com as expectativas forjadas intelectualmente - expressas pelas Filosofias da História - e também pela grande aceleração técnico-industrial vivenciada neste período. Também o gerenciamento escatológico do Fim do Mundo, operado pela Igreja, marcou, entre os séculos XVI e XVII, o início de uma problemática para a relação entre experiência e expectativa, na medida em que as expectativas de um futuro cataclísmico não correspondiam às experiências reais.

As experiências apontavam para o não cumprimento das profecias, o que seria diretamente refutado e com probabilidade aumentada para o cumprimento da próxima expectativa, pois as experiências terrenas nunca coincidiam de fato com as expectativas oriundas das profecias. Tal impasse só veio a ser modificado com a elevação da ideia de progresso no interior da construção da modernidade. A respeito das diferentes fases de progresso compreendidas por todo globo, a “humanidade”, e, especificamente os europeus, possuíam expectativas que ultrapassaram as experiências acumuladas, de tal maneira que tais expectativas não puderam dar vazão às novas experiências. Assim, “as

---

<sup>21</sup> Idem, p. 309-310.

<sup>22</sup> Idem, p. 311.

expectativas para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer. E as experiências novas, acrescentadas desde a colonização ultramarina e o desenvolvimento da ciência e da técnica, já não eram suficientes para servir de base a novas expectativas para o futuro”<sup>23</sup>. Por isso, “o 'progresso' é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa”<sup>24</sup>. A temporalidade moderna pode ser compreendida assim porque é a

coesão sistemática, bem como a substituição no período seguinte, que nos dão a impressão de um tempo que passa de um fluxo contínuo indo do futuro ao passado, de um andaime. É preciso que as coisas andem na mesma velocidade e sejam substituídas por outras igualmente bem alinhadas para que o tempo se torne um fluxo. A temporalidade moderna é o resultado desta disciplina<sup>25</sup>

Fruto direto da relação constante entre experiência e expectativa é o próprio Tempo Histórico. O momento dessa tensão entre categorial e relacional entre o vivido e a espera é a característica central da modernidade clássica analisada por Koselleck. No que diz respeito ao tempo presente, a relação entre as experiências e as expectativas tornam-se cada vez mais complexa de ser decifrada. Nisso reside uma indigência teórica e conceitual no intuito da análise do pensamento de um autor como Zygmunt Bauman, visto que a pesquisa histórica é responsável por transformar os elementos meta-históricos em afirmações históricas<sup>26</sup>.

Ao introduzi-lo no estudo das teorias do tempo presente, para justamente abrir a discussão e tentar encontrar caminhos possíveis dos lugares que residem, nesse sentido, as experiências e expectativas, elencamos as categorias de Koselleck como centrais no empreendimento desta pesquisa, ao lado das abordagens teóricas que seguem as veredas abertas pelo estudo do tempo a partir de Koselleck.

---

<sup>23</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006.p. 318.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 320.

<sup>25</sup> LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 91.

<sup>26</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 279.

## **1.2 As temporalidades no ‘presente histórico contemporâneo’: as experiências contemporâneas do tempo**

Para compreender as fissuras pelas quais almejamos mergulhar na análise de Bauman, faz-se necessário pavimentar – a partir dos interlocutores da presente pesquisa – os principais elementos teóricos, conceituais e intelectivos que irão dialogar, no processo de discussão da análise de Bauman, com os objetivos desta investigação. Neste segundo tópico, realizaremos uma discussão em torno dos diagnósticos de tempo no presente e suas dimensões de importância no interior da bibliografia acerca dos estudos sobre os tempos históricos no presente.

Embora Koselleck tenha estabelecido uma tradição investigativa no campo historiográfico acerca das questões relativas ao tempo histórico, o tempo contemporâneo não foi o alvo primário de suas preocupações. No que segue discutiremos, a partir da historiografia, as questões que fundamentam e possibilitam, de várias formas, uma problematização acerca das temporalidades contemporâneas. Abordar a relação que tece o tempo, a história e o presente, por meio da historiografia, é fundamental para a compreensão dessa pesquisa porque no interior da ciência da história, nosso objeto está intimamente ligado às teorias contemporâneas do tempo histórico no presente. O que tentamos enquadrar aqui, na realidade, é uma interpretação de Bauman em diálogo com a historiografia a este respeito.

Há uma preocupação epistemológica na História do Tempo Presente a respeito dos modos de conceitualizar a atual importância que o tempo presente confere à historiografia como um todo. No entanto, no que concerne à Teoria da História, as discussões ganham um corpo ainda mais denso. É exatamente isso que apresenta o historiador colombiano Hugo Fazio Vengoa ao argumentar que a historicização do presente precisa ser atravessada pelas questões teóricas que dizem respeito ao tempo histórico. Em forte diálogo com Koselleck, é notável que Vengoa aplique perfeitamente a questão segundo a indigência teórica na historiografia tem de ser perpassada por uma teoria dos tempos históricos.

São justamente trabalhos de pesquisa em Teoria da História sobre o mundo contemporâneo que possuem uma potência epistemológica para historicizar o presente. A partir disso, o tempo enquanto conceito ocupa um lugar central na reflexão

historiadora, pois permite um deciframento da complexidade temporal e das particularidades da historiografia. Com isso, a teoria da história atua mesmo como modo de historicização do presente porque retira do presente a causalidade sequencial do historicismo e propõe, de diversas formas, a reinterpretação crítica do presente enquanto dimensão histórica e as relações que estabelece com o tempo e o espaço e também com as experiências e as expectativas.

O “presente histórico contemporâneo” consiste na proposta conceitual de Hugo Vengoa para referir-se ao tempo presente, que não se define pela cronologia, mas pelas múltiplas densidades históricas que emergem neste tempo. O tempo presente historicizado contribui para pensarmos, com isso, as inúmeras dimensões e estratos de tempo que se sobrepõem mutuamente articulando “as múltiplas durações do presente histórico e os diferentes estratos temporais, cadências e reverberações que o constituem”<sup>27</sup>. A historicização do presente toma como ponto de partida a atualidade mais imediata por meio de um esclarecimento de seus principais problemas, vicissitudes, situações e processos, pois seria um grave erro tomar o presente como se fosse uma mera projeção diacrônica da estrutura temporal do passado. Hugo Vengoa defende, portanto, que existe uma necessidade e uma intenção de transcendência para com o presente, que se exprimem na densidade histórica do presente<sup>28</sup>.

A partir da perspectiva de Vengoa, é possível dizer que as dimensões de passado, presente e futuro são instâncias vivas da historicidade e do cotidiano que não se imiscuem como se, a cada um, fosse dado um limite que não fosse permitido transpassar. Tal é o terreno do passado, aquele o domínio do presente ou do futuro. Pelo contrário, passado, presente e futuro encontram-se numa articulação por meio da vivacidade da linguagem e da cultura, que jogam, assim, uns contra os outros vários elementos superpostos em estratos, elementos teóricos que o historiador retoma de Koselleck para discutir as dimensões temporais e históricas do presente.

Para Vengoa, a partir disso, surgem cadências, ressonâncias, multiplicidades que modificam experiências e expectativas constantemente naquilo que pode ser compreendido, historicamente, de presente histórico contemporâneo. Portanto,

---

<sup>27</sup> SAMACÁ-ALONSO, Gabriel. Presentismo e historia del tiempo presente: elementos para una discusión actual del quehacer historiográfico. *Trashumante. Revista Americana de Historia Social*, n° 19, Janeiro-Junho, Universidad de Antioquia, 2022, p. 225.

<sup>28</sup> FAZIO VENGOA, Hugo. *La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos*. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010, p. 98.

associada à teoria da história, segundo Vengoa, apenas uma perspectiva histórica, no gesto mesmo de olhar para o presente, permite ao historiador discernir e esclarecer as características fundamentais da condição de contemporaneidade.

Historicizar a condição de contemporaneidade é um dos objetivos centrais dos diagnósticos de tempo que grassam pela historiografia atual. O sentido do contemporâneo, dessa forma, precisa ser iluminado com uma luz própria, de tal modo que o contemporâneo é aquele que nota a obscuridade do seu próprio tempo, as suas dinâmicas próprias, singularidades e facetas<sup>29</sup>. É no escuro do tempo presente que o contemporâneo deve se debruçar.

Os estratos de tempo do presente histórico contemporâneo, assim, clamam por um olhar atento dos historiadores para descortinar os elementos sociais, históricos e políticos que se manifestam nas experiências de tempo. Além disso, uma das principais características - e isto nos leva a um dos argumentos mais provocativos de Fazio Vengoa - é de que a dilatação do presente, isto é, o esboroamento das fronteiras entre passado e futuro, leva a uma intensificação, de um lado, de padrões globais nas organizações societárias (acentuação da sincronia) e, de outro, de que diferentes grupos sociais tenham a necessidade a se adaptar constantemente aos novos padrões globais a partir de singularidades (recomposição diacrônica). Dessa forma, “a dilatação do presente levou a uma intensificação de ambos os tipos de dinâmicas, situação que gera trajetórias inéditas, multiplica ressonâncias e promove sínteses completamente originais”<sup>30</sup>. Deste modo, todo presente histórico é único da mesma forma que foram os outros presentes históricos<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio; HONESKO, Vinícius Nicastro. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos Editora, 2009.

<sup>30</sup> FAZIO VENGOA, Hugo. La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010, p. 99.

<sup>31</sup> O tempo histórico traz a premissa de que os eventos não são “repetíveis”, ocorrendo uma relatividade geral da historicidade, pois todos os fenômenos da realidade são passíveis de transformação histórica. Nesse contexto, eles tornam-se incomparáveis por qualidades conceituais meta-históricas. Concomitantemente, o tempo torna-se agente de mudança, daí surge a visão de que nenhum momento especificamente inscrito na história pode ser visto como uma repetição dos anteriores. Por essa razão, cada dimensão temporal entra em uma relação contínua com as demais. Assim, “o presente como futuro do passado e como passado do futuro; o futuro como passado de um futuro remoto e como presente do futuro; o passado como futuro de um passado remoto e como presente do passado” (GUMBRECHT, 1998, p. 15). E mais: “em cada momento presente, o sujeito deve imaginar uma gama de situações futuras que têm de ser diferentes do passado e do presente e dentre as quais ele escolhe um futuro de sua preferência. Somente por meio dessa ligação com o tempo histórico e da função que ela cumpre nessa dimensão pode a subjetividade integrar o componente de ação na autoimagem que ela oferece à humanidade. E é essa interrelação entre tempo e ação que cria a impressão de que a humanidade é capaz de “fazer” sua própria história” (Idem, p. 16). Conferir: GUMBRECHT, Hans Ulrich. Cascatas de modernidade. In: *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

Diante disso, o que pensar, então, da aceleração contemporânea? O conceito de aceleração, presente desde as reflexões de Koselleck, é fundamental aqui para compreendermos a dinâmica entre a velocidade das transformações que são descritas na modernidade pelo historiador e as formas de produção da temporalidade em suas múltiplas formas. A aceleração em Koselleck tem uma ancoragem na moderna noção de progresso, oriunda do século XVIII e reforçada no XIX. Assim, as teorias do tempo histórico procuraram frisar o caráter central da aceleração para a modernidade que foi identificada em vários níveis como nos meios transportes, comunicações, produção econômica e industrial, nas estruturas sociais e circulação de ideias entre outras esferas<sup>32</sup>.

O historiador francês Alexandre Escudier, destacou a relevância dos aspectos históricos decisivos neste contexto de avanço para o XIX. As mudanças técnicas e industriais são fortemente atreladas ao ideal de progresso e à expectativa de futuro, e à própria possibilidade de materializar simbolicamente, por meio da linguagem, a imaginação do futuro<sup>33</sup>. Para ele, também poucos refletiram sobre o fenômeno da aceleração como problema para a história e a historiografia, visto que tal questão engloba ordens de realidade diversas e heterogêneas, ao mesmo tempo em que se refere ao aspecto subjetivo da experiência social e histórica. Isso ocorre porque há uma espécie de dificuldade em se estabelecer uma correlação entre os fenômenos de aceleração material e das semânticas dos tempos históricos<sup>34</sup>.

O mesmo autor identifica uma relação entre a experiência do tempo presente sendo atravessada por múltiplas acelerações. O tema da “aceleração da história”<sup>35</sup> hoje se cruza com um grande número de análises heterogêneas e interdisciplinares e, em alguns casos, a aceleração é assimilada ou mesmo engolida pelo conceito de

---

<sup>32</sup> Cf. DELACROIX, Christian. Accélération de l’histoire: un statut historiographique introuvable?. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/elh.1060>

<sup>33</sup> Beatriz Sarlo nos oferece um exemplo brilhante de como o cinema, em sua linguagem extremamente complexa e dotada de inúmeras clivagens, oferece uma possibilidade de leitura sobre a imaginação do futuro ao analisar o filme *O sacrifício* (1986), do cineasta russo Andrei Tarkovsky. Conferir, sobretudo a seção do livro intitulada “intelectuais”: SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. 1. ed. 1. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

<sup>34</sup> Cf. ESCUDIER, A. Le sentiment de l’accélération de l’histoire moderne: éléments pour une histoire (Article). 2008.

<sup>35</sup> É importante distinguir e não confundir os conceitos de “aceleração da história” e “aceleração”: aquela é caracterizada pelo acompanhamento historiográfico com relação à experiência de produção da temporalidade; e estas, do modo como o ritmo das interações sociais e seus efeitos induzidos nas consciências individuais, afetam a vida cotidiana e a experiência do tempo.

“globalização”<sup>36</sup>. O sistema capitalista é afetado por transações do mercado financeiro à luz do imediato, por meio de uma tirania do instante onde o mercado do capital global vive em um processo constante de fluxos de capital intermináveis, o que faz com que dividendos líquidos do mercado financeiro estejam à mercê de uma imprevisibilidade pela variação dos mercados de investimento nas democracias liberais<sup>37</sup>.

A questão sobre as múltiplas temporalidades, aceleração e modernidade estão intrinsecamente ligadas<sup>38</sup>. Assim, embasado nas concepções de Fernand Braudel, os sedimentos, ou estratos do tempo, em Koselleck, funcionam, tais como as camadas geológicas, enquanto rachaduras de exibição, erosão e fissuras pelas quais pode ser possível vislumbrar passado e futuro sobrepostas e simultâneas. Com isso, a metáfora da sedimentação permite traçar várias taxas de aceleração e desaceleração, disputas pelo passado, narrativas pelo futuro e embates no presente. Além disso, também delinea a intensidade do presente como uma lacuna entre mudanças passadas e futuras dentro das camadas do tempo histórico<sup>39</sup>.

## 1.2.1 Três diagnósticos de tempo no século XXI

### 1.2.1.1 François Hartog: Presentismo e Regimes de Historicidade

---

<sup>36</sup> A respeito do conceito de globalização aqui empregado, a historiadora Barbara Weinstein, conhecida brasileira, possui ressalvas com relação a este conceito por seu caráter e comprometimento com uma ideologia neoliberal latente em sua semântica, fazendo com que prefira um escopo de análise à luz do transnacional. No entanto, nosso uso aqui toma o sentido de mundialização do capital e da cultura, sabendo dos problemas inerentes que carregam o uso deste conceito.

<sup>37</sup> David Harvey (2016) faz uma leitura muito interessante em sua tese sobre a transformação e a mudança cultural na pós-modernidade, que sem sua definição – entre outras coisas – obedece a uma leitura de passagem de um sistema fordista e industrial para o de acumulação flexível do capital global.

<sup>38</sup> Alexandre Escudier procura questionar os inúmeros diagnósticos sobre o tempo que surgem tanto como resposta como problematização da própria realidade do presente, isto é, discutir o que está de fato em jogo em nosso presente epistemológico gerando inúmeras “cascatas” de modernidade, como disse Gumbrecht (1998) É sintomático que Escudier afirme que “pode-se argumentar razoavelmente a favor da proposição pós-Koselleckiana que se segue dela, a de considerar a história da modernidade como uma história da aceleração social e substituir a periodização fina de surtos de aceleração tangíveis para debates contemporâneos intermináveis sobre ‘pós-modernidade’ (Lyotard, Latour, Haraway), ‘modernidade líquida’ (Bauman), a ‘segunda modernidade’ ou ‘modernidade reflexiva’ (Beck) ou mesmo a ‘alta modernidade’ ou ‘modernidade tardia’ (Giddens). Uma vez que todos nós às vezes temos o direito perguntar o que esses debates realmente objetivam, o fruto empírico esperado de tal a substituição da problemática talvez não seja negligenciável” (tradução nossa) (ESCUДИER, 2008, p. 11).

<sup>39</sup> KATTAGO, Siobhan. Encountering the Past within the Present: Modern Experiences of Time. New York, NY : Routledge, 2020, p. 8.

No campo da historiografia, há a obra seminal de François Hartog, que convoca e inaugura, ao mesmo tempo, uma série de reflexões acerca das experiências do tempo e do presente. Em sua principal obra a esse respeito, *Regimes de Historicidade*, cuja tese é apresentar o conceito de presentismo como, desenhando a dimensão do presente como elementar e dominante na experiência contemporânea do tempo, Hartog reflete sobre as dimensões históricas nas quais a historicidade se manifesta<sup>40</sup>. Na obra, Hartog procurou apresentar uma tese que buscava ampliar a abordagem teórica dos tempos históricos apresentada por Reinhart Koselleck. Procurando ir além das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” deste último, Hartog sugeriu em suas elaborações a utilização de um instrumento heurístico aos historiadores que, segundo sua perspectiva, poderia ser provavelmente mais amplo e competente para compreender as múltiplas histórias, as quais se constituem na pluralidade da historiografia, e as diversas relações estabelecidas entre as dimensões de tempo a cada momento. A formulação do instrumento heurístico “Regime de Historicidade”, portanto, é o resultado das reflexões de Hartog sobre o tempo histórico. Assim, um regime de historicidade “nunca foi uma entidade metafísica, caída do céu de alcance universal”<sup>41</sup>

A hipótese do presentismo pensada por Hartog não deve ser confundida, tendo isso em vista, com a ferramenta heurística “regimes de historicidade”. Esses são aspectos bem distintos, pois “presentismo” significa a instauração de uma ordem do tempo que regula as experiências temporais sob a perspectiva e a dominância de uma dimensão temporal (assim como os outros regimes de historicidade). Para Hartog, ainda, “a hipótese (o presentismo) e o instrumento (regime de historicidade) são solidários, completam-se mutuamente, [...] um regime de historicidade é apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro”<sup>42</sup>.

A noção de presentismo, assim, é tanto como de um diagnóstico, de um tempo marcado pela aceleração e que se reproduz para seus próprios fins, quanto uma crítica historiográfica, sobre a pertinência do passado em um tempo que ruma o presente, o qual acusa como sendo um “presente monstro” ou um “presente dilatado”, que obnubila o futuro. Inspirado em Hannah Arendt, Hartog questiona as “brechas” que surgem no

---

<sup>40</sup> Cf. HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed., 2019.

<sup>41</sup> HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed., 2019, p. 139.

<sup>42</sup> Idem, p. 11.



interior das ordens de tempo, onde acontece a suspensão do tempo histórico, delineando a experiência de um tempo desorientado em um “intervalo de tempo inteiramente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda”<sup>43</sup>. Essas mesmas “brechas” (*gap*) inserem a experiência de um tempo que é outro, marcado pela sensação de estar zigzagueando entre dois mundos em uma interposição temporal, como o exemplo de François-René de Chateaubriand, utilizado por Hartog, pode ilustrar.

A proposta de Hartog é, ao mesmo tempo, inspirada em Koselleck e distanciada dele. Hartog retém de Koselleck suas reflexões sobre o tempo histórico, mas procura desenvolvê-las, conferindo-as um caráter autêntico. Hartog procura formular a categoria “regime de historicidade” para, de um lado, ampliar a noção de tempo histórico de Koselleck, e, de outro, apresentar o predomínio das diversas formas de historicidade.

Hartog argumenta que a noção de regime de historicidade não pode ser pensada como uma categoria existente no passado histórico, realidade encontrada diretamente nas fontes, mas, sobretudo, como uma forma de se compreender as apreensões do passado (do presente e do futuro), realizadas pelos sujeitos históricos. Hartog identifica, a partir de uma majoritária leitura da história ocidental, três regimes de historicidade, que seriam, respectivamente, o cristão, o moderno e o contemporâneo. Essa noção não trata de uma “época” (ou um corte linear no tempo ou recurso de periodização), mas uma expressão que tenta traduzir um sentido de experiência temporal: um enquadramento da experiência (*Erfahrung*) sobre os modos de estar no tempo<sup>44</sup>. Em termos sucintos, Hartog classifica formas, isto é, regimes pelos quais a historicidade é produzida e nas várias relações possíveis entre passado, presente e futuro. Em Hartog, sobretudo a partir de Krzysztof Pomian, a ideia de “ordem do tempo” esclarece as modalidades pelas quais a historicidade se organiza, referindo-se, portanto, de uma noção que sinaliza a problematização das crises do tempo.

Duas palavras-chave podem delinear a relação do presente com o tempo: memória e patrimônio. Elas possuem uma íntima relação com a produção do sentido e da experiência de tempo, pois fazem parte de “modos diversos de traduzir, refratar,

---

<sup>43</sup> ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979, p. 24.

<sup>44</sup> Cf. BOUTOUN, Christophe. Hartog's Account of Historical Times and the Rise of Presentism. The Journal of the Historical Association, History, 2019.

seguir, contrariar a ordem do tempo: como testemunha das incertezas ou de uma ‘crise’ da ordem presente do tempo”<sup>45</sup>. Notavelmente, Hartog articula seus diagnósticos de um presente prevalente com uma compreensão bem demarcada do passado, assim como do futuro, referenciando particularmente o crescente interesse pela memória e pelo patrimônio e suas implicações para a experiência do tempo.

A estrutura temporal presentista se manifesta também na forma como nos relacionamos com o futuro. A crescente conscientização sobre a deterioração dos efeitos da atividade humana sobre o meio ambiente transformou o futuro da dimensão da esperança e da realização para a das ameaças iminentes, também aumentando a incerteza. Portanto, uma desorientação temporal, junto de uma desarticulação dos próprios sentidos expressos na historicidade, turva os horizontes, nubla os tempos e anuncia tempestades catastróficas. Resta, assim, um presentismo que, além de sua própria reprodução constante (o próprio presente atuando como horizonte de expectativa), torna a existência em si mesma nauseante em sua própria modalidade ontológica: um tempo fora de eixo ou desconjuntado.

### **1.2.1.3 Aleida Assmann: entre excessos de passado e escassez de futuro**

No campo dos estudos de memória e memória cultural, podemos situar a investigação de Aleida Assmann. A questão do diagnóstico de Assmann faz uma objeção ao estatuto dos próprios “eixos” da temporalidade moderna e em que medida esta pode ser interpretada como “desconjuntada” do modelo do progresso, sublinhando o papel decisivo que a memória coletiva e a identidade constituíram na temporalidade contemporânea. Assmann dialoga frontalmente com as perspectivas apresentadas por Hartog e Gumbrecht para chegar a uma conclusão bastante original.

A extensão e amplitude do presente, para Aleida Assmann, diz respeito principalmente ao papel que a memória cultural exerce enquanto força temporalizadora. Tanto o futuro quanto o passado perderam o ancoradouro semântico da Modernidade e,

---

<sup>45</sup> HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autênciã Editora, 1 ed., 2019, p. 31

nesta reconfiguração, a dimensão do presente é dotada de um pastiche, moldando o tempo de acordo com critérios particulares.<sup>46</sup>

Dessa forma, nem o passado e muito menos o futuro encontram-se com os mesmos sentidos do moderno regime de tempo. É por isso que Assmann se utiliza da expressão shakespeariana, em Hamlet, questionando se o tempo está “fora dos eixos” (“*the time is out of joint?*”). As noções de passado e futuro com as quais trabalham os historiadores necessitam ser delineadas, segundo Assmann, porque é a partir da historicidade do presente que se define a cada tempo o sentido de passado e de futuro.

Desse modo, conceitos como memória cultural, as políticas da memória, as questões históricas do conceito de trauma, são articuladas em relação ao passado e ao espaço de experiência. Nesse sentido, apesar do diálogo com Gumbrecht, Hartog, Rosa e Koselleck, a especificidade do diagnóstico de Aleida Assmann consiste em sublinhar a relevância das políticas da memória, das identidades coletivas e do sentido político das comunidades em relação ao passado. Essa argumentação será central no presente trabalho, porque no segundo capítulo será retomada para a discussão do lugar que o passado ocupa no presente a partir da noção de “retrotopia” em Zygmunt Bauman.

O diagnóstico de Aleida Assmann é necessário, aqui, principalmente pelas questões que evoca a respeito da relação entre passado e futuro em nosso presente, por meio do debate sobre o papel da memória cultural. O diagnóstico de Aleida Assmann trata com singularidade a relação entre o futuro fechado em expectativas decrescentes e o passado, com potência de presença no discurso histórico por meio das políticas de memória e da nostalgia.<sup>47</sup>

#### **1.2.1.4 A Teoria Crítica da Aceleração Social de Hartmut Rosa**

Na esteira das ciências sociais situa-se a investigação do sociólogo alemão Hartmut Rosa em seu trabalho “*Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*”, em que apresenta uma tese segundo a qual o conceito de aceleração –

---

<sup>46</sup> ASSMANN, Aleida. *Is Time Out of Joint?: On the Rise and Fall of the Modern Time Regime*. Cornell University Press, 2013, p. 12.

<sup>47</sup> Idem, p. 44.

em forte diálogo com a perspectiva de Koselleck –, ainda persiste como fundamental para a análise das estruturas temporais da Modernidade Tardia. Rosa propõe uma Teoria Crítica das estruturas e relações temporais de aceleração para escavar os vários estratos de tempo de que se inserem no interior da lógica aceleratória da Modernidade Tardia.

Rosa compreende que o “tempo é uma categoria fundamental da realidade social”<sup>48</sup> e que sua reflexão sobre o conceito de aceleração a partir da ótica social tem por objetivo apresentar uma perspectiva ampliada para o conceito de modernidade e desnudar inúmeras reflexões sobre a relação entre modernidade, velocidade, história e sociedade<sup>49</sup>. Portanto, o fio condutor seria a hipótese de que a modernização não é apenas um processo multifacetado no tempo, mas, sobretudo, uma transformação cultural, social e estrutural dos horizontes temporais. Nesse sentido, o conceito de aceleração seria o principal vetor, segundo a teoria de Rosa, da modernização atuando na transformação das práticas, instituições e valores sociais, assim como na constituição do sujeito.

Rosa evoca a noção de *Sattelzeit* para contextualizar os fundamentos de um enorme processo de *aceleração* do tempo e/ou da história a partir das mudanças culturais e transformações técnicas no contexto da Revolução Industrial. Por isso, os diagnósticos de Modernidade têm certa convergência com relação à sua periodização, ao situar o processo histórica e cronologicamente. No entanto, há divergências com relação às suas características específicas.

A ideia central subjacente ao pensamento de Rosa é que a aceleração como conceito para apreender as mudanças no interior da Modernidade é central, juntamente da noção de velocidade, para a compreensão da relação entre temporalidade e transformações sociais. Trata-se de compreender a aceleração como um processo social da Modernidade. Disso, Rosa compreende que aceleração, por esse prisma, necessita ser articulada a uma Teoria Crítica da Aceleração Social. Isso significa, em seus termos, estabelecer a ideia reiterada de que a aceleração pode se acentuar e impactar inúmeros

---

<sup>48</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 8.

<sup>49</sup> Rosa critica algumas perspectivas, como a do escritor francês Paul Virilio que tenta realizar não só uma reinterpretação da Modernidade, mas da história, tendo a velocidade como categoria elementar, como instância de poder na leitura social, sendo atravessada pela produção da indústria cultural. O que Rosa empresta deste autor é a compreensão de que velocidade, política e economia caminham juntas em um processo ao qual denominará de “círculo aceleratório”. (ROSA, 2019).

campos da realidade (da vida, do mundo, da sociedade, da história e até do próprio tempo)<sup>50</sup>.

Assim, o autor lança questionamentos muito importantes para se pensar o estatuto tanto da definição de modernidade quanto de aceleração, evocando a metáfora das cascatas de Gumbrecht e do problema das múltiplas modernidades<sup>51</sup>. Para ele, a “aceleração social constitutiva da Modernidade ultrapassa um ponto crítico na ‘Modernidade Tardia’, além do qual não se pode mais preservar a ambição de sincronização da sociedade como um todo e da integração social”<sup>52</sup>. Essa especificidade de hiperaceleração é compreendida por Hartmut Rosa no interior do assim chamado processo de “liquefação”, em diálogo direto com Bauman. Aliás, Rosa é um dos poucos autores que citam diretamente Bauman e sua noção dos líquidos. No entanto, limita-se a enquadrar o diagnóstico de Bauman numa série de outras perspectivas que se encontram alojadas principalmente nas discussões em sociologia e geografia a respeito do processo de globalização.

A própria aceleração, ainda enquanto processo histórico avaliado desde Koselleck, pode estar em uma crise de múltiplas velocidades simultâneas, em uma pluralidade de estratos que não correm lado a lado, gerando uma dessincronização e a mutação da experiência temporal. Nessa perspectiva, pode-se perceber o diálogo que entrelaça a perspectiva de Koselleck e Hartog com a identificação da aceleração em Rosa: “a experiência temporal marcante da Modernidade Tardia seria não mais a

---

<sup>50</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 22.

<sup>51</sup> Para Rosa, “ao se tentar traçar um panorama dos atuais diagnósticos da temporalidade e do tempo presente, percebe-se em geral que elas parecem convergir para *um* único ponto crítico. Um grande número de interpretações sociológicas contemporâneas, em parte bastante distintas entre si, concorda em poder constatar uma *ruptura*, mais ou menos acentuada, no desenvolvimento da Modernidade, que as obrigaria, assim, a uma nova definição da época atual como “Segunda Modernidade”, “Modernidade Reflexiva” “Modernidade Liberal Estendida”, Modernidade Tardia ou ainda como Pós-Modernidade. Muito controverso nas ciências sociais é, no entanto, a que se refere a essa ruptura – se seu caráter é estrutural ou cultural –, quando e onde ela se inicia historicamente – trata-se de uma nova época? – e quão profunda ela é – trata-se de uma ruptura *na* modernidade ou *com* a Modernidade? Os conceitos aqui examinados deixam claro que a maioria dos intérpretes ora tende à primeira diagnose e afirma observar uma *radicalização* dos princípios modernos – tornando então questionável o que consistiria no *novo* do tempo histórico identificado” (ROSA, 2019, p. 55). Para uma discussão mais ampla sobre Modernidades Alternativas, confira: EISENSTADT, Shmuel N. *Multiple modernities*. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Multiple modernities*. New Brunswick: Transaction, 2000; WITTROCK, Björn. *Modernity: one, none, or many? European origins and modernity as a global condition*. In: EISENSTADT, Shmuel N. (Ed.). *Multiple modernities*. New Brunswick: Transaction, 2000. p. 31-60; JAMESON, Frederic. *Virada Cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

<sup>52</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 42.

aceleração, mas sim a simultaneidade de acontecimentos e processos altamente heterogêneos, que levaria a uma perspectiva temporal de um presente estendido (Brose) ou dilatado (Nowotny)<sup>53</sup>.

Na esteira da cultura – por meio da literatura – é possível destacar alguns movimentos de percepção da aceleração na experiência. Além do exemplo de Koselleck que, por sua vez, utilizou-se do poema “*cavalo de vapor*” do poeta alemão Adelbert von Chamisso, cujos versos tentaram traduzir uma experiência dromológica inédita, romances como *Ulysses*, de James Joyce, cuja leitura demonstra uma permissão apenas do presente, além dos escritos de Marcel Proust no qual o passado já aparece museificado.

Existem, no entanto, dois amplos fenômenos destacados por Rosa – dos quais alguns autores representam – que permitem e justificam uma análise sistemática e problematizadora da aceleração. De um lado, encontram-se, para citar alguns, Hans Blumemberg, Helga Nowotny e Reinhart Koselleck que demonstraram, entre outras coisas, que a impaciência do Iluminismo traduziu e se desenvolveu a partir do esfacelamento de espaços de experiência e horizontes de expectativa, configurando uma aceleração das experiências, ou seja, fomentando a assimetria encontrada na raiz do tempo histórico entre experiência e expectativa. De outro, autores tais como Hans Ulrich Gumbrecht e Byung Chul-Han, apontam para processos de enrijecimento e percepção “lenta” causada pela própria dinâmica da aceleração, que produz uma notação do agir e do sofrer históricos desacelerados, ou seja, da “lentificação” e desaceleração do presente como resultado da própria experiência da modernidade acelerada. Os pontos de convergência dessas perspectivas, no entanto, apontam para uma

Experiência do tempo que flui vagarosamente ou que não passa, o colapso de um horizonte significativo de passado e futuro, como o outro lado da percepção do tempo acelerado, desempenharam um papel fundamental também na virada do século XXI em todos os planos culturais.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 44. Além disso, François Hartog toma de empréstimo as reflexões de Helga Nowotny sobre um dos adjetivos possíveis para o presente ser o da dilatação, evocando assim mais uma metáfora físico-química para processos sociais, históricos e temporais (HARTOG, 2019, p. 148).

<sup>54</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 92.

No diálogo contínuo com Koselleck, Hartmut Rosa chama atenção para os fenômenos relacionados à aceleração técnica intencional, impulsionada pelo sistema capitalista e pela industrialização. Essa mesma ideia de aceleração sustentada nestes pressupostos técnicos é insuficiente para apreender a dinâmica pela qual enormes fluxos de velocidades contínuas e descontínuas podem ser responsáveis pela produção e pela percepção do tempo na sociedade contemporânea. Isso equivale dizer, portanto, que inúmeras acelerações coexistem ao mesmo tempo e que várias desacelerações estão em pleno vapor.

Em outros termos, ocorre também o debate sobre o lugar do espaço na perspectiva das temporalidades. Assim, há uma ampla bibliografia que percebe a “compressão” ou diminuição do espaço pelo tempo<sup>55</sup>. Ou seja, se a modernidade enquanto conceito se confunde, como pensa Gumbrecht, com uma tentativa de compreensão do presente epistemológico em suas múltiplas facetas, a dimensão do espaço parece estar intrínseca a esse movimento e vários diagnósticos.

A teoria da aceleração social de Hartmut Rosa permite um diálogo com Bauman, pois trata-se de um dos pouquíssimos autores que o citam em seus trabalhos de pesquisa. O conceito de aceleração em Rosa é fruto direto do diálogo com Koselleck, e discute à exaustão diversas variações sociais, culturais e estruturais da temporalidade contemporânea. Algumas pesquisas demonstraram também que, a partir de Hartmut Rosa, inclusive, que o “diagnóstico” de “liquefação” de Bauman pode ser compreendido como uma tentativa de se traduzir a experiência de aceleração no presente<sup>56</sup>. No âmbito do tema que estuda as temporalidades na historiografia, a leitura e os debates incluindo e discutindo as perspectivas de Rosa, entre os historiadores, têm ganhado cada vez mais destaque.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> Os estudos mais potentes nesta perspectiva, que desnudam de forma contundente são realizados por Stephen Kern e David Harvey. No entanto, inúmeros autores que discutem modernidade e temporalidade possuem uma ampla abordagem sobre as implicações e as mútuas relações entre espaço e tempo, inclusive Reinhart Koselleck quando reflete sobre espaço e história. Conferir: HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 26ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2016.

<sup>56</sup> Estamos nos referindo aos textos fundamentais da filósofa espanhola Nerea Salvador, que publicou alguns trabalhos buscando refletir a interface do problema da aceleração e, mais precisamente, em sua tese, do problema do diagnóstico de aceleração na modernidade em Bauman, compreendendo a interlocução central realizada por Koselleck e Rosa. A esse respeito, conferir: SALVADOR, Nerea Miravet. *¿Cuán nueva es la aceleración contemporánea? Historia conceptual y crítica del tiempo*. *Conceptos Históricos*, 5 (7), p. 98-127. SALVADOR, Nerea Miravet. *El diagnóstico de la modernidad acelerada en Zygmunt Bauman: Una lectura a través de Reinhart Koselleck y Hartmut Rosa*. [Tesis doctoral], Universidad de Valencia, 2017.

<sup>57</sup> Acerca disso, consultar as seguintes pesquisas de historiadores, todas com uma discussão direta com o trabalho feito por Rosa: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new*

## CAPÍTULO 2 - O “derretimento” da temporalidade: Bauman e a metáfora dos “líquidos”

### 2.1 Da “Pós-Modernidade” à “Modernidade Líquida”: questões, definições e impasses

Abandonai toda esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós que entráis no mundo da modernidade líquida.<sup>58</sup>

Bauman defende que não há efetivamente uma ruptura na Modernidade como um todo a ponto de afirmar-se, de algum modo, que existiria uma “outra” (pós) Modernidade. Ocorre, nesta linha de raciocínio, para o autor, uma mudança de ênfase, vale dizer, uma radicalização dos pressupostos de modernização. Essa ideia é bastante próxima dos argumentos da sociologia de Anthony Giddens e Ulrich Beck, autores que também são influências para a construção de alguns dos argumentos de Bauman.

A partir de uma conversa estabelecida com Gilles Deleuze e Félix Guattari, Bauman destaca que a fase atual da modernidade se assemelha a uma estátua que, uma vez demolida, qualquer esforço para recompor os fragmentos está, de alguma forma, fadada à fragmentação: “o que foi separado não pode ser colado novamente”.<sup>59</sup> Essa curta passagem traduz um dos elementos centrais da “liquidez”. A partir deste ponto, mergulharemos no mundo “líquido” de Bauman. A característica fundamental do “líquido” seria, assim, sua incapacidade de manter uma forma por muito tempo: tudo tem uma validade limitada e carece de um plano definido, ou seja, de uma visão de longo prazo, para consolidar determinada perspectiva, ação, pensamento ou moda.

Como se constitui o problema do tempo para este autor? Para responder essa pergunta, precisamos destacar de início que, para Bauman, “a história do tempo

---

approaches to presentism. Bloomsbury Academic, London, 2019; OVALLE PASTÉN, Daniel. La escritura de la memoria como régimen historiográfico: el historiador “afectado por el pasado”. Tesis para optar al grado de Doctor en Historia, Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, 2018; HASSAN, Robert. Globalization and the “Temporal Turn”: Recent Trends and Issues in Time Studies. The Korean Journal of Policy Studies, Vol. 25, No. 2 (2010), pp. 83-102; DELACROIX, Christian. Accélération de l’histoire: un statut historiographique introuvable?; BASCHET, Jérôme. Défaire la tyrannie du présent. Temporalités émergentes et futurs inédits. Paris, Éd. La Découverte, coll. L’horizon des possibles, 2018.

<sup>58</sup> BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1ª Ed., 2000, p, 29.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 29.



começou com a modernidade. A modernidade é, possivelmente mais do que qualquer outra coisa, a narrativa do tempo: é o período em que o tempo adquire uma história. Nesse contexto, podemos observar uma concepção estreitamente alinhada à de Koselleck, que busca destacar o processo de temporalização da História.<sup>60</sup> A questão da locomoção espacial acontece em cada vez menos tempo ao longo da modernidade de modo crescente e irremediável.

Essa perspectiva estaria vinculada, assim, aos veículos de transporte que modificaram então essa experiência de espaço e tempo, que passa a ser o portador de “inovação”, mas também de uma relação mútua da historicidade com a temporalidade. Em outras palavras, ao lado de Reinhart Koselleck, Bauman encontra nesse caminho de desnaturação progressiva da experiência temporal o sintoma de uma história genuinamente moderna e, portanto, administrável, burocrática e racionalizante.

Trabalhamos com uma questão norteadora, neste capítulo, que procura refletir sobre as aproximações, limites, desafios e possibilidades das alegorias propostas pelo autor em relação ao problema da aceleração enquanto experiência temporal constituinte do presente, por meio da alegoria da “liquidez”.

Uma das questões principais trata de perceber de que maneira a experiência de aceleração está imbricada na metáfora da “liquidez” e em que medida Bauman busca, ou não, traduzir isso.<sup>61</sup> Além disso, coloca que o tempo acelerado acaba por “encurtar as distâncias, tornar exequível a superação de obstáculos e limites à ambição humana. Com essa arma, foi possível estabelecer a meta da conquista do espaço e, com toda seriedade, iniciar sua implementação”.<sup>62</sup> Com esse repertório teórico, há um movimento, uma perspectiva de entrelaçamento entre modernidade, regimes de espaço e tempo e aceleração em suas diversas facetas, sinalizadas pelo debate evocado, como pode-se perceber na seguinte passagem:

Pode-se associar o começo da era moderna a várias facetas das práticas humanas em mudança, mas a emancipação do tempo em relação ao espaço,

---

<sup>60</sup> Nesse sentido, para Koselleck, “desde a segunda metade do século XVIII se acumulam indícios que apontam enfaticamente para o conceito de um novo tempo. O tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade histórica. A história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo. O tempo se dinamiza como uma força própria da história” (KOSELLECK, 2006, p. 282-283). Aqui podemos estabelecer a proximidade do que Bauman afirma com a perspectiva histórica de Koselleck.

<sup>61</sup> O trabalho de Nerea Salvador comenta as influências de Bauman numa interpretação sobre a temporalidade contemporânea e auxiliaram na construção das perspectivas aqui apresentadas: SALVADOR, Nerea Miravet. *El diagnóstico de la modernidad acelerada en Zygmunt Bauman: Una lectura a través de Reinhart Koselleck y Hartmut Rosa* [Tesis doctoral], Universidad de Valencia, 2017;

<sup>62</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1ª Ed., 2000, p. 130.

sua subordinação, à inventividade e à capacidades técnicas humanas e, portanto, a colocação do tempo contra o espaço como ferramenta da conquista do espaço e da apropriação de terras não são um momento pior para começar uma avaliação que qualquer outro ponto de partida. A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino [...] O movimento acelerado significava maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço<sup>63</sup>

Aqui, embora o conceito de aceleração não seja empregado de modo definitivo, a ideia central encontra-se na ampla velocidade crescente que acompanha a modernidade desde o início, como já percebia Walter Benjamin em sua leitura de Baudelaire sobre o caráter fugaz da experiência de tempo da modernidade.<sup>64</sup> Acontece, então, que os diagnósticos de modernidade que percebem uma radicalização dos pressupostos como sendo as consequências da própria modernidade, apontam para um complexo cenário diante da institucionalização que transforma a percepção do tempo pela compressão do espaço<sup>65</sup>. Entretanto, a trajetória de Zygmunt Bauman não começa exatamente ou se debruça sobre o estudo do tempo. O sociólogo ficou bastante conhecido pela obra “*Modernidade e Holocausto*” (1989), onde leva ao extremo as teses sobre o totalitarismo presentes em Theodor Adorno e Hannah Arendt, e seus interesses repousam sobre temas como segurança, liberdade, ética, emancipação e sociedade de consumo<sup>66</sup>.

Entre os estudiosos da obra e comentadores do programa sociológico de Bauman, frequentemente ocorre uma subdivisão interna de três momentos de sua produção intelectual. A primeira fase (1960-1980) teria como característica fundamental os escritos sobre a esquerda, os movimentos operários e as questões relativas ao marxismo embebido da leitura de Gramsci, sendo essa fase a mais desconhecida, pois a maioria desses escritos não foram traduzidos do original em polonês<sup>67</sup>. Na segunda fase (1980-1998), o autor começa a se interessar por questões relacionadas à ética, sociabilidades, intelectuais e política na “pós-modernidade”, sob forte influência de Emmanuel Levinas, Hans Jonas, Richard Sennett, Jürgen Habermas e Richard Rorty<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> Idem, p. 130-31.

<sup>64</sup> Cf. BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>65</sup> Cf. GIDDENS, Anthony. As consequências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991,

<sup>66</sup> SMITH, Denis. Zygmunt Bauman: prophet of postmodernity. London, Polity Press, 1999, p. 33-45.

<sup>67</sup> Cf. BEILHARZ, Peter. Zygmunt Bauman: Dialectic of Modernity. London, SAGE Publications, 2000.

<sup>68</sup> Cf. ALMEIDA, Felipe. Bauman entre Habermas e Richard Rorty: interpretações... Impulso, Piracicaba, 25(64), 53-65, set.-dez.. 2015.

A perspectiva de Bauman sobre a modernidade estava muito próxima das interpretações de Adorno e Horkheimer, visto que ele mesmo procurou enfatizar uma óptica de que o excesso de racionalização causado pela ideia de progresso resultou na Solução Final. Essa tradição de forma de interpretação alegórica da modernidade está situada em um contexto que envolve Nietzsche, Benjamin, Adorno, Derrida, Rorty e, finalmente, Bauman<sup>69</sup>. Nessa mesma linha, podem-se colocar tradições heterogêneas e leituras políticas que ressoam diante desse aspecto, como as de Hannah Arendt e Agnes Heller.<sup>70</sup>

Com o desenvolvimento das ideias construídas ao longo da segunda fase, o sociólogo gradualmente abandona a utilização conceitual de “pós-modernidade” para referir-se à condição histórica e social do presente que se desenhava desde meados da década de 1970. Para os comentadores de Bauman, esse processo teve início em uma terceira fase que começou a se delinear em meados dos anos 1990 e finalmente tomou forma a partir de 2000. Nesse período, Bauman invoca a metáfora da “liquidez” para descrever uma “nova” condição do presente, denominada “modernidade líquida”. Tal expressão, que ficará muito famosa, substitui o conceito de pós-modernidade, o qual Bauman passou a evitar em sua utilização.

Nessa perspectiva, o pós-modernismo refere-se, em geral, a uma forma de cultura contemporânea. Já o termo pós-modernidade, faz alusão a um período histórico dotado de especificidades<sup>71</sup>. Em termos gerais, pós-modernidade é um questionamento às noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou o conceito de emancipação política, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos de explicação universal. Nas obras dos anos 1980 e 1990, Bauman utiliza o termo “pós-modernidade” como uma forma de referir-se ao presente que se desenhou durante o pós-Guerra, mas não se sentia confortável com a falta de distinção semântica que, em linhas gerais, havia entre esta noção e a de “pós-modernismo”.

No mundo contemporâneo (“pós-moderno”/“modernidade líquida”), a constituição da destruição criativa não “destrói” sólidos para a construção de “novos” sólidos, como acontecia na Modernidade Clássica ou sólida, mas sim para a constante

---

<sup>69</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 217-218.

<sup>70</sup> Cf. ONCINA COVES, Faustino. De la contracción a la dilatación del tiempo: tiempos menguantes y crecientes. *Historia y Grafía*, Universidad Iberoamericana, año 22, núm. 44, enero-junio 2015, pp. 89-114.

<sup>71</sup> JAMESON, Frederic. Pós-Modernismo – a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio, São Paulo, Ática, 2006b, p. 27.

ebulição ou “liquefação”, isto é, aquilo que é recolocado na destruição criativa “pós-moderna” é constituído para a efemeridade com o prazo de vida a curtíssimo prazo. Assim, os “sólidos” são apropriados por Bauman, em *“Modernidade Líquida”*, para referir-se ao conjunto de elaborações sociais, culturais, políticas e econômicas da modernidade clássica. Suas principais palavras-chave, numa tentativa de tradução, são enraizamento, longo prazo, projeto, procedimento, racionalização, aperfeiçoamento, ordem e engajamento.

O processo de “derretimento” das estruturas existentes para a constituição de novas que a sucedam cronologicamente faz parte da argumentação de Bauman, que se aproxima de uma forma de descrever o mundo social. Entre os séculos XVIII e XIX os sólidos que foram destituídos, seriam substituídos por uma nova condição, mas agora “verdadeiramente sólida”, isto é, “perfeita”. Por isso, ele corrobora com as teses de Hannah Arendt segundo a qual não havia nenhuma irracionalidade ou maldade nos agentes do holocausto, visto que foi uma violência sistematizada fruto desse “aperfeiçoamento”, algo gerado pela própria racionalização moderna que conduziria ao totalitarismo.

Ainda no fim da década de 1980, Bauman publicou *Legisladores e Intérpretes* (1988), obra que daria o pontapé inicial de sua fama internacional como autor com um significativo sucesso editorial. Nela, o autor utiliza abertamente o conceito de pós-modernidade como marcador de época, com o intuito de se referir ao presente histórico contemporâneo. Bauman já realiza uma diferenciação do estatuto dos intelectuais na modernidade, compreendendo uma cisão em função dos mesmos. De um lado, na Modernidade Clássica, os intelectuais pareciam ter um papel de legisladores, postulando temas e preceitos para a ordem social vigente, ou intelectuais no sentido tradicional. De outro, o sociólogo apresenta a figura de um intelectual que se limita a interpretar a realidade social e a diagnosticá-la.

Nesse sentido, a filósofa Agnes Heller compartilha dessa visão em sua Teoria da Modernidade, ressaltando a mudança pela qual passou a função do intelectual entre a modernidade e a pós-modernidade<sup>72</sup>. No entanto, é no prefácio brasileiro desta obra, que o autor procurou de certo modo justificar e explicar as razões pelas quais abandonou o conceito de “pós-modernidade”. A Modernidade “fluida” é aquela que, finalmente, traduziria esse elemento inconstante da condição social e histórica contemporânea. O

---

<sup>72</sup> Cf. HELLER, Agnes. *A Theory of Modernity*. Blackwell Publishers, Massachusetts, 1999.

medievalista francês Jérôme Baschet, ao procurar refletir sobre os quadros temporais da cristandade medieval em comparação aos modos de temporalização contemporâneos, afirma a respeito do tempo atualmente que:

O tempo de hoje é um tempo cada vez mais rápido, ao qual se impõe uma exigência de rentabilidade incessantemente acentuada. Esta lógica manifesta-se de mil maneiras pela ditadura dos tempos breves e de ritmos sincópicos, pelo ideal de imediatismo e de instantaneidade, assim como pela denegação do tempo que passa e pela subsequente proscricção do envelhecimento, que dominam a esfera da comunicação. *Um eterno presente impõe-se, feito de instantâneos efêmeros que circulam com o prestígio de uma novidade ilusória, mas que apenas substituem, sempre mais rapidamente, o mesmo pelo mesmo.*<sup>73</sup> (grifos nossos).

Afinal, quais são as possibilidades de entrelaçamento ao se questionar as noções adjacentes à de pós-modernidade sob uma perspectiva histórica e crítica das temporalidades? O papel do historiador, nesse sentido, ao colocar em questão o trabalho de um sociólogo, o qual tem preocupações diferentes daquele, caminha no sentido de produzir uma reflexão crítica para as condições de possibilidade das histórias, tal como fundamenta os preceitos teóricos de Koselleck. Por isso, é preciso historicizar e temporalizar – em viés crítico – uma produção intelectual dessa natureza, que por inúmeras razões a obra deste sociólogo produz várias controvérsias e distanciamentos<sup>74</sup>.

Nas obras que precedem diretamente a publicação de "Modernidade Líquida", o autor já demonstra certo desconforto ao empregar a noção de "pós-modernidade" para descrever o mundo contemporâneo que se delineava no crepúsculo do século XX. Bauman retomou os preceitos de uma tradição que remonta Marx, a respeito da modernidade ter um processo de “destruição criativa” constante, a partir da imagem dos sólidos sendo derretidos, desmanchados no ar, os quais Berman também iria recuperar enquanto metáfora para a Modernidade<sup>75</sup>.

Bauman recupera, então, esse tópico metafórico para romper com a noção de pós-modernidade, visto que esta não era suficiente de modo semântico para expressar aquilo que, em seu modo de ver, entendia como a fase atual da modernidade. O processo de “profanação dos sagrados”, e de destruição criativa, na interpretação de

<sup>73</sup> BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006, p. 301.

<sup>74</sup> RATTANSI, Ali. Bauman and Contemporary Sociology: A Critical Analysis. Manchester University Press, 2017, p. 132.

<sup>75</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. 1ª ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 13..

Bauman, é o expurgo dos resíduos do passado no presente, o qual convocava a um desmoronamento de tradições, crenças e narrativas: essas são as características que servem de alicerces racionais às bases da modernidade burguesa. Bauman explica que o uso do termo pós-modernidade era utilizado simplesmente pela ausência de uma noção que fosse mais coerente com a definição do mundo social contemporâneo em sua visão. Para ele, pós-modernidade dizia muito mais respeito daquilo que não era mais moderno, ou que havia deixado de ser por alguma ruptura histórica, econômica ou social<sup>76</sup>.

A profusão de diagnósticos sobre ruptura ou quebra com a ordem moderna, especialmente nos idos dos anos 1980, sinalizam, para o historiador Chris Lorenz, uma transformação fundamental nos modos de se experienciar o tempo. A ascensão de termos, em trabalhos acadêmicos recentes, como “presentes passados”, “passados eternos”, “passados que não passam” ou “eternos presentes”, assinalam que há uma crescente preocupação com o sentido ontológico do passado e das possíveis relações entre passado e presente<sup>77</sup>. Nesse sentido, é possível começar a vislumbrar a compreensão da extensão em que as diversas temporalidades contemporâneas se apresentam, assim, desconectadas (“*out of joint*”).

A identidade intelectual de Bauman, acreditamos, pode ser compreendida em sua heterogeneidade e particularidades intrínsecas. A esse respeito, Bauman foi um estudioso que partiu conceitualmente do marxismo, no início de sua trajetória intelectual, tendo Antonio Gramsci como grande influência. Além disso, Bauman dialogou com filósofos e intelectuais da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas. Mais tarde, ele seria influenciado pela obra de Michel Foucault sobre as ideias de vigilância na sociedade, seu modelo panóptico e a sociedade disciplinar.<sup>78</sup>

Bauman foi especialmente influenciado por uma abordagem hermenêutica na sociologia, que entende a interpretação do social como parte de uma análise refinada das formas simbólicas de organização da burocracia e da política. Além disso, Bauman procurou tecer sua própria autonomia intelectual nos anos 1990 quando procurou cada

---

<sup>76</sup> BAUMAN, Zygmunt. Legisladores e Intérpretes: sobre Modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010, p. 9.

<sup>77</sup> LORENZ, Chris. ‘The time they are a-Changin’’. On time, space and periodization in History (pp. 109-131). In: CARRETERO, M. et al. Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education.

<sup>78</sup> SANTOS, Davi Moisés Barreto dos. Zygmunt Bauman: vida, obra e influências autorais. Cadernos Zygmunt Bauman. Vol. 4, num. 8, 2014. p. 94.

vez mais se distinguir de um autor “pós-moderno”, pois este rótulo não lhe cabia corretamente, a seu ver, porque procurava estabelecer uma distinção entre uma *condição* social, histórica e política, e o pós-modernismo que está ligado diretamente a um conjunto de transformações estéticas e discursivas no interior da Modernidade<sup>79</sup>. Rejeitando o título de autor “pós-moderno”.<sup>80</sup> Bauman, pelo contrário, tece críticas a essa noção, apontando os perigos epistemológicos que ela pode evocar para o pensamento crítico social. Bauman busca enfatizar a distinção entre o seu interesse, que se caracteriza pelo estado atual da sociedade ocidental contemporânea, e a condição humana inerente aos “tempos líquido-modernos”, que é caracterizada por outros autores

---

<sup>79</sup> Acerca disso, então, ao ser questionado pela historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, sobre alguns títulos seus envolverem o termo “pós-modernidade” e afins, o sociólogo procurou enfatizar que “uma das razões pelas quais passei a falar em “modernidade líquida” e não em “pós-modernidade” (meus trabalhos mais recentes evitam esse termo) é que fiquei cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade, “pós-modernismo” de “pós-modernidade”. No meu vocabulário, “pós-modernidade” significa uma sociedade (ou, se se prefere, um tipo de condição humana), enquanto “pós-modernismo” refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna. Procurei sempre enfatizar que, do mesmo modo que ser um ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. Ser um pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a ideia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana, assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más; enfim, uma ideologia que se recusa a fazer qualquer julgamento e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo. Mas eu sempre estive interessado na sociologia da pós-modernidade, ou seja, meu tema tem sempre sido compreender esse tipo curioso e em muitos sentidos misterioso de sociedade que vem surgindo ao nosso redor; e a vejo como uma condição que ainda se mantém eminentemente moderna nas suas ambições e *modus operandi* (ou seja, no seu esforço de modernização compulsiva, obsessiva), mas que está desprovida das antigas ilusões de que o fim da jornada estava logo adiante. É nesse sentido que pós-modernidade é, para mim, modernidade sem ilusões” Conferir: PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. Tempo Social., São Paulo, v. 16, n. 1, Junho 2004, p. 321.

<sup>80</sup> A ideia de pós-modernismo ou o do conceito de pós-modernidade, evaporaram do discurso crítico no século XXI em virtude de fatores relacionados ao seu provincianismo característico, muito ligado às designações culturais do Atlântico Norte, possuindo aí um caráter provincial. Andreas Huyssen questiona, então, quais seriam as pertinências que permanecem atreladas a essas noções num sentido mais amplo dos processos de modernização no tecido cultural do presente histórico. Para ele, “o presentismo, que de fato frequenta uma parcela muito grande do discurso científico social da globalização neoliberal e de seus críticos, abre outra frente de questionamento: a temporalidade em relação ao espaço global” (HUYSSSEN, 2014, p. 12). As questões da modernidade estão atreladas de modo irrevogável ao processo de globalização, discurso que ascendeu finalmente após uma série de desilusões geradas pelas utopias do século XX. Nesse sentido, não nos cabe dizer se tal processo é dotado de características positivas ou negativas, mas sim de perceber as nuances da temporalidade neste contexto. Para Huyssen, ainda, “um dos efeitos salutares do discurso pós-moderno, depois da ascensão dos estudos pós-coloniais, foi a abertura geográfica da questão de outros modernismos e de modernidades alternativas pelo mundo afora – o modernismo de outros mundos como uma realidade global mutante, e não como algo limitado ao Atlântico Norte. Continua-se a debater se tais modernismos alternativos devem ser vistos verticalmente, como imposições do Ocidente, vistos de fora, ou como transferências laterais, regionais ou nacionais. (Idem, p. 17). E mais: “dado o aspecto problemático da “modernidade” como um “universal do Atlântico Norte”, como a chamou Michel-Rolph Trouillot, devemos também nos dar conta de que o retorno discursivo da modernidade capta algo da dialética da globalização, cuja mescla aporética da destruição e criação, que tanto faz lembrar a modernidade na era clássica do imperialismo, tornou-se ainda mais palpável nos últimos anos”. (Idem, p. 21).

como “pós- modernidade”. Essa perspectiva se incorpora ao próprio *modus operandi* da sociedade, gerando o estado de liquidez e fluidez, ao qual o sociólogo buscou descrever e explicar o funcionamento da lógica vigente.

Além disso, Bauman chama atenção, em outras entrevistas, para os sintomas gerais que acompanham essa fase “líquida” da modernidade. Ele justifica que, além de procurar se diferenciar intelectualmente de intelectuais “pós-modernos”, a utilização da metáfora da liquidez para se referir à sociedade contemporânea está diretamente ligada à transitoriedade inerente das estruturas sociais, formais e culturais no Ocidente. Não ocorre mais, como na fase “sólida”, os projetos de longo prazo tendo como horizonte uma perspectiva de futuro. Agora, no entanto, a forma líquida se estabelece pelo estado atual da sociedade, ou seja, pela sua incapacidade de manter suas estruturas formais em uma longa duração.<sup>81</sup>

A definição de Bauman sobre como as pessoas na contemporaneidade se comportam diante dos problemas atuais, no que diz respeito a ideias, planejamentos e estilos de vida, é clara:

Nós estamos assustados: “progresso”, para nós, significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração. De não descer ou embarcar a tempo. De não estar atualizado com a nova moda. De não abandonar rapidamente o suficiente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e hábitos que os substituem. Além disso, ocupamos um mundo pautado pelo “agora”, que promete satisfações imediatas e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo. Em um mundo composto de “agoras”, de momentos e episódios breves, não há espaço para a preocupação com “futuro”.<sup>82</sup>

Um aspecto recorrente no pensamento de Bauman é o processo que ele denomina de individualização, considerado uma parte integral da modernidade líquida. O problema da utopia torna-se a peça central na análise de como as ideias e formulações para o futuro da sociedade estão sendo construídas, ou não. A questão de um mundo marcado por “agoras” e “episódios breves” será retomada no último capítulo do trabalho.

Essa noção do processo de individualização surge como forma social na medida em que a sociedade obedece e passa a ser regida cada vez mais pela lógica de cultural

---

<sup>81</sup> PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo Social.*, São Paulo, v. 16, n. 1, Junho 2004, p. 322.

<sup>82</sup> Entrevista – Zygmunt Bauman. In: [Entrevista – Zygmunt Bauman - Revista Cult](#) Acesso em 18/11/2022 às 20:03.



de consumo do capitalismo. Dessa maneira, a marca do capitalismo contemporâneo seria a fugacidade, transitoriedade e efemeridade, onde o mercado financeiro não dita as regras por muito tempo, e nem tem essa intenção. O projeto Iluminista de Razão, do século XVIII, que inaugura o lugar do progresso no futuro já não tem mais espaço diante dessa lógica de mercado. Nesse contexto, a abordagem de Bauman sobre a utopia está vinculada ao que ele próprio denomina como a relação entre insegurança e medo, características das sociedades modernas em sua fase "líquida".<sup>83</sup>

Seria a alegoria da liquidez uma questão de *marketing*? Que relação existiria entre o sucesso e capilaridade das alegorias de Bauman e o seu impulsionamento no mercado editorial? É possível dizer que a metafórica da liquidez possua uma ligação com o mercado editorial e essa questão é realçada a partir das entrevistas realizadas por Izabela Wagner, para uma biografia de Bauman. Segundo a autora, é no jogo editorial que Bauman é elevado a um autor proeminente e cujas várias alegorias ganham expressividade e notoriedade internacional, e uma enorme capilaridade para com um público amplo, tornando-se *best-seller*.

Isso se deu principalmente a partir da relação que Bauman estabelece com a editora de Anthony Giddens, a *Polity Press*, que rapidamente o deixou famoso, catapultando suas publicações com o selo da "liquidez" nos títulos. Assim, "no final da década de 1980, a 'liquidez' ainda não era o conceito poderoso que viria a ser. Foram os editores da *Polity* que converteram "o líquido" na teoria essencial de Bauman"<sup>84</sup>. A partir dos anos 2000, a palavra "líquido", ou variações desta, passaram a adjetivar a maioria dos títulos de suas obras e os argumentos geralmente giram em torno de uma ideia central, segundo a qual as transformações e o ritmo da mudança social acontece muito mais rápido do que anteriormente e não se espera, em verdade, que elas permaneçam assim por muito tempo.

É exatamente esse grau de impermanência da experiência de tempo que quer captar a metáfora da liquidez, mesmo sendo dotada de ares mercadológicos. Entretanto, a observação de que a liquefação pode ser decididamente interpretada como parte de amplos processos aceleratórios que envolvem a Modernidade não parece ser suficiente em si mesma para uma afirmação generalizante deste pressuposto para uma avaliação da historicidade e da temporalidade no presente histórico contemporâneo, visto que a

---

<sup>83</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro – Zahar, 2007, p. 100.

<sup>84</sup> WAGNER, Izabela. *Bauman: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1ª Ed., 2020, p. 340.

assertiva de que “todos” os processos e experiências estão acelerados não se sustenta de um ponto de vista histórico, econômico, político e cultural<sup>85</sup>. Por isso devemos levar com cautela, neste ponto do trabalho, a associação direta a uma interpretação exclusiva da alegoria de Bauman como tentativa de tradução da experiência de aceleração. Com isso, a afirmação da “liquidez”, não pode deixar margem aos aspectos midiáticos que cercam a escrita e a produção de Bauman a partir de sua entrada na editora *Polity Press*. Ao recorrer a essas figuras de linguagem, com o intuito de alcançar um grande público não-especialista, Bauman sustenta uma série de proposições imagéticas e metafóricas, em que o autor busca encarnar a síntese de um intelectual tido “intérprete” do tempo.

Dessa forma, a metáfora dos “líquidos” repousa sobre uma imagem que possui um caráter mercadológico, por chamar a atenção, pelo poder da imagem evocada e pela curiosidade causada. Por outro lado, o discurso dos “líquidos” em Bauman repousa num conjunto de alegorias e metáforas, articuladas junto a uma bricolagem de ideias, para sintetizar - a um grande público - determinadas questões sociais que colocam em relevo mais ainda a melancolia de um tempo presente em que “tudo” é transitório. O discurso do conhecimento de Bauman tem como pressuposto a forma como o próprio autor procurava elaborar suas questões. Tendo em vista que “ele se via como um intérprete que utiliza diferentes fontes de conhecimento e percepção para tentar captar, compreender e comunicar as complexas relações sociais”<sup>86</sup>. No entanto, compreendemos que isso está relacionado às “diferentes fontes de conhecimento” que possuem, de algum modo, uma relação simbiótica com a forma de um texto sociológico, mas com conteúdo jornalístico e, por vezes, apressado devido às publicações em série do autor.

O que talvez possa ser plausível, assim, pela maneira como algumas ideias de Bauman são formulações que buscam atingir um público amplo. Autores do Norte Global que ganham tal proeminência editorial possuem um aval discursivo para elaborar enunciados vagos e simplistas. Essa crítica, tomemos como exemplo, pode ser visualizada no próprio livro “*Retrotopia*”, no qual o autor utiliza o portal *Wikipedia*

<sup>85</sup> ROSA, *Op. Cit.*, 2019, p. 301.

<sup>86</sup> JACOBSEN, Michel Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020, p. 78. No original: “*he saw himself as an interpreter who uses different sources of knowledge and insight in order to try to capture, understand and communicate the complex social relationship*”.

como referência, não contendo nessa observação qualquer juízo de valor, mas sim para clarificar a forma como Bauman toma fontes diversas e definições mais ou menos rasas para preencher algumas lacunas argumentativas.<sup>87</sup>

O historiador estadunidense Martin Jay, especialista na história intelectual da Escola de Frankfurt, afirma que, ao menos nas obras que abarcam a fase “líquida” da produção de Bauman, existiria um conjunto geral de argumentos que perpassam todos esses textos, que podem ser subsumidos a partir de uma linguagem que pluraliza e até mesmo universaliza a experiência social em que “vivemos agora num mundo de incerteza precária, planejamento a curto prazo, gratificação instantânea, com o enfraquecimento das instituições, relações efêmeras, lutas para gerir riscos, identidades consumistas voláteis e colapso de comunidades viáveis”<sup>88</sup>.

## 2.2 A “liquidez” como expressão de “aceleração”

O sentido terminológico da “Modernidade Líquida” em Bauman está inserido em um contexto intelectual de produções e debates acadêmicos, no interior das humanidades. Estas, por sua vez, buscaram compreender as estruturas sociais e políticas de fins do século XX, com abordagens críticas que abrangem amplamente os sentidos da modernidade, globalização, crises financeiras do capital e fluxos globais de informação.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Neste livro, isso acontece em alguns momentos, ver: p. 123, p. 128, e nas notas de fim de texto, referentes ao capítulo 4, respectivamente, 20, 34 e 43 e na nota 3, do capítulo 3.

<sup>88</sup> JAY, Martin. *Liquid Crisis: Zygmunt Bauman and the incredible Lightness of Modernity*. Theory Culture Society, 2010, p. 97.

<sup>89</sup> Gostaríamos de ressaltar, por outro lado, sem esquecer-nos do alerta que Aníbal Quijano dá logo no início do texto “*Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*”, algo que Bauman não leva em consideração (RATTANSI, 2017). Nem questões raciais, nem problemas de gênero, nem sequer sua posição como autor privilegiado do Norte Global: “a globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico” (QUIJANO, 2005). A historiadora Ana Carolina Barbosa Pereira, nos convida a repensar, nos estudos em Teoria da História, a bibliografia e as categorias que são marcadamente do Norte Global, sugerindo considerações epistemológicas importantes para se pensar a produção de teoria a partir de um lugar subalternizado intelectualmente, como a América Latina, em se tratando de uma espécie de imperialismo epistêmico. É muito importante ressaltar que essa pesquisa, como um todo, também não se esquiva da crítica sobre o lugar epistêmico na teoria da história

Trata-se de um processo de liquefação das estruturas sociais que não se restringem às esferas políticas e econômicas, conforme as leituras tradicionais da teoria social sobre a modernidade. As mudanças, para Bauman, avançam em direção à vida cotidiana, fluidificando todo tipo de relação social, a partir de uma virtualidade e de uma lógica de consumo impulsionada pelo capitalismo avançado do fim do século XX. A modernidade líquida enquanto noção surge para coroar a chegada do século XXI em sua terminologia, não para afirmar a emergência de “um novo tempo”, mas como uma via de atualização dos aportes conceituais utilizados na teoria social. Ele abandona o conceito de pós-modernidade para referir-se ao estado social da modernidade por enxergar uma incoerência semântica que não distingue pós-modernismo enquanto *ethos*, de um lado, e condição histórica, de outro.<sup>90</sup>

Nossa hipótese, neste ponto, é a de que a metáfora dos “líquidos” em Bauman pode ser vista como uma imagem de instabilidade e aceleração, mas também da adaptação no cotidiano, em torno das relações temporais estabelecidas pelos sujeitos

---

ao utilizar autores como Koselleck, Hartog, Gumbrecht, Rüsen, Assmann, Rosa e, claro, o autor em tela que é nosso personagem, Bauman. Ao mesmo tempo, e essa é uma questão basilar, utilizar as ideias de teóricos que focalizam exclusivamente a experiência histórica do Norte Global, negligenciando os demais continentes do Sul, configura conivência ou cumplicidade com o eurocentrismo e o imperialismo? Dessa forma, Ali Rattansi faz severas críticas às formulações de Bauman a respeito da sociedade “líquida”, em que Bauman, apesar de produzir interessantes *insights* com suas alegorias, não coloca no centro do debate as noções de raça, gênero e o papel das mulheres nesse processo. Além disso, Bauman trata toda a questão do consumismo, algo que veremos ao longo de todo o trabalho, direta ou indiretamente, como algo mecânico, como se consumidores fossem forçados a comprar e adquirir incessantemente e de modo impensável, sendo uma massa amorfa que reage aos impulsos eletrônicos, propagandas e delírios de consumo (RATTANSI, 2017, p. 246-248). Conferir: RATTANSI, Ali. Bauman and contemporary sociology. A critical analysis. Manchester, Manchester University Press, 2017; BARBOSA PEREIRA, Ana Carolina. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88–114, 2018; QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

<sup>90</sup> Segundo Rosa, “uma nova onda de compressão espaço-temporal (sic) traz consequências sociais e culturais abrangentes, que são capazes de fundamentar, ao ultrapassar pontos limítrofes críticos, uma nova qualidade de sociedade. O que as definições de globalização tentam demonstrar como sendo um novo estado, é o fato de ter-se atingido, através dos processos tardo-modernos, esses pontos limítrofes. Como consequência da mais recente compressão espaço-temporal (sic), segundo a definição mais contundente da globalização como um novo estado, formou-se um novo regime espaço-temporal (sic), caracterizado, espacialmente, *pela substituição de fixações estáveis por flows em movimento perente e, temporalmente, pela dissolução de ritmos em e sequências estáveis em função da contemporaneização [Vergleichzeitigung] do não simultâneo*. A concepção de que qualidades espaciais, cultural e estruturalmente importantes, hoje não são mais definidas por instituições territorial e localmente fixas e imóveis, nem por localidades e lugares fixos, mas sim por *correntes ou fluxos (de poder, capital, mercadorias, pessoas, ideias, doenças, riscos, etc.) que constantemente alteram sua direção e forma*, está alcançando hegemonia cultural. Ela domina ao menos os discursos da globalização e da Pós-Modernidade, parecendo, assim, evidenciar uma circunstância central da sociedade contemporânea. Zygmunt Bauman conclui disto que a época presente seria mais bem caracterizada como “*Modernidade Líquida*”, *estabelecendo a relação entre o aspecto “amolecedor de instituições da globalização e perda da relevância do espaço em relação ao tempo”* (grifos nossos) (ROSA, 2019p. 438-439).

históricos na contemporaneidade, atravessados pela “nova razão do mundo” neoliberal<sup>91</sup>. Essa perspectiva privilegia, assim, especialmente uma teoria da história a despeito da temporalização contemporânea e também a partir das discussões intelectuais que gravitam em torno da predominância da dimensão temporal do presente.

Bauman compreende que a fase atual da modernidade, “líquida”, tem um caráter de temporalidade imprescindível, visto que a fase “sólida” – termo que utiliza para evitar a díade comum entre Modernidade/Pós-Modernidade – tinha um precedente espacial muito maior do que o que se manifestava nos anos 1990<sup>92</sup>. Essa questão evoca implicitamente a tese de David Harvey sobre a compressão do espaço pelo tempo, causada especialmente como consequência de um novo regime de acumulação flexível no capitalismo contemporâneo, encurtando os limites e as possibilidades do tempo do capital, afetando diretamente a experiência em um viés “dromológico” (Paul Virilio), ampliando o presente<sup>93</sup>. Bauman defende, portanto, que as metáforas de fluidez e liquidez são as mais adequadas para a compreensão do presente em face de um contexto que muda rapidamente e, principalmente, de modo imprevisível<sup>94</sup>.

As estruturas sociais e políticas da Modernidade Clássica, a seu ver, mantinham um estatuto de durabilidade – marcadas pela ideia de progresso e também por uma força do Estado-nação enquanto detentor do monopólio da violência, da racionalidade burocrática e do capitalismo na sua fase fordista como modelo bruto de produção. Além disso, o autor foi influenciado por Freud em sua visão sobre a relação entre segurança e liberdade como moeda de troca para a civilização. Nessa perspectiva, a modernidade foi “fluida” desde sua concepção, tendo em vista que Bauman evoca um questionamento de que os “sólidos” modernos são resultados do derretimento dos “sólidos” pré-modernos. Ou seja, se os “sólidos” aqui significam um horizonte de expectativa a longo prazo, o processo de modernização mesmo substitui concepções, valores, práticas e tecnologias evidentemente, por outras que também eram de longo prazo:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de

---

<sup>91</sup> Cf. DARTOT, Pierre & LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>92</sup> Cf. AGUILUZ, Maya. “Bauman: hacia una agenda temática”, *Acta Sociológica* (35), 2000, 245-255.

<sup>93</sup> Cf. WARF, Barney. *Time-Space compression (historical geographies)*. M , NY, 2008.

<sup>94</sup> BEILHARZ, Peter: *Zygmunt Bauman: dialectic of modernity*. Londres: Sage, 2000, p. 91.

solidez *duradoura*, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável<sup>95</sup>. (grifos nossos)

A peculiaridade da metáfora da liquidez é justamente a de permitir uma compreensão da principal característica da modernidade tardia: a incapacidade de manter fixamente significados, códigos, expressões, símbolos e, mesmo sua própria definição, por muito tempo, em virtude de um processo de hiperaceleração, o que implica uma adaptação ininterrupta a contextos em constante mudança. Para o seu formulador, não há nessa condição temporal um coeficiente de durabilidade, algum tipo de enfeixe que mantenha em ordem e fixe em algum ponto específico a coesão sistemática da temporalidade, visto que até mesmo as estruturas sociais não são forjadas a longo prazo<sup>96</sup>.

Tal caráter de ausência de duração está presente na filosofia social que Bauman apresenta e designa a partir da metáfora dos líquidos aplicada à Modernidade Tardia, já que o tempo é a que desponta como fundamental tanto para o entendimento quanto para a própria semântica da liquidez. Por isso, é possível dizer que todo campo metafórico da liquefação aqui apresentado, para além dos problemas sociais como os de identidade, medo, segurança, liberdade e emancipação – trabalhados por Bauman – possuam um caráter de temporalização inerente do qual pode-se extrair uma interpretação das condições e experiências do tempo presente, enquanto processo de específico aceleração.

Acreditamos ser possível visualizar o tempo presente na perspectiva da aceleração, o que leva a enxergar as consequências de uma nova gramática do tempo no desenvolvimento da modernidade. O peso crescente da perda de evidência do futuro e da perspectiva de mudança que ela comporta, para os horizontes de expectativa, têm sido associados ao desenvolvimento técnico das transformações fundamentais que o capitalismo, em sentido histórico, sofreu. A esse respeito, podemos afirmar historicamente que tais questões são acompanhadas por um aumento exponencial no ritmo das transformações, sejam elas culturais ou sociais, daí a assertiva baumaniana de

---

<sup>95</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1ª Ed., 2000, p. 10.

<sup>96</sup> Cf. BERIAIN, Josetxo: *Aceleración y tiranía del presente: la metamorfosis en las estructuras temporales de la modernidad*. Barcelona/México: Anthropos/Universidad Autónoma de México, 2008.

que "nada é feito para durar" e que as relações sociais são fugazes e não possuem mais aquele aspecto da duração, de longo prazo, da Modernidade Clássica (sólida)<sup>97</sup>.

Bauman compreende uma articulação entre espaço e tempo na modernidade em que, no interior de sua fase "líquida", ocorre uma emancipação do tempo em relação ao espaço. Aqui, o espaço adquire outra função, relegado a escanteio na experiência, ao ponto em que as relações sociais aparecem muito mais influenciadas pela dinâmica de tempo do que necessariamente espacial. Isso fica claro quando ele coloca um evento de conexão entre indivíduos no cotidiano parece ser dotado de uma relação entre medo e insegurança, visto que não possuem nem passado ou futuro<sup>98</sup>. Essa dinâmica de ausência de passado e futuro nos leva a questionar o papel do presente, visto que a relação social aqui parece indicar o toque do efêmero, do passageiro e descompromissado com o retorno ou o durável.

"A história sempre tem a ver com o tempo"<sup>99</sup>. As dimensões que abarcam o tempo, que é a distinção disciplinar da historiografia, reforçam a identidade intelectual da ciência histórica. Como Marc Bloch nos lembra, a história possui uma relação objetiva não com o passado, mas para com os homens no tempo. Ao passo que Fernand Braudel defendia que a especificidade da ciência da história reside em sua "capacidade de distinguir e articular os diferentes tempos que se acham superpostos em cada momento histórico"<sup>100</sup>. Assim, a temporalidade pode ser definida como um amplo quadro conceitual que organiza e estrutura como várias sociedades e práticas intelectuais compreendem e percebem mudanças de padrões históricos ainda enquanto tais transformações estão em processo de construção e sendo costuradas na cultura.

A historiadora estadunidense Lynn Hunt, ao refletir sobre o interesse geral dos historiadores na questão do tempo e seus dilemas, compreende que existe uma necessidade inevitável da linguagem de transmutar o tempo em diversas metáforas. A figura de linguagem, assim, tem por objetivo sempre tornar os conceitos de tempo mais claros, às suas formas discursivas em diversos sentidos. Para a autora, o tempo exige metáforas que podem aparecer como o fluir da água, a velocidade de uma carruagem, o arrefecimento instantâneo do gelo, o voar de uma flecha, a imaginação de um tempo

---

<sup>97</sup> Cf. BÉJAR, Helena: *Identities inciertas*: Zygmunt Bauman. Barcelona: Herder, 2007.

<sup>98</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, 2000, p. 111.

<sup>99</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 299.

<sup>100</sup> CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 65.

produzido pelo crescimento lento ou a transformação do tempo em noções espaciais como campos abertos para referir-se ao passado e horizontes longínquos para evocar um futuro. E, no entanto, o tempo procura manifestar-se de tais modos metafóricos ou “especializado”, sempre numa tentativa de torná-lo inteligível e concreto, posto que é uma abstração<sup>101</sup>.

Felipe Torres analisou as estruturas temporais da sociedade no século XXI, tecendo um quadro conceitual bastante rico e matizado acerca dos fenômenos temporais que podem ser verificados a partir de boa parte dos diagnósticos de tempo, nos apresenta uma contextualização e um debate crítico sobre as dimensões que estão em jogo no cenário contemporâneo dos estudos sobre as temporalidades. Uma das principais preocupações de Torres é discutir as implicações de um “regime de temporalidade” no presente histórico contemporâneo e, assim, partir para uma investigação sobre as tensões e problemas possibilitados nessa direção. Torres explica que durante entre as décadas de 1970 e 1980, diversos estudos resgataram o papel social e cultural do espaço para o interior de um debate mais amplo sobre a política, compondo aquilo que se convencionou chamar de “estudos espaciais”<sup>102</sup>.

Isto é algo que pode ser verificado também em autores que realizam uma abordagem sobre o sentido da modernidade, nas últimas décadas do século passado, como Giddens que compreende que há uma relação entre as consequências da modernidade, os diagnósticos de globalização e as formas institucionalizadas do Estado, no sentido da reflexividade – encaixe e desencaixe – no que ele define como Modernidade Tardia com a prevalência de um “distanciamento entre espaço e tempo”. Também para David Harvey, “vem ocorrendo uma mudança abismal nas práticas culturais, bem como político-econômicas, desde mais ou menos 1972. Essa mudança abissal está ligada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos tempo e espaço”.<sup>103</sup>

Nesse sentido, o antropólogo francês Marc Augé também corrobora com a visão de um distanciamento entre espaço e tempo, sem buscar razões em qualquer determinismo tecnológico. Augé explica que uma transformação cultural que altera os sentidos da experiência de tempo constantemente é característica da

---

<sup>101</sup> HUNT, Lynn. Measuring time, making history. The Natalie Zemon Davis Annual Lecture Series at Central European University, Budapest, 2008, p. 29.

<sup>102</sup> TORRES, Felipe. Temporal Regimes: materiality, politics, technology. First edition, New York: Routledge, 2022, p. 20-29.

<sup>103</sup> HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 26ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2016. p, 14.



contemporaneidade. No entanto, a noção de uma separação entre espaço e tempo também possui um fator de desigualdade. Ou seja, não apenas tempo e espaço se distanciam, mas a própria desigualdade social vem acompanhada de uma dessincronização que produz inúmeras assimetrias temporais e sociais<sup>104</sup>.

Tal tradição interpretativa, que não dissocia espaço e tempo, possui fundamentos epistemológicos que remontam a Immanuel Kant. Assim, é possível sustentar, com esses indícios, que toda uma tradição intelectual que precede Bauman, e com a qual ele dialoga direta ou indiretamente para chegar a suas conclusões sobre a condição social do presente, especialmente o papel que a velocidade das transformações das estruturas, voláteis, conferem à condição humana e individual e sua crítica ao consumismo, vai em direção à uma articulação do social, da linguagem, dos modos de vida, do tempo e do espaço.

Já em “*Modernidade Líquida*” (2000), Bauman não separa tempo e espaço do título dedicado a essa questão, pois trata de uma investigação em conjunto e indissociável, seguindo a tradição kantiana de análise segundo a qual espaço e tempo são equivalentes<sup>105</sup>. No entanto, em outras abordagens, a relação entre tempo e espaço da “Modernidade Clássica”, quando formulada no presente histórico contemporâneo, toma outros sentidos e ganha novos contornos. Refletindo a respeito do distanciamento entre espaço e tempo, liquefação e aceleração, Rosa afirma que:

Em face da erosão, iniciada aproximadamente ao fim do século XX, das estruturas econômicas, jurídica, política e de bem-estar social, ligadas ao arranjo institucional do Estado nacional, que se desenvolveram na “Modernidade Clássica” e que tinham se mostrado, até então, surpreendentemente estáveis, as metáforas de ‘flows’ e ‘fluids’ ganham nova atualidade nos novos diagnósticos do tempo: autores como Manuel Castells, Zygmunt Bauman, John Urry ou Arjun Appadurai atribuem ao fluxo de pessoas, informação, finanças e mercadorias, que se espalha em alta velocidade pelo globo, quase sem encontrar resistência, as características de líquidos que podem se dispersar rapidamente por toda parte, mas que, em face da menor das mudanças territoriais ou políticas, fluem em outras direções, por outros canais ou batem em retirada, isto é, líquidos que não chegam a formar um estado agregado estável, duradouro, que não formam ligações sólidas entre si.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> Cf. AUGÉ, Marc. Para onde foi o futuro?. Campinas, SP: Papirus, 2012.

<sup>105</sup> Essa questão é largamente exposta por Kant na seção “estética transcendental”. Conferir em: KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Tradução: Lucimar A. Coghi Anselmi, Fulvio Lubisco – São Paulo, Martin Claret, 2019, p. 31-51.

<sup>106</sup> ROSA, Op. Cit, 2019, p. 210.

A partir do trecho supracitado, é plausível dizer que a alegoria da “liquefação”, em Bauman, possua uma aproximação com a história da aceleração da modernidade. Como é possível sublinhar a partir do trecho citado, há que se ressaltar que o conteúdo dessa alegoria, em si, não seria algo estritamente original. Nesse sentido, a hipótese a ser esquadrihada neste momento da presente pesquisa trata de que esse processo de “liquefação”, de “fluidez” na sociedade, que aparecem em Bauman, da impermanência semântica inclusive, de qualquer definição, do caráter extremamente efêmero do mundo e das relações sociais, possuem uma ligação íntima com a relação entre experiência e expectativa no presente histórico contemporâneo.

Isso afetaria inclusive a relação entre passado e futuro, ou entre os fenômenos experienciais de aceleração e nostalgia. O presente histórico desenha, assim, um problema: em que medida estão relacionados passado, presente e futuro? A dimensão temporal do presente, com esse caráter incessante de derretimento de sólidos, de despojar o passado à obsolescência, de ser absolutamente moderno, dessincroniza diversas instâncias e ritmos nos estratos de tempo.

Também podemos perceber que diferentes autores, em vários campos intelectuais de atuação nas humanidades, chegam a conclusões próximas a respeito de uma relação entre os processos históricos do século XX e as condições da experiência temporal no século XXI. Assim, acreditamos que a noção metafórica “modernidade líquida”, em Bauman, tem a intenção de exprimir uma relação com a brevidade nas relações sociais, políticas e institucionais contemporâneas mesmo sem ter dialogado com as publicações a respeito deste problema.

A relação entre a duração longa, e paradoxalmente lenta, das experiências de tempo na Modernidade passa a ser substituída sempre por relações mais fugazes que as anteriores, algo de um processo característico de aceleração. Ocorre, então, uma substituição em termos, pois a destruição criativa que possibilitou os sólidos do século XIX serem derretidos e suplantados por outros, personificados pelo progresso técnico, já não mais se sustentam. Bauman defende que:

Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade ‘fluida’ não tem função para a duração eterna. O ‘curto prazo’ substituiu o ‘longo prazo’ e fez da instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo em que promove o tempo ao posto de

contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluida dissolve – obscurece e desvaloriza – sua duração<sup>107</sup>

Essa relação entre “longo prazo” e “curto prazo” torna-se elementar por duas razões. Em primeiro lugar, elas fornecem uma espécie de comparação entre aquelas experiências que “duravam”, ou seja, corriam livremente no tempo da ação e continham nela a experiência de uma longevidade ou de uma experiência que fosse passível de narração. Depois, essa diferenciação entre longo e curto prazo passa a ser um indicativo da transformação da percepção temporal da duração das experiências, que tornam-se cada vez mais efêmeras. Assim, pode ser plausível dizer que a metafórica da liquidez traduz o caráter extremamente efêmero do tempo enquanto “duração” dos episódios de experiência, tornando a comparação entre presente e passado uma constante no programa sociológico baumaniano. No processo de liquefação, a experiência aparece sempre fugidia, como se o indivíduo segurasse o tempo de sua própria vida como areia que escorre entre os dedos.

Para além deste tempo como duração, o tempo social e o cenário que figura nos escritos de Bauman a respeito da condição do presente, apesar de possuírem inúmeras inconsistências por conta das generalizações de seu tom de ensaio livre, fornecem um aparato lexical que associa, assim, modernidade e temporalidade sob a noção de liquefação, além de conter um indicativo sobre a condição neoliberal.

Nerea Salvador ressaltou que há um paralelo entre Koselleck, Hartog e Rosa no qual as abordagens desses três autores, embora tomem diferentes pontos de partida, problemas e tradições intelectuais, que consegue exprimir a relação fundamental entre os dois blocos da modernidade (sólida/líquida), visto que há um coeficiente temporal fundamental na leitura histórica do presente ali apresentada, o qual se traduz na ideia de aceleração mesmo que o conceito não apareça nas obras estudadas<sup>108</sup>.

Conforme ressaltou Koselleck, “o mundo reconfigurado pela ciência, a técnica e a indústria conhecem processos de aceleração que modificam radicalmente as relações espaço-temporais, tornando-se mais fluidas”<sup>109</sup>. Importante frisar, portanto, que há um

---

<sup>107</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1ª Ed., 2000, p. 145.

<sup>108</sup> Não apenas Rosa, Bauman e Koselleck são articulados nos estudos de Nerea Salvador, mas também há um estudo de comparação crítica entre as teorias da modernidade em Braudel, Koselleck e Bauman. Sobre isso, ver: PICH, Barbara. *Teorías de la modernidad comparadas: Braudel, Koselleck, Bauman*. In: CASTRILLO, Manuel Ángel. *Temporalidades inter/disciplinares (Derecho, Filosofía, Política)*, Carlos III University of Madrid, Dykinson, 2021.

<sup>109</sup> KOSELLECK, Op. Cit., 2014, p. 86.

problema de temporalidade sob o signo da ideia de uma “fluidificação” contemporânea, que possui relações com a historiografia e a temporalidade. Neste sentido, é no devir da confluência descompassada do próprio tempo no presente, que, para Bauman, a categoria de tempo seria fundamental para a compreensão dos “líquidos”, e também de que a liquefação traduz esse novo momento da história da modernidade.

Uma interpretação temporal pode ser aí colocada, assim, pois “o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes”<sup>110</sup>. Ou seja, ao inculcar uma lógica de obsolescência no mundo social associa-se à aceleração da produção técnica e formais onde o descarte seria uma regra geral, tanto no plano cultural quanto econômico e mantém uma dessincronização, manifestando a categoria koselleckiana de “contemporaneidade do não-contemporâneo”<sup>111</sup>. A condição social de precariedade dá origem a um mundo que pode ser percebido como sendo simplesmente descartável, repleto de objetos concebidos para uma única utilização, seguida rapidamente pelo descarte.

Bauman recupera disso toda a articulação interpretativa que realiza da modernidade a partir de uma problematização da sociedade de consumo, a qual produz consumidores e aqueles que não podem entrar no jogo social do consumismo. A recepção e a experiência espaço-temporal destes últimos se vê afetada em uma dessincronização, que privilegia a sensação de um presente acelerado, a ser igualmente consumido – e não mais produzido – engolido pela velocidade de cotidiano sistematicamente engolfado por uma ansiedade paralisante. Por esse motivo, para o sociólogo, as relações sociais tornam-se objetos de consumo, e não de produção, nas sociedades ocidentais. Neste ponto, a transitoriedade age como reguladora do processo de consumo e descarte, no ato do presente, das relações humanas gerando, como consequência, instabilidade e fragilidade no seio da existência social. As tentativas de satisfação instantânea por meio do consumismo são uma maneira dos sujeitos

---

<sup>110</sup> Idem, p. 38.

<sup>111</sup> Ou então, no original, *Gleichzeitigkeit der ungleichzeitigkeit*. A respeito disso, ver: LANDWEHR, Achim; WINNERLING, Tobias. Chronisms: on the past and future of the relation of times, *Rethinking History*, vol. 23, 2019.

amenizarem o sentimento de insegurança e medo, também ocasionados por uma perda de evidência do futuro.

Nas relações individuais, o encontro com o outro é fadado à fatalidade da singularidade: “no momento do encontro não há espaço para tentativa e erro, nem aprendizado a partir dos erros ou expectativa de outra oportunidade”. Os encontros, de um ser que está no mundo e envolto em sua materialidade no sentido heideggeriano, estes, por sua vez inevitáveis nos templos de consumo, tornam-se, portanto, brevíssimos e superficiais. O desengajamento, a falta de vínculo social duradouro ou “sólido” se opõe às novas figurações que compõem o social, na perspectiva de Bauman, na Modernidade Tardia ou líquida.

Neste processo, podemos evidenciar uma relação entre a dilatação do presente (Nowotny)<sup>112</sup>, contração do presente (Lübbe)<sup>113</sup>, ou de um presente amplo (Gumbrecht), os quais possuem uma relação com a aceleração, visto que há uma sucessão de experiências inéditas com a intensificação de vários processos na contemporaneidade que trazem, como resultado imediato – sempre instantânea e efêmera – a dinamização e a pluralização das temporalidades, incorrendo em uma enormidade de diagnósticos de tempo (*Zeitdiagnose*). Evidentemente, apesar de suas diferenças intelectuais, tais diagnósticos atestam ainda mais para uma imbricada relação entre temporalidade, experiência e modernidade.

Por isso a literatura apresenta uma série de impressões críticas sobre a dinamização e mesmo banalização conceitual, já que “hoje fala-se muito em modernidade em geral, segunda modernidade, modernidade líquida, modernidade alternativa, contramodernidade e sabe-se lá o que mais”<sup>114</sup>. Rosa argumenta acerca disso que a aceleração social produziu um fato paradoxal na modernidade tardia: como resultado de um processo de individuação, liberalização e pluralização, nos sentimos

---

<sup>112</sup> Cf. NOWOTNY, Helga. *Time: Modern and Post-Modern Experience*. London, Polity Press, 1989; NOWOTNY, Helga. *Time and Social Theory Towards a social theory of time*. TIME & SOCIETY, 1992, SAGE (London, Newbury Park and New Delhi), Vol. 1(3): 421-454.

<sup>113</sup> A ideia de uma “contração do presente” (*Gegenwartsschrumpfung*), para Hermann Lübbe, está vinculada ao fato de que, na civilização moderna, há um gradativo aumento da transmissão sócio-cultural de saberes entre as três gerações que têm uma existência compartilhada. Trata-se aqui de pensar que as relações intergeracionais são comprimidas pelo fenômeno de “contemporaneidade dos não-contemporâneos”. Voltaremos a retomar tanto Nowotny quanto Lübbe no último capítulo do presente trabalho, quando discutirmos a experiência de tempo, enquanto aceleração, em Bauman.

<sup>114</sup> HUYSEN, Andreas. *Culturas do Passado-Presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

mais livres quando estamos simultaneamente sujeitos a um nível de regulação, coordenação e sincronização como nunca estivemos antes.

Bauman argumenta que o consumismo em parte é resultado de um vício fortificado na pós-modernidade como manifestação de valores hedonistas em busca de um prazer/satisfação máximo. Em grande medida, a busca pela satisfação oferecida pelo consumo aparece como uma prática de “fuga” diante deste presente acelerado e hipertrofiado. Tal ebulição consumista também está ligada a um sentimento extremo de medo, insegurança e incerteza, provocados pela perda da evidência do futuro e todos esses sentimentos estão intimamente relacionados ao âmbito das expectativas.

Essas últimas consequências, todas as vezes em que são evocadas, embora associadas a questões políticas ou sociais, possuem uma relação de sentido com a temporalidade. A incerteza sobre o futuro é a grande questão que atravessa essa nova liquefação, ou os “*flows*” associados à aceleração e ao presentismo. A concepção de “*inertia polar*” em Paul Virilio<sup>115</sup>, que se traduz em uma “paralisia frenética” em Rosa, geralmente associada também a metáforas como a roda do hamster – aceleração constante, porém sem direção ou sentido –, apontam cada vez mais para um sentido de futuro que não é só fechado como também está em alta velocidade reproduzindo a condição do presente indefinidamente.

Para Bauman, a história da modernidade seria indissociável do capitalismo, assim como o trabalho deste último. O autor utiliza as metáforas binárias “leve”<sup>116</sup> e “pesado” para identificação de cada uma das fases do capitalismo as quais, assim,

---

<sup>115</sup> Cf. VIRILIO, Paul. *Estética da desapareição* Tradução Vera Ribeiro. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

<sup>116</sup> Consideremos uma importante observação realizada por Gilles Lipovetsky - em diálogo com Bauman - acerca da “leveza”, para além da utilização de *A Insustentável leveza do ser*, como referência à obra de Milan Kundera, nessa imagem alegórica, como Bauman frequentemente o faz: “as transformações da vida coletiva e individual ilustram de outra maneira a tendência ao leve. Em ruptura com a primeira modernidade - rígida, moralista e convencional -, afirma-se uma segunda modernidade de tipo “líquido” (Zygmunt Bauman) e flexível. Na era hipermoderna, a vida dos indivíduos é marcada pela instabilidade, pois está entregue à mudança perpétua, ao efêmero e ao ‘mudancismo’. As pesadas imposições coletivas deram lugar ao *self-service* generalizado, à volatilidade das relações e dos engajamentos. Essa é a dinâmica social da hipermodernidade que institui o reino de um individualismo de tipo nômade e zapeador. A individualização extrema da relação com o mundo constitui a principal dinâmica social situada no coração da revolução do leve. [...] Não esperamos mais uma ‘terra que mana leite e mel’, não sonhamos mais nem com revolução nem com libertação: sonhamos com leveza. Uns trilham o caminho consumista do ‘sempre mais’ para esquecer ou aliviar o presente. Outros põem a leveza ‘verdadeira’ a essa leveza mercantil declarada falsa e alienante. Nesse caso, ‘mudar de vida’ significa livrar-se dos fardos excessivos que pesam sobre nossas existências” (LIPOVETSKY, 2016, p. 22). Conferir: LIPOVETSKY, Gilles. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. – Barueri, SP: Manole, 2016.

acompanham as “sólidas” e “líquidas” da Modernidade. Também compreende a Modernidade Clássica e junto de um “capitalismo pesado” associado a uma sociedade de produtores, ou seja, centrada na fábrica, no ideal do trabalho nos moldes fordistas. A cena parece ser extraída do clássico filme de Charles Chaplin “*Tempos Modernos*” (1936) com a burocracia, racionalização, repetitividade na ação e na produção fabril e trabalho associados ao modelo do capital na primeira metade do século XX. Bauman salienta que “o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase ‘pesada’, ‘volumosa’, ou ‘imóvel’ e ‘enraizada’, ‘sólida’”.<sup>117</sup>

O início da modernidade vem a ser fundamental para Bauman, pois é no momento em que a distância percorrida por unidade de tempo passa a ser subordinada à inventividade humana e à inovação técnica, próprias do processo de aceleração. Os limites naturais do movimento são apagados e a velocidade torna-se dominante na experiência, senão a aceleração perpétua do tempo.

Na Modernidade, para Bauman, se houver restrições que enrijeçam o encurtamento do tempo necessário para o deslocamento espacial em curto período de tempo, estes representam apenas um obstáculo transitório de um desafio que deve ser superado pelas técnicas desenvolvidas até então para o cumprimento desta finalidade. Assim, espaço e tempo estão separados não apenas um do outro, mas também da prática de vida imediata, questionando tanto os critérios atuais de proximidade quanto de distância, como o fio dos ritmos da vida com a natureza.

### **2.3 A transformação histórica do capitalismo: fordismo e pós-fordismo**

A transformação das estruturas sociais, engendradas pelo convulsionamento histórico do capitalismo no final do século XX possuem uma estreita ligação com as transformações temporais do presente histórico. Em Bauman, o capitalismo pesado encontra expressão no Fordismo e o capitalismo leve representa o pós-fordismo. O fordismo é a própria expressão dessa modernidade sólida, arraigada de sentido espacial, de seguranças, planejamentos. Já no pós-fordismo do capitalismo leve, a regra passa a ser o desengajamento social, desregulamentação e flexibilização. Em suma, entre

---

<sup>117</sup> BAUMAN, Modernidade Líquida, 2000, p. 69.

fordismo e pós-fordismo, cada um, a seu modo, representam as dinâmicas da modernidade, tanto a “sólida” quanto a “líquida”, respectivamente. De um lado, o futuro tem um peso muito grande na constituição do “aperfeiçoamento” daquelas historicidades e, por outro, o exercício da temporalidade se vê em frangalhos após distensões e impasses gerados a nível global na história recente do capitalismo flexível, ancorado no discurso ideológico e político-econômico do neoliberalismo. François Hartog corrobora com essa questão ao afirmar que:

Na Europa, desde os anos 1970, alguma coisa se desfez em nossa relação com o futuro, mas também com o passado, enquanto a categoria do presente crescia em força: um presente invasivo, como se aspirasse à autossuficiência, único horizonte possível ao mesmo tempo em que se deteriorava a cada instante no imediatismo. Planejamento, prospectiva, futurologia, foram grandes palavras de ordem dos anos 1960, agora lançadas no esquecimento. As Comissões de Planejamento desapareceram e a ‘ardente obrigação’ (General De Gaulle) do planejamento *foi suplantada pela valorização da flexibilidade* e, no que diz respeito à produção, pela valorização do *Just in time*. A inovação é mais valorizada do que a invenção, *considerada muito longa, muito incerta, muito pesada*” (grifos nossos).<sup>118</sup>

Depois da crise financeira de 1929, o Estado de bem-estar social seria a expressão da sociedade “democrática” que garantia segurança, certeza, e uma ética pautada pela regulamentação, engajamento e vínculo societário. Isso está plenamente em consonância com as características mais “sólidas” dessa primeira modernidade. Mas uma série de elementos são fundamentais na segunda metade do século XX e que causam uma mudança vertiginosa em todas as esferas. Com a acumulação flexível do capital durante os anos 1970, o avanço do pós-fordismo e da flexibilização gradual dos postos de emprego, a esfera do capital financeiro seria fortalecida de modo inédito a nível global. E o cenário ficaria cada vez mais dramático porque, no processo de globalização:

As grandes empresas adquiriram um tal poder de mobilidade, redução de mão-de-obra e capacidade de negociação - podendo deslocar suas plantas para qualquer lugar onde paguem os menores salários, os menores impostos e recebam os maiores incentivos -, que tanto a sociedade como o Estado se tornaram seus reféns”<sup>119</sup>

<sup>118</sup> HARTOG, François. Os impasses do presentismo. 2022. in: MÜLLER, Angélica & IEGELSKI, Francine (orgs.). História do tempo presente: mutações e reflexões. - Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022, p. 133.

<sup>119</sup> SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no *loop* da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 31.



As empresas representam uma ameaça para os Estados e a sociedade ao optarem pelo abandono do país em busca de locais onde os custos sejam mínimos e os lucros, máximos. Nesse cenário, as empresas passam a agir contrariamente aos interesses do Estado e da sociedade, visando assegurar seus próprios privilégios e interesses. Para Bauman, a configuração desse estado Essa “leveza”<sup>120</sup> significa a da mobilidade constante das empresas em virtude do lucro máximo e da produção precarizada, desmantelando as possibilidades de direito e perspectiva de emprego a longo prazo, pois “a classe trabalhadora vive em um estado permanente de ansiedade, angústia, e insegurança, que torna impossível planejar o futuro”<sup>121</sup>.

Em Bauman, portanto, a questão da insegurança com relação ao futuro se expressa no medo, no pavor da possibilidade de emprego, de existir em um território infértil, inóspito à criação de sentido e de articulação dos vínculos sociais. Aqui se expressa o lugar do futuro no mundo “líquido-moderno”, traduzido como ameaça e incerteza constante. Neste jogo, cuja dinâmica amplia exponencialmente o desemprego, destituição, desigualdades e injustiças sociais, a flexibilização torna-se um chavão, um lugar-comum da força motriz ideológica neoliberal, já que todas as condições precárias de trabalho são favoráveis aos grandes monopólios. Todo esse contexto histórico foi convulsionado:

No final dos anos 1970 e início dos anos 80, com a chegada do pós-fordismo. Isso significava o uso crescente de condições precárias no trabalho, produção *just-in-time* e a temida ‘flexibilidade’: precisamos nos curvar ao capital, não importa o que o capital queira; somos obrigados a nos curvar a ele. Por um lado, havia esse tipo de punição, mas também houve o aparecimento de incentivos nos anos 1980: o neoliberalismo não apenas martelava os trabalhadores; também encorajou as pessoas a não se identificarem mais como trabalhadoras<sup>122</sup>.

Grandes empresas começam a ter trabalhadores em regimes temporários e o Estado “mínimo” passa a ser preconizado como ideal para o lucro, que seria maximizado pela flexibilização dos impostos e das leis trabalhistas. Por isso, há que se levar em conta redução drástica de impostos e esvaziamento fabril, porque a concentração maciça de riquezas na Europa não foi suficiente para eliminar os quadros de desigualdade social, pelo contrário, foram bastante acentuados. Já nos Estados

---

<sup>120</sup> Cf. LIPOVETSKY, Gilles. Da leveza: rumo a uma civilização sem peso. – Barueri, SP: Manole, 2016.

<sup>121</sup> FISHER, Mark. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? – 1 ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p. 166.

<sup>122</sup> Idem, p. 154.

Unidos o cenário foi ainda pior, na medida em que a concentração de recursos em um número extremamente baixo de pessoas torna-se muito maior. Precisamente o conjunto dessas transformações que assinalam um abalo decisivo nas estruturas políticas, sociais e econômicas na segunda metade do século XX e não passou despercebida pela sociedade, isto porque foi amparada por um discurso que a legitimou politicamente.

Para Pierre Dardot e Christian Laval, na esteira dessas reflexões, “a política conservadora e neoliberal pareceu, sobretudo, consistir em uma resposta política à crise econômica e social do regime “fordista” de acumulação do capital”<sup>123</sup>. Da mesma forma, Richard Sennett entende que esse processo inaugura o que ele denominou de “flexitempo”, como sendo uma nova condição de se vivenciar o mundo do trabalho na fase flexível do capitalismo, que é exatamente a dinâmica temporal instituída pelo neoliberalismo<sup>124</sup>. O teor da experiência do tempo se transformou juntamente com o processo de alteração do mundo do trabalho ao longo do século XX, irradiando-se por inúmeras esferas, sejam elas sociais ou culturais. Portanto, o que Bauman tenta sintetizar com as metáforas de liquidez e leveza é essa dinâmica. Tanto diagnósticos de tempo quanto societários, convergem para uma interpretação comum da desarticulação do futuro em contexto de capitalismo tardio.

No entanto, podemos dizer que algumas analogias e metáforas de Bauman para expressar transformações que são múltiplas, como as que ocorrem no interior da história do capitalismo, apenas entrega uma perigosa oposição de fundo. Se no âmbito da relação entre produção e consumo seria colocada outra dicotomia, uma entre a sociedade de produtores e aquela sociedade de consumidores, as relações históricas aí não são devidamente destrinchadas, pois Bauman procede numa interpretação comparativa entre o passado e o presente que dissolve as tensões históricas.

Em diagnósticos desse tipo, torna-se comum a interpretação – segundo Perry Anderson – de que o fordismo teria de fato um predomínio massivo da produção; mas, historicamente, isso nunca existiu, visto que tanto relações de produção e consumo mais “flexíveis” foram sendo construídas gradualmente e simultaneamente às transformações intrínsecas do sistema capitalista, e mesmo em contextos pós-fordistas ocorre um amplo

---

<sup>123</sup> DARTOT, Pierre & LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 189.

<sup>124</sup> SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 94.

impulso à industrialização e massificação do trabalho fabril, embora em contexto de risco e desemprego estrutural<sup>125</sup>. Assim, enxergar a transformação da produção e do consumo dessa maneira oferece uma visão engessada sobre a mutação histórica e temporal, como se o presente histórico fosse resultado mero diacrônico do passado. Também Martin Jay nos lembra que a ideia de que a divisão *per si* de uma “sociedade de produtores” contra uma “sociedade de consumidores” não faz sentido *in toto* para a Europa ou para uma modernidade global. Isso porque Bauman desconsidera o caráter global da relação de produção e consumo, pois, segundo Jay, a China e boa parte da Ásia seria caracterizada, nestes moldes, por uma “sociedade de produtores”<sup>126</sup>.

O cenário desenhado por Bauman na tentativa de produzir uma interpretação cultural do tempo presente, possui pontos correspondentes a algumas noções de Lipovetsky, sobretudo a respeito da relação entre o presente fugaz e a precariedade do mundo social. Lipovetsky fez interessantes leituras sobre a condição da relação entre velocidades, temporalidades e a produção de sentido, um tanto relacionadas a uma leitura cultural do mundo contemporâneo. Ao refletir sobre os fundamentos da terminologia “pós-moderna”, procurou se afastar dela, por enxergar ali ambiguidades e problemas. Lipovetsky nos apresenta o conceito de “hipermodernidade” que, em seu texto, nos é apresentado como uma radicalização em inúmeros pontos, como afirma: “hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto” e brinca com a questão, “o que mais não é hiper?”<sup>127</sup>. Em outras palavras, trata-se de uma sobrecarga em todos os conceitos que já vinham sendo carregados pela modernidade. Então, o horizonte de expectativas em Lipovetsky adquire um sentido mais ou menos delineado:

Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heroicos. A mitologia da ruptura radical foi *substituída pela cultura do mais rápido* e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação<sup>128</sup> (grifos nossos)

Lipovetsky questiona como o “culto ao presente” se relaciona respectivamente com passado e futuro. Para ele, os insucessos das visões triunfalistas e utópicas da História ou mesmo a visão sobre as catástrofes não seriam o bastante para o fim das

<sup>125</sup> ANDERSON, Perry, *As origens da Pós-Modernidade*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 95.

<sup>126</sup> JAY, Martin. *Liquid Crisis: Zygmunt Bauman and the incredible Lightness of Modernity*. Theory Culture Society, 2010, p. 101.

<sup>127</sup> LIPOVETSKY, Os Tempos Hipermodernos. São Paulo: editora Baracolla, 2004, p. 53.

<sup>128</sup> LIPOVETSKY, Op. Cit., p. 57

metanarrativas como queria Jean-François Lyotard<sup>129</sup>. Em sua visão, a sociedade contemporânea foi reestruturada pelo que ele chama de “técnicas do efêmero” que pautaram inúmeros aspectos da vida cotidiana a partir de uma lógica de obsolescência das coisas e dos seres. Foi muito mais o triunfo da mentalidade capitalista pela sociedade de consumo – aqui encontrando eco com a perspectiva de Jean Baudrillard – do que a derrocada de regimes ou narrativas que produziram a ascensão do presentismo. Embora sua leitura tenha divergências com relação à periodização proposta por Hartog para a ascensão do presentismo<sup>130</sup>:

O coroamento do presente se iniciou muito antes que se houvessem enfraquecido as razões para ter esperança num futuro melhor; esse coroamento precedeu em várias décadas a queda do Muro de Berlim, o universo *acelerado* do ciberespaço e o liberalismo globalizado [...] emergindo a absolutização do presente imediato, glorificando autenticidade subjetiva e a espontaneidade dos desejos, a cultura do “tudo já”, que sacraliza o gozo sem proibições, sem preocupações com o amanhã<sup>131</sup> (grifos nossos).

Na realidade, passado e futuro não desapareceram, “pois, as relações com essas coordenadas adquirem nova relevância à medida que o presente amplia seu domínio”<sup>132</sup>. Em Bauman, na medida em que compreende a permanência de passados e futuros coexistindo extensivamente ao presente, mas se manifestando paradoxalmente no presente, a realidade política, econômica e cultural apresenta-se como plástica, leve e impermanente. O presente, então, coordena tanto o passado como o futuro por meio da aceleração, do neoliberalismo globalizado, do capital financeiro, acionando surtos de inovação, flexibilização econômica, de relações de trabalho e giros de capital abruptos num jogo de imprevisibilidade constante<sup>133</sup>:

---

<sup>129</sup> Idem, p. 59.

<sup>130</sup> É importante esclarecer que Hartog não nos deixa a ideia de que o presentismo simplesmente nasce após a queda do Muro, mas sim que ele se coloca como dominante. O autor diz que “o século XX aliou futurismo e presentismo”, ou seja, coexistiram dois regimes de historicidade, mas que, no entanto, tinha predominância do futurista, ou seja, como a dominação do ponto de vista do futuro (HARTOG, 2019, p. 141).

<sup>131</sup> Idem, p. 61-62.

<sup>132</sup> Idem, p. 64.

<sup>133</sup> Segundo o historiador e medievalista Jérôme Baschet, “nós estamos incrustados na realidade. Ela cola na pele, como uma vestimenta impossível de arrancar. Em um mundo que se gaba da flexibilidade e da fluidez, a realidade constitui-se paradoxalmente como uma matéria cada vez mais densa e pesada; mesmo sua complexidade reticular foi colocada a serviço da onipotência tentacular. Ela multiplica as armadilhas da coerção, da urgência e da inelutável adaptação a processos globalizados sobre os quais ninguém poderia ter controle. A fatalidade sistêmica reina e os movimentos incessantes de um mundo mutável e líquido não são nada mais do que a plena realização dessa fatalidade” BASCHET, Jérôme. Adeus ao Capitalismo: autonomia, sociedade do bem viver e multiplicidade dos mundos. – 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária & GLAC edições, 2021, p. 5.

Há uma ou duas décadas, o presente tornou-se hegemônico. Aos olhos do comum dos mortais, ele já não é oriundo da lenta maturação do passado, não deixa mais transparecer os lineamentos de possíveis futuros, mas se impõe como um *fato consumado*, opressivo, cujo repentino surgimento escamoteia o passado e satura a imaginação do futuro<sup>134</sup> (grifos nossos).

Assim, ao seguirmos o questionamento de Rodrigo Turin<sup>135</sup>, uma profusão de diagnósticos sobre a temporalidade contemporânea muito provavelmente diz respeito ao anseio por questões que não podem esperar o amanhã. Ora, o futuro fecha-se em suas tanto por conta de uma onda consumista, como aponta Bauman, pela dimensão de uma cultura global do mercado financeiro que, por meio das armas neoliberais e da precarização, fomentam o decrescimento constante dos “horizontes de expectativa”, mas também pelo altíssimo grau de incerteza e precariedade que é apontado no âmago desses processos. Hartog menciona o fato de que a palavra “flexibilização” tem ordem mandatária em um regime de historicidade presentista, tal como o diagnosticado por ele. Outros autores retomam o conceito especialmente para a aplicação e compreensão de problemas relacionados ao mundo contemporâneo pelo esfacelamento de relações sociais e perspectivas históricas<sup>136</sup>.

A sociedade “líquido-moderna”, nos termos de Bauman para designar o mundo contemporâneo, teria por característica principal a mudança constante. Com efeito, o caráter transitório e veloz em que as rotinas, hábitos, sociabilidades e formas de agir possuem estão intimamente ligados à forma como se experimenta, percebe, produz e realiza a própria historicidade. Nesse sentido, a sociedade como Bauman interpreta mantém uma estreita relação com uma fugacidade das relações sociais em inúmeros sentidos, mas, sobretudo, no que diz respeito à relação entre os indivíduos e ao caráter fugidio da experiência contemporânea, baseada no consumismo. Por isso, não só interpreta a “Modernidade” como sendo “líquida”, isto é, dotada de um caráter de efemeridade significativo, mas também afeta a própria vida, a profusão de discursos e a produção da desigualdade no âmbito do capital global, com fluxos de mercado e capital humano.

---

<sup>134</sup> AUGÉ, Marc. Para onde foi o futuro?. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 27.

<sup>135</sup> Cf. TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601, jul./dez. 2016.

<sup>136</sup> HARTOG, *Op. Cit.*, 2013, p. 148.

A tentativa de aprender com experiências baseadas no passado ou na memória, para Bauman, ao se utilizar de estratégias e táticas, no interior do cotidiano, não pode ser sustentada em perspectiva de durabilidade, visto que as relações se encontram em estado de suspensão, desmanchadas no ar, fluidas. Dessa forma, a vida passa a ser regida por uma lógica, fundamentada em uma perspectiva neoliberal e patológica, que transforma os indivíduos em gestores de suas próprias ações. Essa racionalidade centrada no indivíduo o coloca em meio a um turbilhão de possibilidades que, ao invés de fortalecê-lo, tendem a minar suas certezas e humanidade. Por isso, afirma o autor em tela:

A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombraram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta<sup>137</sup>.

A flexibilização da vida, do trabalho, das relações sociais, comunitárias e políticas terminam, neste sentido, por conduzir para uma ampla precarização das mesmas. Para Mark Fisher, “à medida que a organização do trabalho é descentralizada, com redes horizontais tomando o lugar de uma pirâmide hierárquica, atribui-se cada vez mais valor à ‘flexibilidade’”<sup>138</sup>. Bauman também segue na mesma direção:

Esse mundo, nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado. Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”.<sup>139</sup>

Nesse sentido, também há uma razão em se interpretar a questão da modernidade líquida associada ao neoliberalismo porque conceitos como capitalismo neoliberal, pós-modernidade, hipermodernidade e consumismo convergem no que Zygmunt Bauman chama de “modernidade líquida”. Por isso, a 'liquidez' permeia todas

<sup>137</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 8.

<sup>138</sup> FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* – 1 ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

<sup>139</sup> BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido-moderno*. Rio de Janeiro: Zahar 1ª Ed., 2010, p. 8.

as dimensões da existência, incluindo o senso de identidade, relacionamento com o passado, presente e futuro, bem como suas afiliações, vínculos e conexões com outras pessoas<sup>140</sup>. Ao tornar mais “abertas” e “flexíveis”, as possibilidades de ação cotidiana, a política econômica neoliberal atua – em conjunto com uma vida pautada na lógica insana de produtividade, voltada a um processo de individualização em escala industrial – para a perda de sentido das relações sociais e dos horizontes de expectativa, precarizando a temporalidade<sup>141</sup>. Conforme ressaltou Pierre Bourdieu, referenciado por Bauman, “a precariedade está em toda parte” e transforma as relações do mundo social, pois:

Produce efeitos sempre mais ou menos idênticos, que se tornam particularmente visíveis no caso extremo dos desempregados: a desestruturação da existência, privada, entre outras coisas, de suas estruturas temporais, e a degradação de toda a relação com o mundo e, como consequência, com *o tempo e o espaço*. A precariedade afeta profundamente qualquer homem ou mulher exposto a seus efeitos; tornando o futuro incerto, ela impede *qualquer antecipação racional* e, especialmente, esse mínimo de *crença e de esperança no futuro* que é preciso ter para se revoltar, sobretudo coletivamente, contra o presente, mesmo o mais intolerável.<sup>142</sup> (grifos nossos)

Os precarizados sentem o tempo e a expectativa de futuro de um modo diferente, do qual o passado produzido por estes e por exilados também pode adquirir um eixo de memória igualmente complexo. Por isso, a experiência do tempo no século XXI parece ser mais um novo caráter dos embates sociais, os quais revelam a não universalidade da notação de tempo, expressas desde as categorias de Koselleck. O que revela, também, por outro lado a “globalidade” da experiência temporal no presente histórico contemporâneo. Como observou o historiador colombiano Hugo Fazio Vengoa, “hoje e talvez pela primeira vez na história da humanidade, a população do planeta começou a compartilhar o mesmo horizonte de espaço-tempo”<sup>143</sup>.

Helge Jordheim vai na mesma direção quando argumenta pertinentemente que diagnósticos de tempo e uma concepção segundo a qual o conceito “crise”, sobretudo enquanto dimensão temporal, domina o âmbito do discurso e da experiência para a modulação das articulações entre passado presente e futuro, atuando como modalidade

<sup>140</sup> Cf. HAROCHE, Claudine. A condição sensível: formas e maneiras de sentir no ocidente. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

<sup>141</sup> PLATE, Liedeke. Transforming Memories in Contemporary Women’s Rewriting. Palgrave Macmillan, 2011, p. 24.

<sup>142</sup> BOURDIEU, Pierre. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 71-72.

<sup>143</sup> FAZIO VENGOA, Hugo. La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010, p. 71.

de sincronização das múltiplas temporalidades no presente. O precarizado, aquele que vive a “leveza”, com uma subjetividade flexível, jogado no abismo da hiperaceleração e do moedor de carne humana do capital, possui a experiência de um tempo de crise, pânico total e ansiedade para com o porvir. Portanto, este é o lugar do futuro, nesse sentido, articulado pelo conceito de crise do futuro, a partir de Bauman. Voltaremos a essa questão de forma mais detalhada, buscando compreender seus desdobramentos, no quarto capítulo.

Portanto, é possível dizer que, mesmo com algumas nuances, há uma certa plausibilidade e correlação em enxergar no corpo de alegorias de Bauman uma tendência própria em traduzir da “liquidez”, ainda que associada a transformações sistêmicas e gerais, como pressuposto de uma experiência acelerada da modernidade que cresceria irrefreadamente. Como havíamos dito antes, tais questões serão discutidas no último capítulo para tentar responder à questão sobre como, de que maneira, tal “experiência acelerada” da história se manifesta no pensamento de Bauman e, sobretudo, pensarmos também como e porque isso está articulado, de algum modo, à sensação de incerteza em relação ao futuro, nublando o horizonte de expectativas contemporâneo.

No próximo capítulo, o terceiro, no que segue, refletiremos acerca da experiência histórica do passado, da mutação histórica do conceito de utopia, problematizando a noção de “retrotopia” de Bauman e considerando, por fim, o sentido e o problema da nostalgia, tanto dela como possibilidade do autor, como por uma experiência associada - direta ou indiretamente - à aceleração do tempo.



## CAPÍTULO 3 - Um romance com a fantasia? Utopia, “retrotopia” e nostalgia em Bauman.

### 3.1 História, Utopia, Nostalgia e Memória.

Estando *aqui* e desejando estar em *outro lugar*, temos a possibilidade de uma escolha, embora se trate de uma escolha efetuada mediante a imaginação. Podemos optar por alguma parte remota do mundo: *um paraíso terrestre*, ou então por um outro mundo: *um paraíso celeste*. Vivendo *agora* e preferindo viver em *outro tempo*, não podemos fazer outra coisa senão imaginar. Mas também nesse caso temos a possibilidade de uma escolha. Recusando o presente, podemos escolher entre o passado e o futuro: um retorno à *Arcádia* e um projeto para a *Utopia*.<sup>144</sup>

#### 3.1.1 “Curto-circuito histórico”: do conceito utopia e sua temporalização.

A história conceitual da utopia, ao seguirmos o trabalho de Koselleck, revela importantes significados e tensões internas. O conceito de utopia é atravessado por inúmeros vaivéns semânticos – que são manifestados como disputas pelo seu significado, seja ele positivo ou negativo –, nas narrativas literárias principalmente a partir de Thomas Morus, onde a palavra ganha um significado particular de “lugar-nenhum”. Koselleck destaca de maneira relevante que, inicialmente, o conceito de utopia estava fortemente relacionado ao espaço, não ao tempo. O problema a ser colocado pelo historiador, então, é compreender a historicidade e momento da irrupção do futuro no interior do conceito de utopia, ou, em outras palavras, “a incorporação da utopia na filosofia da história, a qual, em sentido estrito, só existe desde a segunda metade do século XVIII. Ou seja: a temporalização da utopia”.<sup>145</sup>

Koselleck ressalta também que a expressão “utopia”, atualmente, pode evocar significados positivos ou negativos a depender da esfera política associada ao conceito.<sup>146</sup> A identificação da palavra utopia, se levarmos em consideração a obra de

<sup>144</sup> ROSSI, Paolo. Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso / Paolo Rosso; tradução de Álvaro Lorencini - São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 52-53.

<sup>145</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 122.

<sup>146</sup> KOSELLECK, Reinhart. Histórias de Conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Reinhart Koselleck; com duas contribuições de Ulrike Spree, Willibard

Morus, estava associada, como ressaltamos, a um lugar “além daquilo que a experiência humana então conhecia”<sup>147</sup>, sendo, portanto, designação tanto do título livro quanto da ilha homônima. Acontece que tais utopias variam em narrativas, ou seja, de um espaço ainda desconhecido e, portanto, possível de imaginar, que eram normalmente espaciais. Mas também não devemos esquecer, diz Koselleck, “que o nome ‘utopia’ cunhado por Morus e sua invenção de uma ilha visionariamente vislumbrada para além do Atlântico não eram uma coisa só”<sup>148</sup>, porque mesmo na antiguidade já existiam narrativas de lugares longínquos. Bem além disso, a utopia estava relacionada a um lugar no qual os espaços de experiência ainda não tinham sido alcançados e que, assim, só poderiam ser imaginados enquanto espaciais.

No século XVIII – o Tempo de Sela (*Sattelzeit*) – como já ressaltamos, é o momento em que uma série de conceitos são temporalizados e o de utopia é um deles. Koselleck analisa, assim, uma obra literária escrita por Louis-Sebastiën Mercier, *O anno 2440*, publicada em 1770. Neste livro, Mercier produz uma importante narrativa literária na qual a utopia já não aparece mais como um “lugar”, como àquela de Morus, mas sim localizada num tempo futuro. Nela, a distância “utópica” passa a ser temporal, projetada num porvir imaginário. Mercier transposta o seu próprio presente em direção ao futuro, ou seja, a imaginação do futuro aqui é colocada como uma versão de seu próprio presente.<sup>149</sup> Essa guinada para uma utopia temporalizada pode ser explicada em virtude do esgotamento da possibilidade de conhecimento de lugares ainda não desvelados, após o período de colonização e expansão ultramarina dos europeus ao redor do globo. No século XVIII,

As possibilidades espaciais de situar as utopias na finitude da superfície da nossa Terra haviam se esgotado. Os espaços utópicos haviam sido ultrapassados pela experiência. A melhor solução para escapar dessa pressão experiencial acumulada era simples, mas precisava ser encontrada. Se a utopia já não podia mais ser estabelecida nem na nossa Terra presente nem no além, era preciso recuar para o futuro.<sup>150</sup>

---

Steinmetz: posfácio de Carsten Dutt; tradução Markus Hediger; revisão técnica e de tradução de Bernardo Ferreira, Arthur Alfaix Assis. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2020, p. 243.

<sup>147</sup> Ibidem, 2020, p. 243.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 244.

<sup>149</sup> Ibidem, p. 267.

<sup>150</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, 2014, p. 124.

A dimensão do futuro também se introduziu no conceito de utopia a partir do amplo processo de politização encabeçado pelas revoluções do século XVIII. A temporalização da utopia, como processo, tinha um pressuposto de despojar o presente do passado, nesse caso, porque “tese implícita da utopia do futuro diz que o futuro é sempre diferente do presente”.<sup>151</sup> Sendo assim, a utopia relacionada ao tempo e, portanto, ao futuro - articulada historicamente às filosofias da história - passa a ser uma característica elementar dos horizontes de expectativa entre a segunda metade do século XVIII e meados do século XIX.<sup>152</sup>

Nesse contexto, a crença na dominação da história pelo humano passa a ser articulada às filosofias da história que floresceram no Iluminismo. O futuro é acoplado à utopia porque o que ele oferece, de certa forma, é o caráter qualitativo que possui em relação ao presente. Com efeito, também oferece uma compensação das desgraças que ocorrem no mundo da vida; assim, a perfeição do mundo até então espacial é temporalizada, de forma qualitativa e, então, “a utopia se insere diretamente nos objetivos dos filósofos iluministas”.<sup>153</sup> Dessa maneira, “deduzir do presente ruim um futuro melhor é o padrão que determina a configuração dessa utopia”<sup>154</sup> temporalizada e progressiva da modernidade clássica.

Nesse sentido, considerando os objetivos do presente trabalho, é necessário compreendermos quais relações são tecidas, direta ou indiretamente, entre a utopia - que atravessou de um sentido espacial para um processo de temporalização - e a nostalgia, uma emoção histórica ligada à dimensão espacial.

---

<sup>151</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de Conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Reinhart Koselleck; com duas contribuições de Ulrike Spree, Willibard Steinmetz; posfácio de Carsten Dutt; tradução Markus Hediger; revisão técnica e de tradução de Bernardo Ferreira, Arthur Alfaix Assis. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2020, p. 271.

<sup>152</sup> Diz-nos Koselleck que “a alteridade do passado foi lentamente processada, e o chamado historicismo é, por assim dizer, a mera execução científica de um programa teórico do século XVIII: mais especificamente, trata-se de investigar o passado em sua alteridade na esperança de que o futuro também venha a ser distinto do presente. Esse salto qualitativo faz parte das experiências liminares [*Schwellererfahrten*] da segunda metade do século XVIII, e um de seus elementos é a temporalização da utopia. Soma-se a isso outro elemento: o futuro não decorre mais do planejamento prévio e exclusivo de Deus, pode ser feito e produzido. Uma vez que a razão tenha reconhecido como uma organização racional da sociedade deve ser realizada, torna-se também possível realizá-la: tal era a presunção que o iluminista tardio reivindicava para si. Esse curto-circuito histórico é o teorema inerente à utopia do futuro” (KOSELLECK, 2020, p. 271-272).

<sup>153</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 126.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 126.

### 3.1.2 “Minha terra tem palmeiras onde canta o Sabiá”: uma “gênese” conceitual da nostalgia

Ironia ou ídolos de origem? A palavra “nostalgia” tem uma data de nascimento. Foi precisamente em 1688, que o médico suíço Johannes Hofer publicou um estudo intitulado *Dissertatio medica de nostalgia*, no qual apresentou uma tese nomeando especificamente uma patologia verificável nos soldados suíços e exilados da terra natal. Hofer procurou forjar um termo técnico que traduzisse a doença identificada nos soldados suíços. E, nesse intuito, do grego extraiu duas palavras para formar um termo no interior do discurso médico: *nostos* (νόστος) tradução para casa, retorno ou reencontro e *álgos* (ἄλγος), tradução para sofrimento, dor, formando então uma aglutinação destas: nostalgia. No entanto, sublinha com bastante ironia a crítica literária e estudiosa da nostalgia Svetlana Boym que essa roupagem grega é envolta de nostalgia, ao ser formada por palavras com raízes gregas e não ter sido forjada na Grécia.<sup>155</sup>

Apesar de atualmente nos ser familiar hoje, a palavra nostalgia era dotada de um caráter erudito por fazer parte do discurso médico, sobretudo em fins do século XVII. Jean Starobinski, que investigou a nostalgia como problema no interior da história das emoções, afirma que Hofer, ao lidar com a identificação desta patologia, “pensou primeiro em lhe atribuir um nome grego, pois em 1688 não era conveniente que uma doença, primitivamente designada por um nome vulgar, não tivesse o seu traje de gala, tirado das línguas clássicas”.<sup>156</sup>

O historiador alemão Achim Landwehr observa que poucos conceitos possuem uma data tão precisa de sua cunhagem, como é o caso da nostalgia, justamente por conta da forja terminológica que Hofer construiu.<sup>157</sup> Mas isso também lança desafios, pois, como salienta Starobinski, “devemos admitir que uma atitude humana existiu antes de ter recebido um nome técnico. Os homens sentiram nostalgia antes que esse sentimento

<sup>155</sup> BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books – 2001, p. 3.

<sup>156</sup> STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 208.

<sup>157</sup> LANDWEHR, Achim. *Nostalgia and the Turbulence of Times*. *History and Theory* 57, no. 2, Junho, 251-268, 2018, p. 252.

tivesse recebido numa denominação erudita, da mesma forma que houve sadismo antes de Sade, e que a Terra girou antes de Copérnico”.<sup>158</sup>

A doença nomeada por Hofer tinha uma contraparte em alemão: *Heimweh* (saudades de casa) e, mesmo antes disso, também existiam as variações em latim cuja palavra remetia ao *desiderium* (desejo). O objetivo de Hofer era classificar um conjunto de sintomas sob o discurso médico. Os pacientes - nostálgicos - eram geralmente exilados, estrangeiros, expatriados que se viam apartados de sua terra natal. Tratava-se, assim, de saudades de retornar para o país de origem, para as tradições, cultura e família. No século XVII, era considerada uma doença tratável, comparável a uma tuberculose. As vítimas dessa doença eram os próprios desterrados presentes no território suíço. Boym afirma que:

Nos bons e velhos tempos, a nostalgia era uma doença curável, perigosa, mas nem sempre letal. Sanguessugas, emulsões hipnóticas quentes, ópio e uma viagem de volta aos Alpes frequentemente acalmavam os sintomas. A lavagem estomacal também era recomendada, mas nada se comparava ao retorno à terra natal, acreditado como o melhor remédio para a nostalgia.<sup>159</sup>

Nos bons e velhos tempos, isto é, ironicamente na Idade Clássica entre os séculos XVII e XIX, essa doença era levada a sério, fazendo com que soldados diagnosticados com nostalgia recebessem a promessa de voltar para casa - acreditando que o retorno poderia ser a única cura possível. Como uma epidemia espalhada, a nostalgia estava baseada num senso de perda, de algo irrecuperável, que existiria na terra natal e que apenas lá o conforto e a recuperação da angústia pudesse ser alcançada. Parte fundamental da nostalgia, a partir de Hofer, consistia em identificar os graus de intensidade do desejo de retorno à pátria daquele que estava afligido pela *maladie*. Mas “o desejo de retorno tinha, portanto, um sentido literal, estava orientado no espaço geográfico: visava uma ‘localidade’ determinada”<sup>160</sup>. Sendo assim, a nostalgia designava inicialmente o desejo de retorno a um determinado espaço. É, por exemplo, o sentimento de exílio e desterro identificado em vários momentos da história e em várias culturas diferentes. O banzo, sentimento de escravizados arrancados à força e

<sup>158</sup> STAROBINSKI, Jean. A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 225.

<sup>159</sup> BOYM, Svetlana. The Future of Nostalgia. New York: Basic Books – 2001, p. 4.

<sup>160</sup> STAROBINSKI, Jean. A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 223.

brutalmente de seus territórios de origem em África, está localizado nessa forma de emoção, tornando-se a dor de uma ausência quase inominável e inexprimível.

O modo como a nostalgia foi conceitualizada está intrinsecamente ligado à forma pela qual ela pode e deve ser historicizada. Segundo o historiador Tobias Becker, poucos trabalhos - no campo da historiografia - tentaram sistematizar e historicizar a nostalgia enquanto problema histórico. Becker sinaliza, neste sentido, que “muitos historiadores não compreendem a nostalgia como um problema de pesquisa que valha a pena, acreditando que esta apresenta uma visão desbalanceada da história, na qual o passado é melhor e mais simples que o presente”.<sup>161</sup> A transformação semântica da própria nostalgia - enquanto sentimento em relação ao passado - necessita, por isso, ser compreendida historicamente.

As linhas de oposição que demarcam as trincheiras entre história e nostalgia encontram-se delineadas a partir da relação com o passado. Enquanto a história, de um lado, articula o passado com vistas a elaborar uma narrativa sobre o mesmo, com altíssimo grau de inteligibilidade, a nostalgia, por outro lado, modifica as estruturas narrativas do passado para que o presente se torne algo palatável, desconsiderando o “terror da história”.<sup>162</sup> Para Becker,

Por meio do ato de tornar o passado um objeto de recordação sentimental, a nostalgia romantiza e, assim, distorce o passado. Isso a torna o oposto completo da história. Enquanto a história explora o passado para melhor entendê-lo - e, através dele, o presente - a nostalgia o falsifica para se sentir melhor no presente; e, para esse fim, esquece, ignora os horrores do passado. Ela oferece, nas palavras de Michael Kammen, uma "história sem culpa". Isso torna a nostalgia, na melhor das hipóteses, "perigosa" - senão, como Dipesh Chakrabarty e Tony Judt afirmam, um "pecado". Como alguém pode ansiar por um passado caracterizado por guerras e conflitos, colonialismo e genocídio?<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> BECKER, Tobias. The Meanings of Nostalgia: Genealogy and Critique. *History and Theory* 57, no. 2 Junho, 234-250, 2018, p. 237.

<sup>162</sup> Nesse sentido, defender-se contra o contínuo terror da história é “uma revolta contra o tempo histórico, uma tentativa de reintegrar esse tempo histórico, carregado de experiência humana, no tempo cósmico, cíclico e infinito” (ELIADE, 2019, p. 135) Para mais detalhes, consultar sobretudo o último ensaio, intitulado de “O Terror da História” em: ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, Editora Almedina, 2019.

<sup>163</sup> BECKER, Tobias. History and Nostalgia. In: JACOBSEN, Michael Hviid (org.). *Intimations of Nostalgia: multidisciplinary explorations of an Enduring Emotion*. London: Bristol University Press, 2022, p. 53.

Ainda de acordo com Becker, a nostalgia suscita uma revolta contra “a compreensão moderna do tempo como dinâmico, linear, contínuo e aberto, visualizado por uma seta apontando para o futuro e incorporado nos conceitos de historicidade e progresso”.<sup>164</sup> Nesse sentido, segundo Boym, “a nostalgia é vista como uma abdicação da responsabilidade pessoal, um retorno ao lar livre de culpa, uma falha ética e estética. A nostalgia produz visões subjetivas da imaginação atormentada que tende a colonizar os domínios da política, da história e da percepção cotidiana”.<sup>165</sup> Deste modo, é possível sustentar que a nostalgia parece ser uma forma a-histórica de se relacionar com o passado, sendo um ato de rebeldia contra a mutabilidade - característica central da historicidade. Trata-se de um sentimento anti-histórico e que nem por isso deve ser descartado como objeto de questionamento para a historiografia, pelo contrário.<sup>166</sup>

Além disso, podemos dizer também, que a nostalgia fragmenta o passado em blocos independentes, singulares e imagéticos, cujo objeto de desejo é sempre algo a mais da imaginação histórica. Nesse sentido, “a nostalgia tem o luxo de se referir apenas a uma pequena e privilegiada parte e deixar de lado todo o resto desagradável”.<sup>167</sup> A nostalgia assume um caráter seletivo, assim como a memória, mas entregando novas roupagens na relação com o passado, visto que “está interessada em motores a vapor e não na industrialização, está interessada em Elvis, mas não no período pós-guerra, está interessada em cavaleiros de armadura e não condições gerais de vida da Idade Média”.<sup>168</sup>

---

<sup>164</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>165</sup> BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 155.

<sup>166</sup> Tobias Becker chama nossa atenção para o fato de que “em vez de pressupor um *zeitgeist* universal de nostalgia e procurar exemplos para sustentar essa visão, pesquisas futuras são convocadas a investigar de perto as maneiras pelas quais as pessoas se envolvem e dão sentido ao passado, bem como descobrir suas motivações. No entanto, essas objeções não significam que a nostalgia não exista, que muitas pessoas não sintam nostalgia pelo passado ou que uma história da nostalgia seja impossível. No entanto, tal história precisaria levar a nostalgia a sério em vez de repetir argumentos sobre o declínio cultural. Ela precisaria distinguir entre nostalgia e outras motivações, bem como entre nostalgia e outros usos do passado. *Ela precisaria esclarecer quem sente nostalgia pelo quê e por quê, e precisaria ser mais cuidadosa ao atribuir nostalgia a sociedades e grupos externos*. Essa pesquisa pode se basear no trabalho sobre memória e emoções, bem como na pesquisa existente sobre nostalgia em disciplinas vizinhas, ao mesmo tempo em que historiciza suas suposições e descobertas. E, por fim, ela precisaria fazer com que os historiadores olhassem para si mesmos, perguntando como emoções como a nostalgia alimentam sua própria contemplação do passado. Historicizar e criticar o uso do termo, levando em consideração suas complexidades e bagagem ideológica, é um pré-requisito necessário em qualquer tentativa desse tipo” (BECKER, 2018, p. 250) (grifos nossos).

<sup>167</sup> LANDWEHR, Achim. *Nostalgia and the Turbulence of Times*. *History and Theory* 57, no. 2 (Junho de 2018), 251-268, p. 262.

<sup>168</sup> Ibidem, p. 262.

Tal caráter seletivo, assim, estabelece uma relação com o passado bastante complexa porque a nostalgia, “mais do que simplesmente distorcer o passado, mina o sentido de continuidade histórica que torna a história relevante”.<sup>169</sup> Não há inocência na nostalgia, mesmo quando ela se assemelha a uma "regressão" infantil. Sempre é necessário questionar quais são os atores sociais envolvidos no discurso nostálgico, qual é a finalidade, para quem é direcionado e quais são os objetos desejados na nostalgia.<sup>170</sup> Por isso, a nostalgia caminha na contracorrente da continuidade e acaba escancarando os desejos de produção da diferença entre passado e presente, projetando-se, ao passado, as fantasias que o futuro já não mais é capaz de oferecer em contexto de esgarçamento das energias utópicas, experiência de aceleração e de uma incerteza angustiante em relação ao futuro.

### 3.1.3 A nostalgia: o encantamento de um afeto histórico.

Ora, o que está em jogo nessa definição de nostalgia senão uma relação fundamental com o espaço? O desejo, nesse sentido, arde por retornar para uma terra natal que se sabe perdida. Achim Landwehr contesta, entretanto, diretamente a interpretação segundo a qual a nostalgia seria, no limiar dos séculos XVII e XVIII, uma emoção exclusivamente espacial, como sugere a questão da nostalgia enquanto parte da medicina. Para o autor, a nostalgia definida por Hofer já continha elementos temporais ou,

---

<sup>169</sup> Idem, p. 254.

<sup>170</sup> Segundo Starobinski, na história da nostalgia é possível perceber um movimento de temporalização pois “Kant já afirmava que o nostálgico deseja reencontrar menos o espetáculo da terra natal do que as sensações da própria infância. É na direção do seu passado pessoal que o nostálgico procura fazer o movimento do retorno: quando Freud desenvolve as noções de *fixação* e de *regressão*, apenas retomará, explicitará e precisará, numa nova terminologia técnica, a explicação sugerida por Kant. A palavra “regressão” implica, a seu modo, a ideia de retorno. Mas é dentro da sua própria história que o neurótico regressa. A aldeia está interiorizada”. [...] e continua, afirmando que “enquanto a nostalgia designava um espaço e uma paisagem concretos, as noções contemporâneas designam pessoas (ou suas imagens, ou ainda os seus substitutos simbólicos) e uma remanência subjetiva do passado vivido. Hoje, quando se acentua o imperativo da *adaptação social*, a nostalgia não mais designa uma *pátria perdida*, mas remonta a *estágios em que o desejo não precisava levar em conta o obstáculo externo e não estava condenado a diferir sua realização*. Para o homem civilizado que não tem mais enraizamento, o que cria o problema é o conflito entre as exigências de integração ao mundo adulto e a tentativa de conservar os privilégios da situação infantil” (STAROBINSKI, 2016, p. 223-224) (grifos nossos). Tais passagens enfatizadas por nós na citação de Starobinski procuram sublinhar tanto o elemento “adaptativo” do mundo social contemporâneo, quanto o desejo infantil de conservação das regalias de outrora.



Em outras palavras, a nostalgia de Hofer é tanto um anseio por um espaço específico quanto por uma época passada específica. Isso não é muito diferente da nossa compreensão atual. No entanto, o que mudou consideravelmente desde o final do século XVII são as explicações sobre como a nostalgia deve ser tratada. Para Hofer, era uma doença fisiológica e, portanto, podia ser tratada medicamente; no século XIX, a nostalgia migrou para a área psiquiátrica e, posteriormente, para a psicanálise, encontrando-se atualmente como objeto da psicologia empírica, da sociologia ou, em sentido geral, como um fenômeno culturalmente construído. No entanto, deve-se ter em mente que, em todos esses casos, a nostalgia - com prioridades em constante mudança - era compreendida como o anseio por espaços-tempo específicos<sup>171</sup>

Segundo Jean Starobinski, Kant já havia observado que não existia necessariamente uma localidade para se retornar e, assim, curar a nostalgia:

Kant, em sua Antropologia, propõe uma interpretação mais radical dessa paixão insensata: o que deseja o nostálgico não é o *lugar* da sua juventude, mas a própria juventude, a sua própria infância, ligada a um mundo anterior. O seu desejo não está dirigido a um local que ele poderia reencontrar, mas para um tempo da sua vida para sempre irrecuperável. Voltando à sua terra, o nostálgico continua a ser infeliz, pois lá encontra pessoas e coisas que não mais se parecem com o que haviam sido. Não lhe devolvem a sua própria infância ligada a um mundo anterior. Antes que Rimbaud dissesse “não se parte”, Kant nos preveniu: não há retorno<sup>172</sup>

A partir do momento em que o nostálgico volta para casa, o desejo de retorno já não faz mais sentido. O que está em jogo é o desejo incandescente pelo retorno a um lugar ou tempo prístino e uterino. Milan Kundera tematizou a nostalgia no romance *A Ignorância* em que afirma que só se pode ser nostálgico daquilo que não se tem mais notícia<sup>173</sup>, ou seja, que a nostalgia estaria ligada à ignorância do que se passa na terra natal. A “saudade”, muitas vezes melancólica, apenas persiste com fervor a partir de uma idealização ou romantização de um lugar outrora familiar que passa a não mais produzir familiaridade ou qualquer conexão emocional no seio de uma identificação social ou cultural. Nesse sentido, é possível plenamente sentir saudade - persistindo na ardência do desejo - justamente daquilo que não existe, seja no passado ou no futuro.

Trata-se de um romance imaginário, que projeta as possibilidades nostálgicas mais potentes ao “não-ainda”. Na narrativa do romance, ao retornar à Tchecoslováquia, as personagens de Irena e Josef esperam encontrar uma sensação de pertencimento e

<sup>171</sup> LANDWEHR, Achim. Nostalgia and the Turbulence of Times. *History and Theory* 57, no. 2 (Junho de 2018), 251-268, p. 257.

<sup>172</sup> STAROBINSKI, *Op. Cit.*, p. 216.

<sup>173</sup> KUNDERA, Milan. *A ignorância*. 1º Ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 16.

reconexão com suas raízes culturais, em seu país de origem, mas eles são confrontados com a sensação de estranhamento e a dificuldade de se adaptar a um país que mudou profundamente durante sua ausência. A antiga Tchecoslováquia de suas expectativas estava cristalizada numa imagem que, historicamente, não pôde corresponder ao sentimento nostálgico. As personagens desconheciam a situação em que o país se encontrava, de modo que o choque do retorno produziu uma onda melancólica, desta vez, não mais como saudade, mas como decepção: aí a melancolia se imiscui na nostalgia daquilo que se imagina ter perdido. A percepção de que não existe retorno algum causa uma melancolia profunda, uma sensação de desterro, de ausência de pertencimento, ao mesmo tempo que acende um desejo por pertencer a algum lugar.

O cineasta Andrei Tarkovsky retratou essa questão no cinema. *Nostalghia*, filme de 1983, captura o aspecto espacial da nostalgia: é a desterritorialização, o deslocamento, desejo de pertencimento a algum lugar, a falta absoluta de um lar. A cena final traduz a busca nostálgica como uma espécie de peregrinação espiritual quase tangível. Uma das primeiras falas do filme já entrega a relação entre a memória que é suscitada pelo afeto: “essa luz me faz lembrar de casa”. Uma luz na Itália que remete à Moscou. E, no entanto, a nostalgia possui tal duplo caráter: espacial e temporal.

O já referido historiador alemão Achim Landwehr defende a ideia de que já no século XVII era possível identificar aspectos temporais na nostalgia, e Becker, irá sublinhar, em contrapartida, que o conteúdo temporal da nostalgia só veio se intensificar e tomar a forma a partir da segunda metade do século XX, quando foi possível verificar uma transformação não só semântica, mas na relação com o passado. Também é possível identificar que as experiências do século XX endossaram uma relação entre passado e presente, que intensificaram a dores em relação a um passado abandonado, perdido e, principalmente, nunca vivido. É na mutação incessante, na experiência acelerada do tempo, que o passado persegue o presente como uma caça indefesa; e persegue essa presa de múltiplas formas, com várias armadilhas, táticas e dissimulações, não deixando espaço para sorver um sentido sobre o passado, quando a experiência de aceleração recai<sup>174</sup>.

---

<sup>174</sup> O fragmento a seguir é uma observação de Hans Ulrich Gumbrecht sobre a relação entre passado e presente pensando nas experiências do ano de 1926: “frequentemente o futuro é absorvido num Presente que parece estar à frente de si próprio. Mas este não é o único deslocamento que está ocorrendo nas estruturas temporais do cotidiano. Da mesma maneira, a distinção entre o Passado e o Presente corre o risco de desaparecer, porque o processo no qual cada Passado é substituído por um novo Presente parece ter-se acelerado tão dramaticamente que formas individuais de pensamento e estilos coletivos de vida já

Dessa maneira, a dimensão do passado foi largamente preterida no regime moderno de tempo em virtude do futuro e da ideia de progresso preconizada pelas filosofias da história. Atualmente, é possível dizer razoavelmente que, as múltiplas dimensões e manifestações do passado pesam sobre o presente num contexto onde a imaginação do futuro é infértil e isso, como argumento de nosso trabalho, é central, pois há aqui uma relação entre futuro e passado que se configura numa dinâmica histórica entre a experiência e o porvir, entre a aceleração e a nostalgia. O passado, então, torna-se a dimensão na qual conceitos como patrimônio, comemoração, memória e trauma são definidores na cultura histórica contemporânea. Contudo, existem inúmeras razões para esse novo interesse no passado e nas suas várias formas de se manifestar no presente.

Aleida Assmann sublinha, nesse sentido, que uma das formas de manifestação da presença do passado no presente - para além da memória, comemoração, trauma e patrimônio seria exatamente a nostalgia.<sup>175</sup> E, assim, se a temporalidade possui um espectro de multiplicidade em relação às experiências do passado, podemos entender, com isso, que a nostalgia também é uma experiência de tempo dotada de multiplicidades e intensidades variadas<sup>176</sup>. Como parte de uma relação sentimental com o passado, a nostalgia faz com que estes vários passados em disputa, que outrora eram destinados a “desaparecer” silenciosamente, retornem corporificados como um recurso cultural que, agora, precisa ser ardentemente preservado.<sup>177</sup> Nesse sentido, há uma mutação na experiência de tempo que vem da modernidade, considerando o futuro como centro de gravidade da operacionalização do sentido pelo progresso e,

---

não conseguem mais se adaptar: ‘as perspectivas do homem no presente não são tão boas que ele possa abrir mão de aprimorá-las. Recentemente ocorreram diversas mudanças no modo de vestir e no estilo de vida, algumas intencionais, outras acidentais. Estas mudanças acarretam novas mudanças tão amplas que parecem estar prestes a provocar, num futuro próximo, a completa reorganização de nossas vidas, tanto em seus aspectos públicos quanto privados. O próprio homem está mudando, junto com as circunstâncias; ele também mudou no passado, é verdade, mas talvez nunca tão depressa. Até onde se saiba, nunca ocorreram antes tantas mudanças, nem mudanças tão velozes, nas circunstâncias da vida humana, e estas mudanças implicam riscos psicológicos, econômicos, sociais e políticos. Esta rapidez nos ameaça’. *A mudança acelerada causa dor e algumas vezes leva a situações nas quais o Passado, em vez de ser deixado para trás, persegue o Presente. As pessoas se referem à rapidez e à profundidade dessa transformação com palavras que normalmente são reservadas para acontecimentos importantes. Mas a mudança histórica permanece um quase-evento, porque, paradoxalmente, o seu ritmo acelerado impede que ela seja contextualizada e interpretada*” (GUMBRECHT, 1999, p. 449-450).

<sup>175</sup> ASSMANN, Aleida. *Is Time Out of Joint?: On the Rise and Fall of the Modern Time Regime*. Cornell University Press, 2013, 30.

<sup>176</sup> SIMON, Z. B; DEILE, L (orgs.). *Historical Understanding: Past, Present and Future*. Bloomsbury Academic, 2022, p. 8.

<sup>177</sup> ASSMANN, Aleida. *Transformations of the Modern Time Regime*. In: LORENZ, C; BEVERNAGE, B. *Breaking up Time: negotiating the borders between Present, Past and Future*. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen, 2013, p. 52.

paulatinamente, fazendo com que o passado e suas formas de representação, após a segunda metade do século XX e, principalmente, depois dos anos 1980, com a ascensão de uma identificação de novas experiências do tempo em torno do presentismo e da memória, seja uma dimensão fundamental: “o século XX se iniciou com utopia e terminou em nostalgia”.<sup>178</sup>

Chris Lorenz chama nossa atenção ao salientar que a concepção temporal dominante, ao menos no ocidente, passou por uma transformação substancial: de uma perspectiva temporal linear, irreversível e progressista para uma abordagem não-linear, reversível e não-progressista.<sup>179</sup> Essa visão temporal não-linear proporciona a capacidade de conceber a multiplicidade e a coexistência do passado, presente e futuro. Isso é viável e ocorre porque, uma vez que ela não pressupõe a uma separação "fechada" e instanciada das três dimensões temporais engendrada por lógica causal, como ocorre na concepção linear do tempo. Em vez disso, considera essas dimensões como entrelaçadas de maneira recíproca e irrevogável. Isso implica que o passado é experimentado de inúmeras formas no presente e a natureza não-linear do tempo viabiliza uma concepção do presente, passado e futuro como categorias multidimensionais e essencialmente interconectadas.<sup>180</sup>

Em síntese, podemos dizer, a multiplicação de discussões, diagnósticos e perspectivas a respeito dos estudos sobre nostalgia denotam, na realidade, o sintoma de uma turbulência das experiências de tempo contemporâneas<sup>181</sup>. Articulada ao *memory boom* da década de 1980 na Europa, a questão da nostalgia pode ser compreendida como também uma questão de memória política e social por atrelar, a um só tempo, as reivindicações sobre um direito de memória - em seu sentido político - como também na ideologização de seus próprios pressupostos e sentidos, tornando-se extremamente perigosa nas mãos da extrema-direita, tais como casos em que ocorrem discursos políticos fascistas que implicam o passado no presente de modo estratégico.

---

<sup>178</sup> BOYM, *Op. Cit.*, 2017, p. 153.

<sup>179</sup> LORENZ, Chris. *Blurred Lines: History, Memory and the Experience of Time*. International Journal for History, Culture and Modernity, p. 46.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>181</sup> Cf. LANDWEHR, Achim. Nostalgia and the Turbulence of Times. *History and Theory* 57, no. 2 (Junho de 2018), 251-268.

### 3.1.4 “Minha memória, senhor, é como um monte de lixo”: memória e nostalgia.

No conto “Funes, O Memorioso”, o literato argentino Jorge Luis Borges nos apresenta a figura de Ireneo Funes, sujeito peculiar cuja memória é inapagável, sendo a personagem borgiana que desconhece o significado do esquecimento; sujeito cuja recordação é o sentido do ser. Sujeito onde o sentido da recordação estava ligado à sincronização cronológica. Funes reconstituía toda a memória possível de sua própria existência, reconhecendo que, no fim das contas, todo aquele excesso de memória era inútil, como um “monte de lixo”<sup>182</sup>. Quase que paradoxalmente, todo o excesso de memória fazia com que Funes fosse lucidamente visto como “espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso”<sup>183</sup>. A aura que cerca a díade entre a lembrança e o esquecimento evoca os instantes mais imprecisos do acontecimento: “pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo entalhado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos”.<sup>184</sup>

A instantaneidade da memória está associada ao esquecimento e à lentidão. O romancista tcheco Milan Kundera, no romance “*A Lentidão*”, reflete sobre os impactos da memória e da experiência acelerada em diversos pontos de sua narrativa cortante e inebriante. Emerge, na percepção de Kundera, um íntimo entrelaçamento entre a memória e a lentidão, de um lado, e a velocidade e o esquecimento, de outro. O excesso de memória de Funes, personagem borgiano, gerou paradoxalmente a sensação da evanescência de quase tudo. Paradoxal porque, por nada escapar da recordação, tudo evaporava no ar de um esquecimento prenhe de lembranças, pois pode nos ser esclarecedor que “o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória e o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento”.<sup>185</sup>

Esse problema destaca principalmente um diagnóstico que aponta o excesso de memórias no mundo ocidental, sobretudo desde meados dos anos 1980, com ênfase

---

<sup>182</sup> BORGES, Jorge Luis. Ficções; tradução de Davi Arrigucci Jr. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 105.

<sup>183</sup> Idem, p. 107.

<sup>184</sup> Idem, p. 108.

<sup>185</sup> KUNDERA, Milan. *A lentidão*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2001, p. 30.

particular na Europa. Hartog bem lembra-nos de situar as intrincadas relações entre história e memória ao ressaltar o processo de explosão das memórias sociais, das políticas de memória, das narrativas de testemunhas e a ascensão do estatuto da vítima, passam a figurar de modo predominante a partir desse contexto.<sup>186</sup> As dimensões de memória e trauma que irrompem de um passado marcado por violências, usurpações, roubos<sup>187</sup>, apropriações afetaram profundamente, na visão de Hartog, o estatuto, a autoridade, a autotomia de um discurso sobre o passado que não mais teria na figura do historiador seu protagonista central.

Nesse sentido, trata-se do diagnóstico de uma crise de representação do passado, que é tomada de assalto por outros atores políticos, instituições, lugares de memória ou narrativas de sobreviventes cujo discurso historiográfico não mais condensa, assim, a exclusividade acerca do tempo passado. Pensar em dimensões éticas, de justiça e representação do passado pela memória evoca um outro paradigma de representação temporal. Aleida Assman situa isso no debate sobre a memória cultural compreendendo que:

O passado em particular não é mais domínio exclusivo do historiador, *nem o uso que se faz dele pode ser reduzido à função de um meio reconfortante de desaceleração*. O novo envolvimento do passado com o futuro, do espaço da experiência com o horizonte da expectativa, que caracteriza o atual regime de tempo, tem implicações, requisitos e efeitos muito mais abrangentes. (grifos nossos).<sup>188</sup>

Ironia, pois o passado não é algo fácil de ser definido e, em que se pese as possibilidades de suas múltiplas representações, o passado nostálgico já não é mais um “país estrangeiro” mas a própria terra natal, muito embora, na realidade, como ressalta Sarlo: “o passado é sempre conflituoso”.<sup>189</sup> E, no entanto, esse debate suscita uma questão bastante fundamental: a quem “pertence” o passado? Quem “possui” uma

<sup>186</sup> Cf. HARTOG, François. *Crer em História*; trad. Camila Dias. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

<sup>187</sup> Usamos a palavra “roubo” pensando na discussão apresentada pelo antropólogo Jack Goody, segundo o qual a cultura ocidental tomou forçadamente algumas das principais referências culturais e sociais, fazendo com que o ocidente - marcadamente colonialista - torna-se porta-voz dos saberes e sentidos “universais”, adotando uma posição normativa no conhecimento, na política e na cultura em face do Outro usurpado, estabelecendo assim o lugar do colonizado na história, marcando as hierarquias de poder e saber, ou, mais precisamente, entre ocidente e oriente como coloca Goody. Conferir: GOODY, Jack. *O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente*. Editora Contexto, 2008.

<sup>188</sup> ASSMANN, *Op. Cit.*, 2013. p. 203.

<sup>189</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. - São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 9.

“autoridade” a respeito de um discurso sobre o passado? Sendo questões de difícil resolução, porque nos levariam diretamente aos embates, diálogos e entrelaçamentos complexos entre história e memória, a “autoridade” do passado, centrada na figura do historiador, não é algo de uma exclusividade etérea. Pelo contrário, é provável que uma multiplicidade de passados em conjuntos variados de narrativas, sentidos históricos, disputas, políticas de memória nos leve diretamente a questionar as dimensões traumáticas e emocionais destes múltiplos passados que são colocados em face do discurso historiográfico. O fenômeno nostálgico e suas múltiplas e complicadas nuances não pode ser compreendido, assim, enquanto algo fora do discurso sobre o passado ou mesmo sobre a relação entre tempo, memória e esquecimento. A nostalgia pode ser compreendida, em todo caso, como uma experiência que está envolvida e permite a produção de múltiplos sentidos que, como ressaltou Becker, seria salpicada por historicidades.<sup>190</sup>

Como dissemos anteriormente, em diálogo com Kundera, as emoções nostálgicas, sob suas múltiplas formas e signos, lidam diretamente com as aporias do esquecimento. A nostalgia não é apenas a saudade de um lugar, mas um grito desesperado – e, por vezes, paradoxalmente silencioso - por um outro tempo; o tempo do oblívio; que se move por outras esferas, vagueando em busca do tempo perdido. É o desejo de estar em outra configuração temporal, sendo um ato de rebeldia contra o progresso e o Tempo Histórico moderno.<sup>191</sup>

Em busca do tempo perdido, a nostalgia tem como gatilho tudo aquilo que é irrecuperável e se vê deixado para trás pelo fluxo incessante do tempo. Dado as mudanças rápidas e desiguais desde o século XX, encabeçadas pelo processo de aceleração instituído na Modernidade, o desejo de modos de vida mais lentos tornaram-se cada vez mais prementes. Com efeito, como Svetlana Boym argumenta, a nostalgia é “coetânea com a própria modernidade”<sup>192</sup>. Não é que a nostalgia rejeite completamente a mudança moderna, mas sim que o desejo nostálgico se constitui no cerne de uma sintomatologia da dramática convulsão de desenraizamento causado pela modernidade.

---

<sup>190</sup> Cf. BECKER, *Op. Cit.*, 2018.

<sup>191</sup> Cf. BOYM, *Op. Cit.*, 2001.

<sup>192</sup> BOYM, Svetlana. *Mal-estar na nostalgia*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 154.

A nostalgia é “um sintoma de nossa época, uma emoção histórica”.<sup>193</sup> Como um sentimento humano, a nostalgia é um anseio por um modo de vida passado. Como a dor de conforto passado e enraizamento, a nostalgia imagina e, muitas vezes, romantiza não apenas outro lugar, mas, outro tempo - juventude ou infância, cidade ou país que se deixou, e que, no entanto, permanece inalterado para aquele que está se lembrando. Svetlana Boym argumenta que a “nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas também é um romance com a própria fantasia”<sup>194</sup>. Embora a nostalgia possa ser um sentimento familiar para muitas pessoas, a saudade de casa é histórica e culturalmente específica. Já não se trata mais de um deslocamento espacial, como o exilado sente saudade de seu país. Pela aceleração, a nostalgia é temporalizada: sente-se a ausência daquilo que já não se tem mais notícia, ou que se tornou obsoleto pela própria aceleração.

Boym demarca, a partir da análise do fenômeno nostálgico por meio da literatura russa do século XX, a profunda mudança temporal que ocorreu neste “breve século”. O Manifesto Futurista de Marinetti, em 1909, expressou de maneira bastante objetiva qual dimensão temporal governava o sentido histórico: o futuro. No entanto, conforme o século XX avança em meio a inúmeras transformações, extremamente aceleradas, no âmbito da técnica, comunicação e transportes, aquele futuro promissor - carregado da glória vindoura do progresso - manifestou-se mortal. Mas como estão articuladas, então, utopia e nostalgia? Mais ainda, esse debate suscita a memória como questão histórica. Segundo o historiador italiano Enzo Traverso,

A obsessão pelo passado, que vem moldando nosso tempo, resulta do eclipse das utopias: é inevitável que um mundo sem utopias acabe olhando para trás. A emergência da memória no espaço público das sociedades ocidentais é consequência dessa mudança. [...] Desprovido de seu horizonte de expectativa, o século XXI nos aparece, em retrospecto, como um período de guerras e genocídios.<sup>195</sup>

Vimos anteriormente que Koselleck abordou a temporalização da utopia em termos históricos, conceituais e temporais. A nostalgia está associada à temporalidade e, também, está associada a uma forma utópica de representação, não do passado, mas do futuro, porque, para Andreas Huyssen:

---

<sup>193</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>194</sup> BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books – 2001, p. 11.

<sup>195</sup> TRAVERSO, *Op. Cit.*, 2022, p. 35.



A nostalgia se contrapõe às noções lineares de progresso, ou até as solapa, quer sejam elas dialeticamente emolduradas como filosofia da história, quer sejam sociológica e economicamente vistas como modernização. Mas o anseio nostálgico do passado também é sempre uma saudade de outro lugar. A nostalgia pode ser uma utopia às avessas.<sup>196</sup>

A nostalgia possui um caráter utópico e complexo em relação ao tempo. Em busca de obliterar a história e privatizar ou coletivizar mitologias fundantes com o intuito de combater a irreversibilidade temporal cada vez maior desencadeada pela experiência de aceleração e, então, a nostalgia não seria meramente saudade. Trata de ser um sintoma de época, uma emoção histórica que rompe no presente para estancar a sangria causada pela lâmina da aceleração moderna. O problema da nostalgia está na fantasiação de um lar imaginário, um sonho romântico de retorno a um lugar em detrimento do que se está, qual seja, o presente. Mas seria engano também pressupor que esse “retorno” nostálgico se refira exclusivamente ao passado. A nostalgia nem sempre é sobre o passado, ela pode ser também o desejo por um futuro, ainda que uma promessa de futuro perdida, mas que continua latente e assombrando o presente, e, segundo a crítica literária russa:

O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o verdadeiro lar com aquele imaginado. Em casos extremos ela pode criar uma terra natal fantasma, em nome da qual alguém está pronto a morrer ou a matar. A nostalgia irrefletida pode gerar monstros. Contudo, o sentimento propriamente, a dor do deslocamento e da irreversibilidade temporal, está no cerne mesmo da condição moderna.<sup>197</sup>

Em que momento o tempo passa a ser identificado como “lar” e “terra natal”? Memória e nostalgia se articulam historicamente pelo formigamento das políticas de memória ao longo do pós-Guerra. De acordo com as reflexões de Pierre Nora, em seu *Les Lieux de Mémoire*, a memória “é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”<sup>198</sup>. É que as relações entre memória e história são pautadas a partir de uma perspectiva temporal e

<sup>196</sup> HUYSSSEN, *Op. Cit.*, 2014, p. 91.

<sup>197</sup> BOYM, *Op. Cit.*, 2017, p. 155.

<sup>198</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 9.

não se imiscuem em formas analíticas que as isolam uma da outra<sup>199</sup>. É por isso que memória, história, nostalgia e as temporalidades, são compreendidas nesses termos, pois:

O que Lübbe descreveu como musealização pode agora ser facilmente mapeado com o crescimento fenomenal do discurso de memória dentro da própria historiografia. A pesquisa sobre a memória histórica alcançou escopo internacional. A minha hipótese é que, também nesta proeminência da mnemo-histórica, precisa-se da memória e da musealização, juntas, para *construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço*. O argumento de Lübbe sobre a contração do presente aponta para um grande paradoxo: *quanto mais o capitalismo de consumo avançado prevalece sobre o passado e o futuro, sugando-os num espaço sincrônico em expansão, mais fraca a sua autocoesão, menor a estabilidade ou a identidade que proporciona aos assuntos contemporâneos*<sup>200</sup>. (grifos nossos)

Novamente, agora de acordo com Huyssen dialogando com Lübbe, algumas questões relativas à relação entre memória e nostalgia aparecem sob o signo de um efeito compensatório à aceleração. Em outras palavras, por exemplo, o fenômeno de explosão das memórias aparece como tentativa de trazer algum conforto de desaceleração por meio da musealização. Porém, é interessante observarmos que, na passagem supracitada, Huyssen põe em relevo um dos principais argumentos de Lübbe, buscando ressaltar a relação entre história, memória e aceleração.

Deste modo, quanto maior a aceleração, menor seria a autocoesão social, estabilidade, segurança e identidade, afetando diretamente a percepção de um presente em mutações abruptas e desconexas entre si, o que levaria a um desejo por coesão, estabilidade e seguridade levada a cabo por meio de políticas de memória mas, também - e isso é fundamental - por práticas e discursos nostálgicos dissociados de uma narrativa histórico-historiográfica crítica. A “terra natal” a qual deve-se retornar torna-se, com isso, um tempo “fora do tempo”, estável, seguro, ideal, lento e, portanto,

---

<sup>199</sup> Segundo Enzo Traverso, “a interação entre história e memória é fundamentada em cada regime de historicidade: a experiência e a percepção do passado moldam uma sociedade em determinado momento. [...] A tensão dialética entre passado e futuro é rompida em um mundo recuado para o presente. Uma vez que o capitalismo foi naturalizado, pensar em um futuro diferente passa a ser impossível, e o passado parece ser um aviso contra essa perigosa tentação. Levados adiante pelas revoluções russa e francesa, os séculos XIX e XX se projetaram em um futuro identificado com o ‘progresso’ (industrial, técnico, democrático, socialista). O século XXI, ao contrário, abre-se em um mundo sem utopias, paralisado pelas derrotas históricas das revoluções comunistas. Abandonada pelo ‘princípio esperança’, nossa era pós-totalitarismo, de um humanitarismo neoliberal, não enxerga o passado como um tempo de revoluções, mas como uma época de violência” (TRAVERSO, 2022, p. 113-114).

<sup>200</sup> HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 28.

utópico. Trata-se de uma nostalgia pela lentidão, ou, ainda, se quisermos usar os termos metafóricos do programa sociológico de Bauman<sup>201</sup>.

Ademais, segundo o historiador Patrick Hutton, pensando em questões historiográficas, a nostalgia diz respeito a um mundo que está perdido, que nunca está à altura, ou que não existe, sempre sendo um “poderia ser”<sup>202</sup>. Essa perspectiva é o inverso da ideia de progresso do tempo histórico formulada por Koselleck. A historiografia moderna destacou as suas expectativas; estudos sobre nostalgia redirecionaram a atenção para as decepções e ilusões perdidas pelo progresso: utopia que se torna nostalgia. Ou seja, questionando exatamente as decepções relacionadas ao futuro histórico, voltando às questões para aquilo que “poderia ter sido”.

Podemos sublinhar, juntamente de Huyssen, que uma identificação da nostalgia como o exato oposto *in abstracto* da nostalgia pela utopia não se traduz a partir da historicidade e da abrangência de fenômenos do conceito, uma vez que a nostalgia possui uma parte constitutiva, em seu âmago, de memória.<sup>203</sup> É que a “nostalgia depende de dispositivos mnemônicos”.<sup>204</sup> No plano de um questionamento teórico para o conhecimento histórico, cabe perguntarmos em que medida as relações entre presente e passado, memória, história e temporalidades, estão relacionadas à experiência da nostalgia em suas diversas formas e manifestações. Muito embora seja difícil se situar na cacofonia das vozes sobre a nostalgia, nossas questões precisam ser primariamente colocadas do que necessariamente respondidas como se existisse uma tentativa mais ou menos arbitrária de definir e encerrar um debate tão sinuoso e incipiente, sob inúmeros prismas.

Dessa maneira, a partir do próximo tópico, retomaremos nosso objeto no presente trabalho para refletir acerca de alguns aspectos fundamentais sobre o sentido da nostalgia em Bauman. O primeiro plano reflexivo busca compreender os significados do

---

<sup>201</sup> É importante notarmos que há uma relação entre aceleração e nostalgia a partir de Lübbe, por meio da citação de Huyssen, que articula o problema do capitalismo tardio às transformações na identidade e na vida social “estável”. Essa questão será retomada, a partir de Bauman, no quarto capítulo quando discutirmos a “narratividade do tempo da vida” sob a ótica da aceleração e como Bauman aborda isso em temas sociais, tentando traduzir os termos complexos dessa questão teórica, em uma metaforização do tempo “pontilhista”, “episódico”, que é preche de reinícios.

<sup>202</sup> HUTTON, Patrick. *The Memory Phenomenon in Contemporary Historical Writing. How the Interest in Memory Has Influenced Our Understanding of History*. New York: Palgrave Macmillan, 2016, p. 130-131.

<sup>203</sup> HUYSSSEN, Andreas. *En Busca del Futuro Perdido. Cultura y Memoria en tiempos de globalización*. Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A, 2007, p. 252.

<sup>204</sup> BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*, p. 346.

conceito de utopia no programa sociológico de Bauman, considerando suas definições e problemas. O segundo plano busca considerar a abordagem de Bauman sobre a questão da nostalgia no interior de suas reflexões, algo expresso, assim, pelo neologismo “retrotopia” e apresentado em obra homônima. No terceiro plano, discutiremos o sentido do passado em Bauman, considerando criticamente a partir da historiografia. No quarto e último, mas não menos importante, iremos problematizar se Bauman soa nostálgico ou não e se há, de algum modo, nostalgia pelos tempos “sólidos”, implicados pela “liquidez” do tempo presente.

## **3.2 Utopia, “retrotopia” e nostalgia em Zygmunt Bauman.**

### **3.2.1 A questão das utopias em Bauman.**

O conceito de utopia possui um lugar privilegiado no programa sociológico de Bauman. Os sentidos, razões e papéis do conceito de utopia fundamentam, em grande medida, as suas abordagens e formas de interpretação e compreensão do processo de modernização. Bauman compreende que o processo de modernização se estende também para o presente momento, de modo que:

A sociedade que ingressa no século XXI não é menos ‘moderna’ do que a sociedade que ingressou no século XX; o máximo que podemos dizer é que ela é moderna de uma maneira um pouco diferente. O que a faz moderna é o que diferencia a modernidade de todas as outras formas históricas de coabitação humana: a modernização compulsiva e obsessiva, contínua e que não pára, a ânsia avassaladora e endêmica pela destruição criativa.<sup>205</sup>

Para o autor, a questão das utopias modernas reside em compreendê-las como uma declaração da intenção de fazer um projeto de mundo vir à tona, numa aceleração compulsiva e avassaladora, como na passagem supracitada, visto que as utopias “serviram de tubos de ensaio nos quais os ingredientes básicos do pensamento moderno

---

<sup>205</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, 2000, p. 135.

foram misturados e o corpo das ambições modernas foi sedimentado e ganhou forma”<sup>206</sup>. Para fazer um “novo” mundo emergir como resultado legítimo de um projeto utópico seria necessário, segundo Bauman, se despojar do passado “pré-moderno”, buscando remover “todos os sedimentos de ações passadas que ficaram aquém do ideal”<sup>207</sup>.

Michel Hviid Jacobsen<sup>208</sup> nota que Bauman interpreta a utopia como uma categoria fenomênica na cultura e um “elemento indelével da práxis humana”<sup>209</sup>. Sendo assim, a utopia entendida por esse viés como algo da cultura enquanto práxis é uma forma de “presença ativa” na vida social que nunca deve ser resumida simplesmente à sua viabilidade prática ou à sua eventual implementação”<sup>210</sup>. O “aperfeiçoamento” coletivo implicado na moderna ideia de progresso, não é mais operacionalizado, segundo Bauman, a partir de formas coletivas. É dessa forma que Bauman compreende que a “o ‘progresso’ não representa qualquer qualidade da história, mas a autoconfiança do presente”<sup>211</sup>. O progresso e sua relação com o tempo e, portanto, com aspectos utópicos a ele relacionados, encontram-se privatizados. Nesse sentido, a utopia é objeto dessa individualização, tratada por Bauman nos termos de seu programa sociológico, como um dos processo que foi gradualmente “privatizado”<sup>212</sup>.

<sup>206</sup> BAUMAN, *Op. Cit.*, 2001, p. 87.

<sup>207</sup> Idem, p. 89.

<sup>208</sup> Conferir as obras e textos de Jacobsen, um dos principais comentadores de Bauman e, também, um dos principais a auxiliar-nos na interpretação dos problemas aqui levantados: JACOBSEN, Michel Hviid. PODER, Poul. *The sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique*. London, ASHGATE, 2008; JACOBSEN, Michael Hviid (org.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020; JACOBSEN, Michael Hviid (org.). *Intimations of Nostalgia: multidisciplinary explorations of an Enduring Emotion*. London: Bristol University Press, 2022.

<sup>209</sup> JACOBSEN, Michael Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020, p. 84.

<sup>210</sup> Idem, p. 80.

<sup>211</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, 2000, p. 152.

<sup>212</sup> Para Bauman, “a ideia de progresso parece tão pouco familiar que chegamos a nos perguntar se ainda a mantemos, é porque o progresso, como tantos outros parâmetros da vida moderna, está agora ‘individualizado’; mais precisamente - *desregulado e privatizado*. Está agora desregulado - porque as ofertas de “eivar o nível” as realidades presentes são mudas e diversas e porque a questão “uma novidade particular significa de fato um aperfeiçoamento?” foi deixada à livre competição antes e depois de sua introdução, e permanecerá em disputa mesmo depois de feita a escolha. E está privatizada porque a questão do aperfeiçoamento não é mais um empreendimento coletivo, mas individual; são homens e mulheres individuais que a suas próprias custas deverão usar, individualmente, seu próprio juízo, recursos e indústria para elevar-se a uma condição mais satisfatória e deixar para trás qualquer aspecto de sua condição presente que ressentam” (BAUMAN, 2000, p. 155). O comentador de Bauman, Michel Jacobsen compreende, de acordo com essa perspectiva assinalada, que “*this privatisation of individualisation of utopia is a natural outcome of the general tendency towards living in an individualised society that shifts the burden of problems unto the shoulders of the hapless individual who will now need to find solutions under the pressure of increasingly precarious life circumstances*” Conferir: JACOBSEN, Michel Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the*

Esse caráter individualizado da utopia está ligado às mutações sociais, descritas por Bauman, como efêmeras e imprevisíveis. Por conseguinte, a imprevisibilidade das transformações, para Bauman, assalta a experiência de modo disruptivo no cerne daquilo que não é mais “controlável” diante dos riscos e perigos do presente “líquido”. E o medo é uma das palavras-chave desse presente. Os riscos, ameaças, surpresas e golpes causam incerteza e frustração. E, no entanto, Bauman avalia de modo um tanto quanto melancólico que “há muito pouco que possamos fazer, se é que há alguma coisa, para evitá-los”.<sup>213</sup>

A ideia de um mundo seguro e repleto de certezas constitui um sentido de construção utópica. Trata-se do desejo de um mundo seguro, regular e previsível, sendo exatamente o oposto do que é identificado pelo autor em suas descrições sociológicas sobre o presente. Assim, devemos compreender que o sentido de utopia aqui implica, direta ou indiretamente, um desejo por um mundo e uma existência sublunar que seja preenchida por confiança, estabilidade, fixidez e lentidão.

De acordo com Bauman, a ideia de progresso foi muito mais um movimento de esforço “para fugir de utopias fracassadas que para alcançar outras, ainda não vivenciadas”<sup>214</sup>. Sendo assim, as “realizações” de projetos utópicos revelaram-se muito diferente daquilo que se esperava. Afinal, as coisas acontecem diferentemente daquilo que foi planejado previamente<sup>215</sup>, pois aquilo “que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que o que foi experimentado no passado”<sup>216</sup>.

Não há exatamente um “fim das utopias”, pois a produção das utopias tem uma definição que repousa sobre “a imagem de um outro universo, diferente daquele que

---

Present. Routledge: NY, 2020, p. 83. Da mesma forma, Zaki Laïdi faz a pertinente observação de que “Mannheim distinguia quatro fatores essenciais: o princípio da não-congruência com a realidade, ou seja, a aspiração a outra coisa, a existência de grupos sociais capazes de o apoiarem, a existência de outras visões às quais a utopia se opõe, e, por fim, a integração da utopia numa perspectiva histórica do tempo. Nem todos estes quatro referenciais desapareceram. Todavia, os que permaneceram foram profundamente alterados. A aspiração a outra coisa diferente da realidade existente está sempre presente no homem. Em contrapartida, ela já quase não se exprime através de aspirações coletivas. Como veremos, a utopia privatiza-se cada vez mais. É por isso que sua visibilidade e a sua ressonância social são menos fortes ou, em todo o caso, menos visíveis” (LAÏDI, 2000, p. 172). Conferir: LAÏDI, Zaki. A chegada do homem-presente ou da nova condição do tempo. – Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

<sup>213</sup> BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos, 2007a, p. 100.

<sup>214</sup> Idem, p. 101.

<sup>215</sup> KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 245.

<sup>216</sup> Idem, p. 311.

conhecemos ou que estamos a par”<sup>217</sup>. Dessa forma, entendida como parte de um processo histórico, as utopias dizem respeito diretamente à vontade e governança humana de definir e construir um mundo conforme suas ideias, aspirações e interesses que só puderam ser forjados na modernidade. A partir da individualização, as utopias passam a ser frequentemente compreendidas como “privatizadas”, como se fossem um bem do próprio capital. É fundamental para Bauman que “as utopias nasceram junto com a modernidade e só na atmosfera moderna puderam respirar”, porque ela manifesta uma imagem projetada, como num espelho, inversa à “realidade” refletida. Nasce, assim, a possibilidade da construção de um mundo outro que pode ser colocado como objeto de substituição pelo sonho que, segundo Bauman, “era quase totalmente ausente do pensamento humano antes dos tempos modernos”<sup>218</sup>.

Com efeito, o sentido das utopias modernas, se compreendidas em sua forma temporal, residiria na “confiança de que, sob a administração humana, o mundo poderia ser colocado numa forma mais adequada à satisfação das necessidades do homem”<sup>219</sup>. A satisfação das necessidades, nesse caso, vai em direção a uma construção robusta de um projeto utópico. É na busca pela felicidade que a inventividade humana, na modernidade, projeta sentidos e funções ao seu próprio tempo<sup>220</sup>.

Novamente em termos alegóricos, Bauman sinaliza um par de oposições para contrastar as duas formas de manifestação da utopia, cada uma concernente, de um lado, à modernidade sólida e, de outro, à modernidade líquida. Bauman formula duas formas para nuançar suas relações: os “jardineiros” e os “caçadores”. Com a alegoria dos “jardineiros”, Bauman quer inferir o tipo de utopia forjada na modernidade clássica que indica exatamente àquela temporalização da utopia comentada por Koselleck. Isto é, em outros termos, uma forma de utopia que compreende o tempo como linear e vazio, que coloca os sonhos e as realizações dela mesma em um fim específico. Dotada, portanto, de caráter teleológico, ela serve como ferramenta de jardinagem que molda os formatos

---

<sup>217</sup> BAUMAN, Tempos Líquidos, 2007a, p. 102.

<sup>218</sup> Idem, p. 103.

<sup>219</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>220</sup> De acordo com Arnold Gehlen, autor que retomaremos adiante a respeito da nostalgia, afirma que “à constituição e essência do ser humano pertence uma sobrecarga de impulsos que estão por trás daquelas forças, e que já têm um alcance excessivo, que são seus sentidos, seu pensamento, seu desejo. Vale dizer, o potencial desses impulsos ultrapassa em muito as necessidades vitais básicas necessárias ao longo de uma vida. O indivíduo quer a satisfação de pulsões, ampliação de experiências e multiplicação de estímulos para além de todo ponto zero das condições habituais da vida. Ele é empurrado, digamos assim, para um “mais além”, para uma situação qualquer de superabundância, seja ela de tipo material, espiritual ou intelectual” (GEHLEN, 2017, p. 144).

a serem desenhados no jardim. Os “jardineiros”, assim, “podam” as ervas-daninhas indesejadas no interior do processo da construção utópica para que o mundo caiba em uma imagem pré-definida do sonho, do ideal. A outra forma é a utopia dos “caçadores”<sup>221</sup>. Na modernidade “líquida”, caracterizada pela desterritorialização e individualização, o sentido da utopia se vê esgarçado pela incerteza em relação ao futuro<sup>222</sup>. Não há um fim que necessita ser “pré-definido”, tal como na compreensão da utopia dos jardineiros. A utopia contemporânea, nos termos de Bauman, é traduzida por um estado de tensão que substitui a temporalização – outrora em direção ao futuro – mas que agora atua exclusivamente em função do presente.

### 3.2.2 “Retrotopia”: a original abordagem de Bauman sobre a nostalgia.

Bauman formulou o neologismo “retrotopia”, que dá o título de sua última obra publicada em vida, com o intuito de capturar uma nova tendência no conceito de utopia no interior do que designou em relação ao mundo do século XXI como “A Era da Nostalgia”<sup>223</sup>. Neste sentido, Bauman destaca uma relação inextricável entre utopia e nostalgia, que é posta em relevo a partir das análises do social empreendidas pelo autor, que procura considerar as razões pelas quais a nostalgia se torna um elemento constitutivo do presente. É que, de algum modo, a crise do futuro, a desconfiança na ideia de progresso e o fim das utopias modernas, coadunam num jogo de apostas nostálgico e imaginário para um outro tempo, como parte da crise da imaginação utópica. Michael Hviid Jacobsen, afirma, nesse sentido, que:

Bauman nunca explica o conteúdo real da utopia por ele imaginada – o sonho e a esperança de uma sociedade melhor. Ele, no entanto, insistiu que a utopia era uma fonte imorredoura de motivação na vida humana e social. No final da sua vida, Bauman também voltou a sua atenção para a nostalgia ao escrever

<sup>221</sup> Segundo Bauman, trata-se de “uma utopia estranha, não-ortodoxa - mas ainda assim uma utopia, prometendo o mesmo prêmio inatingível alardeado por todas as utopias, ou seja, uma solução derradeira e radical para os problemas humanos, passados, presentes e futuros, e uma cura derradeira e radical para as dores e sofrimentos da condição humana. É não-ortodoxa principalmente por ter transferido a terra das soluções e das curas do ‘longínquo’ para o ‘aqui e agora’. Em vez de viver *para* uma utopia, aos caçadores se oferece uma vida *dentro* da utopia” (BAUMAN, 2007a, p. 113).

<sup>222</sup> De acordo com Jacobsen, “a utopia da caça é um mundo adaptado às necessidades dos consumidores que desejam constantemente novas aquisições, novas experiências, novas sensações. A vida de uma pessoa gira – compulsivamente, viciante e obsessivamente – em torno da aquisição rápida, da satisfação instantânea e da obsolescência imediata, a fim de manter o jogo de caça em andamento” (JACOBSEN, 2020, p. 86).

<sup>223</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. Retrotopia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2017.



criticamente sobre a ascensão de um novo tipo de utopia chamada “retrotopia” – a utopia voltada para o passado – na sociedade líquida moderna contemporânea.<sup>224</sup>

Na reflexão de Bauman sobre a nostalgia, o autor conjura na tese IX sobre o conceito de história de Walter Benjamin, o “Anjo da História”<sup>225</sup>, a imagem inversa, segundo a qual o rosto do anjo pode estar virando-se do passado para o futuro e “suas asas são empurradas para trás, desta vez por uma tempestade que se ergueu no inferno de um futuro imaginado”<sup>226</sup>. Assim, é o futuro que é o objeto de desconfiança da sociedade contemporânea, elevando o passado como um lugar no qual seja possível depositar créditos e esperanças<sup>227</sup>.

Neste sentido, o lugar de realização temporal (outrora encontrado na “utopia” que ia em direção ao futuro) está, no presente histórico atual, centrado no passado, isto é, ocorrendo uma espécie de “utopia orientada pelo passado”<sup>228</sup>. Mas interpretar e reduzir a nostalgia enquanto mero saudosismo pode ser uma armadilha. A nostalgia nem sempre é retrospectiva, pois pode ser prospectiva, visto que “as fantasias sobre o passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro”<sup>229</sup>. A nostalgia está relacionada a uma construção saudosista do passado que une biografia individual, de grupos ou nações, entre memórias individuais e coletivas simultaneamente<sup>230</sup>. Entrementes, “se as utopias futuristas podem estar fora

---

<sup>224</sup> No original: “*Bauman never spells out the actual content of the utopia envisioned by him – the dream and hope of a better society. He did, however, insist that utopia was an undying source of motivation in human and social life. Towards the end of his life, Bauman also turned his attention towards nostalgia when writing critically about the rise of a new type of utopia named ‘retrotopia’ – the backward-looking utopia – in contemporary liquid-modern society*”. Conferir: JACOBSEN, Michel Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020, p. 78.

<sup>225</sup> Para Elie DURING, em verdade, e até mesmo numa descrição poética sobre o sentido da tese benjaminiana para se pensar o presente, “o Anjo da História está de frente para o futuro, mas, já que o futuro não existe - pelo menos ele não existe ainda! -, ele não tem outra escolha senão fixar o vazio entregando-se ao seu sonho desperto, impelido às suas costas pelos futuros de passados pelos quais se sente apenas obscuramente visado. Numa variante mais contemporânea, é preciso representar o Anjo da História como um automobilista: ele não é soprado pelo vento da explosão, não vê se acumular a seus pés um monte de ruínas; ele roda sem visibilidade numa autoestrada montanhosa, acompanhado à sua direita pelos futuros do passado lançados em alta velocidade e cuja imagem brilha por um instante na luz dos faróis antes de desaparecer na noite” (DURING, 2013, p. 210). DURING, Elie. O que é retrofuturismo - introdução aos futuros virtuais. In: NOVAES, Adauto (org.). O Futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 210.

<sup>226</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1. ed., 2017, p. 8.

<sup>227</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>228</sup> *Idem*, p. 12.

<sup>229</sup> BOYM, *Op. Cit.*, 2017 p. 154.

<sup>230</sup> Siobhan Kattago está se apoiando em Svetlana Boym quando afirma isso, mas mais importante ainda, é preciso salientar, trata-se de seu comentário a respeito da nostalgia como experiência de tempo no

de moda, a nostalgia tem uma dimensão utópica – que apenas não é mais dirigida ao futuro. Algumas vezes, nem sequer é diretamente dirigida ao passado, mas sim tangencialmente”<sup>231</sup>. Seguindo esse raciocínio, para Bauman, em virtude de um futuro incerto e prenhe de medos, a nostalgia se manifesta como “reação” contra um presente precário no preâmbulo de um futuro incerto. De alguma forma, trata-se de uma modalidade utópica de nostalgia que busca projetar delícias do passado imaginário como se fosse o futuro, já que as “fronteiras” entre passado e futuro já não são mais claras o suficiente e, em referência ao historiador David Lowenthal, ele afirma que:

Um país estrangeiro deixou de ser uma qualidade particular e exclusiva do passado; a fronteira que separa o passado do presente foi progressivamente removida, e seus postos de controle, evacuados. O futuro, claro, também é um país estrangeiro - embora seja possível observar entre nossos contemporâneos um interesse por levantar contra o futuro uma cerca mais fechada e impermeável do que contra o passado: o número de turistas ansiosos por visitar o país estrangeiro do futuro decai com celeridade, e hoje está limitado aos mais otimistas e aventureiros (e, segundo alguns, aos mais alegres e despreocupados)<sup>232</sup>.

Evocando as noções mobilizadas por Svetlana Boym, Bauman elege a nostalgia como problema fundamental a ser discutido em suas formas e manifestações sociais. De acordo com Boym, é possível identificar duas formas de manifestação do fenômeno nostálgico. Há, de um lado, a nostalgia restauradora e, de outro, a nostalgia reflexiva. A nostalgia restauradora engendra uma reconstrução (trans)histórica de uma terra “perdida”, ou seja, que articula a ideia de uma comunidade. Já a nostalgia reflexiva reside no cerne do objeto da “saudades”, da ideia de um pertencimento a um lugar ou a um tempo, conferindo imagens e sentidos aos mesmos<sup>233</sup>. Assim, a nostalgia reflexiva

---

presente ao situar Bauman: “Tal como Boym, Zygmunt Bauman defende os perigos da nostalgia como uma reação não só às transformações modernas na tecnologia mas, mais importante ainda, às mudanças culturais que acompanham a modernidade. *A nostalgia faz parte do que ele chama de “retrotopia”, ou o desejo de trazer um passado imaginário para o futuro. A nostalgia é um sintoma da desorientação causada pela vida moderna*” (grifos nossos). No original: “Like Boym, Zygmunt Bauman argues for the dangers of nostalgia as a reaction not only to modern transformations in technology but, more importantly, to the cultural changes that accompany modernity. Nostalgia is part of what he calls ‘retrotopia,’ or the desire to bring an imaginary past into the future. Nostalgia is a symptom of the disorientation caused by modern life” Conferir: KATTAGO, Siobhan. *Encountering Past Within the Present: Modern Experiences of Time*. New York, NY: Routledge, 2020, p. 151.

<sup>231</sup> BOYM, *Op. Cit.*, 2017 p. 154.

<sup>232</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2017, p. 58.

<sup>233</sup> Svetlana Boym ressalta a diferença de seus dois tipos nostálgicos nesta passagem: “a nostalgia restauradora enfatiza o *nostos* (casa) e enceta uma reconstrução (trans)histórica da terra perdida. A nostalgia reflexiva se desenvolve com a *algia* (o próprio anseio) e posterga o retorno à casa – melancolicamente, ironicamente, desesperadamente. Essas distinções não são absolutos binários e pode-se fazer certamente um mapeamento mais refinado das zonas cinzentas nos arredores das terras natais imaginadas. Desejo identificar as principais tendências e estruturas narrativas da trama nostálgica na

lança um foco na história e na passagem do tempo, no tempo experienciado como história e não segue uma trama única, mas antes múltipla e plural e procura modos de ocupar diversas dimensões simultaneamente e tem uma marca distintiva no âmbito cultural.

Contextualizando a história do século XX e a derrocada da URSS, Eric Hobsbawm discute os possíveis cenários de um mundo pós-1989. Marcado pelo desejo de “retorno” a uma configuração prévia ao período de 1989, diversos discursos emergem com o sentido de inventar tradições, marcadamente nacionalistas, com aspirações políticas bastante delineadas, corroborando com o adensamento da xenofobia em diversos lugares do mundo<sup>234</sup>. São, assim, processos históricos de “invenção de tradições” com vistas a legitimar determinadas “comunidades imaginadas”<sup>235</sup>. Além disso, as tradições mais conservadoras estão ligadas tanto às aceleradas mudanças e os ritmos frenéticos da sociedade quanto às formas em que o passado se apresenta de maneira seletiva nas tradições inventadas e reformuladas com ensejos nostálgicos.

A “retrotopia” baumaniana procura traduzir exatamente o desejo ardente por estabilidade, “um anseio emocional por uma comunidade com uma memória coletiva, um desejo ardente de comunidade num mundo fragmentado”<sup>236</sup>. Aqui reside o ângulo de uma das questões fundamentais da pesquisa, a qual procura compreender a relação entre, de um lado, o fenômeno nostálgico e a interpretação de uma temporalidade

---

produção de sentido para anseios e perdas que se pode ter. A nostalgia restauradora não se percebe como nostalgia, mas antes como verdade e tradição. A nostalgia reflexiva reside na ambivalência do pertencimento e saudade humanos e não se desvia das contradições da modernidade. A nostalgia restauradora protege a verdade absoluta ao passo que a nostalgia reflexiva a coloca em dúvida. A nostalgia restauradora está no cerne do reavivamento nacional e religioso recentes. Ela apresenta dois enredos principais – o retorno às origens e a conspiração. A nostalgia reflexiva não segue uma trama única, mas sim explora formas de ocupar muitos lugares simultaneamente e de imaginar diferentes fusos horários. Ama os detalhes, não os símbolos. Na melhor das hipóteses, ela pode apresentar desafios criativos e éticos, não apenas de pretexto para melancolias noturnas. Esta tipificação da nostalgia permite-me distinguir entre, por um lado, a memória nacional baseada em uma única versão da identidade nacional e, por outro, a memória social, que consiste em quadros coletivos que marcam, mas não definem, a memória individual. A retórica da nostalgia restauradora não trata do “passado”, mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade. A retórica da nostalgia reflexiva trata de viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz.” (BOYM, 2017, p. 159).

<sup>234</sup> Cf. HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>235</sup> De acordo ainda com Hobsbawm, é salutar compreender que "a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício da heroína. O passado é o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, é sempre possível inventá-lo. De fato, na natureza das coisas não costuma haver nenhum passado completamente satisfatório, porque o fenômeno que essas ideologias pretendem justificar não é antigo ou eterno mas historicamente novo" (HOBBSAWM, 2013, p. 18). Em: HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>236</sup> BAUMAN, Retrotopia, 2017, p. 8.

acelerada em Bauman. Ora, a partir disso, tal “mundo fragmentado” é, no programa sociológico de Bauman, parte da ideia de que a experiência de aceleração teria causado esse mesmo desejo de “fuga” de uma vida despedaçada e isso será tematizado no nosso último capítulo. Assim, o cerne da nossa argumentação reside no fato de que Bauman, a partir de Boym, retoma a nostalgia como “mecanismo de defesa” contra a aceleração, contra um mundo que se “liquefaz”. A nostalgia restauradora trata de retornar ao “lar ideal”, discurso de muitas ideologias políticas. Nesse sentido, o perigo da nostalgia está alojado, sobretudo, em sua versão de tipo “restauradora”, que compreende a si mesma não como nostalgia, mas como herança legítima “o sentido” do passado. Em outras palavras, a nostalgia restauradora tipificada por Boym e rearranjada pelo discurso de Bauman, pode ser compreendida como uma das formas de manifestação dos usos políticos do passado no presente<sup>237</sup>.

Para Bauman, a questão da liberdade e das escolhas na modernidade tardia possibilita, em muitos sentidos, a manifestação da nostalgia como forma de lidar com o desmoronamento da distinção entre passado e futuro. A nostalgia, se compreendida pelo ponto de vista baumaniano, é uma imagem refletida, isto é, invertida, do papel da ideia de progresso na modernidade clássica. Trata-se da negação da utopia temporalizada e direcionada para o futuro que é caracterizada por uma “base sólida que, segundo se crê, fornece e otimistamente garante um mínimo possível de estabilidade; e, por conseguinte, um grau satisfatório de autoconfiança”<sup>238</sup>. Ao mesmo tempo que nega a utopia futurista, mantém-se fiel ao espírito utópico: “a retrotopia deriva seu estímulo da esperança de reconciliar, finalmente, segurança e liberdade”<sup>239</sup>. Assim, parafraseando Koselleck, é possível dizer que a dedução de um presente ruim, juntamente de um futuro ameaçador, de que o passado seja melhor, é a configuração da nostalgia “retrotópica”.

---

<sup>237</sup> A partir de tal argumento, podemos dizer, com Alessandro Gandini, que “Bauman compreende com uma clareza característica e única a perda do sentido partilhado de comunidade e da ideia de progresso que caracterizou a ascensão da modernidade – que, argumenta Bauman, foi ‘privatizada’ pelo neoliberalismo. Isto, conclui Bauman, acende um sonho ‘retrotópico’ de regressar ao espírito comunitário encarnado pelos Estados-nação. A concepção de Bauman baseia-se fortemente em Boym, que argumenta que a nostalgia oferece uma espécie de ‘saudade’ que é muitas vezes mal interpretada como ‘pertencimento’ – e doravante rapidamente se transforma num impulso em direção a comunidades nacionais e ‘pátrias puras’”. Conferir: GANDINI, Alessandro. *Zeitgeist Nostalgia: on populism, work and the “good life”*. First edition, Zero Books, Alresford, Hampshire, UK, 2020, p. 18.

<sup>238</sup> Idem, p. 14.

<sup>239</sup> Ibidem, p. 14.

A politização de um tempo nostálgico deve levar em consideração duas questões fundamentais. A primeira delas diz respeito às formas como o passado é utilizado politicamente, como mencionado, para legitimar tradições, discursos e enredos neofascistas no presente. A outra, mais interessante para Bauman, está relacionada às formas pelas quais as comunidades se fecham – utilizando o passado e a nostalgia como ferramenta – para a realização de uma distinção social no âmbito do discurso “nós” e “eles”. Em outras palavras, trata-se do reavivamento de comunidades cujos enredos podem alimentar diversas versões de xenofobia e violência, justificadas exatamente pelo elo comum que as manifestações nostálgicas podem fornecer às comunidades. Assim, o passado só parece ser importante quando confirma a identidade do presente.

É muito importante politizar o tempo nostálgico, compreendendo as formas como as novas direitas e os fascismos utilizam-se da nostalgia para promover discursos de ódio, é parte fundamental da compreensão dos significados dos usos da memória como ferramenta política, ou, mais precisamente, dos usos políticos e sociais que o passado, palmilhado de ares nostálgicos, é operacionalizado. A partir disso, a nostalgia é o combustível, cuja retórica de um “retorno” persiste em fazer do presente o lugar a ser deplorado e, assim, a temporalidade se compreende na forma como passado e presente são articulados, já que ocorre um diagnóstico, da parte de Bauman, acerca do decréscimo das esperanças futuras.

Nesse sentido, para Bauman, “não somos aqueles que controlam o presente do qual o futuro irá germinar e brotar – e, portanto, nutrimos pouca esperança, se é que nutrimos alguma, de controlar o futuro”<sup>240</sup>. Dessa incerteza perante o futuro germina, para Bauman, o retorno em relação ao passado, fazendo com que as relações entre passado, presente e futuro troquem de permutação a partir das políticas de memória<sup>241</sup> e também da forma como o passado é utilizado politicamente, pois:

Em *teoria*, o futuro é um reino de liberdade (tudo pode acontecer por lá), à diferença do passado, o reino do imutável e da inevitabilidade inalterável (tudo o que podia ter acontecido aconteceu); o futuro em princípio é maleável; o passado, sólido, persistente e fixo de uma vez por todas - embora, na *prática* das políticas da memória, as atitudes em relação a futuro e passado tenham se permutado, ou pelo menos foram tratadas como tal. A maleabilidade do passado e a possibilidade de administrá-lo, sua suscetibilidade à modelagem e remodelagem, são simultaneamente uma condição *sine qua non* da política da memória, sua presunção quase

<sup>240</sup> BAUMAN, *Op. Cit.*, 2017, p. 62.

<sup>241</sup> Cf. URTIZBEREA, Iñaki Arrieta (org.). El patrimonio cultural en las sociedades líquidas. – Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.

axiomática de legitimidade e sua aquiescência à criação sempre reencenada. Na sociedade contemporânea, o principal objetivo da política da memória histórica é justificar o direito de um grupo (chamado “nação”) à soberania territorialmente demarcada - a qual, por sua vez, é a principal aspiração do nacionalismo<sup>242</sup>.

O estabelecimento de uma demarcação ou fronteira entre passado e presente está no cerne da compreensão histórica<sup>243</sup>. Aliás, "todo processo histórico só avança enquanto os conflitos nele contidos não têm solução. Um conflito resolvido passa a fazer parte do passado"<sup>244</sup>. A nostalgia une o desejo de uma imagem mítica do tempo a um medo prístino, e, nessa articulação, o presente se torna um momento de angústia e ansiedade, reconfigurando passado e futuro simultaneamente. Na passagem supracitada, Bauman opõe passado e futuro às imagens de “liquidez” e “solidez”, para afirmar uma mutação histórica tanto no estatuto do futuro como no do passado, representado pela “retrotopia”.

Trata-se de um drama melancólico pelo desenraizamento e a desterritorialização: o arrebatador desvencilhamento das fronteiras do pertencer. Arnold Gehlen argumenta que não se trata exclusivamente de pensar na “resistência sentimental a uma história que segue inexoravelmente, mas na tristeza espiritual daqueles que percebem quão penetrante e requintadamente age o desenraizamento”.<sup>245</sup> No entanto, em termos sociológicos, a manifestação dessas crises é dupla. De um lado, em relação ao passado há a experiência de um desejo nostálgico e, de outro, em relação ao futuro, as noções de medo e incerteza. Tendo isso em vista, portanto, consubstancializam-se expectativas decrescentes em relação ao futuro, ao mesmo tempo em que se nutre um apelo ao passado, por diversas vias. Deste modo, vejamos brevemente algumas das palavras de Arnold Gehlen:

---

<sup>242</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>243</sup> Nos baseamos na historiadora Victoria Fareld, ao discutir tais pressupostos, afirma que “na verdade, na teoria contemporânea da história, argumenta-se frequentemente que é a própria operação de distanciamento que faz com que o passado nos pareça fundamentalmente diferente do presente e que distingue a história de outras formas de envolvimento com o passado, como a recordação e a tradição. ‘Nem toda relação com o passado é histórica per se’, afirma Jörn Rüsen: ‘Somente depois de o passado ser infundido com uma qualidade definida de passado [...] podemos falar de uma relação 'especificamente histórica' com o passado’. Como se verá adiante, Bauman realiza um corte permanente e comparativo na relação presente, passado e futuro.

<sup>244</sup> KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 285.

<sup>245</sup> GEHLEN, Arnold. A felicidade evadida: Uma interpretação da nostalgia. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 149.

*Há uma consequência repugnante do atual estado de coisas, uma repugnância que nos abre para o efeito magnético do passado. Os choques que nos chegam pela mídia, o agitado ritmo temporal, a excitante política diária, a coerção infinita das compras e a falta de credibilidade de solenes declarações públicas com seus subterfúgios fugazes - isso tudo se desdobra numa energia repugnante, e então percebemos que ocupar-se com o período anterior à guerra, mais do que um valor de relaxamento, tem um valor de orientação. Dificilmente, porém, serei contestado em minha opinião de que nosso presente carece de forças que o sustentem. Parece que o nó a que tudo estava atado se desfez, e agora os fios nos escapam entre os dedos. Nenhuma coisa, nenhum valor que não seja contestado. Nas camadas inferiores treme-se por causa do desemprego, nas médias por causa de clientes insolventes ou escassez de encomendas, nas superiores por causa de sequestros e terroristas<sup>246</sup> (grifos nossos).*

Gehlen argumenta que a felicidade evadida pode ser compreendida como uma via de interpretação dos fenômenos nostálgicos. Dessa maneira, de acordo com nossa interpretação, existem indicativos que corroboram aqui a ideia de que o temor se volta para o desemprego, de um lado, pela precarização do trabalho, em virtude de uma racionalidade neoliberal e, de outro, pelo erigir de muros, vigilância e encastelamento urbano contra a violência.

Assim, quando ambas as questões são levantadas por Bauman como parte de sua leitura da fisionomia social contemporânea, porque “a vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres”<sup>247</sup>, denotam uma modalidade de “reação” (com todas as implicações problemáticas e mecânicas dessa palavra) nostálgica, fazendo com que o medo seja uma forma de atribuição de sentido de “ameaça” que parte de um grande Outro no cerne do próprio presente.

Todavia, tais questões estão intimamente relacionadas à preocupação de Bauman em lidar com algumas implicações emocionais, afetivas e relacionais na transformação da sociedade “sólido-moderna” para a “líquido-moderna”, abarcando todo o léxico de preocupações do autor a respeito das noções de ambivalência, liberdade, ética, amor e medo. Neste sentido, o que Bauman sinaliza já em sua última obra é adicionar uma preocupação com as formas sociais e políticas dos momentos de “volta para”, isto é, a manifestação das “retrotopias”<sup>248</sup>.

---

<sup>246</sup> GEHLEN, Arnold. A felicidade evadida: Uma interpretação da nostalgia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 148.

<sup>247</sup> BAUMAN, Tempos Líquidos., 2007a, p. 15.

<sup>248</sup> Idem, p. 51-52.

Partindo do conceito de “tribalismo” esboçado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, Bauman lança um olhar sobre as transformações sociais no seio das noções de comunidade e identidade. O foco privilegiado é a mudança na sociedade desde a Modernidade Clássica, de uma sociedade construída em torno do indivíduo e da racionalidade para um mundo povoado pela ideia de comunidades ligadas por laços afetivos. Dessa forma, conduzidos por elos emocionais da comunidade, os indivíduos procuram pertencer a um ambiente de proximidade e, ocasionalmente, dissolver a sua própria identidade para trazer uma identificação completa com o grupo de pertencimento. Tal questão se faz prevalecer através de uma busca por vínculos emocionais como pilar da constituição da identidade e as políticas de memória acabam fortalecendo essa relação.

A principal mudança de paradigma que Bauman salienta é o testemunho de uma mutação de um desejo de independência de uma sociedade formada por comunidades, a um anseio de pertencimento de uma sociedade composta por indivíduos<sup>249</sup>. Nesse caso, é o processo de individualização que fomenta essa ideia de “retorno” a outras formas de organização social. Ou seja, trata-se de mais uma maneira de colocar em relevo, no interior de seu programa sociológico, a passagem de uma sociedade “sólida” para “líquida”.

Aqui, de modo geral, a “retrotopia” possui tanto o aspecto espacial da nostalgia, isto é, o retorno a um lugar específico, quanto um social e político, articulado aos conceitos de comunidade e identidade<sup>250</sup>. Portanto, todo o esquema de ideias de Bauman irá se debruçar numa espécie de “compensação”, cujo fenômeno “retrotópico” abordado pelo autor, seria mero resultado de um conjunto de elementos que se manifestam a partir de uma “mesma fonte”: “o medo do futuro embutido no presente exasperantemente caprichoso e incerto. Eles deságuam no mesmo entrelaçamento de becos sem saída”.<sup>251</sup>

### **3.2.3 A nostalgia e o passado: um olhar crítico-historiográfico sobre Bauman**

---

<sup>249</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>250</sup> BAUMAN, Zygmunt. Retrotopia, 2017, p. 55.

<sup>251</sup> BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos., 2007a, p. 52.



Pensar a relação entre o passado e a nostalgia em Bauman deve nos levar, agora, a uma reflexão a respeito do próprio sentimento nostálgico acerca do passado e de como isso é, de algum modo, agenciado no interior do conhecimento difundido pelo autor. Se, de um lado, a noção de “retrotopia”, formulada pelo autor, é uma maneira de abordar o tema da nostalgia, temos que pensar, de outro, o problema do sentido do passado no presente, por meio da reflexão historiográfica, considerando como a nostalgia, de um modo geral, manifesta-se na leitura do sociólogo polonês. Dessa maneira, dois momentos distintos podem ser observados para colocarmos, como num caleidoscópio, as várias formas de manifestação do passado no âmbito da experiência histórica do presente.

Em primeiro lugar, numa entrevista em 2007, os sociólogos e comentadores da obra de Bauman, respectivamente, Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester, questionaram se, em alguns de seus livros, o discurso do autor contivesse, de algum modo, “tons nostálgicos”<sup>252</sup>. Bauman discorre, em sua resposta à questão, sobre algo muito importante para entender seu pensamento a respeito da nostalgia. Cada transformação histórica, para Bauman, é carregada, supostamente, de uma relação de “ganhos” e “perdas”. Bauman está interessado em avaliar, de todo modo, quais seriam as “perdas” e o preço a ser “pago” no interior das mutações históricas abruptas testemunhadas. Tais “rearranjos” são, para Bauman, mais bem representados pela ideia de um “pêndulo histórico” em lugar da linearidade da ideia de progresso<sup>253</sup>.

Dessa maneira, cada “melhoria”, em alguma direção, traria novas “deficiências”, em outra demonstrando seu ceticismo contra ideia de progresso<sup>254</sup>. No interior de suas alegorias da passagem do “sólido” ao “líquido”, Bauman reforça a ideia de que se trata de uma maneira de situar a interpretação exatamente sobre os “custos” dessa “passagem” histórica. Deste modo, temos uma visão mais ou menos pessimista: não há avanço sem recuos. Procurando se desvencilhar da questão sobre os “tons nostálgicos”, Bauman recorre à noção de que se trata, na realidade, de uma nova mudança no paradigma social e que:

O que você vê como 'nostalgia' talvez seja o reflexo do desagradável, embora dificilmente contornável, *fato de que os custos totais de uma nova compensação só podem ser calculados no final do período contábil*. Para o

<sup>252</sup> JACOBSEN, Michael Hviid; TESTER, Keith. Sociology, Nostalgia, Utopia and Mortality: A Conversation with Zygmunt Bauman. *European Journal of Social Theory*, 2007, p. 320.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 320.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 320.

'salto para a ordem' (como eu tentei documentar em *Modernidade e Holocausto* e *Modernidade e Ambivalência*), foi necessário pagar um preço enorme e atroz, mas isso não significa que reparar os traços pouco atraentes da modernidade 'sólida' tenha conduzido a uma forma humana de convivência sem falhas que não deixariam espaço para dissidências. Cada arranjo tem, repito, suas próprias deficiências que requisitam atenção, e cada uma precisa ser julgada em termos de suas próprias virtudes e vícios. *E devido à trajetória 'como um pêndulo' das sequências históricas, a proximidade íntima entre 'avanço e retrocesso' ou 'utopia' e 'nostalgia', prenhe de confusão, é virtualmente inevitável*<sup>255</sup> (grifos nossos).

O “pêndulo histórico”, assim, parece apontar para uma série de “cálculos” que tornaram possível o “rearranjo”, no interior da história da Modernidade, para uma nova configuração. Acontece que, a partir desta leitura, o passado posto numa imagem cristalizada que, de algum modo, o faria ser possível “calcular” as “perdas” e os ganhos” a cada nova configuração. O passado, sob este ponto de vista, possui um aspecto engessado, inerte, morto. Bauman se esquiva da questão sobre a nostalgia, demonstrando que o que ele realiza, na verdade, é uma forma de “cálculo” daquilo que ficou para trás e está, de algum modo, disponível à análise para demonstrar quais são as questões mais prementes da contemporaneidade. A alegoria de um “pêndulo histórico”, inclusive, fortalece a ideia de um passado estático e meramente acessível à consciência por meio de um contraste sociológico, entre futuro e passado, segurança e liberdade, individualidade e comunidade. Há, assim, a pressuposição seja de uma unidade histórico-temporal quanto de uma continuidade, senão algo de um vaivém inalterado de mutações oscilantes na qual Bauman realiza uma oposição irreconciliável entre passado e futuro.

Em segundo lugar, também em uma entrevista, Maria Lúcia Pallares-Burke questiona Bauman se ele concorda com a interpretação de que ele soaria nostálgico em relação à uma sociedade “quando a humanidade aparentemente era menos ansiosa e tinha uma vida mais estável e segura”<sup>256</sup>. Bauman deixa a cargo dos leitores essa interpretação, evitando adentrar nesse espinhoso problema. Rejeitando a ideia de

---

<sup>255</sup> No original: “*What you see as ‘nostalgia’ is perhaps the reflection of the unpleasant, though hardly avoidable fact that the full costs of a new trade-off can be calculated only at the end of the accounting period. For the ‘leap to order’ (as I tried to document in *Modernity and the Holocaust* and *Modernity and Ambivalence*) an enormous and atrocious price needed to be paid – but this does not mean that repairing the unprepossessing features of ‘solid’ modernity ushered into a cloudless and faultless form of human togetherness that would leave no room for dissent. Each arrangement has, I repeat, its own shortcomings crying for attention – and each needs to be judged in terms of its own virtues and vices. And due to the ‘pendulum-like’ trajectory of historical sequences, a close proximity of ‘forward and backward’ or ‘utopia’ and ‘nostalgia’ pregnant with confusion is virtually inevitable*”. (Ibidem, p. 321).

<sup>256</sup> PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo Social*. São Paulo, v. 16, n. 1, Junho 2004, p. 323.

progresso em relação à felicidade na existência humana, Bauman limita-se a dizer que o medo e a infelicidade de hoje são de outra natureza, ressaltando, as “perdas” e os “ganhos” em cada face da moeda.

A dificuldade de se planejar o futuro em face do trabalho flexível, algo que será abordado no próximo capítulo, é tomada como um exemplo do modo pelo qual, assim, Bauman se esquivava da acusação de nostalgia, ressaltando que o planejamento do futuro, das carreiras e da estabilidade são aspectos que já não existem mais, que um preço foi “pago” e que a incerteza, de algum modo, reina: “o chão em que piso pode, de repente, se abrir como um terremoto, sem que haja nada ao que me segurar. A maioria das pessoas não pode planejar seu futuro muito tempo adiante”<sup>257</sup>. Ao mesmo tempo em que nega uma determinada nostalgia pelo modelo societário da primeira metade do século XX, Bauman admite que, para que os jovens prossigam com alguma cautela e, sobretudo, esperança, na forma de conduzirem suas próprias vidas, “apesar de todas as tendências em contrário de todas as pressões de fora, reter na consciência e na memória o valor da durabilidade, da constância, do compromisso”<sup>258</sup>.

Entretanto, devemos lembrar, apoiando-nos em Walter Benjamin, que o “passado” não é algo a ser “explicado” pela narrativa histórica, mas sim a ser articulado por ela. Porque “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”<sup>259</sup>. Além disso, de acordo com Jörn Rüsen, seria necessário se ajustar os “critérios de sentidos novos, que levam a novas representações do que há de especificamente histórico na experiência do passado”<sup>260</sup>.

Koselleck afirma, em uma de suas principais teses, que a experiência histórica possui um caráter temporal, algo que introduzir no primeiro capítulo, e que a historiografia articula as várias dimensões da experiência que se manifesta de forma

---

<sup>257</sup> Ibidem, p. 323. Bauman conclui que, “a questão é que, como já disse antes, aproximando-me dos meus 80 anos, não acredito que possa existir algo como uma sociedade perfeita. A vida é como um lençol muito curto: quando se cobre o nariz os pés ficam frios, e quando se cobrem os pés o nariz fica gelado. Há sempre um custo a ser pago para a melhora numa determinada direção. Mas Insisto que a sociedade que obsessivamente se vê como não sendo boa o suficiente é a única definição que posso dar de uma boa sociedade. (Ibidem, p. 323).

<sup>258</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo Social*. São Paulo, v. 16, n. 1, Junho 2004, p. 234.

<sup>259</sup> LÖWY, Michel. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. Trad. W.N.C. Brant. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 65.

<sup>260</sup> RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001, p. 37.

múltipla e estratificada.<sup>261</sup> O passado não está inerte e solidificado, mas presente de múltiplas formas no interior do presente. Assim, a presença do passado, no presente, torna-se um elemento fundamental ao se pensar no “amplo presente”, na formulação de Hans Ulrich Gumbrecht. O autor vê a presença do passado no presente de forma latente. Nesse sentido, um passado que não passa emerge com potência em frente a um futuro que não floresce ao alvorecer.<sup>262</sup> Sem entrada e sem saída, como lembra Gumbrecht, trata-se da forma de estar no tempo, vivenciando uma claustrofobia de um presente em expansão que abocanha o passado e o futuro em seus próprios eixos.

Avaliando a partir da historiografia, considerando, ademais, os impasses do tempo presente a partir da reflexão sobre a compreensão da história e do passado, Victoria Fareld nos alerta que “a nossa situação atual de presentismo pode gerar uma consciência crítica do tempo que pode ajudar-nos a ver as performances do passado e do presente pelos historiadores como figuras temporais constitutivas no pensamento histórico”<sup>263</sup>. Ou seja, tendo em vista tal problematização, as questões temporais, sendo elas mesmas constitutivas do pensamento histórico, devem ser colocadas sob o prisma da produção de um conhecimento histórico-crítico<sup>264</sup>.

Nessa perspectiva, compreende-se o caráter vivo e mutante do passado, inserido numa arena de conflitos, disputas e sentidos que não se imiscuem em formas cristalizadas de interpretação de algo tão complexo e fenomênico ao, assim, aparenta ser a nostalgia contemporânea. Com isso, tendo em vista que, como disse Koselleck, “passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura,

<sup>261</sup> Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

<sup>262</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 48.

<sup>263</sup> No original: “*Our current situation of presentism can generate a critical time consciousness that can help us see historians’ performing of past and present as constitutive temporal figures in historical thinking*”. FARELD, Victoria. *Coming to Terms with the Present: Exploring the Chrononormativity of Historical Time*. TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new approaches to presentism*. Bloomsbury Academic, London, 2019, p. 57.

<sup>264</sup> A matriz disciplinar da ciência da história expõe claramente a historicidade inerente que existe na construção do conhecimento histórico, que se expressa na produção historiográfica por possuir uma dinâmica temporal interna. Este processo de compreensão da matriz disciplinar da história coloca exatamente as razões pelas quais a história precisa ser reescrita e reinterpretada, fazendo com que a escrita da história se adapte ao cotidiano e à temporalidade em que se insere. Uma das características da historiografia – cuja função, ou pelo menos uma delas, que seria a de realizar uma orientação temporal – é a de ser constantemente modificada pela própria história, na medida em que a temporalidade altera as necessidades e orientações vigentes, ou seja, transformando significativamente a própria forma de compreender, explicar ou analisar as “realidades do passado”.

antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais”.<sup>265</sup>

### 3.2.4 “Um mundo que mudasse com menor rapidez...”

*As dores morais talvez não aparecessem com tanta frequência, de modo que não se precisaria recorrer tanto à impostura, num mundo menos ‘líquido’ que o nosso – um mundo que mudasse com menor rapidez, em que os objetos do desejo não envelhecessem tão depressa e não perdessem o encanto a uma velocidade tão estonteante; um mundo em que a vida humana, durando mais do que a de praticamente qualquer outro objeto, não precisasse ser fatiada numa série de episódios e reinícios independentes. Mas esse mundo não existe – e as probabilidades são esmagadoramente contra a isenção dos vínculos humanos da regra estabelecida pelos padrões consumistas, os quais são ao mesmo tempo cognitivos e comportamentais. Em resultado, os relacionamentos estão se transformando rapidamente na principal fonte, e aparentemente inexaurível, de ambivalência e ansiedade.<sup>266</sup>(grifos nossos)*

“Mas esse mundo não existe”. O tom de Bauman aqui ressoa como um grunhido de luto. O que poderia ser uma observação despreziosa, manifesta-se como uma queixa melancólica de um tempo perdido e deslocado da modernidade “sólida”, que foi tornado inconstante e incerto pela “liquidez”, fortalecido pela noção de um enfraquecimento dos vínculos humanos, pelo desterro, deslocamento de si e a vanidade do mundo. A passagem supracitada, inclusive, já indica também a experiência de tempo “episódica”, que será discutida no próximo capítulo, que estabelece a vida vivida numa “série de episódios e reinícios independentes”. Essa configuração, ao mesmo tempo acelerada e nostálgica, ou nostalgicamente acelerada torna “tudo” fora do lugar, tempo desconjuntado (*out of joint*).<sup>267</sup>

<sup>265</sup> KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 310.

<sup>266</sup> BAUMAN, Zygmunt. Vida Líquida, 2007b, p. 141-142.

<sup>267</sup> Para Aleida Assmann “em nossa época, o passado tem retornado de muitas maneiras, e vimos até que ponto isso faz com que os registros temporais se tornem tão desorganizados. Neste contexto, podemos observar um amplo espectro de possibilidades, que vão desde uma repetição nostálgica do passado até intrusões indesejadas de um passado traumático” (ASSMANN, 2013, p. 228-229) No original: “*in our own time, the past has returned in many ways, and we have seen the extent to which this has caused the temporal registers to become disorganized. In this context we may observe a broad spectrum of possibilities, ranging from a nostalgic repetition of the past up to unwanted intrusions of a traumatic past*”. É necessário, argumenta Assmann, lançar questões fundamentais à historicização da relação entre passado, presente e futuro, lançando mão de questões que procuram destrinchar as múltiplas relações temporais, pois devemos questionar se, dentre outras coisas, “o passado, o presente e o futuro formam alianças alternativas e entram em novas configurações? Quem é afetado pela mudança fundamental da

Trata-se, noutros termos, de uma nostalgia pela lentidão, pela fixação espacial, pela durabilidade e, sobretudo, pela continuidade: pelo não “fatiamento” da vida em “episódios”. A temporalidade “sólida” representada no passado da modernidade acaba sendo a possibilidade utópica que serve de objeto a essa nostalgia pulsante no presente que a liquidez, enquanto aceleração, faz emergir. Ou seja, tanto no sentido de “retrotopia”, que configura, de alguma forma, a “utopia nostálgica” do presente “líquido”, que é a abordagem de Bauman, podemos refletir também, por outro lado, acerca da medida em que aceleração e nostalgia – o cerne do nosso problema – articulam-se a partir do autor. É que quanto mais rápido o deslocamento da consciência se esvai, no interior da vida acelerada, justifica-se a pintura de um mundo em melancólicos tons de sépia.

Neste sentido, se pensarmos o problema da pesquisa como uma tentativa de compreender a relação estabelecida entre aceleração e nostalgia a partir de Bauman, teremos alguns apontamentos com alguma plausibilidade. Duas questões devem ser ressaltadas. Em primeiro lugar, Bauman aborda a nostalgia sob o neologismo “retrotopia”, pensando o problema da utopia como algo elementar e também de suas implicações sociais, realizando uma politização do fenômeno nostálgico em alguns de seus matizes. Em segundo lugar, talvez seja razoável dizer, a “liquidez” – ao “fragmentar” o tempo numa série de episódios e reinícios –, fomenta uma nostalgia pela “solidez”, por algo imaginado no passado da modernidade, cujas estruturas seriam “duráveis”, “estáveis” e mais lentas. Em outras palavras, seria o anelo por um tempo mais seguro, simples, onde imaginava-se maior durabilidade, estabilidade, onde o futuro detinha uma imagem de esperança.

Talvez seja interessante lembrarmos a observação de Freud segundo a qual “a melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do

---

ordem temporal? Que novas questões podem ser abordadas e que até agora tinham sido tornadas invisíveis? Em outras palavras: a crise do regime temporal também pode ser um estímulo para a atenção, a reflexão, a investigação e o debate acadêmico. Historicizar e reconfigurar passado-presente-e-futuro apresenta um grande desafio e uma oportunidade para investigação e cooperação interdisciplinares” (ASSMANN, 2019, 209). No original: “*Do the past, present and future form alternative alliances and enter into new configurations? Who is affected by the fundamental change of the temporal order? What new issues can be addressed that had hitherto been rendered invisible? In other words: the crisis of the time regime can also be a stimulus for scholarly attention, reflection, investigation and debate. Historicizing and reconfiguring past-present-and-future presents a great challenge and chance for interdisciplinary investigation and cooperation*”. Conferir: ASSMANN, Aleida. *Is Time Out of Joint?: On the Rise and Fall of the Modern Time Regime*. Cornell University Press, 2013; ASSMANN, A. Conclusion: A Creed That Has Lost Its Believers? Reconfiguring the Concepts of Time and History. In: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new approaches to presentism*. Bloomsbury Academic, London, 2019.

interesse pelo mundo externo, perda de capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima que se expressa em autorrecriações e auto insultos, chegando até a expectativa delirante de autopunição”<sup>268</sup>. Nesse sentido, luto e melancolia derivam igualmente da perda de um objeto amado ou desejado, sendo algo concreto, uma pessoa, ou um ideal abstrato (como cultura, nação, religião ou, como estamos tentando defender, um tempo lento). A questão é que eles não são similares na gestão da “perda”.

Àquele em luto existe a possibilidade, latente ou não, de superar a perda. Já o melancólico se atira diante de um discurso que opera, na própria perda, a definição de seu ser. A melancolia, nessa perspectiva, é um luto infindável do qual o sujeito não vê possibilidade de saída ou superação a não ser imaginar constantemente a existência – ainda – daquilo que perdeu. É possível dizer, cremos, que essa famigerada “perda” do mundo “sólido”, que é objeto de melancolia e nostalgia, está associada à aceleração. Também não é por acaso que Starobinski coloque que a nostalgia é uma variação do luto. É justamente nesse aspecto que a melancolia se torna nostálgica e se atrela a uma experiência de tempo específica.

Basta pensarmos, por um momento, em “*Naufração com Espectador*” (1979), de Hans Blumenberg. Abordando a condição humana por meio da metáfora náutica e do naufrágio como expressão da existência, a partir disso podemos inferir que a perda emana uma melancolia nostálgica. A vida se apresenta como um oceano, com seus momentos de calma, tempestades, necessidade de orientação, controle dos ventos e adversidades do ato de “navegar”. Nesse sentido, é razoável afirmar, que o tempo da “era sólida” pode ser compreendido a partir dessa chave de leitura, se quisermos utilizar a metáfora historicizada por Blumenberg para pensar a “perda” das orientações “seguras” de um passado “sólido” (com um futuro igualmente “sólido”), entendido como modalidade de um tempo em que a modernidade ainda não se encontrava, assim, em estado de hiper aceleração. No naufrágio, a perda do navio, que representa a “solidez” que é perdida graças, irônica e paradoxalmente, ao próprio naufrágio. Mas e o espectador, por vezes incólume, do naufrágio? Ora, este é justamente aquele que se vê paralisado perante a dança frenética e trágica de sucessivos naufrágios existenciais e busca recuperar as bússolas que outrora lhe serviam de orientação. Disso, é possível situar, com alguma razoabilidade, o que Bauman afirma, pois:

---

<sup>268</sup> FREUD, Sigmund; Kehl, Maria Rita; Peres, Urania T.; Carone, Modesto e Carone, Marilene (tradução de Marilene Carone). São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 102.

O mundo, em outras palavras, parece menos sólido do que costumava ser (ou de como acreditávamos que ele fosse). Ele perdeu suas aparentes unidade e continuidade – segundo as quais vários aspectos da vida poderiam ser atados em um todo dotado de significado; e em que o que acontece hoje poderia ser rastreado até as raízes do passado e avançar em direção às consequências futuras. O que a maioria de nós aprendeu de nossa experiência é que, hoje, nenhuma forma no mundo à nossa volta, por mais sólida que possa parecer, é imune à mudança [...] Em outras palavras, o mundo em que vivemos (e ajudamos a construir por meio de nossas empreitadas de vida) parece ser marcado por fragmentação, descontinuidade e inconsequência.<sup>269</sup>

Aquele que perdeu as orientações de seu próprio existir, se vê engolido pela pressão de existir no tempo, fora da eternidade, e acaba sendo tomado por um sentimento de “luto” por algo que ainda desconhece, sentido desejos fantasiosos pelo inexistente, nostálgico pelo não vivido, luto da morte do porvir. O que fere a alma não é o sonho de orientação pelo futuro, mas a possibilidade, o “e se”, negado pela melancolia do luto, que infere nessa nostalgia. A melancolia que invade aquele que perdeu suas bússolas existenciais (aqui vemos como prenúncio do naufrágio), desemboca num sentimento de nostalgia que procura, a todo custo, antecipar a tragédia inevitável. Não existem retornos após o naufrágio, e a melancolia nostálgica rompe a subjetividade numa tentativa desesperada de conter a irreversibilidade de todo o naufrágio, isto é, a própria essência do existir: ser-para-a-morte, em Heidegger, como ressalta Blumenberg.

Podemos dizer que se trata de uma forma de lidar com o fluxo acelerado do tempo, um romance com a fantasia da eternidade: um outro tempo onde tudo seria mais “sólido”. Melancolia e nostalgia: luto por um tempo que se crê morto e irrecuperável. Ao mesmo tempo, conforme Jacobsen, a “retrotopia”, ao olhar para trás, para o passado – para aquilo que uma vez (aparentemente) foi, não estabelece uma preocupação sobre como projetos coletivos de futuro podem ser forjados e que Bauman “estava bem consciente de que aquilo para onde as pessoas sonhavam regressar não era o passado ‘tal como era’, mas sim o passado tal como gostariam de o recordar”<sup>270</sup>. Nesse caso, em toda a questão da nostalgia, é o passado que fornece mais segurança no presente - e não a dimensão do futuro.

Também não se trata aqui de tomar um trecho de Bauman e fazer elucubrações a respeito da nostalgia, mas de indicar, talvez, que algumas sugestões do próprio autor

<sup>269</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida em Fragmentos*. 1995, p. 206.

<sup>270</sup> JACOBSEN, Michel Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020, p. 88.



para enfrentar crises e tensões do presente, possuem, com alguma plausibilidade, tonalidades nostálgicas. A “durabilidade”, “comprometimentos”, “vínculos sólidos” são elementos de um tecido social acelerado que Bauman, deste modo, compreende que precisam ser enfrentados. O lugar do passado, aqui, desta forma, desenrola um pano de fundo cristalizado, imóvel, quase literalmente “sólido”, nostálgicamente solidificado<sup>271</sup>. Nostalgia por um tempo mítico, da suposição da integridade imaginária do passado. “Nada” está “íntacto” perante um presente fractalizado em múltiplos pedaços: melancolia e nostalgia.

Entretanto, Jacobsen realiza também uma dupla consideração. De um lado, busca verificar as tensões sociais existentes na noção de “retrotopia” e, de outro, procura deslindar se Bauman é ou não nostálgico. É neste ponto que temos uma das principais conclusões da pesquisa. O tom melancólico e nostálgico de Bauman, podemos dizer, trata de uma modalidade de nostalgia “reflexiva” e não “restaurativa”, visto que ele não sugere uma restauração, *per si*, do mundo “sólido”. Toda a implicação aceleratória na alegoria da “liquefação”/“liquidez” traduz um sentido de nostalgia que, segundo Jacobsen, pode ser situado de forma bastante específica.

Reconsiderando as respostas de Bauman na entrevista de 2007 supracitada, Jacobsen chega a uma conclusão diferente, no que diz respeito às implicações de nostalgia da parte de Bauman. De acordo com Jacobsen se tomarmos o sentido “restaurativo” - considerando a tipologia de Boym - “Bauman certamente, nesse sentido, não é nostálgico”<sup>272</sup>. Entretanto, apoiando-se nas discussões realizadas por Christophe Yorke, Jacobsen ressalta que o tipo de nostalgia em Bauman vai em direção ao “desejo de transcender o presente temporal para explorar e experimentar um tempo do qual não se teve experiência, ou mesmo um estado de ser atemporal”<sup>273</sup>.

Ainda que com diferentes ambivalências, controvérsias e inconsistências ao longo do pensamento de Bauman, podemos entender que o tipo de nostalgia identificada em Bauman está associada à sugestão de que “existe de fato um mundo inexplorado ‘lá fora’, seja passado, presente ou futuro, um ‘ainda não’ utópico e intemporal, que

---

<sup>271</sup> O tom melancólico, misturado a algumas simplificações, dão indício de certa nostalgia por uma temporalidade cujo passado pudesse ser cristalizado. Ali onde não só era “melhor” como tudo “durava” mais do que hoje. Passado e presente são colocados numa justaposição em que, quanto maior o grau de aceleração e mudança, maior o desejo por lentidão e estabilidade. Bauman foge das implicações de nostalgia mas, ao mesmo tempo, brinca com a ideia de um “pêndulo histórico”.

<sup>272</sup> JACOBSEN, Michel Hviid. *Retrotopia rising: the topics of utopia, retrotopia and nostalgia in the sociology of Zygmunt Bauman* In: JACOBSEN, Michael Hviid (ed.). *Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present*. Routledge: NY, 2020, p. 92.

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 92.

podemos contemplar, imaginar e usar como fonte criativa de motivação por detrás das nossas aspirações e ações”<sup>274</sup>.

Para Jacobsen, Bauman não apresenta uma apologia à nostalgia no sentido “restaurativo”, pois está interessado em compreender os choques e limites da modernidade (perdas e ganhos) de uma transformação à outra. Ainda de acordo com Jacobsen, Bauman nunca quis que a sua obra fosse relacionada como um discurso nostálgico, ainda que haja certa nostalgia, nota o autor, de uma atmosfera embebida pelo romance com a fantasia de um “ainda-não” de futuros perdidos com passados engessados<sup>275</sup>. É o futuro fechado, de um horizonte de expectativas decrescente, que “inverte” os outrora vetores do progresso moderno: vai em direção a outro tempo, fora do futuro, presente e passado. Ou, tão ironicamente bem sintetizado por Bauman em seu neologismo: “retrotopia”. É possível dizer, portanto, com alguma razoabilidade, que a nostalgia – enquanto emoção histórica seria um anseio ardente e dramático por aquele “espaço de experiência cada vez menor que não se transforma em novos horizontes de expectativa”<sup>276</sup>.

Então, para concluirmos, temos três apontamentos principais. O primeiro é de que Bauman procura abordar de uma forma mais ou menos livre e sem pretensões o problema da nostalgia, privilegiando sua faceta “restauradora”, como na tipologia de Boym, que ele denomina “retrotopia”. O segundo apontamento é a discussão sobre se a “liquidez” engendra alguma forma de nostalgia pelo passado, pela irreversibilidade temporal acelerada e que, como vimos, seria uma questão de leitura da nostalgia como fenômeno “compensatório” à aceleração. O terceiro apontamento diz respeito ao problema da relação entre passado e futuro, em que a nostalgia é uma saudade de um horizonte de expectativas “coeso”.

Essa “coesão” temporal do passado será discutida no quarto capítulo. Deste modo, é justamente o cenário de incerteza em relação ao futuro que se articula com o desejo nostálgico descrito acima. No próximo capítulo discutiremos em que medida a temporalidade “líquida”, com todas as nuances e questões espinhosas já apresentadas,

<sup>274</sup> Ibidem, p. 92

<sup>275</sup> Jacobsen conclui, em busca de dismantlar a imagem nostálgica de Bauman, que “mesmo que talvez se pense que Bauman esteja lamentando algo que se perdeu ao longo do processo de modernização em constante mudança (e, portanto, da história humana), ele nunca está sugerindo que deveríamos retornar a um estado pré-moderno ou sólido-moderno, ou que simplesmente aceitamos o presente líquido-moderno como é atualmente”. (JACOBSEN, 2020, p. 93). No original: “*even though one may perhaps think Bauman is lamenting something that was lost throughout the constantly changing process of modernisation (and thus human history), he is never suggesting that we should return to a premodern or solid-modern past that we simply accept the liquid-modern present as it currently is*”.

<sup>276</sup> BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*, 2001, p. 11.

articula-se como forma de experiência do tempo. Se Bauman afirma que o presente seria caracterizado pela “era da nostalgia”, expresso pela “retrotopia”, como resposta a um mundo “fragmentado”, resta-nos, então, uma pergunta: o que é esse “mundo fragmentado” e o que torna-o despedaçado? Trata-se de uma configuração hiperacelerada do tempo, articulada ao neoliberalismo, que transforma a vida vivida e as expectativas do futuro, impactando – direta ou indiretamente – no problema da nostalgia, como tentamos mostrar ao longo deste capítulo.

## **CAPÍTULO 4 - Em mundos fragmentados: as experiências do tempo presente em Zygmunt Bauman.**

Só a nossa concepção de tempo nos faz nomear o Juízo Final com essas palavras; na realidade ele é um corte permanente.<sup>277</sup>

Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, do meu país, minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado.<sup>278</sup>

Neste capítulo pretendemos discutir a concepção de tempo de Zygmunt Bauman sob a ótica da aceleração, algo que discutimos no segundo capítulo, e que agora iremos explorar em suas nuances. Como viemos discutindo ao longo da dissertação, trabalho lançar questões sobre a relação entre as experiências de aceleração e nostalgia tendo em vista o pensamento de Bauman, também tenta se inserir na interseção entre Teoria da História e História do Tempo Presente. Dito isso, nossos interlocutores encontram-se na

---

<sup>277</sup> KAFKA, Franz. Essencial Franz Kafka. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. - 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 195.

<sup>278</sup> FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 29.

senda das duas áreas mencionadas, ao se tratar de uma questão que procuraremos evidenciar criticamente tendo a historiografia como ponto nevrálgico da reflexão.

O capítulo procura discutir e problematizar os elementos de temporalidade e experiência do tempo que emergem da leitura das fontes, tendo em perspectiva o diálogo crítico, nesse aspecto, com os interlocutores para a interpretação que estamos realizando de Bauman. Abordaremos três questões principais. Em primeiro lugar, a relação entre a ideologia neoliberal e a experiência de tempo acelerado, cuja relação realçaremos a partir da leitura de Bauman. Em segundo lugar, abordar o “tempo da vida” articulado à questão neoliberal pensando o estatuto do futuro, ou seja, os horizontes de expectativa como decrescentes relacionados à aceleração, em virtude de um excesso de vivências e não de experiências. Em terceiro lugar, discutiremos frontalmente como as duas questões impactam diretamente na formulação de Bauman sobre a temporalidade na modernidade tardia enquanto tempo “episódico”, “fragmentado” e “pontilhista”, conforme seu léxico alegórico.

#### 4.1 Projeto de Vida: identidades sólidas “para a vida toda”?

A obra cinematográfica “*Cidadão Kane*” (1941), de Orson Welles, narra a vida de um sujeito do início ao fim, contando uma biografia inteira, dentro da ideia de “projeto” e de uma estabilidade no tempo narrado. “*Rosebud*” é a palavra que anuncia, pela morte, o início de uma vida inteira que será traçada retrospectivamente, trançando as malhas da existência de um sujeito e sua formação inteira.

Em “*O Narrador*”, Walter Benjamin nos mostra como a arte da narrativa de uma vida inteira foi extinta com o processo de modernização, assassinando a figura do Narrador – aquele que urdia os muitos fios da experiência (*Erfahrung*) –, mestre artesão dotado da “faculdade de intercambiar experiências”<sup>279</sup>, se extinguiu. No início do século XX, a experiência já começava a dar sinais de lapso, sendo empobrecida nas histórias passíveis de narração<sup>280</sup>. Nesse sentido, a narrativa possui um senso prático, além de ser

<sup>279</sup> BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

<sup>280</sup> Segundo Olgária Matos, que descreve algo que retomaremos ainda neste capítulo, a “experiência da pobreza e pobreza de experiência’ é o diagnóstico de Benjamin sobre o moderno. Pobreza do vivido

dotada de uma dimensão utilitária e que as experiências estavam deixando de ser comunicáveis, pois a sabedoria estava sendo aniquilada no interior da “substância viva da existência”.<sup>281</sup>

E no início do século XX, Walter Benjamin já utilizava seu alarme de incêndio poético e político para sinalizar uma transformação bastante singular no âmbito das experiências e da possibilidade de colocá-las num feixe narrativo, visto que a figura do narrador, que costura os tecidos das experiências, de modo a relatá-las a partir de um eixo coletivo e temporal, estava gradualmente se esvaindo no cenário moderno<sup>282</sup>. Benjamin ainda atribui a extinção da arte de narrar à difusão massificada da informação e a necessidade compulsiva de explicar todos os fatos e informações que chegavam como estímulos viciantes, explícitos e anódinos. Numa palavra, a anestesia da modernidade era o suprimir das experiências (*Erfahrung*). O excesso de explicações, que impediria a fruição em interpretações livres e atribuições de sentido, na verdade traria informações já abarrotadas de significados, de explicativos sobre o real, todos encaixotados e muito bem mastigados causando uma “pobreza em histórias surpreendentes”<sup>283</sup>.

A narrativa é, pelo contrário, uma forma artesanal de comunicação da experiência e o narrador provém de um mundo de artífices, cuja manufatura da experiência é gradualmente transmitida e enriquecida entre gerações. E, no entanto, Benjamin nos alerta, com seu olhar arguto e sensível sobre o moderno, que a vida narrada, em seu aspecto multicolor de experiências, foi abreviada em virtude da escassez da experiência e da supressão da sabedoria em itens palatáveis no ato do narrar: “o

---

significa não apenas sua carência, mas também sobrecarga e saturação. Para superá-la, procuram-se vivências novas e sempre mais veementes, em vez de dispor de tempo para convertê-las em experiência. A novidade se transforma rapidamente em rotina, provocando o ‘tédio do sempre novo e do sempre igual’” (MATOS, 2013, p. 103). Para a autora, ainda, a aceleração do tempo, apoiando-se em Benjamin, seria a “comoção da tradução que não orienta mais um saber viver” (Ibid. p. 103). Conferir: MATOS, Olgária. Dialética na imobilidade da *mens momentanea* à imobilidade do instante. NOVAES, Adauto (org.). Mutações: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições SESC, 2013.

<sup>281</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 200-201.

<sup>282</sup> Entretanto, observa Benjamin, acerca da gradual saída da figura do narrador do cenário: “nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas” (p. 201).

<sup>283</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

homem conseguiu abreviar até a narrativa”<sup>284</sup>. Nisso, a arte do narrador está exatamente em tecer e contar a vida humana inteira de modo artesanal, evocando a memória - “a mais épica de todas as faculdades”<sup>285</sup> – “transformando-a num produto sólido, útil e único”.

Quando pensamos em “*Cidadão Kane*”, a palavra “*rosebud*” teve seu significado esclarecido a partir da narração de uma vida inteira, “estável” temporalmente e passível de narração. Existia um Narrador, aquele que conta e tece as experiências. Também, no entanto, muito embora “*rosebud*” só ganhe significado a partir de um amplo olhar retrospectivo sobre a vida de Charles Foster Kane, personagem interpretado por Orson Welles, apenas uma vida reconstituída a partir de seu opúsculo pode entregar um sentido narrativo inserido no tempo: “o sentido da vida se revela apenas a partir da morte”<sup>286</sup> porque:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). *Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida*<sup>287</sup> (grifos nossos).

Nesse sentido, é parte fundamental da Modernidade temporalizar a vida em eixos de reconhecimento que permitiriam o esfacelamento da experiência, de tempos ensimesmados que tornaram a arte do narrador algo obtuso. Uma reconstrução narrativa como essa faz parte de um contexto histórico no qual a vida de um sujeito poderia ser traçada ou retraçada para tentar compreender tal ou qual aspecto de sua biografia. Esse tipo de narrativa, evidentemente, como se sabe, tem início na literatura com Goethe, na obra *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1796), que dá início ao gênero literário conhecido como “Romance de Formação” (*Bildungsroman*), onde a narrativa remonta uma biografia a ser constituída temporalmente, com a sua narração.

Essa questão nos é fundamental porque Bauman indica que a modernidade implicava na constituição de uma identidade biográfica estável e durável, tendo a

---

<sup>284</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 209.

<sup>285</sup> Idem, p. 210.

<sup>286</sup> Idem, p. 214.

<sup>287</sup> Idem, p. 221.

permanência e a duração como valor da constituição de seu sentido, sobretudo a partir da ideia que uma vida inteira pudesse ser abarcada por eixos e marcos significativos da formação a partir de um “projeto” traçado previamente<sup>288</sup>. Para Bauman,

Se a dedicação aos valores duradouros está em crise hoje é porque a própria ideia de duração, de imortalidade, também está em crise. Mas a imortalidade está em crise porque a confiança básica, cotidiana, na durabilidade das coisas em direção às quais e pelas quais a vida humana pode ser orientada é solapada pela experiência humana diária. Essa erosão da confiança é, por sua vez, perpetrada, pela endêmica precariedade, fragilidade, insegurança e incerteza do lugar humano na sociedade humana<sup>289</sup>

Dessa maneira, “a perda da experiência acarreta um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade”<sup>290</sup>. O tempo da vida, vivido dentro dos projetos de longo prazo, que caracterizam a modernidade clássica, para Bauman, bem como a ideia de formação acima discutida, e que fazem parte da narração, estão presentes nas observações de Richard Sennett, que apontam para a questão de que o trabalho flexível da modernidade tardia, extremamente precarizado, lança incerteza sobre a vida dos trabalhadores e trabalhadoras principalmente na ideia de “estabilidade” no emprego e segurança a longo prazo.

Tal incerteza nubla os horizontes de expectativa não só nos Mundos do Trabalho como também na ideia de formação individual, sepultando o planejamento do futuro a nível biográfico e identitário porque, como Bauman salienta, “no entardecer da era clássica da modernidade, Jean-Paul Sartre resumiu essa experiência consagrada pelo tempo em seu conceito de 'projeto de vida', que não só expressa, como cria a 'essência' do indivíduo humano”<sup>291</sup>. Em se tratando de um debate sociológico, o processo de individualização instituído na modernidade leva a uma concepção segundo a qual a vida

---

<sup>288</sup> BAUMAN, A sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas. - Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 39.

<sup>289</sup> BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada, 2001, p. 302.

<sup>290</sup> GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Lembrar esquecer escrever. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 50.

<sup>291</sup> BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada, 2001, p. 289. E Bauman também continua, ao considerar, que “as identidades dos homens e das mulheres pós-modernos permanecem, assim como as identidades de seus ancestrais, sendo feitas pelo homem. *Mas elas não precisam mais ser planejadas de modo meticuloso, construídas com cuidado e sólidas como uma rocha.* Sua mais cobiçada virtude é a *flexibilidade*: todas as estruturas devem ser leves e móveis, de forma a poderem ser rearranjadas pouco depois, ruas de mão única devem ser evitadas, nenhum compromisso deve ser tão preso a ponto de restringir a livre movimentação. *A solidez é um anátema, como toda permanência – agora um sinal de falta de adaptação ao mundo que muda de maneira rápida e imprevisível, assim como às oportunidades-surpresa que ele à velocidade com a qual transforma os bens de ontem nos riscos de hoje*” (Idem) (grifos nossos).

e a identidade devam ser desenvolvidas temporalmente como um “projeto”. E é isso que Bauman está assinalando quando se refere ao “projeto de vida”, aludindo a Sartre. Não há uma formação para toda a vida, pensa Bauman, pois a “formação dos eus ou personalidades é impensável de qualquer outra forma que não seja uma re formação permanente e eternamente inconclusa”<sup>292</sup>. No próximo tópico, veremos como Bauman compreende a dissolução da noção de “formação” no “projeto de vida” temporalmente “estável”, outrora assinalado pela modernidade clássica.

#### 4.1.2 A flexibilização da vida e a erosão do sujeito

Tomemos o cinema novamente. Se, como mencionamos anteriormente, “*Cidadão Kane*” (1941) representava a época (“sólida”) da modernidade na qual existia a possibilidade de narrar uma vida inteira, o cenário montado recentemente pelo cineasta britânico Ken Loach na obra cinematográfica “*Você não estava aqui*” (2019), é outro, pois dá indícios de que a vida não pode ser narrada por um eixo temporalmente “estável”. O personagem principal, Ricky Turner, interpretado pelo ator Kris Hitchen, e sua família, estão tentando sobreviver e pagar as contas após a crise econômica de 2008. Atraído pelo discurso de ser dono de seu próprio negócio, Ricky procura trabalhar numa empresa de entregas. No entanto, primeiro era necessário comprar a minivan na qual esse trabalho seria realizado, porque a empresa não fornecia nada, visto que agora ele era “empresário-de-si” mesmo.

Movido por esse discurso neoliberal empreendedorista, Ricky convence sua esposa, Abbie Turner, interpretada pela atriz Debbie Honeywood, para que vendam o único carro da família, o qual ela utilizava para ir trabalhar como enfermeira que atendia por demanda, ou seja, de forma precarizada. Abbie aceita a proposta do marido e ambos compram a minivan para Ricky trabalhar, mas a realidade do trabalho precário começa a minar suas esperanças. Ao se deparar com um cenário no qual está completamente desamparado em seus direitos, ele começa a se sentir estressado, ansioso e apavorado. A

---

<sup>292</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*, p. 155.



vida de Ricky não pode ser definida a partir de eixo temporal e a precarização do trabalho esfuma as expectativas no futuro, além de estilhaçar as experiências. Essa obra cinematográfica é um caso exemplar de como a precarização do trabalho mina a subjetividade, não condensa experiências e nem expectativas. Neste sentido, numa vida precarizada, não há condensação daquilo que se pode narrar temporalmente.

O mundo do trabalho no capitalismo flexível muda de natureza assinalando os valores de flexibilidade e fluidez neoliberais e endossando o caráter efêmero das relações trabalhistas. A “flexibilização” acaba gerando cargos com prazo de contrato cada vez mais curtos e fragilizados em vista de uma intensa precarização dos direitos trabalhistas. Num contexto de capitalismo tardio associado ao neoliberalismo, a classe trabalhadora é empurrada para um ritual da “performance”, que libera novas formas de sociabilidade e vivências no interior do capitalismo flexível como a gestão da subjetividade enquanto “empresário-de-si”.<sup>293</sup> Há uma pressão por adaptação constante que vai bem além dos mundos do trabalho. É necessário demonstrar “resiliência”, conforme preconizado pelo discurso neoliberal, e ajustar-se às constantes mudanças, muitas vezes imprevisíveis. Disso resulta que não se trata exclusivamente de economia, mas de uma gestão da subjetividade e também da experiência temporal. Nesse contexto, a possibilidade de planejamento coletivo de futuro se esvai. Bauman observa que as expectativas acerca do futuro também são privatizadas, principalmente sob o

---

<sup>293</sup> É nesse sentido que Dardot e Laval avaliam a questão: “o novo governo dos sujeitos pressupõe que a empresa não seja uma “comunidade” ou um lugar de realização pessoal, mas um instrumento um espaço de competição. Ela é apresentada idealmente, acima de tudo, como lugar de todas as inovações, da mudança permanente, da adaptação contínua às variações da demanda do mercado, da busca de excelência, da “falha zero”. Desse modo, injunge-se o sujeito a conformar-se intimamente, por um trabalho interior constante, à seguinte imagem: ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A Economia torna-se uma disciplina pessoal. Foi Margaret Thatcher quem deu a formulação mais clara dessa racionalidade: “*Economics are the method. object is to change the soul*” [A economia é o método. O objetivo é mudar a alma]” (DARDOT; LAVAL, p. 331). Ao mesmo tempo, é importante ressaltarmos, junto com Ladislau Dowbor, que as saídas a esse impasse devem ser intensamente trabalhadas porque, na realidade, “um sistema em que o eixo de motivação se limita ao lucro, sem precisar se envolver nos impactos ambientais e sociais, fica preso na sua própria lógica. Tem tudo a ganhar com a extração máxima de recursos naturais e a externalização de custos, e nada a ganhar produzindo para quem tem pouca capacidade aquisitiva. A motivação do lucro a curto prazo age tanto contra a sustentabilidade como contra o desenvolvimento inclusivo. A deformação é sistêmica. É o próprio conceito de governança corporativa que precisa ser repensado. As regras do jogo precisam mudar. Não se sustenta mais a crença de que se cada um buscar as suas vantagens individuais o resultado será o melhor possível. Não há como escapar da necessidade de resgatar a governança do sistema. E a janela de tempo que temos para fazê-lo é cada vez mais estreita” (DOWBOR, 2017, p. 31). Conferir: DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

signo da utopia, tal como observamos no capítulo anterior. Assim, acreditamos, em diálogo com Rodrigo Turin, que ocorre um esvaziamento do campo semântico da modernidade que passa a ser revestido por outra roupagem. Turin observa que:

Em diferentes esferas sociais, noções que até então pareciam sólidas e imprescindíveis de repente mostram-se ferramentas frágeis e arcaicas. Conceitos como “progresso” e “formação”, tão centrais na constituição do sujeito moderno, passam a dar lugar a termos como “flexibilidade”, “capacidades” e “resiliência”<sup>294</sup>

E também Bauman:

O colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência, leva a um desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de sequência aos quais conceitos como “desenvolvimento”, “maturação”, “carreira”, ou “progresso” (todos sugerindo uma ordem de sucessão pré-ordenada) poderiam ser significativamente aplicados<sup>295</sup>

Nesse caso, com a concepção de progresso enfraquecida, a precarização passa a jogar, antes, com um presente contínuo que reproduz imagens do passado *ad infinitum* e bloqueia a imaginação histórica do futuro e fortalecendo uma instabilidade tanto nas experiências quanto na segurança em relação ao futuro. Além disso, acreditamos que parte significativa do programa sociológico de Bauman consiste em apresentar como precarizados, excluídos socialmente, desempregados, refugiados e imigrantes participam do mundo social e são excluídos dele. Nesse sentido, portanto, não haveria uma narratividade biográfica temporalizada, estável e coesa para homens e mulheres que vivem em condições precárias de trabalho, em desemprego. O presente se manifesta como lugar no qual o futuro está “fechado”. Dessa forma, Bauman privilegia um olhar sobre a relação entre a vida, a identidade e o trabalho, observando que:

Os empregos, anteriormente vistos como “para toda a vida”, são agora amiúde apenas temporários e podem desaparecer quase sem aviso prévio, com as fábricas ou escritórios de agências bancárias que os oferecem. Mesmo as competências necessárias para os trabalhos envelhecem depressa, transformando-se, da noite para o dia, de recursos em passivos. Ser prudente e previdente, pensar no futuro, torna-se cada vez mais difícil, uma vez que há

<sup>294</sup> TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. 1ª. ed. Dansk: Zazie Edições, 2019, p. 19.

<sup>295</sup> BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. 2007a, p. 9.

pouco sentido em acumular competências naquilo que o amanhã pode não demandar, ou economizar um dinheiro que amanhã pode perder muito de seu poder de compra<sup>296</sup>.

Nesse sentido, a observação é que a identidade, no mundo do trabalho flexível, dificilmente será definida pelos moldes de uma “carreira” definida temporalmente e associada a um “projeto de vida”<sup>297</sup>. Daí importantíssimo ressaltar, com isso, que não há a identificação de uma formação para “toda a vida”, de acordo com Bauman, pois a “formação dos *eus* ou personalidades é impensável de qualquer outra forma que não seja uma reformação permanente e eternamente inconclusa”<sup>298</sup>.

O conceito de formação já não mais encontra sentido para se pensar a ideia de uma vida coesa com a “carreira” no mundo do trabalho, em face do aludido processo de flexibilização<sup>299</sup>. Daí a ideia de um “eu” maleável na Modernidade Tardia, moldado por uma bricolagem de fragmentos dispersos em busca de novas experiências que não chegam a se consolidar na memória, não perfazendo aquilo que pode ser parte da vida a ser narrada<sup>300</sup>. A experiência de trabalho a curto prazo (“*freelancer*”), ou flexíveis, isto é, precarizadas, compõe a experiência de tempo a que Bauman se refere acerca da “*precarité*”, tornando impossível narrar a vida num eixo temporal contínuo. A experiência do tempo em Bauman aqui se traduz, nessa transformação essencial acerca da natureza do trabalho na Modernidade. Esse processo faz parte de uma ampla corrosão da demarcação entre tempo de trabalho e vida doméstica ou lazer, ao mesmo

<sup>296</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida em Fragmentos*. Jorge Zahar Ed. 1995, p. 1995. p. 206.

<sup>297</sup> A grande ironia, no sistema de ensino brasileiro, nesse sentido, encontra-se no fato de que o Novo Ensino Médio - de características desavergonhadamente neoliberais - haja uma disciplina intitulada “projeto de vida”. O “projeto”, assim, é, nada mais nada menos, ser forjado para o mercado de trabalho flexível.

<sup>298</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*, p. 155.

<sup>299</sup> É isso que observa Richard Sennett: “A expressão ‘capitalismo flexível’ descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho, e também as palavras que empregamos para ele. ‘Carreira’, por exemplo, significava originalmente, na língua inglesa, uma estrada para carruagens, e, como acabou sendo aplicada ao trabalho, um canal para as atividades econômicas de alguém durante a vida inteira. O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro. A palavra ‘*job*’ [serviço, emprego], em inglês do século quatorze, queria dizer um bloco ou parte de alguma coisa que se podia transportar numa carroça de um lado para o outro. *A flexibilidade hoje traz de volta esse sentido arcaico de job, na medida em que as pessoas fazem blocos, partes de trabalho, no curso de uma vida*” (SENNETT, 2015, p. 10). Conferir: SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro, Ed: Record, 2015.

<sup>300</sup> Essa tese também está presente em Richard Sennett, que sublinha que a possibilidade de narrar do tempo da própria vida foi desmanchada no ar. Seguindo os trilhos de Sennett, Bauman atribui à nova flexibilidade do trabalho o elemento que sacramentou a crise de uma narrativa biográfica situada temporalmente.

tempo que favorece a flexibilidade e ganhos a curto prazo no local de trabalho, acima de ideais de estabilidade e experiência.<sup>301</sup>

Pela flexibilização desencadeada a partir do neoliberalismo, a vida individual passa a ser constituída “fora do tempo”, isto é, não se configura a partir de uma perspectiva de longo prazo com vistas à uma certa “estabilidade”, ou seja, conceitualiza-se como uma forma de tempo não-linear. Assim, há uma intensa e multifacetada constituição existencial e biográfica que rompe com os padrões outrora observados pelo autor na “Modernidade Sólida”, dotados de “durabilidade” temporal. E ela é “sólida”, também, no sentido de ter uma maior coesão em relação aos projetos de vida a longo prazo, sem alterações significativas. Bauman atribui ao processo de individualização, crescente na modernidade, característica básica das teorias sociológicas da modernização, uma crise na experiência que dificulta a organização da vida sob o prisma narrativo.<sup>302</sup> Além disso, essa transformação está associada à aceleração social na medida em que produz uma dessincronização entre o “tempo da vida” e o “tempo do mundo”.<sup>303</sup>

É nesse mote, portanto, que Bauman, a partir de Daniel Cohen, sublinha a transformação dos mundos do trabalho na Modernidade Tardia na qual uma pessoa que comece sua carreira em conglomerados multinacionais como a Microsoft, Ford e Renault não terá a certeza se, no próximo ano, ainda será funcionário ou exercerá o mesmo cargo<sup>304</sup>. A noção de “carreira”, associada ao “projeto de vida” da Modernidade Clássica passa a ser erodida por uma série de elementos que estão relacionados ao *modus operandi* do capitalismo tardio, alterando identidades<sup>305</sup> que vão:

Vagando de um episódio para outro, vivendo cada um deles de olhos fechados a suas consequências e mais ignorante ainda em relação a seu destino, guiada pelo impulso de apagar a história passada em vez de pelo desejo de traçar o mapa do futuro, a identidade está presa para sempre no

<sup>301</sup> FUCHS, Anne. Precarious times: temporality and history in modern German culture. Cornell University Press, 2019, p. 44.

<sup>302</sup> BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 80-89.

<sup>303</sup> Um esboço de nossos argumentos pode ser conferido no artigo de Lucas Tziminadis, no qual procura realizar importantes reflexões sobre a subjetividade, o social e a temporalidade tendo como pano de fundo a narrativa da vida. No texto, Tziminadis argumenta, utilizando-se de Hartmut Rosa, Bauman e Jonathan Crary, que o neoliberalismo dificulta a organização de uma narrativa “coesa” da biografia individual. Cf. TZIMINADIS, João Lucas Faco. Para narrar o tempo da vida: um ensaio sobre a aceleração social. Rev. Cadernos de Campo, Araraquara, n. 22, p. 33-53, jan./jul. 2017.

<sup>304</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida, 2000, p. 69-70.

<sup>305</sup> Cf. BAUMAN, 2008, p. 185; BAUMAN, 2001, p. 136.

presente, tendo agora negada sua significação permanente como alicerce do futuro<sup>306</sup>.

Tais formulações trabalhadas por Bauman definem de forma paradigmática uma identidade biográfica atrelada ao âmbito profissional. A estabilidade não apenas abrangeu áreas centrais da vida (casamento, orientação política, vida financeira etc.), mas também nos aspectos mais subjetivos no nível da experiência.<sup>307</sup> Com a “liquefação” de noções como “carreira”, “formação” e “projeto de vida” (outrora “sólidos”), acreditamos que Bauman está apontando para uma configuração específica da experiência de tempo acelerada, se contrapõem em explicar fenômenos de dispersão de projetos coletivos para o futuro. Como na citação destacada, “vagar de um episódio para outro” constitui uma das experiências de tempo que estão implicadas na forma como a articulação entre passado, presente e futuro podem ser interpretados em Bauman a partir de uma perspectiva histórico-temporal.

## **4.2 Temporalidades despedaçadas: as experiências de tempo em Zygmunt Bauman.**

A obra cinematográfica “*Amores Expressos*” (*Chungking Express*, 1994), do cineasta chinês Wong Kar-Wai, aborda duas histórias conectadas, mas, ao mesmo tempo, episódicas e separadas. A primeira narrativa apresentada no filme é mais ilustrativa, mesmo sendo a de menor duração. Nela, o policial He Qiwu, interpretado pelo ator nipo-taiwanês Takeshi Kaneshiro, vive uma rastejante melancolia em razão do rompimento de um longo caso amoroso, tentando entender o alto grau de desengajamento e mutabilidade que ocorre ao seu redor, apegando-se nostalgicamente à possibilidade de tentar reverter o tempo da evanescência que está vivendo.

A obra utiliza como recurso narrativo a data de validade de frutas enlatadas para questionar: “haverá alguma coisa que não tenha limite de validade?”, e, assim, He Qiwu mergulha numa intensa divagação sobre a brevidade de suas próprias experiências

---

<sup>306</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*, 2007, p. 47.

<sup>307</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 464.

vividas abarrotadas de transitoriedade. O término de um “prazo de validade” do qual emanariam essas posturas melancólicas da parte de He Qiwu, acende nele um ardente desejo de não perder o elo com o passado ao pensar: “se a memória pode ser metida numa lata, espero que nunca perca a validade. Mas se tiver de ter uma validade, espero que seja daqui a dez mil anos”. He Qiwu viu sua vivência ser posta numa lata com data de validade, mas também desejava jamais esquecer dos bons momentos que viveu, mesmo sabendo intuitivamente que todas essas vivências são profundamente amnésicas. Ele se senta num banco e, então, cabisbaixo, compreende que é necessário reiniciar um novo episódio em sua vida, melancólico e nostálgico por algo que mal viveu. No filme, isso significa o término de um episódio de vivência de He Qiwu, que deve abrir espaço a um próximo.

Na obra cinematográfica “Encontros e Desencontros” (*Lost in Translation*, 2003), dirigida pela cineasta estadunidense Sofia Coppola, pinta-se o quadro de uma verdadeira crônica da globalização e da impessoalidade entre o sujeito-sujeito e o mundo, sendo assim um retrato das relações sociais do início do século XXI salpicadas por nostalgia, solidão e desorientação existencial. Paira sob o filme uma atmosfera melancólica no ar, tal como uma bruma que preenche os pulmões de todos, como se existisse uma trama oculta nunca revelada, mas que aparece uma angústia sempre nas entrelinhas, nos olhares, nos pequenos gestos. As megalópoles, como Tóquio, sofrem exatamente dessa melancolia de uma individualização de massa, onde os sujeitos estão dispostos ao que, para Bauman, faz com que não haja continuidade na experiência temporal das relações sociais entre indivíduos estranhos uns aos outros: “o encontro de estranhos é um *‘evento sem passado’*. Frequentemente é também um *‘evento sem futuro’*”<sup>308</sup>. Experiências que findam em sua gestação, tão rapidamente quanto o tempo leva para moldá-las, experiências temporais fundadas no presente, no instante que, mal nasce, morre. Nas relações individuais, o encontro com o outro é fadado à fatalidade da singularidade: “no momento do encontro não há espaço para tentativa e erro, nem aprendizado a partir dos erros ou expectativa de outra oportunidade”<sup>309</sup>.

Em cenário de precariedade ontológica no cerne do presente, aos indivíduos, “é pouco provável que busquem segurança na esperança, ou seja, numa causa que ainda deve consolidar-se na realidade”<sup>310</sup>. A partir de Bourdieu, Bauman situa que o

<sup>308</sup> BAUMAN, Modernidade Líquida, 2000, p. 111.

<sup>309</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>310</sup> BAUMAN, 2007a, p. 175.

diagnóstico de um futuro fechado ocorre por conta das “experiências notoriamente voláteis e disformes, fragmentadas em pequenos e rápidos episódios”.<sup>311</sup> Esse processo realiza uma configuração temporal que, para o autor, sujeitos dificilmente considerariam como algo “sólido e suficientemente durável para preservar seus passes de salvo-conduto”.<sup>312</sup>

O alto índice de mudança social, leia-se aceleração, que Bauman ressalta, coaduna em uma tipologia específica de metáforas que o autor utiliza para designar as experiências de tempo da modernidade tardia. Enquanto a metáfora da liquidez acaba sendo utilizada para inúmeros fenômenos sociais que se desmancham e se reconstituem temporalmente, Bauman utiliza um outro conjunto de descrições – também metafóricas – para pensar especificamente a experiência temporal na modernidade tardia. Nesse movimento, trata-se das metáforas relacionadas ao tempo “fragmentado” e “episódico”. Pensando no *ethos* da modernidade tardia e referindo à plasticidade das relações sociais, o autor afirma:

*O jogo da vida é rápido, totalmente absorvedor e consumidor de atenção, tornando nulo o tempo para parar e traçar projetos elaborados. Mas, novamente, adicionando impotência à perplexidade, as regras do jogo mudam muito antes de o jogo terminar. Os valores a serem tornados caros e perseguidos ativamente, as recompensas pelas quais se lutar e os estratagemas a serem implantados para conquistá-los são calculados, nas palavras de George Steiner, “para impacto máximo e obsolescência instantânea”. Para impacto máximo, uma vez que, no mundo supersaturado de informações, a atenção se transforma no mais escasso dos recursos, e apenas uma mensagem chocante (um verdadeiro *Stoss* heideggeriano), mais chocante que as precedentes, tem chance de alcançá-la (quer dizer, até o próximo choque); e obsolescência instantânea, uma vez que o local em questão precisa ser esvaziado tão logo tenha sido preenchido, para abrir espaço a novas mensagens que já forcem a entrada. O principal resultado disso é a fragmentação do tempo em episódios, cada um isentado de seu passado e de seu futuro, cada qual fechado e contido em si mesmo. O tempo não é mais um rio, mas um conjunto de lagunas e lagos. Nenhuma estratégia de vida consistente e coesa emerge das experiências que podem ser reunidas num mundo assim<sup>313</sup> (grifos nossos).*

Quatro aspectos devem ser destacados. Primeiramente, a imagem da vida como jogo e a velocidade na qual as peças são movidas, isto é, a mudança frenética do mundo social. Isso acarreta, como aparece na passagem acima, em uma dificuldade de traçar projetos e planos mais elaborados, ou seja, a longo prazo. Em segundo lugar, Bauman

---

<sup>311</sup> Idem, p. 175.

<sup>312</sup> Idem, p. 176.

<sup>313</sup> BAUMAN, Zygmunt. Vida em fragmentos, 1995, p. 75.

destaca que, nessas condições sociais, valores e códigos não podem ser perseguidos com vigor em virtude das mudanças repentinas e imprevisíveis. Em terceiro lugar, o excesso de informações não permite que uma maior atenção seja concedida ao presente e aos “valores” em constante mutação. Por último, a mutação histórica não ocorre em função de uma ideia de progresso abstrata e linear, mas várias histórias episódicas desenvolvem-se, fragmentadas e simultaneamente. Ao lado dessas questões, está a própria obsolescência instantânea, que lança ainda mais incerteza sobre o porvir e também nos outros aspectos da vida social e na moral. Essa perspectiva do autor não é abandonada ao longo dos anos, sobretudo na famigerada “fase líquida”:

A condição pós-moderna dividiu o grande jogo dos tempos modernos em diversos jogos pequenos e pobremente coordenados, devastou as regras de todos os jogos e diminuiu bastante a validade de qualquer conjunto de regras. Atrás de todo esse cortar e emendar, podemos *sentir* o desmoronamento do tempo, não mais contínuo, acumulativo e direcional como parecia cem anos atrás; a vida fragmentária pós-moderna é vivida num tempo episódico e, uma vez que os eventos se tornam episódios, *só podem ser colocados em uma narrativa histórica coesa postumamente*. Enquanto está sendo vivido, cada episódio tem apenas a si mesmo para fornecer todo o sentido e objetivo que precisa ou que é capaz de reunir para manter-se no rumo e terminá-lo<sup>314</sup> (grifos nossos).

Para Bauman, ainda, o tempo é fragmentado em episódios atemporais, porque estão desarticulados de seus concomitantes passados e futuros (levando em conta uma concepção linear do tempo), sendo o presente achatado num imenso “agora”. Em contraposição à concepção do tempo enquanto fluxo linear e progressivo, Bauman desenha a imagem de um complexo de tempos desconjuntados, daí que o presente se “achata”, isto é, se expande ou se comprime em direção às duas outras dimensões e se “fragmenta” em múltiplos “presentes” vividos individualmente.

Ora, neste sentido, se acompanharmos o argumento do historiador Lucian Hölscher, veremos que é fundamental compreender que faz parte da conceituação temporal de teorias da “pós-modernidade” – como a de Bauman no âmbito da sociologia – a ideia de que os tempos passam a ser vistos como uma série contínua de rupturas e descontinuidades, rompendo com a mutabilidade histórica.<sup>315</sup> Desta maneira, tendo isso em vista, a vida cotidiana, para Bauman, passa a ser uma série de episódios

<sup>314</sup> BAUMAN, A sociedade individualizada, 2001, p. 163.

<sup>315</sup> HÖLSHER, Lucian. Mysteries of Historical Order: ruptures, simultaneity and the relationship of the past, the present and the future. In: LORENZ, C; BEVERNAGE, B. Breaking up Time: negotiating the borders between Present, Past and Future. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen, 2013. p, 134.



de curto prazo, em que as experiências (vivências de tipo *Erlebnis*) não se condensam num próximo episódio a ser vivido individualmente, em se tratando, assim, de uma atomização sucessiva do tempo<sup>316</sup> porque:

Manter o jogo breve significa tomar cuidado com comprometimentos de longo prazo, recusar-se a ser “fixado” de uma forma ou de outra. Não ficar amarrado a um único lugar, por mais agradável que possa soar a atual escala. Não casar a vida com uma só vocação. Não Jurar coerência e lealdade a nada e a ninguém. Não controlar o futuro, mas se recusar a hipotecá-lo: cuidar para que as consequências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo, e renunciar à responsabilidade por tais consequências à medida que o faça. *Proibir o passado de incidir sobre o presente. Em resumo, cortar o presente em ambas as pontas, separar o presente da história. Abolir o tempo de qualquer outra forma que não uma coleção ou sequência arbitrária de momentos presentes, achatar o fluxo do tempo num presente contínuo*<sup>317</sup> (grifos nossos).

Bauman se aproxima aqui de uma concepção na qual o tempo se “contraí” em torno do presente. No entanto, ele rompe com a “sequencialidade” do tempo – referente à concepção linear e moderna de tempo – para uma outra, na qual o presente aparece desvinculado de um passado e, respectivamente, de seu futuro. Essa experiência temporal não é unívoca e retilínea, pois se insere nos múltiplos tempos e ritmos variados do processo de aceleração que é histórico e social.

A referida abolição do tempo, acima destacada, possui dois elementos cruciais que são corolários um do outro e vice-versa. O tempo como coleção de momentos presentes, em primeiro lugar, ressalta um sentido no qual o passado e o futuro parecem ser meras extensões do presente; em segundo lugar, a partir disso, chegamos à observação mais embaraçosa, de que o fluxo do tempo é implicado num presente

---

<sup>316</sup> O autor também relaciona essa vida episódica no tempo a um encurtamento progressivos dos prazos e das experiências: “como um estado de perfeição última não está para aparecer no horizonte dos esforços humanos, e como a fê na eficácia a toda prova de qualquer esforço não existe, não faz muito sentido a ideia de uma ordem “total” a ser erigida por andar num esforço controlado, consistente e proposital. Quanto menor é a firmeza no presente, tanto menos o “futuro” pode ser integrado no projeto. *Lapsos de tempo rotulados de “futuro” encurtam, e a duração da vida como um todo é fatiada em episódios considerados ‘um de cada vez’. A continuidade não é mais a marca do aperfeiçoamento. A natureza outrora cumulativa e de longo prazo do progresso está cedendo lugar a demandas dirigidas a cada episódio em separado: o mérito de cada episódio deve ser revelado e consumido inteiramente antes mesmo que ele termine e que o próximo comece. Numa vida guiada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de curto prazo*” (BAUMAN, 2000, p. 158) (grifos nossos). A ideia de “firmeza” no presente significa, para o autor, uma espécie de autoconfiança de que o tempo está ao lado dos sujeitos. Essa característica é do próprio regime de tempo moderno, a qual acreditava-se que a história estava a “favor dos homens” no fluxo do tempo (KOSELLECK, 2014). Com o futuro “encurtado” a duração da própria vida, para Bauman, é fragmentada em episódios desconectados entre si, a serem vividos um de cada vez e, assim, com experiências que não são levadas para a próxima vivência. Além disso, Bauman ressalta que a continuidade não está mais associada ao ideal de aperfeiçoamento (*perfectibilité*), também uma característica basilar que galvanizou a ideia de progresso.

<sup>317</sup> BAUMAN, Vida em Fragmentos, 1995, p. 75.

contínuo numa configuração a-histórica, distante do senso de mudança historicista. Esses aspectos levam o tempo, aqui compreendido a partir de Bauman, a ser balizado a partir de tais episódios relacionados à abreviação das experiências.

Cada episódio de experiência (*Erlebnis*), ou seja, experiências extremamente individualizadas e singulares ao redor de um presente contínuo, nesse sentido, é “reiniciado”, e o anterior é varrido para a possibilidade de reconstituição do próximo, gerando vários momentos desconexos, fragmentando as vivências atrás de si. Dessa forma, é necessário sempre se adaptar ao próximo episódio de vivência e, assim, não condensar experiências coletivas. E, no entanto, uma vida assim vivida é como contemplar um rosto refletido em um espelho estilhaçado, com inúmeros pedaços retorcidos, trincados, tornando difícil distinguir as linhas de continuidade dos reflexos distorcidos; são cacos de tempo que passam a ser destituídos de continuidade nas imagens desfiguradas.

Por que tais experiências “episódicas” de tipo *Erlebnis* são importantes? É no seio da concepção de que o processo de modernização produz uma individualização de massa que a experiência se torna algo extremamente fugaz, célere e pobre – já como diagnosticava Benjamin – mas Bauman, por outro lado, procura acrescentar que tal individualização produz um conjunto de crises sistemáticas em relação ao futuro e às suas expectativas. Por isso, no conjunto de tais experiências – que acabam tornando a percepção o presente como fluxo contínuo numa linha de fuga do passado e do futuro – que a experiência se condensa na percepção de uma aceleração, qual seja: nada é feito para durar porque nenhuma experiência (*Erfahrung*) é concreta e narrável, abrindo uma série de opções a curto prazo.

Esta miríade de opções em um futuro próximo, dito “aberto” a curto prazo, só é possível mediante a permanência, enquanto duração histórica, em suas ressonâncias e cadências, sistemática de uma crise de tempo que impede de ver claramente quais as possibilidades de ação possam ser realizadas a longo prazo, desencadeando uma complexa crise de representação temporal no presente. Assim, tais experiências fragmentadas são postas em relação a expectativas decrescentes para o futuro. Nessa perspectiva, para Bauman:

A vida fragmentada tende a ser vivida em episódios, numa série de eventos desconectados. A insegurança é o ponto em que o existir se desmorona em fragmentos, e a vida em episódios. A não ser que algo seja feito em relação

ao rondante espectro da insegurança, *a restauração da fé nos valores estáveis e duráveis tem pouca chance de ocorrer*<sup>318</sup> (grifos nossos).

A vida nesta “temporalidade episódica”, cujo presente é a dimensão central, que remove a historicidade do próprio presente parece remeter aos moldes pré-modernos de configuração temporal<sup>319</sup>. Na modernidade tardia o tempo “episódico”, a que se refere Bauman, é altamente situacional e adaptativo, pois os acontecimentos são imprevisíveis e estão sujeitos, por conseguinte, a mudanças súbitas e repentinas. Dessa maneira, também nos lembra Koselleck, o encurtamento dos períodos necessários para se ganhar novas experiências está inextricavelmente relacionado à aceleração histórica<sup>320</sup>. O ideal de flexibilidade no capitalismo tardio, ao operacionalizar uma sequência de episódios de vivência em curto prazo, maximiza esse pressuposto sendo uma das várias formas de manifestação da aceleração na contemporaneidade<sup>321</sup>.

#### **4.2.1 A não-linearidade dos tempos: a “falta de coesão” como elemento de descontinuidade no presente “líquido”.**

Refletindo sobre a sociedade de consumo e a maneira como consumidores agem e experienciam a vida de compras e descartes, Bauman forja mais uma metáfora para se pensar o tempo na modernidade tardia. Ao observar o consumismo enquanto fenômeno social, Bauman compreende que o presente é a dimensão temporal que ocorre tal

---

<sup>318</sup> BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*, 2001, p. 302.

<sup>319</sup> LORENZ, Chris. *Out of time? Some Critical Reflections on Hartog’s Presentism*. In: TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new approaches to presentism*. Bloomsbury Academic, London, 2019, p. 35.

<sup>320</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Time and History*. In: KOSELLECK, Reinhart. *The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts*. Trad: Todd Samuel Prester et al. Stanford: Stanford University Press, 2002, p. 113.

<sup>321</sup> Voltemos, a esse respeito, argumentar juntamente com Hartmut Rosa e notar certas similaridades interpretativas que nos permitem entender tal questão. De acordo com Rosa, as transformações da Modernidade Tardia engendraram taxas de hiperaceleração que buscam “equilíbrio” com outros freios de “desaceleração” social, tais como o Estado, a Política e a Economia. Na vida cotidiana, ocorre uma desvinculação e um desequilíbrio entre o que se percebe como lento ou rápido, no interior dos processos de sociabilidade, fomentando uma “descontextualização das vivências [...] que torna a experiência cotidiana uma *sequência de episódios desconexos*” (ROSA, 2019, p. 436) (grifos nossos).

prática, que consiste numa forma de “renegociação do significado do tempo” e também endossa uma cultura voltada para o presente e constantemente apressada e urgente. Nesse esquema de Bauman, cuja concepção acaba reforçando também àquela descrita como temporalidade “episódica” e fragmentada em função da aceleração contemporânea, o autor afirma que:

*O tempo pontilhista é mais proeminente por sua inconsistência e falta de coesão do que por seus elementos de continuidade e constância; nessa espécie de tempo, qualquer continuidade ou lógica causal capaz de conectar pontos sucessivos tende a ser inferida e/ou construída na extremidade final da busca retrospectiva por inteligibilidade e ordem, estando em geral conspicuamente ausente entre os motivos que estimulam o movimento dos atores entre os pontos. O tempo pontilhista é fragmentado, ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de "instantes eternos" – eventos, incidentes, acidentes, aventuras, episódios –, mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não-dimensionalidade<sup>322</sup> (grifos nossos).*

Esta falta de “coesão” é uma constante nessas descrições do autor acerca da experiência temporal contemporânea e, como vimos no capítulo anterior, está estreitamente ligada ao fenômeno nostálgico, tanto da forma como Bauman o aborda (“retrotopia”) como um sentimento a respeito de um tempo “sólido”. Também a “falta de coesão” está presente, como vimos anteriormente, tanto na narratividade biográfica “incoesa” quanto também na vida “episódica” em que estão dispostos vários sujeitos no âmbito do neoliberalismo, ofuscando projetos individuais e coletivos.

No caso específico do consumismo, tal como Bauman o analisa ao retomar a metáfora de Maffesoli, a temporalidade fragmentada aparece como eixo de desarticulação “entre os pontos” que fortalece, por conseguinte, para o autor, a busca pela “satisfação” instantânea em relação ao consumo. O tempo “líquido”, aqui, é borrifado ao vento, vai se perdendo partícula por partícula, em uma multiplicidade irrefreada, no interior de um instante imenso - ou num presente contínuo. Segundo Bauman,

*No modelo de tempo pontilhista, não há espaço para a ideia de "progresso" como o leito vazio de um rio sendo lenta mas continuamente preenchido pelos esforços humanos; ou de esforços humanos resultando em um edifício cada vez mais elegante e elevado, subindo dos alicerces ao teto, andar por andar, cada qual erigido com segurança sobre o que foi construído*

---

<sup>322</sup> BAUMAN, Zygmunt. Vida para Consumo, 2008, p. 46.

anteriormente, até o momento em que o topo é coroado com uma grinalda de flores para assinalar o término de um longo e diligente esforço. Essa imagem é substituída pela crença de que (para citar a declaração de Franz Rosenzweig, que pretendia ser um chamado às armas quando ele a rascunhou no início da década de 1920, mas que parece mais uma profecia quando lida agora no começo do século XXI) o objetivo ideal "pode e deve ser alcançado, talvez no momento seguinte, ou mesmo neste exato momento". Ou, como observado na recente releitura que Michael Löwy fez da reinterpretção de Walter Benjamin sobre a visão moderna do processo histórico, a ideia do "tempo da necessidade" foi substituída pelo conceito de "tempo de possibilidades, tempo aleatório, aberto em qualquer momento ao imprevisível irromper do novo uma concepção da história como processo aberto, não determinado previamente, no qual surpresas, golpes inesperados de boa sorte e oportunidades imprevisíveis podem aparecer a qualquer instante". Cada momento, diria Benjamin, tem suas potencialidades revolucionárias. Ou, agora nas próprias palavras dele, ecoando o vocabulário dos antigos profetas hebreus, "cada segundo é o pequeno portal do tempo pelo qual pode vir o Messias"<sup>323</sup>

A partir disso, Bauman situa duas características fundamentalmente simultâneas em sua leitura sobre a temporalidade. De um lado, há o diagnóstico de um presentismo, tomado como fluxo contínuo de possibilidades temporais que engolem passado e futuro. Por outro lado, e paradoxalmente complementar, tal condição do presente “fatia” o tempo em episódios, fomentando a sensação de um futuro que se esvai a cada esperança e de um passado que necessita ser reconstituído a partir de outras configurações utópicas que não tenham mais o futuro como eixo gravitacional (“retrotopia”).

Nesse sentido, cada "pontilhado", da metáfora, pode significar aqui a multiplicidade de episódios de vivência do tipo *Erlebnis* num presente achatado, contínuo, e são eventos “desconectados” de um eixo narrativo linear, rabiscado num mosaico, numa rede de ações e sentidos - enfeixados com força arrasadora para o cerne do *Jetztzeit*<sup>324</sup>.

Sendo cada “ponto” representando episódios de vivência (*Erlebnis*), tais são vividos e interpretados como momentos de efêmera duração, onde tudo que surge encontra seu fim rapidamente ou retorna como uma espécie de fantasma que assombra o presente, exigindo uma resolução inadiável. Essas mônadas desintegram os mapas e trajetórias delineadas por uma temporalidade uniforme, vazia e progressiva, geometricamente instável. Cada momento, tido como um instante imenso, carrega em si

<sup>323</sup> BAUMAN, Zygmunt. Vida para Consumo, 2008, p. 47-48.

<sup>324</sup> Para Bauman, ainda dialogando com Benjamin “é uma característica da condição pós-moderna achatar o tempo e condensar a percepção de um fluxo infinitamente expansível de tempo para dentro da experiência (*Erlebnis*) do *Jetztzeit*, ou o fatia para dentro de uma série de episódios auto-sustentados, cada um deles a ser vivido como uma intensa experiência do momento fugaz e separado de maneira tão meticulosa quanto possível, tanto de suas consequências passadas como futuras” Conferir: BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada, 2001, p. 287.

suas potencialidades revolucionárias, rompendo com a causalidade histórica do progresso, que constitui a base primordial do que Bauman, a partir de um conjunto de discursos sociológicos “pós-modernos”, entende como “fragmentação temporal”.<sup>325</sup> Assim, da dispersão da vida inteira, outrora temporalmente “sólida”, tornando-se “líquida”. Em suma, a vida é tida como uma sucessão de episódios de curta duração que não se coadunam ou, melhor dizendo, não mais se “solidificam” a ponto de serem compreendidos de forma “coesa”, “linear” e “estável”.

Tal transformação se torna uma experiência concreta quando novas realidades políticas, instituições sociais ou inovações tecnológicas surgem de repente e irrevogavelmente, convertendo o presente anteriormente vivido em um passado obsoleto e, aparentemente, concluído. Em outras palavras, é por meio da aceleração que a produção da obsolescência e da atualização acontece, engendrando descartes e substituições contínuas. Para Bauman, ainda, o descarte vai além dos meros bens de consumo, há um valor no qual seres humanos também são descartáveis. Nesse sentido, para o sociólogo, aqueles que não adentram o jogo do consumo passam por um processo de exclusão social e o desemprego exerce papel fundamental nesse contexto. É o que assevera Bauman:

Em vez de ser a condição de estar “desempregado” (termo que implica um afastamento da norma que é “estar empregado”, uma aflição temporária que pode e deve ser curada), estar sem emprego parece cada vez mais um estado de “redundância” – ser rejeitado, rotulado de supérfluo, inútil, não empregável e destinado a permanecer “economicamente inativo”. Estar sem

---

<sup>325</sup> Atentemos a algumas questões do autor que aparecem, sobretudo, num conjunto seriado de noções bipolarizadas, rótulos vendáveis no mercado editorial que, na realidade, acabam colocando em justaposição presente e passado ensejando ares nostálgicos. Isso fica muito claro, por exemplo, na formulação de “amor líquido” - a mais famosa do autor e também mais problemática nesse sentido - cuja dimensão relacionada aos envolvimento amorosos contemporâneos possui um discurso que normatiza uma monogamia temporalmente estável e duradoura contra uma série de parceiros temporários. Ora, mesmo que o autor não faça juízo de valor acerca disso, vários autores que já criticaram a obra de Bauman apontaram para esse tipo de generalização que normatiza certos valores em detrimento de outros (RATTANSI, 2017). O antropólogo Thomas Hylland Eriksen, com a obra "*Tyranny of the Moment: Fast and Slow Time in the Information Age*" (2001), aborda o problema da aceleração de forma muito similar ao esquema descrito por Bauman e que este, por sua vez, também dialoga diretamente com o antropólogo em *Vida para Consumo* (2008). Eriksen faz uma oposição, tal como Bauman, entre *lifelong monogamy* (monogamia de longo prazo) e *serial monogamy* (monogamia serial) para distinguir duas modalidades da monogamia, em sua transformação histórica, ao longo do século XX, em virtude da aceleração compulsória; Eriksen também discute o problema da *fragmented contemporariness* que se opõe à uma modalidade *linear time* (tempo linear) e, ainda, num novo regime de *flexible work* (trabalho flexível). Ou seja, nem o trabalho, a vida, as relações amorosas: nada parece ter qualquer coesão temporal. Além disso, a noção de amor líquido acaba possuindo alguns problemas em relação às noções de gênero e sexualidade. Para uma crítica historiográfica dessa noção, conferir: PESSOA, L. A. de F. Crítica ao conceito de amor líquido em Zygmunt Bauman. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 12, n. 18, 2018.

emprego implica ser descartável, talvez até ser descartado de uma vez por todas, destinado ao lixo do “progresso econômico”<sup>326</sup>

Não há futuro para alguém que está em condição de desemprego<sup>327</sup>. Assim, torna-se extremamente laborioso projetar um futuro quando o presente engole o ser pela necessidade básica de manter as condições materiais de existência. Isso é o que está no cerne da questão sobre “saltar” de um “episódio” para outro, na medida em que a flexibilização, o dismantelamento de relações afetivas e emocionais, das identidades, são tidas como “fluidas” e inconstantes. Assim, a relação entre substituição e descarte, no âmbito do trabalho, gera altíssimos níveis de desemprego e crises sistêmicas nas expectativas para o futuro. Aos desempregados e marginalizados socialmente não resta inserção no tempo, mas apenas a exclusão deles.

O “contemporâneo” é uma forma de imaginar este “presente” por meio de uma lente eurocêntrica, que exclui uma série de outras experiências temporais que residem nas camadas do tempo histórico contemporâneo, em que devemos considerar, contudo, que experiências de tempo encontram-se em crise, sobreposição e tensão e quais seus sujeitos históricos e agentes. Assim, os valores preponderantes se encontram subjacentes nos preceitos conceituais de temporalidade em que a noção de “contemporaneidade” se erige como régua para a conceituação temporal.

Os indivíduos para os quais a contemporaneidade é denegada são aqueles que não se conformam ao paradigma normativo da lógica neoliberal, constituindo tal circunstância como a principal motivação para sua exclusão temporal. Há uma negação, nesse sentido, da existência não somente social de vários corpos e sujeitos, mas também temporal; trata-se da negação do outro ao direito de habitar o tempo que são, assim, dessincronizados, descartados e expulsos do cenário social. O desempregado, nesta chave de leitura, vive uma vida episódica e em frenética incerteza. Helga Nowotny, que assevera que a categoria do futuro está em pleno desaparecimento na experiência

---

<sup>326</sup> BAUMAN, Tempos Líquidos, 2007a, p. 75.

<sup>327</sup> Consideremos algumas das palavras de Franco “Bifo” Berardi, que nos permitem realizar tal afirmação com alguma razoabilidade. De acordo com com Bifo, o futuro foi mergulhado não apenas num estado de precariedade, mas sobretudo numa configuração fractal do tempo em virtude das alterações na experiência histórica nos Mundos do Trabalho. É que, “na precariedade manifesta-se uma impossibilidade de traduzir as intenções em ações, em comportamento” (BERARDI, 2019, p. 136). Assim, “que imagem de futuro pode ser gerada em um cérebro social fragmentado e celularizado até o ponto de não poder conhecer-se como sujeito unitário? Na esfera do tempo precário, não se pode formular nenhum projeto de futuro, porque o tempo precário não se subjetiviza, não se torna sujeito de imaginação nem de vontade nem de projeto” (BERARDI, 2019, p. 138). Conferir: BERARDI, Franco. Depois do Futuro. São Paulo: Ubu Editora, Coleção Exit, 2019.

temporal “pós-moderna” que cada vez mais se assemelha a um “presente dilatado”<sup>328</sup>, compreende que os desempregados vivem uma experiência de tempo bastante distinta, como se vivessem paralisados, fora do tempo.

A "vida líquida", caracterizada pela flexibilização e pelo afluxo de desempregados, representa um desdobramento da atual conjuntura social, conforme delineado por Bauman, inserida na fase tardia da modernidade. O cerne de uma sociedade "líquido-moderna" reside na rápida metamorfose das condições do agir e do sofrer humano, ocorrendo transformações em um lapso temporal mais breve do que o necessário para a consolidação imprescindível das modalidades de ação e sofrimento na esfera temporal. Por isso, tanto a própria condição da existência “fluida” quanto a da modernidade líquida são efêmeras e não podem, por sua própria natureza, perpetuar seu curso temporal de forma indefinida.

Os modos de viver, práticas, condições de ação e estratégias estão sujeitas a uma obsolescência efetiva em graus mais velozes do que a Modernidade Clássica jamais pôde produzir. A arte do prognóstico, tão bem investigada por Koselleck, passa a ser uma ação de risco em tempos de incerteza, visto que “é cada vez mais difícil fazer cálculos exatos, uma vez que os prognósticos seguros são inimagináveis”, em vista de um futuro interpretado como uma ameaça.

Vive-se, assim, em um eterno presente, achatado pela vontade dupla de gratificação e satisfação que, segundo Bauman, a qual – em troca – faz com que tudo quanto possível seja consumido instantaneamente, sem deixar para a posteridade. Assim, a lógica impulsiva de consumo, quando vista de uma perspectiva histórica, possui um caráter experiência do tempo na medida em que não visa exatamente passado e futuro, mas a satisfação de um desejo insaciável que suspende o tempo num presente extremamente acelerado.<sup>329</sup>

---

<sup>328</sup> NOWOTNY, Helga. *Time: Modern and Postmodern Experience*. London, Polity Press, 1989, p. 11.

<sup>329</sup> Nesse sentido, é muito importante ressaltarmos, com Bauman, que “velocidade, e não duração, é o que importa. Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida eterna [...] O truque é comprimir a eternidade de modo a poder ajustá-la, inteira, à duração de uma existência individual. A incerteza de uma vida mortal em um universo imortal foi finalmente resolvida: agora é possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade. Com efeito, ao longo de uma vida mortal pode-se extrair tudo aquilo que a eternidade poderia oferecer. Talvez não se possa eliminar a restrição temporal da vida mortal, mas pode-se remover (ou pelo menos tentar) todos os limites das satisfações a serem vividas antes que se atinja o outro limite, o irremovível. *No mundo passado, onde o tempo caminhava bem mais lentamente e resistia à aceleração, as pessoas tentavam fechar o torturante fosso entre a pobreza de uma vida curta e mortal e a riqueza infinita do universo eterno com esperanças de reencarnação ou ressurreição. Em nosso mundo, que não conhece nem admite limites à aceleração, tais esperanças podem muito bem ser descartadas*” (BAUMAN, 2007, p. 15) (grifos nossos) Conferir: BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*, 2007, p. 15.



Bauman aborda o tempo na intenção de uma compressão da eternidade transferida ao processo de individualização. Não se trata de dar relevância à duração das experiências, ou seja, o tempo de permanência, mas exatamente à velocidade com a qual tais experiências podem ser atingidas e obtidas pelas classes dominantes. O tempo biográfico de um sujeito, então, passa a ser confrontado com esse modo de se conceber e aplicar a temporalidade na concretude da existência, composto por uma completa impermanência. Com isso, o processo de aceleração, assim, tenta ignorar os limites cronológicos e naturais da temporalidade, de restringir as mesmas fronteiras para se viver o máximo de experiências – de satisfação e gratificação – no menor espaço de tempo possível. Portanto, essa temporalidade projetada não se trata do tempo de duração, mas da própria aceleração do movimento e da multiplicação de experiências vividas indefinidamente. Paradoxalmente a esse processo, as dimensões do passado e do futuro coexistem em uma constante resignificação de suas funções normativas para a experiência.

#### **4.2.2 Episódios de vivência e a experiência acelerada de tempo.**

Então, o que são esses “episódios” de curto prazo? Pensamos que a partir do filósofo alemão Hermann Lübbe é possível situar tal fenômeno como parte do fenômeno da aceleração contemporânea<sup>330</sup>. Lübbe apropriou-se das categorias meta-históricas de Koselleck para pensar as temporalidades contemporâneas, o que o levou a cunhar o conceito de “contração do presente”. O argumento de Lübbe é o de que as sociedades ocidentais experimentam uma contração do presente no interior do fluxo das inovações sociais e culturais, dinamizando as experiências, tornando-as múltiplas e obsoletas em face das rápidas transformações realizando aproximando o passado com o futuro, contraindo o presente.

---

<sup>330</sup> Segundo o historiador Sérgio da Mata, a reflexão sobre o tempo presente feita por Lübbe se insere numa “clara inspiração nos trabalhos pioneiros de Ernst Benz e Reinhart Koselleck sobre a aceleração do tempo, fenômeno que ele transformou – bem antes que sociólogos o fizessem – num extenso programa de pesquisa, e cujas implicações se mostram de largo alcance não apenas para a ciência histórica, mas também para as ciências sociais e a filosofia” (DA MATA, 2017, p. 532). Conferir: DA MATA, S. Depois do fim do platonismo fenomenológico: Hermann Lübbe e a descrição da aceleração civilizacional moderna. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 523–541, 2017.

Essa “contração” está relacionada às aceleradas mudanças sociais e culturais daquilo se é percebido como “presente” que, para Lübbe, transitaram de um ritmo de transformação intergeracional – na modernidade clássica – para um ritmo intrageracional na modernidade tardia. Tais mudanças sócio culturais abarcam o que o ensaísmo de Bauman denomina como liquefeito, desenraizado e transitório. A interlocução de Lübbe, dessa maneira, nos auxilia a situar a concepção de temporalidade em Bauman sob a ótica histórica da aceleração, sobretudo quando plasmada a partir da flexibilização neoliberal. Realizando um malabarismo temporal no cotidiano, sob a pressão avassaladora de realizar proezas em um piscar de olhos e dar conta de tudo em virtude da pressão por aceleração, isto é, da pressão constante por “adaptação” e “flexibilização”.

A eficiência – jargão neoliberal – tornou-se uma virtude individual, enquanto somos lançados numa ciranda frenética e sem ritmo. Nesse sentido, a vida se funde em um frenesi flexível, cujo acúmulo de vivências frustra a construção expectativas de longo prazo, desenhando o futuro como algo temerário<sup>331</sup>. À medida que as ações se comprimem, a realidade se distorce e as fronteiras entre trabalho e lazer se dissolvem. Nesse contexto neoliberal, não apenas há uma pressão pela eficiência, mas também flexibilidade. Mobilidade profissional e a adaptação às mudanças constantes nas condições de trabalho são desafios impostos pela economia flexível, são valores numa ética neoliberal que está estreitamente associada ao tempo. Somos lançados, assim, em um labirinto de possibilidades, onde a vida se torna um espetáculo de múltiplas facetas, onde a existência se encolhe em um cronograma caótico. Somos ágeis para ajustar-nos rapidamente e destemidamente às circunstâncias em constante mutação, equilibrando-nos na corda bamba do tempo presente.

Essa perspectiva acerca do tempo “fragmentado” não segue uma trajetória linear ou circular. Na realidade, ela se distancia desses conceitos, visto que um deles implica que o tempo se desenvolve de forma contínua e progressiva em uma linha reta, enquanto o outro sugere que o tempo se repete em ciclos, remetendo à repetição dos acontecimentos. Neste tempo “episódico”, o presente se destaca como a dimensão principal, desvinculando-se do passado e do futuro. Essa predominância do presente faz com que cada "episódio" contribua para um amplo mosaico de experiências não

---

<sup>331</sup> SUGARMAN, Jeff; THRIFT, Erin. *Neoliberalism and the psychology of Time*. Journal of Humanistic Psychology, 2017, p. 16.

realizadas em expectativas. São vivências natimortas que, de certa forma, fazem com que a vida seja repleta de reinícios e vislumbrada em saltos<sup>332</sup>. Nesse sentido, essa multiplicidade de “reinícios” acaba constituindo o mosaico temporal “pontilhista” baumaniano.<sup>333</sup>

Em vista disso, cada episódio, nesse esquema descritivo, tece pouca ligação com o passado e o futuro e, podemos dizer, que há aí uma multiplicidade de brechas ainda não definidas, não cumulativas, caracterizadas pela indefinição entre um “não-mais” e o “ainda-não”. Aqueles que aceleram temem que seu horizonte alcance uma variedade de projetos de vida, mas dificilmente esses projetos tornam-se efetivados. O tempo biográfico, que, com o declínio da força da ideia progresso e a exaustão dos horizontes de expectativa, passa a ser uma das múltiplas unidades de tempo diante da qual cada indivíduo deve orientar suas ações, não pode desenrolar-se na mesma cadência que vigorava nos ritmos da Modernidade Clássica.

A mesma cultura que temporaliza a vida é aquela que a lança num mundo objetivo profundamente inconstante, e que a destemporaliza numa multiplicidade de momentos presentes. Por outro lado, observa Rosa, a velocidade desse “tempo do mundo” só pode ser acompanhada ao preço da própria fragmentação do “tempo da vida”.<sup>334</sup> E a fragmentação do tempo da vida encontra-se dessincronizada, como vimos na questão da vida em saltos de emprego para emprego ou na crise dos mundos do trabalho contemporâneo, extremamente precarizados.<sup>335</sup>

---

<sup>332</sup> Para Bauman a experiência acumulada de forma contínua já não encontra tanto valor nas vivências de tipo episódico, pois o cerne da argumentação sobre a liquidez recai na ideia de que tais vivências são formuladas de modo a serem também descartadas e não consideradas como experiências concretas e de longo prazo.

<sup>333</sup> A questão é de que a experiência de tempo na qual é possível identificar em Bauman está muito mais próxima do sentido de experiência enquanto *Erlebnis*, ou seja, uma experiência que, vivida, não é narrada e nem inserida numa cadeia temporal; São essas vivências que constituem o emaranhado de episódios (mônadas temporais) do esquema que Bauman se inspira em Maffesoli.

<sup>334</sup> ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 237.

<sup>335</sup> É salutar notarmos como Mark Fisher é cirúrgico ao realizar uma reflexão sobre a experiência do tempo precarizada: “Trabalho e vida tornam-se inseparáveis. O capital te acompanha até nos sonhos. *O tempo para de ser linear, torna-se caótico, fragmentado em divisões puntiformes*. Na medida em que a produção e a distribuição são reestruturadas, também é reestruturado o sistema nervoso. Para funcionar com eficiência como um componente do modo de produção *just-in-time* [por demanda], é necessário desenvolver uma capacidade de responder a eventos imprevisíveis, é preciso aprender a viver em condições de total instabilidade, de “precariedade”, para usar um neologismo horroroso. Períodos de trabalho alternam-se com dias de desemprego. *De repente, você se vê em uma série de empregos de curto prazo, impossibilitando de planejar o futuro*” (FISHER, 2022, p. 63) (grifos nossos). Talvez essa passagem seja bastante sintética em relação a dialogar com os pontos que Bauman trabalha em relação a descrição de uma vida “vivida em episódios”, baseando-se no formato neoliberal de emprego, no modo como seria necessário adaptar-se continuamente às pressões e transformações imprevisíveis em vários os aspectos da vida individual. Conferir: FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

Se o processo de aceleração social, como estamos tentando demonstrar, a partir da interlocução de Lübbe, infere na multiplicação de “episódios de vivências” (episódios com experiências fugazes e não relatáveis no âmbito da experiência), que, com isso, faz – evidentemente associada também a conjunto de outros fatores – com que o futuro tenha expectativas decrescentes, a relação entre o que se vive no âmbito da experiência se altera juntamente com o mundo das expectativas<sup>336</sup>. Nesse sentido, então, o futuro encontra-se em estado de “bloqueio” em face da própria aceleração, que contrai o tempo numa multiplicidade de episódios desarticulados e de intensidades variadas. Visto que tais transformações, como estamos vendo a partir de Bauman, não se realizam em nome de um “progresso” teleológico, pois as vivências não se condensam em experiências relatáveis e, portanto, não forjam um horizonte de expectativa a longo prazo, gerando discursos tais como: não há o que se esperar; não há futuro; é o fim da história ou de que é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo.<sup>337</sup>

---

<sup>336</sup> Por isso que a interlocução de Walter Benjamin aqui é fundamental. Benjamin faz a distinção entre vivências e experiências.

<sup>337</sup> Por outro lado, devemos ressaltar e observar, isso está no cerne do que significa a “destemporalização da história” na modernidade tardia, assim, de acordo com Rosa, pois ocorre uma perda de sentido que se “manifesta também na transformação do vocabulário político da Modernidade (Clássica) elaborada por Koselleck. [...] A semântica do progresso, que acompanhou todos os surtos modernizadores anteriores, desaparece quase completamente, no início do século XXI, atrás da *retórica da imposição dos fatos* [*Sachzwangrhetorik*]: transformações técnicas e sociais não são mais realizadas em nome do *progresso*, mas, antes, justificadas pela ameaça da perda da capacidade de concorrência” (ROSA, 2019, p. 541), mas também abre ressalvas porque “assim como a temporalização do tempo gera, no que concerne às autorrelações individuais, uma *destemporalização da vida* [...], ela ocasiona, no contexto da política tardo-moderna, uma *destemporalização da história*. Não sendo mais vivenciada como um processo dinâmico e direcionado, politicamente acelerável (ou desacelerados), a história assume novamente a forma de um espaço quase ‘estático’, através do qual *histórias* desenvolvem-se a si mesmas paralela e consecutivamente. Se estiver correta a observação de Lübbe, de que o projeto das *utopias realizáveis no tempo* exige uma percepção do próprio estado histórico como em *transformação direcionada*, não se trata, no caso do esgotamento das energias utópicas, tal qual diagnosticado por Habermas, apenas de uma crise das perspectivas do Estado de bem-estar e da sociedade de trabalho, mas, na verdade, de uma crise das energias configuracionais historicamente potentes: as condições de surgimento dessas utopias, identificadas por Koselleck e Lübbe, há muito não existem mais. A surpresa de Fredric Jameson com o fato de que a sociedade tardo-moderna consegue imaginar, mais facilmente, o fim do mundo que o fim do sistema político liberal-capitalista, pode ser esclarecida pela teoria da aceleração” (Idem, p. 543-544). Tal “destemporalização da história” está intimamente ligada àquilo que Mark Fisher denominou de “Realismo Capitalista” sendo tanto “uma crença como uma atitude. É a crença de que o capitalismo é o único sistema econômico viável, uma simples reafirmação da antiga máxima tatcherista: “não há alternativa”. Não se trata necessariamente da ideia de que o capitalismo é um sistema particularmente bom, mas sim de persuadir as pessoas a acreditarem que é o único sistema viável e que a construção de uma alternativa é impossível. Que o descontentamento seja praticamente universal não muda em nada o fato de que não parece haver alternativa viável ao capitalismo - não muda a crença de que o capitalismo ainda possui todas as cartas na mesa e que não há nada que possamos fazer sobre isso” (FISHER, 2022, p. 153). Zygmunt Bauman consegue ser bastante sintético acerca dessa questão quando afirma que, tanto a *precarité* quanto a “T.I.N.A” (*there’s no alternative*) de Thatcher fortalecem uma à outra a fragmentação temporal (BAUMAN, 2001, p. 21). Da mesma forma como presente no discurso de Francis Fukuyama, o “fim da história” é a sensação política na qual nada mais pode acontecer ou que qualquer esforço político é nulo: não há o que se transformar para além do estado de coisas que já está dado. Assim, a ideia de que o “novo” é sempre gestado pela destruição criativa - algo que é da própria dinâmica temporal da

Tal experiência episódica tem como consequência itinerários individuais e trajetórias de vida completamente imersas em um oceano de incertezas e desconexas umas das outras, aumentando exponencialmente a quantidade de ritmos, durações e experiências em um processo de diferenciação. A relação entre precariedade e flexibilização, emprego e trabalho é, portanto, um dos elementos que surgem como consequência de uma aceleração social desenfreada, fazendo com que haja uma espécie de temporalidade camaleônica, onde a adaptação constante de um episódio a outro é o prisma dessa formulação. E toda essa questão está colocada por meio da articulação mútua entre as várias historicidades, práticas de sincronização de tempos e precariedade neoliberal, que aparecem na formulação do tempo “pontilhista” e “episódico” de Bauman.

Entretanto o tempo também se manifesta por meio de uma incerteza latente e paradoxalmente gritante, que gera várias dessincronizações, aumentando exponencialmente o fenômeno de “contemporâneo do não-contemporâneo” para cada episódio de vivência. Na metáfora dos estratos de tempo, Koselleck buscou se desvencilhar tanto de uma visão linear quanto uma visão meramente cíclica do tempo histórico. A “estratificação”, metáfora extraída da geologia, é justamente o processo no qual há uma sobreposição de vários elementos no solo que, com o passar do tempo, acumulam-se por meio de vários processos de sedimentação diferentes. No entanto, saindo da imagem telúrica, Koselleck quer inferir, com isso, que o tempo e a experiência histórico-temporal é múltipla e os diversos tempos coexistem simultaneamente. Nesse sentido, cabe principalmente aos historiadores e historiadoras a tarefa de responder à, talvez, “uma das perguntas mais difíceis de se responder no campo da historiografia”.<sup>338</sup>

#### 4.2.3 Um presente repleto de instantes sucessivos.

---

modernidade clássica - é posta em cheque, ocorrendo tanto a sensação de que tudo se esvai ao mesmo tempo em que nada de significativamente novo pode aparecer.

<sup>338</sup> KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006, p. 13.

Bauman reelabora concepção sobre um tempo “pontilhista” tendo de fundo a ideia de que o tempo tenha sido “coerente” e não-fragmentado, ao evocar a falência da ideia de progresso. No entanto, a ideia de uma “fragmentação” é, em si mesma, parte integrante da natureza da temporalidade e não o contrário disso. Pondo em contraste a noção de um tempo linear e uniforme a um não-linear e desestabilizado, Bauman reforça a noção de que o tempo tenha sido “estável” e “coerente”, identificado na sua noção de “modernidade sólida”.

Como abordamos no segundo capítulo do presente trabalho, reitera-se que a crítica ao capitalismo flexível é mascarada pela análise da bancarrota do fordismo que tende a levar a uma espécie de nostalgia por uma época estabilidade nos empregos, negócios, na família, de uma era dotada de maiores certezas. O ponto central é a incerteza do presente e do futuro que altera, deste modo, a relação entre os tempos.

Além disso, esse conjunto de formulações de Bauman deve ser avaliado sob perspectiva histórica e historicizado a partir da dimensão temporal que implica, não compreendendo-o como uma história única sobre a questão temporal no presente, mas uma possibilidade concreta. Nesse sentido, cabe lembrar o alerta implacável da pensadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que as “histórias únicas”, isto é, narrativas e discursos homogeneizantes e excludentes, condenam as subjetividades aí implicadas, porque tolhem a dignidade das pessoas ao enfatizar as diferenças e não as semelhanças<sup>339</sup>. Trata-se, portanto, de tentar compreender o presente como uma multiplicidade: os presentes.

Retomando a perspectiva do historiador Hugo Fazio Vengoa, o presente engloba uma extensão diacrônica, cujas dimensões atestam para uma ampla historicidade, ao contrário da concepção apresentada por Bauman. Além disso, também alerta Vengoa, o presente não deve ser compreendido como mera projeção temporal do passado. Em contrapartida, dissociar o presente do passado é mais difícil de empreender em nossos dias porque a atomização da história mundial em uma pluralidade de histórias atingiu tal nível, devido às lacunas entre os diferentes registros e regimes de tempo, do que as memórias que temos de suas unidades que permanecem como memórias distantes. Em outras palavras, se o primeiro procedimento dificulta a compreensão dos elementos de novidade que aparecem cotidianamente, o segundo enobrece as novidades

---

<sup>339</sup> Cf. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

desvinculadas do devir, o que dificulta a possibilidade de empreender uma narração "comum" do presente.

É importante ressaltar a noção de “destemporalização” que está presente numa leitura da temporalidade em Bauman. A destemporalização reside na ideia de que o “projeto” (coletivo ou individual, temporalizado) não se constitui em algo a ser realizado no interior de um plano narrativo “estável”. Segundo Elzbieta Tarkowska, socióloga polonesa que comenta o problema do tempo na produção de Bauman, a destemporalização seria uma questão importante no interior de uma investigação da abordagem de Bauman sobre o tempo<sup>340</sup>. Para a autora, o foco da discussão reside na compreensão de como Bauman aborda e interpreta o fenômeno da destemporalização. Ela examina como os temas de "continuidade, mutabilidade, permanência e episodicidade" permeiam as obras de Bauman, nas quais ele explora a destemporalização para estabelecer contrastes e justaposições com a Modernidade "sólida"<sup>341</sup>. Em outras palavras, destemporalização significa compreender eixos de reconhecimento que não se dão a partir de uma perspectiva linear, cronológica ou homogênea

Entretanto, há alguma destemporalização na concepção? É razoável dizer que sim, por duas razões. Primeiramente, surge a sensação de um "fim da história" ou do próprio "tempo histórico", indicando a ideia de que nada de novo pode acontecer, embora a experiência de tempo acelerado permaneça. Tal percepção está associada à crise da imaginação utópica, isto é, da utopia projetada para o futuro. Em segundo lugar, como consequência, ocorre uma destemporalização da própria experiência subjetiva, fomentada pelo individualismo, em que o paradigma moderno clássico estava assentado na noção de que viver no tempo diz respeito à ideia de linearidade e sequencialidade narrativa e que, nos dias atuais, o neoliberalismo e aceleração (“liquefação”, “fluidificação”) “fatiam” a vida em episódios desconexos, “saltando” de uma vivência (*Erlebnis*) à outra, formando o tempo “pontilhista”. Em síntese, tais “destemporalizações” convergem para explicar de que forma se dá a configuração temporal na sociologia “líquida” de Bauman.

Nesse sentido, é razoável considerar que, conectada à aceleração social e histórica, aliada à influência da ideologia neoliberal, a descrição feita por Bauman da

---

<sup>340</sup> TARKOWSKA, Elzbieta. Zygmunt Bauman on Time and Detemporalisation Processes. Polish Sociological Review, No. 155 (2006), pp. 357-374.

<sup>341</sup> Idem, p. 360.

experiência temporal episódica seja uma entre diversas formas de articular um discurso sobre o tempo e suas vivências no presente. Isso porque a experiência histórica e temporal revela-se como dotada de uma multiplicidade de facetas.

Sem corrermos o risco de assertividade, é possível dizer que o tempo é um tema recorrente em Bauman. Ainda de acordo com Tarkowska, a presença da dimensão temporal pode ser dotada de uma multidimensionalidade e consistência, muito embora em suas obras dos anos 2000, Bauman tenha gradualmente adotado um estilo mais ensaístico e se distanciado de uma escrita acadêmica, seguindo rígidos protocolos de pesquisa.<sup>342</sup> Para a autora, o problema do tempo no trabalho de Bauman demonstra enfaticamente que:

*A dispersão do futuro no presente, a fragmentação do tempo em episódios breves e fugazes, são estratégias de destemporalização novas, que são típicas da pós-modernidade e enriquecem os repositórios existentes de práticas culturais para a invalidação do tempo. Instabilidade, descontinuidade, evanescência, irregularidade, fragmentação e transitoriedade fazem todos parte da cultura pós-moderna, assim como a natureza mutável, momentânea e instável de todas as coisas: objetos, eventos, relações, laços, emoções e identidades [...]. As estratégias e mecanismos de destemporalização adotados no mundo atual, que reduzem o tempo ao momento presente, o aumento da importância do presente, o valor da novidade, a mudança incessante e a imediatez, são um dos temas-chave e atuais que atraem a atenção dos pesquisadores da cultura contemporânea<sup>343</sup> (tradução e grifos nossos).*

Para a autora, ainda, Bauman faz o mesmo movimento que Helga Nowotny, ao analisar o tempo ao colocá-lo em justaposição na modernidade/pós-modernidade e suas respectivas experiências. Assim, o discurso de Bauman está palmilhado por uma tentativa de apreender as mudanças temporais a partir de seu modo específico de trabalhar na sociologia<sup>344</sup>. No entanto, pode-se sustentar que há, de certo modo, a interpretação de que aquilo que está “fragmentado” no presente, sob a ótica de múltiplas e incessantes mudanças, necessite da sua contraparte “não-fragmentada”, “inteira”,

---

<sup>342</sup> Idem, p. 364.

<sup>343</sup> Idem, p. 363. No original: “*The dispersion of the future in the present, breaking up of time into brief, fleeting episodes, are new detemporalisation strategies, ones which typify postmodernity and enrich existing repositories of cultural practices for the invalidation of time. Instability, discontinuity, evanescence, irregularity, fragmentation and transience are all part and parcel of postmodern culture just like the mutable, momentary, unstable nature of all things: objects, events, relations, bonds, emotions, and identities [...]. The strategies and mechanisms of detemporalisation adopted in the world today and reducing time to the present moment, the increasing importance of the present, the value of novelty, incessant change and immediacy are one of the key and timely themes that attract the attention of investigators of contemporary culture*”.

<sup>344</sup> TARKOWSKA, Elżbieta. Zygmunt Bauman on Time and Detemporalisation Processes. Polish Sociological Review, No. 155 (2006), p. 366.



“sólida” como eixo de comparação, numa interface entre passado e presente. Ao mesmo tempo, além de sugerir que a produção de Bauman pode ser lida a partir de uma problematização temporal, a autora ainda argumenta que essa seria uma chave de leitura essencial para compreender algumas questões não explicitadas no pensamento do autor.

Portanto, podemos dizer, para indicar algum apontamento, que, a partir da visão de Bauman, a experiência de tempo da “modernidade líquida” seria a “episódica” e “pontilhista” em vez de uma concepção cíclica ou linear. Visto que a “experiência de tempo se torna individualizada”<sup>345</sup>, atomizada e experienciada como uma série de “episódios distintos e separados”<sup>346</sup>, incorrendo que não exista “um horizonte de transcendência”<sup>347</sup>. Bauman traça essa concepção a partir da centralidade da individualização em sua concepção de modernidade, lançando um olhar sobre a privatização do próprio tempo em experiências desconectadas de sentido e “coesão”. Assim, os “projetos de vida”, ao serem vividos de forma episódica e individualizada, caracterizam-se a partir de uma multiplicidade de “presentes individualizados”<sup>348</sup>. A vida acelerada e, portanto, a concepção de um presente contínuo, tornam-se os pontos nevrálgicos da concepção temporal baumaniana.

#### **4.2.4 Bauman e a Multiplicidade dos Tempos Históricos em perspectiva**

Pensando a partir do campo da historiografia, temos a multiplicidade de tempos em Koselleck, que está debruçada em compreender sobretudo o modo como diversas histórias no plural sobrevivem, persistem e lutam dentro de uma cadeia de camadas sobrepostas e estratificadas. A noção de “simultâneo do não-simultâneo”, presente em Koselleck, sublinha exatamente estas múltiplas formas presentes nas fileiras dos estratos de tempo, salientando seus diversos ritmos coexistentes mas nem sempre sincronizados. Essas múltiplas histórias devem ser avaliadas caso a caso num trabalho historiográfico que visa compreender as relações temporais diacronicamente localizadas, mas também

---

<sup>345</sup> CAMPBELL, Tom. The temporal horizon of the “choice”: anxieties and banalities in “time” modern and liquid modern. *Thesis Eleven*, 118:19, 2013, p. 24.

<sup>346</sup> *Idem*, p. 26.

<sup>347</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>348</sup> *Idem*, p. 30.

sem se esquivar das dinâmicas sociais e culturais que se dão em plano sincrônico, ou vice-versa.

Então, é possível dizer, diante disso, que essa configuração temporal episódica identificada pode ser lida à luz da multiplicidade dos tempos que Helge Jordheim sublinha a partir de Koselleck. O caráter múltiplo do tempo, salienta o historiador norueguês, define a história como uma de suas características elementares. Assim, Jordheim põe em diálogo a reflexão posta por Achim Landwehr na qual a concepção de não-contemporaneidade não poderia esconder nela a origem de “diferentes versões de teorias da modernização que assim representam as últimas reservas de Eurocentrismo”<sup>349</sup> na historiografia.

Deste modo, o esquema de uma teoria da modernização em Bauman não fugiria à crítica de Landwehr quanto a uma manifestação de eurocentrismo na análise da experiência, pois as sociedades que Bauman examina estão concentradas nas potências europeias, situadas no cerne do sistema capitalista<sup>350</sup>. Assim, se pensarmos nos ritmos, eventos, processos, quer sejam mais lentos ou mais rápidos – em tudo aquilo que implica a tipologia dual da modernidade baumaniana – podemos assinalar, com Jordheim, que o regime de temporalidade “moderno” foi desafiado, historicamente, por uma série de “outros tempos, outras temporalidades, lentas, rápidas, com outros ritmos, outras sucessões de eventos, outras narrativas e assim por diante”.<sup>351</sup> E que, no entanto, as tentativas de lidar com esses outros tempos concorrentes eram formas de sincronizá-lo no interior de uma temporalidade única, linear, vazia e teleológica enfeixada sob o progresso. Segundo Jordheim,

Nos dias atuais, os acadêmicos que desenvolvem seus trabalhos no campo de teoria da história são desafiados a apresentar formas novas e inovadoras de reconhecimento e conceitualização dessa pluralidade de tempos históricos, que podem apresentar alternativas viáveis para a ideia ainda dominante do

<sup>349</sup> JORDHEIM, Helge. *Introduction: Multiple Times and the Work of Synchronization*, *History and Theory*, v. 53, n. 4, p. 498–518, 2014, p. 505. Segundo o autor, nesse sentido, “a característica mais fundamental da história não é a unidade, a uniformidade e a homogeneidade do tempo newtoniano ou hegeliano, mas sim a pluralidade, a multiplicidade e a heterogeneidade das temporalidades social e historicamente condicionadas – em outras palavras, que a característica temporal mais fundamental da história é na verdade, *Ungleichzeitigkeit*, não-sincronicidade, inerente a todos os conceitos, línguas, culturas e eventos”. No Original: “*The most fundamental feature of history is not the unity, uniformity, and homogeneity of Newtonian or Hegelian time, but indeed the plurality, multiplicity, and heterogeneity of socially and historically conditioned temporalities—in other words, that the most fundamental temporal feature of history is indeed Ungleichzeitigkeit, non-synchronicity, inherent in all concepts, languages, cultures, and events*” (Idem, p. 505).

<sup>350</sup> Ver nota de rodapé nº 89.

<sup>351</sup> Ibidem, p. 502.

tempo linear e unidirecional. Apenas dessa forma poderemos nos aproximar daquilo que François Hartog tem se referido como “crise do tempo”, que, se seguirmos Hartmut Rosa, pode ser concebida como uma crise da multiplicidade temporal e da dessincronização<sup>352</sup>

Nesse sentido, o esquema temporal de tipo presentista descrito por Bauman encontra refúgio, na realidade, numa série de outros diagnósticos similares que podem ser pensados como ponto de partida para a reflexão sobre o estatuto das experiências de tempo presente, em que apresenta uma configuração não-linear, ou de um tempo em crise, visto que “a contemporaneidade é a forma temporal abrangente da crise global – carrega consigo a temporalidade da crise iminente – porque as crises são expressas como formas de disjunção temporal”<sup>353</sup>. Com isso, pensar o “contemporâneo” requer, segundo María Inés Mudrovcic, que não seja normatizado no âmbito das discussões sobre o tempo a ideia de uma sincronização global pela modernidade e seus afins, pois isso omite as pressuposições e exclusões temporais do presente.<sup>354</sup>

Como situar Bauman no interior de uma interpretação a respeito do tempo histórico contemporâneo? Podemos dizer com alguma plausibilidade que as questões de temporalidade em Bauman se situam num plano entre um diagnóstico de presente acelerado e contínuo e um plano sociopolítico. Marek Tamm e Zoltán Simon chamaram recentemente atenção para o fato de que vários acadêmicos e cientistas sociais já caracterizam a velocidade, aceleração e o presente como características fundamentais das “temporalidades sociopolíticas”, dentre os quais Paul Virilio, Robert Hassan, Michel Maffesoli e outros<sup>355</sup>. Assim, é possível dizer que a interpretação feita por Bauman pode, de algum modo, ser inserida nesse quadro de autores e diagnósticos.

A metafórica da liquidez está associada, assim, tanto à aceleração (capítulo 2) quanto a delinear o neoliberalismo como elemento imprescindível. Assim, tem-se como resultado, de certa forma, uma articulação entre aceleração (com experiências fugazes e

---

<sup>352</sup> JORDHEIM, Helge. Camadas de Tempo: Precondições históricas e semânticas para uma estratigrafia do tempo e da história. In: SALOMON, Marlon (org.). Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos Tempos Históricos. - Goiânia: Ricochete, 2018, p. 295-296.

<sup>353</sup> OSBORNE, Peter. Global Modernity and the Contemporary. In: LORENZ, C; BEVERNAGE, B. Breaking up Time: negotiating the borders between Present, Past and Future. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen, 2013, p. 83.

<sup>354</sup> MUDROVICIC, María Inés, The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?, Rethinking History, v. 23, n. 4, p. 456–473, 2019.

<sup>355</sup> SIMON, Zoltán Boldizsár; TAMM, Marek, The Fabric of Historical Time, 1. ed. [s.l.]: Cambridge University Press, 2023, p. 34.

de curto prazo) e o neoliberalismo (expressando-se a partir também do salto sequencializado de empregos, por exemplo, como foi tratado). Ambas as questões, portanto, aceleração e neoliberalismo, como estamos vendo, expressam também uma parte do que Bauman compreende como temporalidade episódica pautada numa espécie de presentismo que se retroalimenta *ad infinitum*. A partir dessa multiplicidade de vivências temos, também, por conseguinte, uma multiplicidade de ritmos, práticas de temporalização e conflitos para designar quem está obsoleto ou não. Isso ocorre como conflito social que engendra, como vimos, numa série de exclusões sociais que aumentam ainda mais a multiplicidade de experiências de tempo<sup>356</sup>.

Por outro lado, é razoável afirmar diante disso que, depois da queda do Muro de Berlim em 1989, enquanto evento histórico, foi possível testemunhar o crepúsculo do regime temporal moderno, pautado na ideia de progresso, na temporalidade linear e nas utopias futuristas. As relações intrínsecas, variadas, com vozes polifônicas entre as dimensões de passado, presente e futuro foram alteradas significativamente a partir desse evento, mas não em função exclusivamente dele. A cova de uma configuração moderna de tempo já estava sendo lentamente cavada ao longo do próprio século XX, com seu decorrer frenético, caótico salpicado pelos totalitarismos. Nenhuma das três dimensões de tempo poderia, agora, ser designada pelo que já foram em algum momento, visto que a historicidade do tempo incorre na mutação das próprias dimensões temporais.

Então, já não é possível decifrar o lugar do passado como uma entidade distante, dotada de valores, lugar específico de aprendizagem, cerne da imutabilidade, distanciado completamente do presente – e dele distinto –, característica central da temporalidade moderna, na qual nos embasamos em Koselleck. Disso, como ressaltamos no capítulo anterior e reiteramos agora, o passado é um terreno de conflitos, disputas por representações, sentidos, memórias e narrativas multifacetadas.

Também o presente não ocupa um lugar estacionário, meramente de transição e que realiza o elo entre passado e futuro ou mesmo como resultado inevitável de um passado específico. Malgrado o futuro tenha ocupado um lugar privilegiado no centro

---

<sup>356</sup> Fica muito evidente quando pensamos o tempo das reivindicações políticas dos povos originários do Brasil, das lutas sociais por moradia contra o *déficit* habitacional do país, nos movimentos sociais organizados por trabalhadores da educação, das greves e lutas de entregadores e motoristas de aplicativo; enfim, todo um conjunto de lutas sociais contra a “*uberização*” (para usar um neologismo), experimentam o tempo de maneira diversa e multifacetada, mas sempre num estado de exceção temporal. Não há como pensar no futuro e no passado histórico, a não ser nas demandas urgentes do presente; para muitos, aliás, o pensamento de maior longo prazo é justamente a data do próximo salário, quando há.

de gravidade da constelação temporal da Modernidade, ou compreendido como ruptura total com o passado – vale dizer, qualitativo – parece ser algo que já não condiz com polivalentes e multifacetadas experiências temporais contemporâneas.

Ademais, nem passado, presente ou futuro já são o que “costumavam” ser. Hartog periodizar o início do regime de historicidade presentista. Nesse sentido, 1989 pode simbolizar, de certa forma, a expressão de um desencaixe das dimensões de tempo, conforme sacramenta a expressão shakespeariana corrente em vários estudos “*the time is out of joint*”.<sup>357</sup> Um “desajuste” temporal tem como consequência a sensação de desorientação, de modo que mesmo diante de uma série de práticas, conceitos, representações, técnicas e produtos não seja possível identificar claramente se estão em dia, fora de moda, futuristas, intemporais, flexíveis, permanentes, inexistentes ou multiplicados, pois, no exercício da temporalidade, os tempos misturam-se.<sup>358</sup> Assim, devemos lembrar que um dos elementos centrais para Bauman é a justaposição de uma “falta de coesão” temporal, “líquida”, no cerne do presente que lança matizes e desencaixes sobre o sentido das coisas que mudam rapidamente. Simultaneamente, é imperativo compreender que, como resultado, estamos imersos na história, posicionando-nos numa relação mútua entre os sentidos de passado e futuro, pois todos os presentes estabelecem relações com vários passados e futuros constituindo modos de temporalização historicamente específicos, dispostos numa multiplicidade de experiências, sentidos e razões históricas.

---

<sup>357</sup> Diz-nos Jacques Derrida, retomando a expressão, que “o mundo está fora dos eixos, o mundo se encontra deportado, fora de si mesmo, desajustado. Diz Hamlet. Que abriu deste modo uma dessas fendas, muitas vezes seteiras poéticas e pensantes, desde onde Shakespeare terá velado sobre a língua inglesa e, ao mesmo tempo, no mesmo gesto sem precedente, assinado seu corpo com alguma flecha. Ora, quando é que Hamlet nomeia assim a disjunção do tempo, mas também a da história e do mundo, a disjunção do andar do tempo, o desajuste do *nosso* tempo, cada vez o nosso? E como traduzir “*The time is out of joint*”? Uma arrebatante diversidade dispersa através dos séculos a tradução de uma obra-prima, de uma obra de gênio, uma *coisa do espírito* que parece, justamente, *engenhar-se*. (DERRIDA, 2015, p. 35). DERRIDA, Jacques. Espectros de Marx. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2015, p. 35.

<sup>358</sup> LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 94.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos estão desarticulados? O tempo está desconjuntado?

Ao longo de quatro capítulos procuramos demonstrar na composição da dissertação que, para Bauman, a partir da individualização da modernidade tardia e a presença das chamadas identidades “fluidas”, vividas e experienciadas “episodicamente”, são fomentadas novas relações com a utopia e, conseqüentemente, com o passado. Nessa perspectiva, elencaremos, assim, como tal configuração temporal possui algumas implicações importantes para se pensar, de algum modo, as figurações do Tempo Histórico no presente.

Em primeiro lugar, a fragmentação temporal, fruto de uma experiência de aceleração, fatia a vida em episódios de vivência que dão ao presente uma dimensão central. Em segundo lugar, ao lado disso, tais episódios, como a imagem de um mosaico - que Bauman retoma com a metáfora do “pontilhismo” -, formam uma sequência de vivências do passado atrás de si, que dificultam a narratividade da vida e também a formulação projetos futuros<sup>359</sup>. Em terceiro lugar, articulando os dois últimos pontos, tais vivências multiplicadas em episódios de curta duração - uma hiper-individualização da experiência -, fazem parte de uma sensação de que “tudo” está acelerando, ou melhor, de que as experiências se desmancham no ar. Por fim, resta dizer que esses três aspectos constituem o que a presente pesquisa identificou como parte fundamental de uma experiência de tempo acelerada a partir de Bauman e que fica mais evidente ainda quando lida criticamente à luz da historiografia e do arcabouço teórico fornecido por Koselleck ao longo do trabalho.

Tentamos demonstrar, ao longo do trabalho, a forma como passado, presente e futuro são articulados a partir da tomada de Bauman como fonte privilegiada de análise. Procuramos, assim, centralizar nossa atenção para o fenômeno da experiência acelerada de tempo e suas facetas e em que medida ela está relacionada à nostalgia, que também possui inúmeras manifestações.

Com isso, acreditamos que o objetivo central da pesquisa tenha sido atingido, uma vez que nossa principal conclusão reside no fato de que há a possibilidade de ler a

---

<sup>359</sup> Restaria questionar se - para adentrar mais ainda na imagem proposta pelo autor - se esse quadro pontilhista poderia ser observado como fragmentado ou não dependendo da escala de observação. Se muito distante, apareceria alguma imagem mais ou menos clara de sua fisionomia?

“liquidez” como aceleração, em alguma medida, e, também, de observar como a nostalgia se manifesta na análise de Bauman (“retrotopia”) como resposta à fragmentação causada pela própria “liquidez” ou aceleração. Por isso, o modelo de tempo “pós-moderno/líquido-moderno” é compreendido fora da ideia de progresso e de uma orientação pelo futuro, os tempos passados adquirem novos significados no presente, em virtude das mudanças incessantes.

Corolário dessa questão foi a identificação de uma certa nostalgia reflexiva do autor ao colocar em justaposição presente (Modernidade Líquida) e passado (Modernidade Sólida) com suas respectivas contrapartes. Assim, isso foi interpretado a partir do que Bauman compreende como a “falta de coesão” temporal, porque as experiências não se condensam numa forma de narração da vida como um todo, turvando os “projetos de vida”, e, conseqüentemente, nublando os horizontes de expectativa, a ideia de progresso e a noção de uma utopia orientada para o futuro.

Neste sentido, a “retrotopia” – ou a forma pela qual Bauman abordou a nostalgia – seria exatamente o indício de uma sintomatologia da utopia do futuro em crise, do qual não seria mais possível, assim, extrair esperanças “sólidas”. Em outras palavras, com o ofuscamento das utopias futuristas, para Bauman, trata-se de operacionalizar a compreensão de outras formas de utopias diante de um presente em crise, acelerado e superficial. Tal utopia, com isso, volta-se “ao passado” em virtude de um futuro que cujas expectativas não transcendem para além das vivências episódicas e saturadas da temporalidade.

A partir disso, busca-se nostálgicamente uma “coesão temporal” - fragmentada pelo presente “episódico” - no próprio passado, procurando imaginariamente projetar a ideia de um passado, ou outro tempo, que, supostamente, pode ser visto como “sólido”, respondendo à questão da pesquisa sobre como, de alguma maneira, nostalgia e aceleração estão articuladas. Nossa interpretação de Bauman, contudo, é a de que a fragmentação temporal em virtude da aceleração e do neoliberalismo gesta uma espécie de temporalidade episódica, que engendra atitudes nostálgicas que desejam ardentemente tanto restaurar um passado perdido quanto agarrar-se à “saúde” imaginada de uma “coerência” temporal estável neste mesmo passado mistificado. Como o futuro encontra-se em estado de incerteza a longo prazo - isto pensando no âmbito dos horizontes de expectativa - a nostalgia aparece como elemento central no gesto de temporalizar essa “falta” em virtude da fragmentação temporal identificada em Bauman como pressuposto de aceleração.

A nostalgia identificada, em relação à aceleração, trata da busca de uma outra experiência de espaço e tempo: da retomada de uma “questão moderna” das possibilidades de uma história aberta (contra um passado supostamente morto), de um presente rico em possibilidades, e do desejo de reabertura do futuro, cuja possibilidade é utópica, mas voltada a um tempo nostálgico cujo maior desejo - que é o objeto do luto - é a lentidão. Nessa experiência de tempo, sendo dotada de uma multiplicidade de vivências e não de experiências relatáveis, as expectativas não se condensam a longo prazo a fim de que o futuro se manifeste como possibilidade criativa a longo prazo. Esse tipo de nostalgia, então, procura aquela coesão temporal e narrativa não em virtude do futuro, mistificando o passado e fetichizando um retorno mítico.

É a imaginação nostálgica de um outro tempo como mais "simples", com valores morais outrora "nobres", nos quais os “velhos tempos” figurariam uma tonalidade qualitativa em relação à experiência cotidiana, na qual a tecnologia não teria carcomido a consciência humana, um tempo no qual viver era, supostamente, dotado de um caráter qualitativo. Diferentemente do progresso, cujo caráter qualifica a história em direção ao futuro. A nostalgia por um passado onde as experiências da vida eram "duradouras", na qual a arte era "bela". A "terra natal" está situada, nesse caso, numa “ucronia” nostálgica.

Tentamos discutir, ao longo do trabalho, a ideia de que a fragmentação temporal ocorre em virtude da aceleração e do neoliberalismo e que, como vimos, gesta uma espécie de temporalidade episódica, que engendra atitudes nostálgicas que desejam ardentemente tanto restaurar um passado perdido quanto agarrar-se à “saúde” imaginada de uma “coerência” temporal estável neste mesmo passado mistificado. Como o futuro encontra-se em estado de negação a longo prazo - isto pensando no âmbito dos horizontes de expectativa - a nostalgia aparece como elemento central no gesto de temporalizar essa “falta” em virtude da fragmentação temporal identificada em Bauman como pressuposto de aceleração. No caso do neologismo “retrotopia”, utilizado por Bauman, para referir-se e abordar o fenômeno nostálgico no interior de seu programa de ensaios sociológicos, o autor se direciona a uma abordagem mais flexível, discutindo e refletindo sobre possibilidades futuras nos rearranjos sociais.

A nostalgia está alinhada ao desejo de pertencer a um mundo “sólido” que a “liquidez” tanto desfaz. E esse desmantelar configura o tempo, como vimos, numa arquitetura episódica e fragmentada. Trata-se de tentar retornar ao “útero” temporal do



passado, símbolo de segurança, delícias, liberdade e quem, sabe, numa época onde as dores morais já não mais ocorressem em virtude do “desmantelar”, da “liquefação” que o tempo presente

Além disso, tendo em vista que o presente encontra-se numa instabilidade fragmentária – desarticulado do passado e do futuro – em relação às identidades, política, comunidades, laços humanos, consumo, medo, trabalho e as experiências de vida - tópicos centrais no programa sociológico do autor -, Bauman traça uma leitura do social a partir de uma virada ética. O autor procura considerar, a partir de uma abordagem mais ampla, quais seriam os principais matizes do tempo presente, realizando uma interpretação tendo o tempo como eixo que atravessa tais temáticas, direta ou indiretamente.

Bauman tem o mérito ímpar de ser extremamente sintético ao traduzir de forma bastante eficaz algumas tensões temporais do tempo presente. Consideremos também, conforme foi ressaltado ao longo do trabalho, que o problema do tempo é fundamental no programa sociológico do autor, ainda que o mesmo não tenha dedicado uma reflexão específica sobre o tempo. Portanto, Bauman insere a temporalidade no cotidiano, a partir de uma leitura ético-hermenêutica.

Assim, trata-se de uma leitura do tempo que privilegia a descontinuidade, tida como fragmentação e fluidez, de um tempo que já não é mais compreendido como “sólido”, ou seja, que não mais é pautado em ideais de longo prazo e estabilidade no mundo social. Dessa forma, as descontinuidades e as rupturas exalam o aroma da nostalgia e acreditamos que o discurso de Bauman possui uma relação bastante complexa com a nostalgia, uma vez que traduz melancolicamente a perda de um mundo que já não é mais sólido, ancorado no desejo de “mundo mundo menos líquido que o nosso” que já não existe mais. Nesse sentido, tal nostalgia está alinhada ao desejo de pertencer a um mundo “sólido” que a “liquidez” tanto desfaz. E esse desmantelar configura o tempo, como vimos, numa arquitetura episódica, fragmentada etc. Trata-se de tentar retornar ao “útero” temporal do passado, símbolo de segurança e delícias.

O interessante nisso tudo, também, está no fato de que um discurso que deplora o presente num diagnóstico que indica, como vimos até aqui, sobretudo efeito de aceleração e não “durabilidade”, “estabilidade” etc, que no passado deveria ser melhor. Identificamos, assim, que há um desejo por “voltar ao futuro” por causa de um presente impossível de se vivenciar por tudo que a liquidez implica. Retornar ao futuro significa,

em outros termos, encontrar num outro tempo o refúgio das esperanças de um mundo que já não existe, de uma utopia que já se esgarçou. Não queremos encerrar a discussão, pois acreditamos que esse debate não se esgote de modo algum neste trabalho, pois procuramos fomentar reflexões na historiografia e para a escrita da história, para pensar e repensar as dimensões do tempo presente. É preciso saber sobreviver e identificar as armadilhas de tentar ser “contemporâneo” do seu próprio tempo.

Acreditamos, assim, ser cada vez mais possível pensar a nostalgia como problema histórico visto que ela articula em si mesma passado e futuro, já que é tangencial. Podemos pensar a nostalgia como uma forma de “recriar” passado e futuro? Essa recriação pode ser discursiva, estética ou política? As possibilidades são variadas. Como pensar, então, a partir disso, a nostalgia como um problema para a historiografia e para a questão das temporalidades em geral? Fazemos essas perguntas porque queremos entender o que pode ser retirado a partir desse debate e fazer com que vá adiante.

Evidentemente que o trabalho possui limitações, já que não existe um referencial teórico específico e único que dê conta de pensar ou especular devidamente sobre aceleração e nostalgia, ainda que ao longo do trabalho tentamos mostrar algumas possibilidades interpretativas nesse sentido. Acreditamos que a principal contribuição seja possibilitar uma leitura das temporalidades contemporâneas a partir de Bauman, tendo como perspectiva central de análise o âmbito das referências historiográficas. Assim, trabalhos futuros podem partir das lacunas deixadas por este trabalho para desafiar novas questões relativas às temporalidades, à experiência e a interface constante entre passado, presente e futuro.

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio; HONESKO, Vinícius Nicastro. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos Editora, 2009.

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. A historiografia no século XX: História e Historiadores entre 1848 e... 2025? – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

\_\_\_\_\_. Para compreender o século XXI: uma gramática de longa duração. – Porto Alegre: EDIPUCS, Passo Fundo, UPF, 2010.

ANDERSON, Perry, As origens da Pós-Modernidade. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANGÉ, Olivia; BERLINER, David (orgs.). Anthropology and Nostalgia. Berghahn Books, 2015.

ARANTES, Paulo. O novo tempo do mundo. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. A história da historiografia como analítica da historicidade, História da Historiografia, Ouro Preto, n. 12, 2013.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, 2016.

ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. Atualismo 1.0 – como a ideia de atualização mudou o século XXI. – Marina, MG: Editora SBTHH, 2018.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979.

ASSMANN, Aleida. Is Time Out of Joint?: On the Rise and Fall of the Modern Time Regime. Cornell University Press, 2013.

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. – 9ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_. Para onde foi o futuro? – Campinas, SP: Papirus, 2012.

BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

\_\_\_\_\_. Adeus ao Capitalismo: autonomia, sociedade do bem viver e multiplicidade dos mundos. – 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária & GLAC edições, 2021.

\_\_\_\_\_. La historia frente al presente perpetuo: algunas observaciones sobre la relación pasado/futuro. *Estudios de historia y sociedade*, vol. XXIV, núm 93, invierno, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. *Legisladores e Intérpretes*. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Retrotopia*. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2017.

\_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007a.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007b.

BECK, Ulrich. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. – São Paulo: Editora 34, 2011.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BENDETTI, Carla. From Postmodernism to the Anthropocene: Baptisms of an age without a name. In: ACHELLA; PALATINUS (orgs.). *Perspectives in the Anthropocene: beyond nature and culture?* Mimesis Edizioni, Udine, 2020.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. 1ª ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BEVERNAGE, Berber. *History, Memory, and State-Sponsored Violence Time and Justice*. Routledge: NY, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

BOUTOUN, Christophe. Hartog's Account of Historical Times and the Rise of Presentism. *The Journal of the Historical Association, History*, 2019.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017.

\_\_\_\_\_. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books – 2001.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. – 53ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARVALHO, Augusto de. A estrutura ontológica do tempo presente. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 43 - 63, abr./jun. 2018.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

CASSOL, C., MANFIO, J., SILVA, S. (orgs.). *Dicionário crítico-hermenêutico Zygmunt Bauman*. – Frederico Westphalen: URI Westph, 2021.

CHAKRABARTY, Dipesh. Anthropocene Time. *History and Theory*, 57, 2018, p. 5-32, 2018.

\_\_\_\_\_. *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. – São Carlos, EDUFSCar, 2021.

CHLADENIUS, Johann Martin. *Princípios gerais da ciência histórica: exposição dos elementos básicos para uma nova visão sobre todos os tipos de saberes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. – 2 ed. – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DELACROIX, Christian. *Accélération de l’histoire: un statut historiographique introuvable?*

DOMÁNSKA, Ewa. The New Age of the Anthropocene. *Journal of Contemporary Archaeology*, 1(1), 2014, p. 98–103.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.

EDELSTEIN, D; GEROULANOS, S; WHEATLEY, N. *Power and Time: temporalities in conflict and the making of history*. Chicago: The University of Chicago Press, 2020.

EISENSTADT, Shmuel N. *Tradition, Change, Modernity*. New York: Wiley, 1973.

ESCUDIER, A. *Le sentiment de l’acceleration de l’histoire moderne: éléments pour une histoire* (Article). 2008.

FABIAN, Johannes. *O Tempo e o Outro: como a Antropologia estabelece seu objeto*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FAZIO VENGOA, Hugo. La historia del tiempo presente: historiografía, problemas y métodos. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2010.

FISHER, Mark. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? – 1 ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FORTIER, Isabelle; JUAREZ, Mariana Castellanos. How Hypermodern and Accelerated Society is Challenging the Cultural Sector. *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 47:4, 2017, p. 209-217.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia das Ciências e História dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FUCHS, Anne. Precarious times: temporality and history in modern German culture. Cornell University Press, 2019.

GAIO, Gêssica Góes Guimarães. Sattelzeit: modernidade e história. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2009.

GANDINI, Alessandro. Zietgeist Nostalgia: on populism, work and the “good life”. First edition, Zero Books, Alresford, Hampshire, UK, 2020.

GERVINUS, Georg Gottfried. Fundamentos de Teoria da História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIDDENS, Anthony. As consequências da Modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GRAFTON, Anthony; ROSENBERG, Daniel (orgs.). Cartographies of Time. Princeton Architectural Press; Illustrated edition, 2010.

GRIFFIN, Roger. Fixing Solutions: Fascist Temporalities as Remedies for Liquid Modernity. In: *Journal of Modern European History* Vol . 13 | 2015 - Fascist Temporalities.

GULDI, Jo; ARMITAGE, David. Manifesto pela História. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Em 1926. São Paulo: Record, 1990.

\_\_\_\_\_. Modernização dos sentidos. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HABERMAS, Jürgen. Modernidade - um projeto inacabado. In: ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed., 2019.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 26ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2016.

HASSAN, Robert. Globalization and the “Temporal Turn”: Recent Trends and Issues in Time Studies. *The Korean Journal of Policy Studies*, Vol. 25, No. 2 (2010), pp. 83-102.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLERMA, Juhan. Negotiating presentism: toward a renewed understanding of historical change. *Rethinking History: The Journal of Theory and Practice*, Vol. 24, 2020.

HENRIKSON, Paula; KULLBERG, Christina (orgs.). Time and Temporalities in European Travel Writing. First Edition, Routledge, NY, 2021.

HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Globalização, democracia e terrorismo. – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HÖLSHER, Lucian. Time Gardens: Historical Concepts in Modern Historiography. *History and Theory*, 53(4), December, 2014, p. 577–559.

HUNT, Lynn. Measuring time, making history. The Natalie Zemon Davis Annual Lecture Series at Central European University, Budapest, 2008.

HUYSSSEN, Andreas. Culturas do Passado-Presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBARGÜEN, Maya Aguiluz. Topologías y marcos significativos en Zygmunt Bauman. In: *Boletín de Antropología Universidad de Antioquia*, Vol. 23, N.o 40, pp. 315-351.

IEGELSKI, Francine. A astronomia das constelações humanas: reflexões sobre o pensamento de Claude Lévi-Strauss e a História. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2012.

IEGELSKI, Francine. Dentro e fora da história. A distinção teórica entre sociedades quentes e sociedades frias no pensamento de Claude Lévi-Strauss. In: XIX Encontro Reginal de História ANPH-SP, 2008, São Paulo. Poder, violência e exclusão, 2008.

JACOBSEN, Michael Hviid (org.). Nostalgia Now: Cross-Disciplinary Perspectives on the Past in the Present. Routledge: NY, 2020.

JAMESON, Frederic. “O fim da temporalidade”. *ArtCultura*, v. 13, n. 22, p. 187-206, jan.- jun., 2011.

\_\_\_\_\_. *Pós-Modernismo – a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, São Paulo, Ática, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Virada Cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

JAY, Martin. *Liquid Crisis: Zygmunt Bauman and the incredible Lightness of Modernity*. *Theory Culture Society*, 2010, 27-95.

JORDHEIM, Helge et al. *Epidemic Times*. *Somatosphere*, 2 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. (2012). *Against Periodization: Koselleck’s Theory of Multiple Temporalities*. *History and Theory*, 51, 151–171.

\_\_\_\_\_. Introduction: “Multiple Times and the Work of Synchronization,” *History & Theory* 53 (4), 2014, p. 498-518.

KATTAGO, Siobhan. *Encountering Past Within the Present: modern experiences of time*. New York, NY: Routledge, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-SP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Histórias de Conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. 1 ed, - Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

\_\_\_\_\_. *O conceito de História*. – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. *Uma latente filosofia do tempo*. Tradução Luiz Costa Lima. São Paulo: Unesp, 2021.

KOSTECZKA, L. A. Diante de uma crise? Interrogações da historiografia em tempos hesitantes . *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 231–269, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. – 2 ed. Ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Lentidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



LAÏDI, Zaki. A chegada do homem-presente ou da nova condição do tempo. – Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LANDWEHR, Achim; WINNERLING, Tobias. Chronisms: on the past and future of the relation of times, *Rethinking History*, vol. 23, 2019.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. – Barueri, SP: Manole, 2016.

\_\_\_\_\_. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: editora Baracolla, 2004.

LORENZ, C; BEVERNAGE, B. *Breaking up Time: negotiating the borders between Present, Past and Future*. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen, 2013.

LORENZ, Chris. ‘The time they are a-Changin’’. On time, space and periodization in History (pp. 109-131). In: CARRETERO, M. et al. *Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education*.

LORENZ, Chris. *Blurred Lines: History, Memory and the Experience of Time*. *International Journal for History, Culture and Modernity* 2, no. 1, 2014.

\_\_\_\_\_. *If You’re So Smart, Why Are You under Surveillance? Universities, Neoliberalism, and New Public Management*. *Critical Inquiry*, v. 38, n. 3, p. 599–629, 2012.

\_\_\_\_\_. *Unstuck in Time. Or: The Sudden Presence of the Past*. In: TILMANS, K. & VAN VREE, F. & WINTER, J. (orgs.). *Performing the Past: Memory, History, and Identity in Modern Europe*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. 20. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MACHADO, Heliana de Jesus. *Performances do tempo: o fenômeno da aceleração na contemporaneidade a partir de uma leitura sobre o movimento slow*. (Dissertação de Mestrado em História). Orientador: Rodrigo Turin. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas de um futuro em crise: diálogos entre a crise da modernidade e a teoria da história – Uma leitura de Zygmunt Bauman acerca da emergência do novo tempo líquido*. [Monografia], Rio de Janeiro, UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 58p., 2016.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANIERI, Dagmar. *O indivíduo na condição pós-moderna: a perspectiva crítica de Zygmunt Bauman*. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 7. n. 2 (2016), p. 130-147.

MARQUES, Danilo Araújo. “No Future”: esboços para uma ação política no “novo tempo do mundo”. *hist. Historiogr.*, ouro preto, n. 21, agosto, 2016, p. 43-54, doi: 10.15848/hh.v0i21.1014.

\_\_\_\_\_. No fio da navalha: historicidade, pós-modernidade e fim da História. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

MARRAMAO, Giacomo. Poder e Secularização: as categorias do tempo. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

MARTÍN, Estefania. Aceleración y presentismo: Un estudio genealógico de la temporalidade em las sociedades modernas. [Tesis doctoral]. Universidad Pública de Navarra, Facultad Ciencias Humanas y Sociales. Pamplona, 2015.

\_\_\_\_\_. La pregunta por el presente: una genealogía del tiempo en la modernidad. *SOCIOLOGÍA HISTÓRICA*, 7/2017, p. 121-142.

\_\_\_\_\_. Rápido a ninguna parte. Consideraciones en torno a la aceleración del tiempo social. *Acta Sociológica*, México, n. 69, 2016, p. 51-75.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Marcos Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 2. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236 - 253. set./dez. 2016, p. 240.

MOSER, Walter. “The time is out of joint”: Temporal disorders in the late modern condition. *Revista de Letras*, Janeiro/Junho 2003, Vol. 43, No. 1, Temporalidades do Contemporâneo (Janeiro/Junho 2003), pp. 17-43.

MUDROVICIC, María Inés. Crisis del futuro: política y tiempo. *Ariadna histórica*. V. 1, n.4, p. 99-115, 2015.

\_\_\_\_\_. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al presente pasado. *Historicidades*, v. 1, n.5, p.11-31, 2013.

NICOLAZZI, Fernando. A História entre tempo: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea, *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 53, jul./dez. 2010.

NICOLAZZI, Fernando; ÁVILA, Arthur; TURIN, Rodrigo (org.). A história (in)disciplinada. Teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. Vitória, ES: Milfontes, 2019.

NOVAES, Adauto (org.). O Futuro não é mais o que era. – São Paulo: Edições SESC, 2013.

NOVAES, Adauto. (org.). *Mutações: dissonâncias do progresso*. São Paulo: Edições SESC, 2019.

OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado de. O terror e o abismo: experiências do tempo histórico em Foucault e Koselleck. *Revista Espaço Acadêmico – Nº 64 – Janeiro/2015*.

OLSEN, Niklas. *History in the Plural: an introduction to work of Reinhart Koselleck*. Berghahn Books, 2012.

ONCINA COVES, Faustino. De la contracción a la dilatación del tiempo: tiempos menguantes y crecientes. *Historia y Grafía, Universidad Iberoamericana, año 22, núm. 44, enero-junio 2015, pp. 89-114*.

OVALLE PASTÉN, Daniel. *¿Crisis de Fututo?: Presentismo e Historicidad como categorías historiográficas*. VII Jornadas de estudiantes de Historia, UDP, 2015.

\_\_\_\_\_. *La escritura de la memoria como régimen historiográfico: el historiador “afectado por el pasado”*. Tesis para optar al grado de Doctor em Historia, Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, 2018.

PEREIRA, Mateus. H. De Faria; ARÚJO, Valdei Lopes de. *Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020*. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, n. 1, p. e39802, 22 mar. 2021.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. *Na Transversal do Tempo*. Salvador: EDUFBA, 2019.

PERNAU, Margrit. *Emotions and Temporalities (Elements in Histories of Emotions and the Senses)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

PICHT, Barbara. *Teorías de la modernidad comparadas: Braudel, Koselleck, Bauman*. In: CASTRILLO, Manuel Ángel. *Temporalidades inter/disciplinares (Derecho, Filosofía, Política)*, Carlos III University of Madrid, Dykinson, 2021.

PLATE, Liedeke. *Transforming Memories in Contemporary Women’s Rewriting*. Palgrave Macmillan, 2011.

POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. – São Paulo: Boitempo, 2014.

RAMALHO, Walderez. *A urgência do tempo histórico*. In: RANGEL, Marcelo; LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. *História & Filosofia: problemas ético-políticos*. Vitória: Editora Milfontes, 2020a.

RAMALHO, Walderez. *Um almanaque para o nosso tempo*. HH Magazine, Ouro Preto, 2020b.

RATTANSI, Ali. *Bauman and contemporary sociology. A critical analysis*. Manchester, Manchester University Press, 2017.

REIS, José Carlos. *Identidade e complexidade: Ricoeur, Nietzsche, Bauman*. *Revista Expedições: Teoria & Historiografia | V. 6, N.2, Agosto - Dezembro de 2015*.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'xi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_. & SCHEURMAN, William (orgs.). *High-speed society: social acceleration, power and modernity*. The Pennsylvania State University, 2009.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RUNIA, Eelco. *Presence. History and Theory*. Vol. 45, No. 1, pp. 1-29, 2006.

RÜSEN, Jörn. *The horizon of history moved by modernity: after and beyond Koselleck*. December, 2021, Vol. 60, Issue 4, p. 74-81.

SALIBA, Elias Tomé. *Comentário V: O Passado tem um futuro? Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.15. n.2. p. 71-75. jul.- dez. 2007.

SALOMON, Marlon (org.). *Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. – Goiânia: Ricochete, 2018.

SALVADOR, Nerea Miravet. *¿Cuán nueva es la aceleración contemporánea? Historia conceptual y crítica del tiempo*”. *Conceptos Históricos*, 5 (7), p. 98-127.

\_\_\_\_\_. *El diagnóstico de la modernidad acelerada en Zygmunt Bauman: Una lectura a través de Reinhart Koselleck y Hartmut Rosa*. [Tesis doctoral], Universidad de Valencia, 2017.

SANTOS, Evandro; BIAZO, Glauber Cícero Ferreira. *Teoria da história e história da historiografia*. *Canoa do tempo*, Manaus, n. 10, v. 1, p. 1-10, 2018.

SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos; NICODEMO, Thiago Lima; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional*. *Estudos Históricos*, v. 30, p. 161-186, 2017.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*; tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Luiz Antônio Inácio da. *Indagações acerca do romance kunderiano: a modernidade, a história e o exílio*. Orientador Elga Ivone Pérez Laborde Leite. (Dissertação de Mestrado em Literatura), Universidade de Brasília, UnB, 2019.

- SILVEIRA, Cássio Rodrigues da. Crise do regime de historicidade moderno, individualização e confiança: entre os movimentos e as mobilizações. *Albuquerque – revista de história*. vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015, p. 143-171.
- SIMON, Z. B; DEILE, L (orgs.). *Historical Understanding: Past, Present and Future*. Bloomsbury Academic, 2022.
- SPÍNDOLA, Pablo; SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Teoria da História e História da Historiografia dos séculos XIX e XX*. 1 ed. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2018.
- STAROBINSKI, Jean; KEMP, William S. *The Idea of Nostalgia*. Diogenes, 1996, p. 81-103.
- SUGARMAN, Jeff; THRIFT, Erin. Neoliberalism and the psychology of Time. *Journal of Humanistic Psychology*, 2017, p. 1-22.
- TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (orgs.). *Rethinking Historical Time: new approaches to presentism*. Bloomsbury Academic, London, 2019.
- TAMM, Marek; SIMON, Zoltán Boldizsár. More-than-Human History: Philosophy of History at the Time of the Anthropocene. In: KUUKKANEN, Jouni-Matti. *Philosophy of History: Twenty-First-Century Perspectives*. London: Bloomsbury, 2020.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TILMANS, Karin; Van VREE, Frank; WINTER, Jay (orgs.). *Performing the Past: Memory, History, and Identity in Modern Europe*. Amsterdam University Press, 2010.
- TORRES, Felipe. *Temporal Regimes: materiality, politics, technology*. First edition, New York: Routhledge, 2022.
- TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601, jul./dez. 2016.
- \_\_\_\_\_. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 186-205, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. 1ª. ed. Dansk: Zazie Edições, 2019.
- URTIZBEREA, Iñaki Arrieta (org.). *El patrimonio cultural em las sociedades líquidas*. – Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.
- VIRILIO, Paul. *Estética da desapareição* Tradução Vera Ribeiro. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- WARF, Barney. *Time-Space compression (historical geographies)*. M , NY, 2008.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a critica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.

WOLF, Eric. A Europa e os povos sem História. – São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

WOLOSKY, Alejandro C. Esbozo del “presentismo” em la era contemporánea y em la historia del tiempo.

ZERUBAVEL, Eviatar. Time Maps: collective memory and the social shape of the past. The University of Chicago Press, 2003.